Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Fabio Souza Ramos

O prolongamento da coabitação entre pais e filhos: diferenciação de self e transmissão intergeracional

Rio de Janeiro

2020

Fabio Souza Ramos

O prolongamento da coabitação entre pais e filhos: diferenciação de self e transmissão intergeracional

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.ª. Drª. Edna Lucia Tinoco Ponciano

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R175 Ramos, Fabio Souza.
O prolongamento da coabitação entre pais e filhos: diferenciação de self e transmissão intergeracional / Fabio Souza Ramos. – 2020.
187 f.

Orientadora: Edna Lucia Tinoco Ponciano.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Família – Teses. 3. Coabitação – Teses. I. Ponciano, Edna Lucia Tinoco. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Fabio Souza Ramos

O prolongamento da coabitação entre pais e filhos: diferenciação de self e transmissão intergeracional

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em 27 de março de 2020.

Banca examinadora:

Profª Drª Edna Lúcia Tinoco Ponciano (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Profª Drª Rosana Lazaro Rapizo
Instituto de Psicologia - UERJ

Profº Drº Luciana Maria Lopes Sotero
Universidade de Coimbra

Rio de Janeiro
2020

AGRADECIMENTOS

Lembro de quando tomei a decisão de investir no mestrado, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, que também é meu local de trabalho, estava passando por um momento complicado, de greve e atraso de salários, em um clima muito difícil. Ver agora, dois anos depois a nossa resistência e a esperança de dias melhores é muito satisfatório e por isso meu agradecimento a todos os servidores e alunos desta Instituição que mantiveram a chama da UERJ e da educação pública e de qualidade acesa. Também gostaria de agradecer a toda a minha família pelo apoio ao longo de todos esses anos, em especial à minha mãe que sempre está antenada com o que eu venho fazendo, me fornecendo todo o suporte que é tão importante. Agradeço também ao meu companheiro Wilkens por toda a força, pelo afeto, pelo suporte, pela confiança depositada e por todas as conversas que tivemos sobre este trabalho e tudo que o envolve. Aos meus amigos, os quais não vão nomear para não correr o risco de esquecer alguém, tanto de minha vida pessoal quanto do trabalho, que me ajudaram bastante na divulgação da pesquisa. À minha orientadora Edna, que me auxiliou desde o início da trajetória acadêmica ainda na graduação até o presente momento, com todo o seu conhecimento, mas também com sua empatia e seu apoio tão importantes nos momentos mais difíceis. Agradeço também aos meus amigos do mestrado, em especial Ludmilla, Xênia, Eduardo, Rafael e Luciana, um grupo que se estabeleceu com suporte emocional uns aos outros. Agradeço ao Luiz Felipe que me auxiliou na utilização do SPSS para a etapa quantitativa e também a todos os participantes da pesquisa que doaram seu tempo e disponibilidade para ajudar na realização da mesma.

RESUMO

RAMOS, F. S. *O prolongamento da coabitação entre pais e filhos*: diferenciação de self e transmissão intergeracional. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

O prolongamento da coabitação entre pais e filhos é um fenômeno que tem sido documentado no Brasil e em diversos países, sendo objeto de reportagens da mídia e de estudos acadêmicos. As modificações sociais têm impactado nos arranjos familiares e na construção subjetiva de seus membros e, deste modo, é importante realizar uma discussão teórica a partir de uma compreensão psicossocial, considerando diferenças contextuais. A complexidade do fenômeno é destacada e neste trabalho fazemos uma escolha de análise com foco na transmissão intergeracional e na diferenciação de *self*. A partir de revisão do que no Brasil tem sido chamada de "geração canguru", identificamos uma contradição entre as alegações de bloqueio no desenvolvimento dos filhos que prolongam a coabitação com seus pais e os relatos de boa qualidade no convívio e respeito à individualidade. Nossa hipótese é que a coabitação prolongada não é impeditiva do desenvolvimento da autonomia emocional. O objetivo é investigar a diferenciação de *self* e a transmissão intergeracional existente tanto nos filhos quanto nos pais coabitantes, com implicações para a dinâmica familiar. A metodologia mista está dividida em duas etapas: Na primeira, quantitativa, aplicamos um questionário sociodemográfico e o Inventário de Diferenciação de Self-R a dois grupos de filhos entre 25 e 35 anos, sendo o primeiro grupo dos que moram com os pais e o segundo dos que tenham saído da casa dos pais, para comparação do escore de diferenciação de *self* e suas subescalas. A análise destes resultados é realizada pelo test-t de amostras independentes. Na segunda etapa qualitativa, entrevistamos duas famílias com pais e filhos coabitantes, com todos os membros familiares participando ao mesmo tempo e com o auxílio do genograma. A análise dos dados foi feita com avaliação do questionário sociodemográfico e os escores da diferenciação de *self* em cada família e também por meio de análise de conteúdo das duas entrevistas. A partir dos resultados da primeira etapa, identificamos que a diferenciação de *self* dos grupos de jovens coabitantes e dos jovens não coabitantes é praticamente igual, indicando que a coabitação não seria um aspecto tão relevante para o desenvolvimento da autonomia emocional. Por outro lado, as famílias pesquisadas na segunda etapa tiveram um escore de baixa diferenciação de *self* entre os membros, indicando uma fusão emocional principalmente entre mães e filhos e dificuldade de diferenciação. Identificamos também valores transmitidos intergeracionalmente que têm influenciado no tipo de convivência. No entanto, identificamos que os filhos possuem relativa autonomia. Os resultados corroboram parcialmente nossa hipótese e apontam para a necessidade de novos estudos sobre o tema, a fim de melhor identificar os fatores envolvidos no processo de diferenciação do *self* e da autonomia emocional.

Palavras-chave: Família. Coabitação. Jovens adultos. Transmissão intergeracional. Diferenciação de *self*. Geração canguru. Genograma.

ABSTRACT

RAMOS, F. S. *The prolongation of cohabitation between parents and sons*: differentiation of self and intergenerational transmission. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

The prolongation of cohabitation between parents and sons is a phenomenon that has been documented in Brazil and in several countries, being the subject of media reports and the academy. Social changes have impacted on family arrangements and the subjective construction of its members so our analysis goes through a psychosocial prism, considering differences in context. The complexity of the phenomenon is highlighted and in this paper we make a choice of analysis with a focus on intergenerational transmission and differentiation of self. Based on a review of what in Brazil has been called the "kangaroo generation", we identified a contradiction between the allegations of blocking the development of sons that prolong cohabitation with their parents and the reports of good quality in living together and respecting individuality. Our hypothesis is that this prolonged cohabitation is not an impediment to the development of emotional autonomy. The objective is to investigate the differentiation of self and intergenerational transmission, existing in both children and cohabiting parents, with implications for family dynamics. The mixed methodology is divided into two stages: In the first, quantitative, we applied a sociodemographic questionnaire and the Self-R Differentiation Inventory to two groups of sons between 25 and 35 years old, the first of sons who live with their parents and the second group of sons who have left the parents' house in order to compare the score of the differentiation of self and its subscales. The analysis of these results is done by the test-t of independent samples. In the second stage, the qualitative one, we interviewed, with the co-construction of the genogram, two families with cohabiting parents and children, using the same criteria as the first group in the first stage, with all family members participating at the same time. Data analysis was done by evaluating the sociodemographic questionnaire and scores of differentiation of self in each family and also through content analysis of the two interviews. From the results of both analyzes, we identified that the differentiation of self in groups of young cohabiting and non-cohabiting young people is practically the same, indicating that cohabitation would not be such a relevant aspect for the development of emotional autonomy. On the other hand, the families surveyed in the second stage had a low score of differentiation of self which indicates an emotional fusion, mainly between mothers and sons, what suggests that exists differentiation difficulty. We also identified values transmitted intergenerationally which influences how they are living together. On the other hand, we identified that these sons have relative autonomy, which partially corroborates our hypothesis and point to the need for further studies on this subject, in order to better identify the factors involved in the process of differentiation of self and emotional autonomy.

Keywords: Family. Cohabitation. Young adults. Intergenerational transmission. Differentiation of self. Kangaroo generation. Genogram.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos itens do Questionário Sociodemográfico (versão filhos)..... 63
Tabela 2 – Distribuição dos itens do Questionário Sociodemográfico (versão pais) 63
Tabela 3 – Quantitativo de respostas dos instrumentos quantitativos..... 71
Tabela 4 – Dados sociodemográficos 71
Tabela 5 – Dados de relacionamento afetivo 72
Tabela 6 – Dados de escolaridade..... 73
Tabela 7 – Dados de profissão e renda..... 74
Tabela 8 – Dados de satisfação profissional e satisfação com a renda 75
Tabela 9 – Dados de perspectiva de saída de casa 76
Tabela 10 – Dados de satisfação com aspectos de casa 77
Tabela 11 – Dados de influência para permanência em casa..... 79
Tabela 12 – Estatísticas do Inventário de Diferenciação de *Self*-R 82
Tabela 13 – Resultados de Diferenciação de *Self* da Família 1 91
Tabela 14 – Resultados de Diferenciação de Self da Família 2..... 97
Tabela 15 – Eixos e Categorias da Análise de Conteúdo..... 99
Tabela 16 – Saturação e recorrência das categorias..... 101

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	**JOVENS ADULTOS RESIDINDO COM OS PAIS: ARRANJOS FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS**	11
1.1	**Entre a tradição e o novo: mudanças em famílias**	12
1.2	**Tornar-se adulto: fronteiras em movimento**	18
1.3	**Morar junto dos pais: representações na mídia e academia**	24
1.4	**O prolongamento do convívio em contextos: diferenças socioculturais**	32
2	**FAMÍLIA: DO TODO PARA AS PARTES E DAS PARTES PARA O TODO**	39
2.1	**Filho (a)s: articulações do *self***	40
2.1.1	Identidade	40
2.1.2	Diferenciação de *Self* e Autonomia	45
2.1.3	Apego e Ansiedade de Separação	49
2.2	**Pais: entre as relações parentais e a conjugais**	50
2.3	**Transmissão intergeracional: além da família nuclear**	53
3	**A PESQUISA COM AS FAMÍLIAS**	56
3.1	**Objetivos**	57
3.1.1	Objetivo Geral	57
3.1.2	Objetivos Específicos	57
3.2	**Hipótese**	57
3.3	**Metodologia**	58
3.4	**Reflexividade e subjetividade do pesquisador**	58
3.5	**Método**	60
3.5.1	Etapa Quantitativa	60
3.5.2	Etapa Qualitativa	61
3.6	**Instrumentos**	62
3.6.1	Questionário Sociodemográfico	62
3.6.2	Escala de Diferenciação de *Self*-R	64
3.6.3	Roteiro de Entrevista	66

3.6.4 Genograma 66
3.6.5 Diário de Pesquisa 68
4 **ANÁLISE DOS RESULTADOS** 69
4.1 **Etapa Quantitativa** 69
4.1.1 Coleta de dados 69
4.1.2 Análise das respostas dos Questionários Sociodemográficos 71
4.1.3 Análise das respostas do Inventário de Diferenciação de Self-R 81
4.2 **Etapa Qualitativa** 85
4.2.1 Seleção das famílias e o processo das entrevistas 85
4.2.2 Caracterização das famílias pesquisadas 86
4.2.3 Análise de Conteúdo das Entrevistas 98
4.3 **Análise dos resultados das etapas quantitativa e qualitativa** 143
4.4 **Considerações Finais** 145
REFERÊNCIAS 150
APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico Versão Filho(a)s 165
APÊNDICE B – Questionário Sociodemográfico Versão Pais 171
APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido para instrumentos quantitativos 176
APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido para entrevista 177
APÊNDICE E – Roteiro de Entrevista 178
ANEXO A – Jovens entre 25-34 anos que moram com os pais no Brasil, por região e por média de anos de estudo 182
ANEXO B – Porcentagem de jovens entre 25-34 anos que moram com os pais na Europa 183
ANEXO C – Porcentagem e histórico de crescimento de jovens entre 18-34 que moram com os pais na Europa e relação com desemprego 184
ANEXO D – Inventário de Diferenciação de Self-Revisto 185

INTRODUÇÃO

As famílias têm passado por muitas modificações ao longo do tempo, tanto em sua concepção como na sua dinâmica, chegando ao século XXI com uma maior amplitude de significados e uma diversidade de arranjos e relações. Apresentamos e discutimos uma configuração familiar que vem despertando a atenção da mídia e da academia neste século, devido ao seu crescimento ao longo das últimas décadas e à sua ocorrência em vários países diferentes. Chamados de "geração canguru", "ninho cheio", "geração *Peter Pan*" entre outros, esse arranjo diz respeito aos filhos que, a partir dos 25 anos, permanecem na mesma casa que seus pais (ou pelo menos um deles), rompendo com um ideal das gerações anteriores, de uma saída mais cedo.

No capítulo 1, analisamos o tema por um viés sócio-histórico-cultural, focando no cenário brasileiro, em comparação com outros países. Levantamos características destas famílias, analisando as modificações sociais ocorridas ao longo do tempo e os seus reflexos nas dinâmicas familiares. Debatemos os marcos e as fronteiras das fases de desenvolvimento, principalmente na etapa de transição para a vida adulta, identificando a mudança de uma perspectiva menos rígida e mais flexível das categorias, bem como as representações na mídia e na academia sobre o prolongamento da coabitação familiar. Verificamos que as diferenças socioculturais e o contexto influenciam na maneira com que esta coabitação é vivenciada.

O convívio mais extenso entre pais e filhos pode ser visto por vários prismas, considerando que as mudanças familiares ocorrem de acordo com o contexto e o tempo histórico, sendo influenciadas por fatores sociais, econômicos, políticos e psicológicos, entre outros. Se a influência dos fatores econômicos parece ter grande relação com este fenômeno, é importante observar que permanecer ou voltar para a casa dos pais não era um ideal almejado pelos jovens em décadas passadas, mesmo com grandes dificuldades financeiras e, sendo assim, fatores sociocognitivos e emocionais atuam em concomitância para a manifestação deste fenômeno nesta geração atual. Além disso, os pais, que outrora vivenciaram outros valores, têm revelado em sua maioria, conformação, apoio e suporte aos filhos que realizam esta escolha.

É neste sentido que apresentamos no capítulo 2 as mudanças nas dinâmicas familiares e fazemos uma análise psicossocial buscando compreender a formação da identidade, o desenvolvimento do *self* na relação com a família e o mundo e a conquista da autonomia emocional a partir da teoria familiar sistêmica intergeracional, da perspectiva dos ciclos de vida e dos padrões culturais (BOWEN, 1991; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; KAGITÇIBASI, 2002). Entendemos

que os indivíduos sofrem influência da sua família sobre aspectos cognitivos e emocionais, tomando decisões que o tempo todo os convidam a repetir ou romper com os padrões geracionais e culturais. Ao longo do desenvolvimento, os filhos aprendem a se diferenciar dos seus pais e adquirem autonomia para seguir em frente. Indagamos se a permanência na casa dos pais está permeada por algum tipo de dependência emocional à família de origem ou se os jovens têm conseguido manter sua autonomia mesmo não saindo de casa. Buscamos responder este dilema com a parte empírica, que é a aplicação da pesquisa desenvolvida no capítulo 3 com os resultados sendo apresentados no capítulo 4. Nosso objetivo geral é investigar a diferenciação de *self* e a transmissão intergeracional entre pais e filhos coabitantes de 25 a 35 anos. Os objetivos específicos são: comparar a diferenciação de *self* dos filhos que moram com os pais com a diferenciação daqueles que não moram mais com os pais; identificar a influência de fatores intergeracionais na dinâmica familiar e na autonomia emocional e identificar fatores psicossociais que contribuem para o prolongamento da coabitação.

Nossa hipótese é que a interdependência entre os membros da família, principalmente entre pais e filhos coabitantes, não é impeditiva da diferenciação do *self* e do desenvolvimento da autonomia emocional. Dessa forma, utilizamos uma metodologia mista, dividida em duas etapas: A primeira, quantitativa, na qual aplicamos o Inventário de Diferenciação de Self-R e Questionários Sociodemográficos para famílias cujos filhos entre 25 e 35 anos estejam na situação de coabitação e também para as famílias cujos filhos já tenham saído de casa, para efeito de comparação. A segunda, qualitativa, na qual entrevistamos famílias com pais e filhos coabitantes, tendo o auxílio do genograma para identificar aspectos relacionados à transmissão intergeracional. As análises das respostas são feitas por meio do teste-t de amostras independentes na primeira etapa e pela análise de conteúdo, bem como as respostas do questionário sociodemográfico e o Inventário de Diferenciação de Self-R aplicado aos familiares entrevistados, na segunda etapa. Considerando que o pesquisador morou com sua família quando tinha esta faixa etária, estando inserido neste fenômeno por um período, realizamos uma análise de reflexividade, mostrando tanto o interesse pelo tema quanto a influência na construção da pesquisa e análise dos dados. Os resultados podem ser úteis para o estudo sobre o tema, ajudando às famílias e pesquisadores, indicando novos elementos para a análise e trazendo um olhar mais positivo à coabitação.

1 JOVENS ADULTOS RESIDINDO COM OS PAIS: ARRANJOS FAMILIARES CONTEMPORÂNEOS

Em pleno século XXI, temos assistido cada vez mais um aumento da diversidade de arranjos familiares e de sua aceitação em nossa sociedade. A definição de família contemporânea extrapola a questão sanguínea e passa a assumir contornos subjetivos, com cada família se descrevendo a partir de sua experiência e se compreendendo a partir dos valores e sentimentos afetivos (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2003). Neste mundo contemporâneo, podemos assistir o aumento de casais homoafetivos, famílias chefiadas por mulheres, famílias que incorporam várias gerações ou que contém amigos ou até desconhecidos sob o mesmo teto, casais poliamorosos, pessoas que decidem morar sozinhas, dentre outros vários modos de viver, reflexos das modificações sociais em curso (DE PAULO, 2015).

Dentre estas configurações, destacamos uma como tema de nossa pesquisa: as famílias cujos filhos adultos continuam morando com os pais, um fenômeno que vem crescendo a cada década e mostrado uma faceta semelhante em diversos países de culturas distintas, muito embora cada um tenha suas particularidades que debatemos ao longo deste capítulo. As representações na mídia deste tema, em sua maioria, têm um viés que aponta esses jovens como uma geração mais acomodada, destacando que muitos deles possuem trabalho e renda própria para viver de modo independente, mas preferem continuar morando com os pais. Do mesmo modo, há críticas para esses pais, pelo modelo de educação e cuidado permissivo e "superprotetor". Daí surgem algumas questões como: Será que estes jovens não valorizam mais sua independência? Será que isto atrasa o desenvolvimento desses filhos? Se os pais tinham sua liberdade com um grande ideal, por que tem dado apoio a esta escolha?

Algumas pesquisas na academia (VIEIRA; RAVA, 2010; FIGUEIREDO, 2013; MÜLLER, 2018), no entanto, vêm mostrando outra face, que nem sempre aparece nas reportagens, salientando que muitos destes jovens adaptaram seus hábitos e costumes ao contexto atual social e familiar, se comunicando melhor com os pais, exercendo sua individualidade e negociando regras e direitos no âmbito familiar de um modo diferente da geração anterior. Debatemos ainda o período de transição para a vida adulta, suas nomenclaturas e delimitações, confrontando paradigmas tradicionais e contemporâneos de desenvolvimento e buscando articular com a análise socio-histórica e cultural.

1.1 **Entre a tradição e o novo: mudanças em famílias**

Ao longo do tempo, o termo “família” passou por diversos significados, atrelados a noções situadas num momento da história e num contexto específico. Atualmente, se perguntarmos para as pessoas o que elas entendem por família, teremos uma grande variedade de respostas, muito provavelmente baseadas nas suas próprias configurações familiares. Partimos assim de uma definição e delimitação da família baseada não mais somente na linhagem consanguínea ou em um único ponto de vista normativo, mas nos discursos dos próprios membros, pelos elos de sentido nas relações, traduzidos em uma ordem simbólica (SARTI, 2004). Portanto, a noção de “pais” neste trabalho também inclui os cuidadores como figuras paternas, independente da consanguinidade.

No entanto, esta noção de família só é possível por uma mudança no contexto social que hoje permite a flexibilização de sua noção, há bem pouco tempo bastante estigmatizada, tendo o modelo de família nuclear heterossexual branca norte-americana como a norma. Esta pluralidade de significados vem ocorrendo, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, e se pulverizando cada vez mais, enquanto caminhamos na linha do tempo. Vamos percorrer brevemente a história das famílias, uma vez que nossa pesquisa engloba pais e filhos, representantes de gerações diferentes e cujos valores podem ser muito distintos. É no choque das gerações anteriores com as atuais que os valores irão se repetir ou se modificar, com as várias modificações sociais moldando não só o significado da família, mas as suas dinâmicas, as funções e relações entre seus membros e o convívio como um todo.

Walsh (2016) afirma que percorrer uma abordagem sócio-histórica oferece uma perspectiva valiosa das famílias contemporâneas, seus pontos fortes e seus desafios e indica cinco tendências atuais muito importantes contemporâneas, baseadas no cenário norte-americano, mas com as mesmas nuances nos países em que ocorre uma transição pós-industrial: variações nos formatos familiares, variações nos papéis de gênero e relações, crescente diversidade cultural, crescente disparidade socioeconômica e curso da vida familiar variado e ampliado. Vamos debater sobre algumas destas transformações neste tópico, explorando as variações no ciclo de vida e a diversidade cultural nos demais.

Como exemplo da importância de se discutir os significados da família e de suas modificações socio-históricas, mencionamos a sua estrutura paternalista da época Romana e a incorporação da tradição Judaico-Cristã na moral e costumes, que ainda perduram no imaginário

social como modos de viver “naturais” em muitas famílias (DIAS, 2004). Podemos, por exemplo, citar alguns rituais religiosos católicos aos quais os filhos eram submetidos por decisão dos pais (batismo, crisma, eucaristia, matrimônio), sobretudo no Brasil, conforme destaca Alves (2009), sendo incorporados por meio da tradição familiar ou quando não aceitos, questionados pelas novas gerações. Alguns padrões familiares têm forte ligação com a cultura local, como a expressão da religiosidade, da sexualidade e da atitude em relação ao casamento, sendo bastante passíveis de transmissão intergeracional. Atualmente, no entanto, é possível observar um maior pluralismo religioso e de outros valores no interior das famílias, ocasionados pela coexistência de novas e velhas identificações.

Giddens (1991) diz que vivemos em um mundo “pós-tradicional” com tradições, crenças e costumes se misturando entre si e se adaptando ao contexto atual. Essas transformações, muito embora algumas venham na direção oposta aos valores tradicionais, na verdade não significariam a morte da tradição, mas uma ressignificação e contextualização como fonte alternativa de conhecimento, valor e moralidade. As transformações sociais são transmitidas pelas gerações e repercutem nas subjetividades, de modo que cada um é marcado pelos acontecimentos históricos, mas também é provocador destes (ROUDINESCO, 2003). Ainda que atualmente as pessoas tenham modelos mais diversos para definição da família, elas estão submetidas a uma construção cultural que delimita as possibilidades de suas narrativas. É possível ter modelos e expectativas de vida diferentes dentro de uma mesma família, o que influencia na forma de comunicação e no tipo de relação estabelecida, algo que ocorre principalmente entre pais e filhos. Diante dessas diferenças, a convivência pode ocorrer com aceitação e tolerância ou com conflitos, podendo ocasionar até mesmo rompimentos.

Com esses elementos a respeito da transmissão cultural, iniciamos um percurso socio-histórico das famílias a partir dos anos 50, quando era predominante uma abordagem funcionalista nos Estados Unidos e acabou sendo espelhada no Brasil, sobretudo com as ideias de Talcott Parsons, de uma família como agência socializadora e formadora da personalidade. A ênfase recaía na relação mãe e filho na sua formação, com papéis bem delimitados de gênero, sendo a mãe a líder nos cuidados afetivos e de educação e o pai de instrumentalização para o mundo externo. A família era caracterizada a partir de seu modelo nuclear (pai, mãe e filhos), e as funções de gênero também ocorriam na divisão de tarefas do casal, sendo a mulher voltada ao lar, aos cuidados da maternidade e ao âmbito doméstico e o homem, além de provedor financeiro, era o chefe de família

a quem se devia respeito e autoridade. No mesmo sentido, a educação dos filhos homens e mulheres ocorriam de maneiras específicas, baseadas nestes modelos (CAMARANO, 2006).

É importante considerar que este foi um período influenciado pelo momento pós-guerra e que veio acompanhado de uma ascensão dos bens de consumo e de reestruturação da família. A alta taxa de natalidade, que culminou na chamada geração *baby boomers*, é a marca de um clima de otimismo nos países desenvolvidos. No Brasil, via-se a ascensão de uma classe média, e a transformação de um país, sobretudo rural, para um país industrializado. A influência do modelo dos Estados Unidos aqui foi muito forte, sobretudo com o advento da mídia, o cinema, a publicidade e a crença no poder da tecnologia. Este contexto favoreceu a um aumento no nível de fecundidade nas famílias brasileiras, que também veio acompanhado de uma diminuição da taxa de mortalidade, sobretudo pela expansão do saneamento básico e pelas campanhas de vacinação, até a década seguinte, quando iniciou uma desaceleração da taxa de natalidade (CAMARANO, 2006).

A partir dos anos 60 e 70, os movimentos de classe operária, antiguerras, *hippies* e movimentos minoritários como o feminista, o negro e o LGBT se destacam, com uma crítica ao modelo vigente de sociedade excludente e aos estereótipos de gênero, passando a repercutir novas ideias para a sociedade e para a família. O ideal de liberdade repercute nos jovens desta geração, em contraponto ao modelo conservador das gerações anteriores. Neste mesmo período, no âmbito da Psicologia, a Teoria Familiar Sistêmica, germinada na década anterior, nos Estados Unidos, começa a ganhar mais força na academia (no Brasil, este movimento chega na década de 1970 – FÉRES-CARNEIRO; PONCIANO, 2005; PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2006), enfatizando as questões de comunicação no meio familiar (RAPIZO, 2002; NASCIMENTO, 2008). Na sociologia, destaca-se a Escola de Frankfurt, que tendo como maiores expoentes Adorno e Horkheimer (1987), também considerava a família como agência socializadora, mas questionava o seu papel conservador, sobretudo pela autoridade do pai para o filho, que esmagava a liberdade e tornava a família agente ideológico e mantenedora de um status econômico-político.

Embora ao fim da II Guerra Mundial, as mulheres já estivessem ganhando mais terreno no mercado de trabalho, os movimentos destas décadas e das seguintes amplificaram as vozes das insatisfações a respeito das divisões estereotipadas em papéis de gênero, corroborando para uma modificação social gradativa que também refletiu no interior das famílias. Neste período também surgem os meios contraceptivos, ajudando a controlar a fecundidade e a separar o binômio

sexualidade-maternidade das mulheres. O ambiente foi propício também para que muitos casamentos chegassem ao fim, tendo aumentado o número de divórcios, de uniões livres e de recomposições familiares, uma vez que os relacionamentos, cada vez mais, eram formados e mantidos mais em função do desejo mútuo do casal (CAMARANO, 2006).

Cabe destacar que, apesar das reivindicações e da diminuição do abismo dos "papéis" de gênero, as mudanças continuam lentas e ainda há muita luta, ainda que exista uma maior ressonância das reinvindicações nos movimentos minoritários. Observa-se que gradativamente há maior reconhecimento da diversidade nos arranjos familiares e aumento do debate sobre questões de gênero, raça e sexualidade. O movimento feminista ganha mais voz e apelo na sociedade e o debate sobre as diferenças de gênero, cada vez mais, alcança destaque na mídia e na academia, salientando a relevância de se compreender as diferenças a que são submetidos homens e mulheres. Compartilhamos o olhar de Goodrich, Rampage, Elman e Halstead (1990) de que historicamente as condições nos universos masculinos e femininos foram bem diferentes e que a família foi, e ainda é, considerada como um domínio das mulheres, enfatizando os valores no cuidado doméstico e a importância no papel materno e de esposa, enquanto aos homens são salientadas características de provimento e força de trabalho. É possível inferir que as expectativas de mães e pais em relação aos seus filhos e filhas sejam permeadas por diferenças e estereotipias construídas historicamente e interiorizadas nas famílias.

Singly (2007) indica que, a partir da década de 60, as mudanças sociais se traduzem como marcos para a formação das famílias contemporâneas e seus dilemas. Até então, o autor indica que as famílias eram marcadas por um paradoxo de "privatização versus socialização", no qual, ao mesmo tempo, havia uma maior valorização da intimidade e da qualidade das relações, mas também uma grande intervenção do Estado, por meio de leis e políticas que incidiam nas famílias e nas suas relações sociais. As relações familiares passaram a se estabelecer baseadas mais no sentimento e no afeto do que no patrimônio econômico e cultural, no entanto, algumas coisas que antes ficavam sobre seu domínio perderam o caráter privado, tais como a educação e o cuidado dos filhos.

Estas modificações sociais ocorridas a partir desta época levaram a um segundo paradoxo, vivenciado até os dias de hoje, que corresponde a uma "busca de autonomia/independência versus dependência do indivíduo em relação à família e à parentela". Há maior distanciamento dos valores geracionais em prol de uma visão mais libertária de escolha de mundo, o que reflete em novos

modelos de relacionamento e de família. Por outro lado, as famílias permanecem como referência de suporte, seja financeiramente ou afetivamente, trazendo dificuldades no estabelecimento do equilíbrio entre a autonomia e segurança, dependência e independência. Diante deste cenário, Singly (2007) aponta que os laços conjugais e familiares tornaram-se mais frágeis e instáveis, com os indivíduos ficando mais inseguros. As famílias contemporâneas passam a se definir por exigências de satisfações relacionais e afetivas do casal, associadas à demanda de reconhecimento da personalidade de cada um dos filhos. Este novo modelo de família é caracterizado pelo autor como "individualista relacional", que se traduz como novo foco de pesquisas no campo, passando a considerar as trajetórias e percursos de vida individuais e como eles se relacionam na dinâmica familiar.

Dumont (1993) afirma que o individualismo é uma invenção Moderna, baseado na busca de libertação do indivíduo das forças opressoras do Estado, e pontua a existência de dois tipos de sociedade, do tipo holista e individualista, na qual a primeira é marcada por uma valorização do corpo social e a segunda, pelo bem-estar individual. Atualmente, já em um cenário considerado Pós-Moderno, o individualismo passa a ser uma marca das relações sociais, também tendo reflexo nas famílias. Elias (1994) afirma que a balança nós-eu, que marca a relação indivíduo e sociedade, vem cada vez mais pendendo em direção ao "eu", com constante valorização na busca da singularidade e dos desejos individuais frente à coletividade, marcando uma diferença do mundo Moderno e da Pós-Modernidade. Lasch (1983), no mesmo sentido, aponta a existência de um culto ao narcisismo, definindo uma preocupação exagerada atual da sociedade em termos individuais e um rompimento com um sentido histórico, das tradições e do passado. Bauman (2008) fala que este sentimento vem acompanhado de um senso de impotência frente às incertezas do futuro, culminando em relações não só individualizantes, mas superficiais e "líquidas", baseados num modelo de relação consumista, descartável e objetificante.

Simmel (1998) destaca ainda um componente que assume papel preponderante em nossa sociedade: o dinheiro, considerado por ele o "Deus da Modernidade", facilitando a realização dos desejos de consumo, mas também tornando-se um divisor comum, independente do contexto local. O dinheiro proporciona aos homens a mesma liberdade e personalidade, tornando-os reféns e assim, o senso de individualidade e de distinção do mundo passa a ser marcado pela relação materialista, que é um motor do capitalismo. O individualismo aqui é atravessado pelo que Giddens (1993) considera comportamento compulsivo, caracterizado por "escolhas" baseadas no modelo

de consumo introjetado pela sociedade e que se traduz como perda de autonomia, à medida que esta escolha não é livre. Isto acaba também transformando as relações de intimidade em áreas da vida como o amor, a sexualidade e o erotismo, marcando também a constituição das famílias e suas relações. Podemos decorrer daí que o jovem, quando decide ficar na casa dos pais, mesmo tendo condições financeiras para sair, também está valorizando o seu poder de consumo, utilizando sua renda pessoal mais para seus usufruir seus desejos (viagens, cursos, lazer) do que com os compromissos de uma vida independente (gastos com aluguel, contas, alimentação e etc).

Ao analisar os aspectos evolutivos da família até a contemporaneidade, Hintz (2001) diz que há uma tendência de modificação da estrutura de hierarquia para uma estrutura de igualdade entre os membros de uma família, na qual as decisões são mais compartilhadas e há maior possibilidade de diálogo, devido à distribuição dos poderes e expressões de afetos mais recíprocas. Com a necessidade de trabalho dos pais, a educação das crianças passa a ser mais realizada por outras pessoas e instituições, como os avós, a creche e a escola, impactando na intimidade e privacidade da família, que volta a tecer redes entre a família extensa, amigos e instituições. Para a autora, a família pós-moderna é caracterizada pela inexistência de um modelo dominante, o que faz com que várias estruturas familiares, como famílias monoparentais, reconstituídas, uniões consensuais, casais sem filhos por opção, casais homoafetivos, famílias unipessoais (membros que optam por se estabelecer em um espaço físico particular) e famílias por associação (composta por amigos sem grau de parentesco) sejam cada vez mais numerosas e formadas pela escolha livre, sem que isso represente um modelo anormal, como anteriormente se julgava aqueles distintos do parâmetro da família nuclear.

Destaca-se ainda a influência das tecnologias de comunicação, com celulares e *internet*, que facilitam a qualidade de vida, mas que também podem ocasionar conflitos e modificações diversas nas relações familiares. Com a penetração da tecnologia na sociedade, é possível notar uma inversão no fluxo de conhecimento, uma vez que esses jovens nasceram numa geração já imersa num mundo conectado e passam eles a ensinarem aos pais como utilizar a *internet*, os equipamentos e redes sociais, tornando-se um grupo social independente (Hobsbawn, 1995). Além disso, a inserção da tecnologia nas famílias vem alterando também a forma do convívio e da comunicação, com jovens cada vez mais se isolando em seus quartos diante de computadores e interagindo em menos oportunidades com seus pais, conforme estudos e pesquisas realizados (Tapscott, 1999; Castells, 2003).

Outra modificação muito importante nas famílias e que tem afetado as relações entre seus membros é a necessidade de qualificação para adentrar no mercado de trabalho. Com uma crise econômica mundial, altas taxas de desemprego e cada vez menos postos de trabalho, as pessoas necessitam buscar capacitações para disputar vagas e posições de trabalho com outras pessoas. Nas famílias, atualmente, o tradicional modelo do "pai provedor" e da "mãe dona de casa" é predominante nas classes econômicas média e alta, pois é cada vez mais difícil que somente a renda de um dos membros consiga manter as despesas da casa. A profissão e a renda profissional adquirem importância para a subsistência e manutenção do padrão de consumo de uma família. Do mesmo modo, os filhos passam a se preocupar com o futuro profissional desde cedo, valorizando o sucesso na escola, de entrar numa faculdade e conseguir uma boa profissão, que adquire importância central. Este cenário também contribui para que os filhos adiem projetos de casamento e a saída da casa de seus pais ou ainda, que retornem ao antigo lar diante de uma situação de dificuldade financeira. Muitos permanecem dependentes financeiramente e outros, mesmo que tenham renda própria, escolhem utilizá-las na sua formação profissional ou em benefícios próprios, como por exemplo viagens e experiências de lazer (KUBLINOWSKI & RODRIGUES, 2016).

Nesta análise sócio-histórica, observamos mudanças sociais que transformaram a sociedade e a própria concepção de família, passando de uma definição normativa para uma ampla e diversificada. Se atualmente podemos perceber vários arranjos, também constatamos mudanças culturais, de valores e crenças ao longo das gerações e, em consequência, nas relações tecidas entre pais e filhos. O prolongamento do tempo de coabitação entre pais e filhos é um fenômeno contemporâneo que ocorre junto de outras modificações sociais tais como o aumento da expectativa de vida, a queda da taxa de fecundidade, o aumento dos casos de divórcio, adiamento do casamento, entre outras e também é produto de um mundo cada vez mais individualizante, repleto de paradoxos e incertezas, no qual a busca pelo capital assume grande importância. Ele é uma face do espectro desta diversidade de arranjos familiares e, para analisá-lo, é necessário levar em consideração essas mudanças que ocorreram e vêm ocorrendo ao longo do tempo.

1.2 **Tornar-se adulto: fronteiras em movimento**

Do mesmo modo que as famílias mudaram e se adaptaram às mudanças sociais da última década, também vemos impactos nos processos de desenvolvimento dos indivíduos. Considerar o

processo de desenvolvimento e dos ciclos de vida para o estudo deste fenômeno de prolongamento de coabitação familiar, significa ponderar que esta etapa de vida, tanto para os filhos como para os pais, apresenta características próprias (maturacionais, psicológicas e sociais) e de transformações sujeitas a estressores normativos, ou seja, aqueles considerados normais e previsíveis num certo momento de vida (BOSS; BRYANT; MANCINI, 2016). A partir de uma perspectiva desenvolvimental moderna, as etapas do ciclo de vida são permeadas por influências genético-biológicas e socioculturais de naturezas normativas e não normativas e pela interatividade do indivíduo com seu meio e as influências do tempo (BALTES; SMITH, 2004).

Walsh (2018) indica ser que integração de perspectivas sistêmicas com desenvolvimentais é benéfica para o estudo das famílias, desde que se desprendam da tentativa de consideração de uma pretensa "normalidade". A autora prefere o termo "disfuncional", ponderando que a funcionalidade se refere mais a padrões familiares que estão funcionando ou não para a própria família e não relacionada a um referencial normativo. Em um paradigma de desenvolvimento tradicional são esperados certos desafios de acordo com a idade, sendo que aqueles que desviassem desses marcos eram considerados com um bloqueio no desenvolvimento. Por exemplo, muitos autores como Erik Erikson e David Levinson, dividiram a entrada na vida adulta em etapas com características psicossociais específicas de acordo com a faixa-etária e enfatizaram a importância da individuação e da separação do indivíduo com sua família de origem. Carter & McGoldrick (1995) afirmam que, mesmo considerando as características esperadas desta transição, é necessário vislumbrar outras dimensões, como por exemplo a importância do apego e as relações. Deste modo, entendemos ser necessário ponderar as múltiplas possibilidades de acordo com referenciais da própria família, cultura e socialização.

É importante constatar que ao longo do tempo as etapas dos ciclos de vida, bem como as suas durações, foram sofrendo modificações importantes e não devem ser analisadas sob um prisma de naturalidade, mas como construções sociais que dependem do contexto em que vivemos. Na Antiguidade, por exemplo, não existia um claro período de transição entre a infância e a vida adulta, etapa esta que ficou mais evidente a partir do início do século XX, com as Revoluções Industriais e as transformações econômicas, culminando na categorização da adolescência. A adolescência, que teve em Stanley Hall um dos primeiros teóricos, surgiu como um período de preparação para a vida adulta, na qual, junto de características como mudanças maturacionais e psicológicas dos indivíduos, a escolarização adquire muita importância como preparação de mão-de-obra

qualificada para o mercado de trabalho. Os estudos atuais sobre a transição para a vida adulta podem também ser analisados traçando-se um paralelo com este período de surgimento da adolescência, uma vez que também representam novas modificações sociais e econômicas e ainda novas exigências de qualificação que impelem cada vez mais num prolongamento desta etapa (MENDONÇA, 2007).

Diferente de alguns povos indígenas e outras civilizações não industrializadas, nas quais ocorriam ritos de passagem da infância para a vida adulta, nossa civilização não estabeleceu tantos ritos (o próprio rito de festas de 15 anos para as meninas, cuja origem tinha o significado de marcar o início da possibilidade de ter relações sexuais e preparação para o casamento, atualmente se configura mais num rito de *status*, distante deste significado inicial). Os ritos e fronteiras de mudança para a fase adulta se atrelavam a marcos sociodemográficos, tais como a definição clássica de Modell, Furstenberg Jr. e Hershberg (1976) de cinco eventos principais: saída da escola, entrada na força de trabalho, saída da família de origem, casamento e estabelecimento de uma família. Cada um desses eventos representava um marco para entrada na vida adulta.

Camarano (2006) lançou a pergunta "transição para vida adulta ou vida adulta em transição?" como nome de seu livro, a fim de debater as modificações na transição para a vida adulta no cenário brasileiro. A autora identifica que as trajetórias de vida atuais parecem mais erráticas do que no passado, quando marcadores sociais como a saída da casa dos pais, eram indicativos de entrada na vida adulta. Neste sentido, ela também questiona estes marcadores tradicionais de entrada na vida adulta como algo estático e aponta para o caráter dinâmico da sociedade que modifica os períodos dos ciclos de vida e para a necessidade de se considerar a diversidade das famílias e seus contextos.

A autora constatou que atualmente, entre os jovens, o evento considerado final para o processo de entrada na vida adulta é principalmente a parentalidade e a formação de uma nova família, mas há variações de acordo com a percepção das famílias. Cada vez mais se adia a saída da casa dos pais, sendo que o casamento ou o morar junto com parceiro(a) ainda é o principal motivo para tanto. Por outro lado, há também jovens que constituíram família sem ter saído da casa dos pais, sobretudo com a concepção dos filhos antes da inserção no mercado no trabalho, formando o que o IBGE chama de famílias conviventes (composto de duas famílias nucleares num mesmo domicílio). Verificou ainda que há uma reversibilidade da saída de casa, com os jovens voltando para a casa dos pais, principalmente após um divórcio ou em situação de desemprego, sendo que este quantitativo é maior entre as mulheres com filhos. Neste sentido, salienta que o

processo de transição para a vida adulta está mudando socialmente e que ele deve considerar as transformações individuais, indicando que as fronteiras entre a saída da juventude e a entrada na vida adulta não são claras e podem até mesmo se sobrepor. O caráter subjetivo e a percepção das responsabilidades assumem funções importantes como marcadores de entrada da vida adulta, que passa a ser um evento cada vez mais individual, subjetivo e menos determinado por marcadores sociais (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

Arnett (2018, 2000) propõe a adultez emergente como uma nova fase de desenvolvimento, situada em um período intermediário entre a adolescência e a vida adulta, próprio das sociedades industrializadas e pós-industrializadas, que emerge diante das modificações sociais que se estabeleceram (como o adiamento do casamento e da paternidade), indo dos 18 aos 25 anos (mas podendo chegar até aos 30, uma vez que a idade cronológica em si não é um indicador tão relevante). Neste período, o jovem teria como características principais ser centrado em si próprio, livre pra explorar identidades, se sentir entre adolescência e adultez, ser marcado por instabilidades, mas tendo uma visão otimista e idealizada do futuro. A dimensão psicológica (capacidade de assumir responsabilidade, tomar decisões e ser financeiramente independente) tende a ser mais importante que os marcadores sociais (aspectos sociodemográficos, responsabilidade familiar, transições legais/cronológicas ou de papel) para definição do estatuto de adulto (BRANDÃO; SARAIVA; MATOS, 2012).

Como justificativa para a adultez emergente ser considerada uma nova fase de desenvolvimento, Arnett (2000) pontua que ela apresenta aspectos demográficos, identitários e subjetivos. Em relação aos primeiros, mencionamos que ela é produto do adiamento das tarefas da conjugalidade e parentalidade e do aumento da escolaridade e de que, atualmente, os percursos de vida apresentam grande variabilidade. O segundo aspecto, identitário, se relaciona ao caráter exploratório, diante das várias opções disponíveis, sobretudo em relação à escolha da carreira e nos relacionamentos íntimos. A exploração é considerada uma preparação antes de entrar nos compromissos da vida adulta, sendo marcada por menos controle parental e adiamento das responsabilidades. O aspecto subjetivo surge diante da necessidade de se fazer escolhas próprias, com características de autocentramento e de uma perspectiva ambivalente, com o jovem não se sentindo nem adolescente e nem adulto.

Arnett (2000) destaca que o nome “adolescência tardia”, utilizado por alguns autores para designar esta etapa de transição, não é adequado pois a adolescência é uma etapa em que os

aspectos maturacionais já ocorreram e a construção da identidade ocorre mais por valores próprios do que por reprodução de outros modelos. O conceito de "juventude" também lhe parece muito abrangente, abarcando diversos períodos e características distintas, sendo mais apropriado como um conceito sociológico. Em atenção a este ponto, Manheim (1982) pontua que a juventude não deve ser vista somente como uma faixa de transição a vida adulta, mas é assumida como uma categoria de formação identitária de uma geração, pontuando seu caráter transformador político da sociedade e marcador de características de continuidade e descontinuidade de uma época. Do mesmo modo, Arnett (2000) também critica a denominação de "transição para a vida adulta", embora esta seja muito aceita nos meios acadêmicos e sociais, devido à importância dada ao seu aspecto transitório, como uma passagem, e assim não possuindo características próprias e nem chegando ao *status* de adulto.

A proposta da adultez emergente tem sido aceita por boa parte da academia, com uma grande quantidade de novos estudos sendo publicados e uma busca pela padronização de suas características em diversas culturas. Apesar disto, a teoria não é livre de críticas. Brandão et al. (2012) questionam se a adultez emergente é um novo estágio de desenvolvimento ou sintoma de uma nova sociedade e menciona a crítica de Côte e Bynner (2008) de que este conceito trata-se de uma metáfora que expressa uma mudança subjetiva na percepção de transição da vida adulta, mas que se constitui apenas como uma reação a mudanças estruturais e econômicas nas sociedades individualizadas. Côte (2014) ainda acrescenta que este conceito generaliza todas as classes sociais, tornando-se normativo para as classes mais pobres que não possuem as mesmas oportunidades de exploração que as classes médias e altas.

Sobre estas críticas, podemos pontuar que a própria adolescência em determinadas camadas sociais mais pobres e, em certas culturas, possui características muito diversas do modelo teórico tradicional e, por muitas vezes, não é nem vivenciada. Um recorte de classe é necessário no estudo das etapas de desenvolvimento e o próprio Arnett et al. (2011) reconhece este fato, apontando que o modelo não é universal e possui variações culturais e de classe econômica, mas ainda assim, defende a sua relevância e aponta que estudos transculturais nos países desenvolvidos mostram um padrão para a caracterização desta fase. Ainda assim, tal como Bynner (2007), entendemos que o adiamento das transições normativas da vida adulta pode ocorrer por consequências bem distintas, como uma escolha pessoal ou por constrangimentos sociais que dificultam o acesso a esse modelo, não sendo um marcador de desenvolvimento tão exato.

O período da adolescência, por exemplo, é uma categoria tradicionalmente marcada pelas transformações da puberdade no corpo e seus efeitos psicológicos, sendo ao mesmo tempo um fenômeno biológico e socialmente construído, mas que ainda possui diferentes interpretações acerca das faixas etárias e critérios de fronteiras. A Organização Mundial da Saúde – OMS ou *World Health Organization* - WHO (1986) estabelece a faixa da adolescência de 10 até 19 anos e a inclui numa categoria mais ampla, chamada de juventude, que vai dos 10 aos 24 anos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) estabelece a adolescência como o período dos 12 aos 18 anos. Recentemente, algumas publicações vêm tentando demonstrar a necessidade de se estender o período da adolescência para os 24 anos (SAWYER; AZZOPARDI; WICKREMARATHNE; PATTON, 2018) e 25 anos (STEINBERG, 2014), com base nas mudanças que ocorreram na sociedade sobre o adiamento das responsabilidades adultas e o consequente prolongamento desta fase de transição e também nas descobertas das neurociências sobre a continuação da maturação do cérebro até os 25 anos (COLVER; LONGWELL, 2014).

Neste sentido, identificamos que os critérios de desenvolvimento podem dar pistas sobre as necessidades dos indivíduos, mas não pretendemos utilizar categorias como identificadores rígidos, preferindo realçar uma articulação com história, cultura, contexto e modos de subjetivação. Na mesma direção, Groppo (2004) afirma que os critérios etários e de fases fechadas de ciclos de vida adquirem contornos estáticos e acabam sendo generalizados e naturalizados, não contemplando a diversidade de experiências de indivíduos desta geração e entende que a categoria da juventude deve ser vislumbrada por meio de uma perspectiva dialética, levando também em conta a autonomia e individualidade dos jovens diante das imposições categóricas instituídas. Em nossa pesquisa, estamos mais interessados em capturar características próprias e contemporâneas desta etapa, avaliando o cenário social em que se encontram, mas também ouvindo as experiências de cada um para assim compreender melhor este fenômeno de prolongamento da coabitação de filhos e pais. Entendemos que a diferenciação entre adolescência, adultez emergente e vida adulta não é tão simples de ser feita e que as características de socialização de cada cultura influenciam também nestas fronteiras e no modo pelo qual as experiências são vivenciadas.

A permanência na casa dos pais faz parte desta transição e inclui a adultez emergente como um grupo a ser considerado, ainda que outros grupos (acima dos 30 anos) também estejam no mesmo bojo. Apesar de compreendermos os benefícios de analisar o fenômeno a partir dos períodos de ciclo de vida diante das características prevalentes destes jovens, identificamos que

existem ressalvas diante de uma generalização que não contempla características subjetivas ou de grupos específicos e da falta de definição de fronteiras claras entre as fases do ciclo e também.

Nossa pesquisa centra-se na situação da coabitação e, sendo assim, estabelecemos a idade de 25 anos como o limite inferior da faixa etária dos filhos, uma vez que a maioria das pesquisas nesta temática foi realizada a partir desta idade, que por sua vez também pode ser considerada em um período após a adolescência, fase esta que possui outras características próprias. Sendo assim, podemos compreender que esses jovens podem estar situados tanto na adultez emergente quanto na vida adulta, uma vez que esta identificação é uma dimensão subjetiva e também que há jovens que coabitam com os pais mesmo após os 30 anos, tendo emprego, renda própria e muitas vezes, já tendo seus próprios filhos. Também utilizamos a nomenclatura de "jovens adultos", considerando que dentro da própria adultez emergente existem estágios desenvolvimentais diferentes, conforme pontua Tanner (2006), nos quais o início é mais focado na exploração e no investimento acadêmico até culminar com a aceitação dos compromissos laborais, familiares e a percepção de entrada na adultez.

1.3 **Morar junto dos pais: representações na mídia e academia**

No Brasil, estima-se que 25,3% dos jovens entre 25 e 34 anos residem com os pais, sendo observado na Região Sudeste o maior quantitativo (IBGE, 2016). Esta pesquisa atualiza dados da pesquisa realizada anos antes (IBGE, 2012), que aponta para outros dados como: aumento dos anos de escolarização dos filhos, o nível de ocupação alto e não diferente de filhos que não moravam com os pais (sugerindo que não se trata de uma questão de falta de emprego), uma maior incidência na classe média urbana e prevalência do gênero masculino (60% do total são homens). Cobo e Saboia (2010) apontam que a decisão de continuar morando com os pais é complexa e necessita ser mais bem pesquisada, podendo envolver questões financeiras (dificuldade de arranjar um emprego, alto custo habitacional), psicológicas (comodismo, "síndrome de Peter Pan" – desejo por não crescer) e sociodemográficas (queda da taxa de fecundidade, aumento da idade ao casar, aumento de divórcios e separações conjugais), envolvendo diferentes graus de dependência econômica e familiar.

As autoras salientam ainda que essa é uma escolha feita de forma voluntária, uma vez que a maioria dos jovens possuiria condições econômicas de se sustentarem, denominando o fenômeno

como “geração canguru”, assim como ocorre em outras publicações sobre o tema. No entanto, entendemos ser necessário relativizar esta observação, considerando que além destes dados do IBGE também contemplarem filhos que já saíram e voltaram para a residência, o fato de ter condições financeiras para sair da casa dos pais e ser independente financeiramente apresenta contornos distintos para estes jovens. Por exemplo, a independência pode ser considerada subjetivamente em relação à manutenção do *status* econômico que usufrui ou em ter uma poupança com a renda pessoal para investimentos futuros. Há ainda outros indicadores do mesmo levantamento apontando que 27,9% das residências, com pelo menos um membro entre 15 e 29 anos, possui renda familiar *per capita* de até 1/2 salário mínimo, sugerindo que há um grande número de famílias com baixo poder de consumo, havendo também uma desigualdade entre as camadas altas e baixas e sendo assim, o fenômeno pode ocorrer também nas classes mais baixas, embora por motivos distintos. Outros indicadores ainda sugerem que o aumento do investimento na educação também pode ser um fator para este fenômeno, pois no mesmo estudo foi encontrada uma média de 10,7 anos de estudo e que 35,1% dos jovens nesta faixa-etária moravam com os pais tinham nível superior incompleto ou nível acima e 13,2% ainda estudavam. Em comparação, no grupo de jovens que não moram com os pais, nesta mesma faixa-etária, a média de estudos foi de 9,8 anos e somente 7,2% ainda estudavam.

Outros dados de um levantamento realizado pelo IBGE (2019) apontam que 23% dos jovens entre 15 e 29 anos não estão no mercado de trabalho e nem nas escolas, num outro fenômeno chamado de “geração nem-nem”. O desemprego da população brasileira tem oscilado em torno de 12% e 13% nos últimos anos para todas as faixas etárias e entre os jovens de 18 a 29 anos, este número chegou a 27,3% no ano de 2019, havendo ainda muitas pessoas no mercado de trabalho informal, sem a garantia de direitos trabalhistas (IBGE, 2019). Entendemos que a denominação “geração nem-nem” soa depreciativa, pois faz parecer que todos ali não trabalham ou não estudam por escolha de ociosidade, desconsiderando uma considerável parcela que não consegue emprego ou recolocação no mercado de trabalho, dentre outras situações. Muitas mulheres, que são a maioria neste grupo, acabam ficando longe do mercado de trabalho para cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. Itaboraí (2014) afirma que “geração canguru” e a “geração nem-nem” são dois fenômenos que ocorrem na mesma faixa etária da população, mas que são diferentes e evidenciam as diferenças de classe e gênero.

Uma das primeiras matérias sobre o tema de prolongamento da coabitação familiar no Brasil foi em 1999, na Revista Galileu, chamada “a doce vida dos filhos-cangurus”. Ela contém uma entrevista com a educadora Tânia Zaguri sobre seu livro de orientação educacional, chamado “Encurtando a Adolescência”, e chamava atenção para a parentalidade. O tom da reportagem remete à diferença entre as gerações dos anos 70 e 80 em relação à atual, identificando o prolongamento da coabitação como natural nas classes médias brasileiras e definindo como motivos para isso: a falta de limites dada pelos pais e também a uma base segura conseguida pela família de origem, a qual o jovem não desejaria abdicar. Também aponta que esses pais romperam com os modelos conservadores de suas famílias de origem e acabaram confundindo autoridade com autoritarismo, passando também a distorcer os conceitos da Psicologia e Psicanálise (cada vez mais divulgados nos meios de informação) a respeito da necessidade de apoio irrestrito à família, rompendo com um modelo chamado de “ditatura de proibicionismo”. Isto parece ter levado aos pais a ter outro comportamento em relação aos seus filhos, adotando modelos de superproteção, comodismo e ênfase no consumismo, na medida em que dariam tudo para os filhos para agradá-los. Neste sentido, segundo a reportagem, foram os pais que trouxeram esta realidade para esta nova geração, que passou a valorizar estes ideais.

Uma reportagem da Folha de São Paulo, em 2005, chamada apenas “Geração Canguru” também aponta os pais como culpados por este fenômeno, uma vez que eles têm tentado serem amigos dos filhos, sendo excessivamente permissivos, sem estabelecer limites e os mimando, através de bens de consumo. A reportagem indica que este comportamento dos pais leva aos jovens estarem cada vez mais hedonistas e consumistas e menos resilientes e autônomos para lidar com a vida. No mesmo ano e com uma reportagem com o mesmo nome “Geração Canguru”, a Gazeta Digital (2005) entrevistou alguns jovens nestas condições e embora também tenha chamado o grupo de “adultescentes”, apontou que a questão tinha aspectos de comodismo, mas também de ordem financeira e emocional. Nesta mesma reportagem foi convidada a psicóloga Marluce da Costa Calesso para dar um depoimento sobre este tipo de comportamento, que ponderou a situação da autonomia a depender do tipo de relação entre pais e filhos e afirmando que a sua conquista poderia ocorrer também morando com os pais, mas que, se a relação fosse mais fechada e rígida, os filhos poderiam sofrer uma espécie de infantilização, ficando mais dependente dos pais. Desta forma, ao dar voz aos envolvidos e aos profissionais, a conotação negativa desta situação de

prolongamento foi um pouco relativizada. Ainda assim, o tom da reportagem sugere uma relação com comodismo e falta de autonomia destes jovens adultos.

Em relação às publicações acadêmicas, Henriques (2003) realizou uma pesquisa com sete famílias de classe média da zona sul do Rio de Janeiro, na qual pais e filhos adultos (idade superior a 26 anos) moravam juntos e os filhos tivessem cursando a graduação. A pesquisadora buscou ouvir pais e filhos em separado, com o objetivo de conversar sobre a convivência entre essas duas gerações e que tipo de situações elas vivenciavam. Identificou alguns temas em comuns entre pais e filhos: evitação dos conflitos e tentativa de se manter o ambiente familiar harmônico; desierarquização e uma convivência mais horizontal, baseada no diálogo e negociação; alto investimento afetivo dos pais em relação aos filhos; sentimentos ambivalentes dos filhos tendo satisfação pelo comodismo proporcionado, mas com necessidades de manter um espaço próprio privado; pais tendo respeito à privacidade dos filhos, mas com desejo de contatos mais frequentes com eles; o assunto sobre a saída de casa parece ser delicado para ambos.

Ao analisar este fenômeno, a autora buscou uma interpretação a partir da psicanálise em interlocução com a sociologia. Posicionou esta geração atual como uma adolescência prolongada em uma cultura atual que valoriza os ideais da juventude como o hedonismo e a liberdade. Ao mesmo tempo, indicou a existência de uma forte influência do individualismo, quando ao mesmo tempo traz uma mensagem de ser livre, mas que não dá apoio necessário para tanto, fazendo com que a família seja o suporte emocional mais forte. Isto fica mais evidente no artigo de Henriques, Jablonski e Féres-Carneiro (2004), traçando um paralelo com as gerações das décadas de 1960 e 70, período em que os pais destes jovens eram os jovens da vez. Segundo os autores, esta época foi marcada por uma busca de liberdades individuais e ruptura com os ideais da geração anterior, trazendo a esses pais um desejo de maior investimento na parentalidade e prolongamento do vínculo afetivo, tornando a família o maior refúgio frente às incertezas do mundo, mas sem cerceamento da liberdade. Isto acabou resultando numa mensagem de duplo vínculo (BATESON ET AL., 1956; GIBNEY, 2006), com os pais ao mesmo tempo incentivando a autonomia dos jovens, mas os tratando de uma maneira que indica que eles fiquem.

Interessante notar também uma equivalência com outro trabalho bem mais antigo, justamente no fim de década de 70, quando muitos dos pais desta geração atual estavam vivenciando conflitos com a geração anterior. Salem (1980) entrevistou oito famílias também da zona sul do Rio de Janeiro, na qual coabitavam jovens de 18 a 25 anos e seus pais. Apesar da diferença de idade dos

filhos, foi possível perceber como algumas questões no convívio de pais e filhos ainda ecoam para esta geração atual, uma vez que o contexto econômico das classes econômicas pesquisadas (média e alta) foi o mesmo. Considerando a situação econômica favorável em que essas famílias se encontravam, não existia premência dos filhos se desprenderem dos pais tão cedo em busca de melhores condições. Aliado a isto, estes pais zelavam pelo modelo de reprodução de seus legados, exigindo que os filhos homens se dedicassem aos estudos para obterem sucesso profissional futuro e controlando as mulheres nos aspectos afetivo-sexuais, conforme os valores de "papéis" sexuais da época. Ao mesmo tempo que exigiam controle e vigilância, os pais deviam permitir que os filhos ensaiassem uma vida autônoma e isso trouxe aos poucos a ambivalência de uma necessidade de abertura e o conflito entre o novo e a tradição. Esses valores ambíguos provavelmente tiveram impacto em como esses jovens passaram a exercer a própria paternidade, seguindo um modelo de evitação dos conflitos diante das novas gerações, mas ainda com um legado das gerações anteriores que foi transmitido.

> Mesmo quando os filhos infringem valores paternos, evidencia-se em seus discursos a incorporação e a persistência de elementos da visão de mundo do acusador. Nessa medida, o desafio que a nível manifesto se dirige contra os mais velhos constitui sem dúvida, um desafio a si próprios – mais precisamente, aos itens culturais transmitidos por seus pais, enraizados pelos jovens e dos quais estes procuram se desvencilhar. (SALEM, 1980, p.210)

Nesta década atual, tal como o fenômeno, continuaram as reportagens da mídia sobre este tema e novas pesquisas foram realizadas, dentre as quais selecionamos algumas. A Revista Isto É (2013) com a reportagem "os filhos cangurus" retrata um filho de 36 anos que morava com os pais e acumulou dinheiro com sua profissão para ir estudar nos Estados Unidos. Sua renda profissional era poupada e ele não ajudava com as despesas de casa, um comportamento que era aceito e estimulado pelos pais. O foco da reportagem está na busca pela melhoria educacional e no sentimento de inadequação ao mercado de trabalho, pois esses jovens sentem que merecem mais do que é oferecido. A revista também convidou a psicóloga Mariana Figueiredo para comentar sobre o ocorrido, que ressaltou que os pais também possuem medo de encarar o período de envelhecimento sozinhos ou ainda em lidar com a renovação do casamento, podendo tomar atitudes que podem "mal acostumar" estes filhos para que estes fiquem.

Figueiredo (2013) lançou um livro chamado "Geração Canguru, Ninho Cheio: Filhos adultos morando na casa dos pais". Neste livro, baseado em sua dissertação de mestrado, ela fez uma pesquisa com seis famílias na cidade de São Paulo, de camada média ou alta, com pais e filhos de

27 a 35 anos que moravam juntos, mas seu foco foi em como os pais vivenciavam o prolongamento, com as entrevistas sendo realizadas apenas com estes. Os pais entrevistados relataram ter uma boa convivência e não terem preocupação em relação ao momento de saída de casa. Esta boa convivência, no entanto, estava permeada por um incômodo sobre o pouco tempo despendido pelos filhos em casa, apesar de morarem juntos. Outro aspecto percebido foi o orgulho e a satisfação que os pais apresentaram em relação ao sucesso profissional de seus filhos e como eles veem com naturalidade este prolongamento, embora acreditem que possuem certa contribuição para tanto. Isto vai de encontro à representação de senso comum, do filho adulto morando em casa como sendo um peso para seus pais, sendo que os resultados da pesquisa também indicaram que os "papéis parentais" apareceram supervalorizados, aparecendo em segundo plano as vivências e os "papéis conjugais".

Munhoz (2012), em uma pesquisa realizada com sete famílias de classe média de São Paulo, aponta que o mesmo fenômeno apresenta motivos e características diferentes para os membros familiares, seja de impossibilidade financeira de sair da casa dos pais, ou devido a uma relação simbiótica emocional com a mãe, ou ainda de "não fazer sentido" sair da casa dos pais sem estar casado. No entanto, a autora identificou a presença de um sentimento negativo nos filhos, de desconforto e fracasso, por não corresponderem à expectativa social dos pais e deles próprios, em relação à conquista da independência, o que impactava também no convívio entre pais e filhos. Nesta pesquisa, a responsabilização dos filhos pela situação é atenuada e dá lugar a variáveis psicossociais para cada família, com a nomenclatura de "geração canguru" não sendo utilizada.

Uma reportagem de Heloísa Mendonça no diário El País (2017) intitulada "Geração canguru, os jovens que escolheram não sair de casa" focou na permanência dos filhos como uma escolha, considerando que a maioria destes possuem condições financeiras para sair e manter uma casa própria. Esta reportagem foi republicada nas redes sociais e acabou sofrendo críticas de internautas pelo título e sendo rebatida pela página "Caneta Desmanipuladora", que tem por objetivo alterar as manchetes de notícias diversas, apontando para um viés nas publicações. Neste caso, o título foi alterado por "[...] os jovens que não conseguem sair da casa dos pais." (CANETA DESMANIPULADORA, 2017), indicando ainda que esta situação não seria uma tendência geracional, mas uma situação conjuntural na qual existe especulação imobiliária, alta taxação do consumo, desemprego crescente e cada vez menos possibilidades de estabilidade profissional.

Müller (2018), em sua dissertação de mestrado, entrevistou quatro famílias buscando identificar a percepção de pais e filhos adultos que moravam juntos sobre juventude, autonomia e valores na região metropolitana de Salvador, na Bahia. Os filhos, também chamados pela autora de “cangurus”, disseram o que entendiam pela categoria de “jovens adultos” baseados sobretudo na expectativa de formação profissional e deste ser um período de transição da diversão para as responsabilidades. Os pais também apontaram que esta fase é uma transição que ocorre num contexto atual muito diferente da época deles, marcado por uma piora socioeconômica do país. Os pais tinham uma expectativa de futuro mais voltada para os filhos serem felizes profissionalmente, mas também em relação a ter um (a) cônjuge e constituir família, algo que não foi tão mencionado pelos filhos. A religiosidade também foi apontada nos valores passados de pais para filhos e enfatizaram a importância da família para educação e suporte social.

Embora o nome “geração canguru” seja bastante utilizado para a demarcação do tema, outras denominações são utilizadas para identificar certas características dos jovens na atualidade. Kublinowski e Rodrigues (2014) preferem utilizar “gerações cangurus”, no plural, enfatizando a pluralização e singularização das trajetórias de construção da adultez, retirando um possível caráter disfuncional desta forma de organização familiar. “Ninho cheio” é outro nome utilizado acerca do mesmo fenômeno, destacando a nuance de uma nova configuração familiar, no lugar de salientar aspectos desenvolvimentais dos filhos isoladamente. Vieira e Rava (2010) utilizam este termo, indicando que este convívio não é necessariamente problemático, indicando que é possível entender o fenômeno como uma nova categoria do ciclo de vida familiar num certo contexto socioeconômico. Rambo et al. (2018), no mesmo sentido, apontam que o “ninho cheio” é um fenômeno multidimensional influenciado pelo competitivo mercado do trabalho, relação com as figuras parentais e questões emocionais da dinâmica familiar. Este fenômeno também vem sido relacionado a características da adultez emergente, sobretudo de adiamento das responsabilidades adultas. Geração Y e *Millenials* são outros nomes referentes a esta categoria de jovens, mas sem enfatizar esta questão de prolongamento da coabitação dos pais e sim a certas características de comportamento da geração atual, as quais não pretendemos nos estender neste trabalho.

Após avaliar estas reportagens e publicações, identificamos que o prolongamento da coabitação tem sido avaliado a partir de perspectivas diferentes: da perspectiva de filhos que não querem crescer, de pais que mimam seus filhos, de uma configuração familiar mais frequente, de uma nova fase de ciclo de vida, sobre a perspectiva social de conjuntura econômica e, às vezes, a

partir de uma mistura destes ingredientes. A maioria das pesquisas fizeram um recorte de classe, buscando famílias de classe média e alta, seguindo a tendência apontada nos dados dos institutos estatísticos. Como fenômeno recente, entendemos que há muitas perguntas e muitas tentativas de respondê-las, mas há ainda poucas pesquisas sobre o assunto e seus resultados indicam muitos motivos distintos, a depender das famílias pesquisadas, demonstrando não poder generalizar suas características para sua compreensão.

Percebemos, no entanto, a supremacia de um teor negativo, inclusive sobre a nomenclatura "geração canguru", utilizada em muitas reportagens e publicações e cuja metáfora se relaciona ao grande período que os marsupiais ficam na bolsa da mãe. A analogia a este nome contém a ideia de que estes filhos apresentam desenvolvimento lento e são extremamente dependentes da família. O nome "geração canguru" parece estar de acordo com uma perspectiva de desenvolvimento e dos ciclos de vida tradicionais, na qual é esperado que os jovens cumpram certas expectativas de acordo com sua idade cronológica e baseado na ideia de que sair da casa dos pais é considerado um evento primordial para o jovem adquirir sua independência, sendo o prolongamento desta coabitação considerado um bloqueio ao desenvolvimento (NAHAS, 1995).

Singly (2000) indica que os jovens atualmente recebem mensagens contraditórias em relação à vivência da autonomia e a realidade que lhes é imposta. Ao mesmo tempo que são estimulados a serem autônomos o mais cedo, com aspectos de maior liberdade sexual, democratização das relações interpessoais e geracionais e direitos legais de beber e votar, eles se deparam com uma dependência econômica em relação à família ou programas de assistência, considerando o alargamento de período de escolarização e as dificuldades de entrada e de manutenção no mercado de trabalho. Sendo assim, esses filhos experimentariam uma "autonomia sem independência" e a permanência na casa dos pais não seria exatamente um indicador de bloqueio de desenvolvimento com um todo, mas sim de um aspecto importante que influencia na aquisição da autonomia e de um sintoma dos paradoxos contemporâneos.

Cavalli (1997) concorda com a existência deste paradoxo e afirma que ele se manifesta também no sentido de quanto maior autonomia o jovem se sente em relação à família, mais dependente da mesma ele aceita tornar-se. Isto significa que haveria um novo sentido das relações pais e filhos, marcadas por menos conflitos geracionais e um contexto onde prevalece este tipo de convívio. Indica ainda que este modelo não ocorre apenas em famílias de classe média ou alta, mas também nas outras classes, sem que isto seja um indicador de bloqueio no desenvolvimento, uma

vez que estar na mesma residência não significa necessariamente uma proximidade emocional. Além disso, ele afirma que a decisão dos jovens de ficarem na casa dos pais por mais tempo é, sobretudo, racional. Ele indaga que com as dificuldades atuais no mundo, não faz sentido antecipar a entrada na vida adulta e assumir estas responsabilidades, com todo o esforço que isto requer, se isto pode ser adiado em prol de um bem-estar diário.

Contemplamos na fala dos entrevistados, tanto nas reportagens como nas pesquisas, uma ambivalência de sentido que dá margem a outro olhar, menos pejorativo que o nome "canguru" proporciona. Boa parte de pais e filhos indicaram que estão usufruindo de benefícios mútuos, manifestando um ambiente saudável, de boa comunicação, suporte emocional, com respeito às individualidades e anseio por um bom futuro. Por outro lado, também foi percebido uma sensação de mal-estar em alguns filhos que continuam morando com os pais, por não cumprirem certas expectativas. Esta situação nos indica que há muito a ser pesquisado e ponderado em relação a estas famílias. Talvez a desvalorização deste fenômeno mostrado por algumas publicações tenha muito a ver com um olhar tradicional de papéis de pais e filhos que ainda compreende valores normativos, mas há um indicativo de que a autonomia parece estar em constante negociação, algo a ser avaliado nos próximos capítulos.

1.4 **O prolongamento do convívio em contextos: diferenças socioculturais**

Em 2013, a presidente do IBGE na época, Wasmália Bivar, afirmou em entrevista que a "geração canguru" é um fenômeno mundial e que quanto mais rico é um país, mais os filhos querem ficar mais tempo com os pais (QUAINO, 2013). Constatamos, conforme a discussão a seguir, um aumento de casos da coabitação de jovens e pais em vários países, mas apesar disso, os motivos e características diferiam um pouco entre si, levando em consideração a tradição sociocultural. As mudanças socioeconômicas parecem afetar a todos, mas elementos como a condição econômica do país, grau de investimento público e valores culturais de proximidade com a família, modificam os modos como ocorrem o convívio familiar. No próprio Brasil é possível perceber que as diferentes regiões apresentam dados bastante diferentes sobre o fenômeno. Por exemplo, na Região Sudeste, o prolongamento do convívio com os pais representava 26,76% dos jovens enquanto na Região Norte este quantitativo foi de 18,5%, salientando como as diferenças socioeconômicas parecem influir para o fenômeno (ver anexo A).

Dutra-Thomé (2016) aponta para a necessidade de se considerar essas diferenças socioeconômicas na realidade brasileira para melhor compreender as trajetórias para a vida adulta. Observa que há diferenças marcantes entre as regiões, com desigualdade educacional e econômica nos segmentos da população. Isso traz dificuldades para inserção no mercado de trabalho ou promove empregos com salários mais baixos, dificultando a independência financeira da família de origem. A autora questiona até que ponto o prolongamento na transição da vida adulta é um fenômeno também observado em famílias com baixas condições econômicas. O período de exploração de identidades nos jovens com melhor condição financeira é maior, mas praticamente não existe em jovens de condições pobres, pela demanda deles assumirem responsabilidades mais precocemente. A oportunidade de se dedicar mais aos estudos e se prepararem melhor para uma profissão é diferente, pela necessidade de compor financeiramente a renda familiar e terem que assumir um trabalho. Além disto, o modelo educacional dos pais é frequentemente baixo e o contexto é de vulnerabilidade e escassez de recursos, impactando diretamente em dificuldades diversas e trazendo o foco na sobrevivência. A dinâmica familiar também se modifica, com o fluxo de riqueza não vindo de cima para baixo (dos pais para os filhos), mas em paralelo ou por vezes de baixo para cima (dos filhos para os pais). É frequente a coabitação da família extensa e da participação de vizinhos no ambiente familiar. Desta forma, salienta para a necessidade de não generalizar os estudos sobre esta transição para vida adulta.

Cabe ressaltar que a literatura da Psicologia e da Sociologia da Família, ao longo da história, privilegiou as camadas médias e altas para análise e que a realidade das camadas mais pobres é bem distinta. Flandrin (1991) indica que nessas famílias, a dinâmica sempre ocorreu atrelada às condições econômicas e materiais e sendo assim, não houve tanto distanciamento da comunidade. No contexto brasileiro, as pesquisas privilegiaram a análise de um modelo de família baseado nas classes médias e altas e, é somente a partir das décadas de 70 e sobretudo 80, com o trabalho de antropólogos, que se buscou diferenciar os contextos. Como referências, citamos o trabalho de Duarte (1995; 1999) e Sarti (1996) enfatizando o caráter cultural, holístico e relacional, centrado na divisão de responsabilidades e no valor moral das famílias das classes populares. Outro trabalho importante é o de Velho (1981), que pontua o individualismo como uma marca específica das camadas médias e que parece não ser tão encontrada nas classes mais pobres, ou pelo menos, não como nas demais. Cabe destacar que a antropologia, em seus estudos sobre a família, contribuiu

bastante para a desnaturalização da categoria família nuclear, propondo novos arranjos e apontando para as diferenças nas configurações em outras culturas.

Uma peculiaridade no Brasil são os chamados “puxadinhos”, que são a construção de casas ou de outros andares num mesmo terreno, abrigando em grande parte, familiares. Esta realidade, muito observada nas camadas socioeconômicas mais baixas tem origem desde a época colonial, resultante das desigualdades entre as elites e o povo. Este tipo de construção teve um grande crescimento nas décadas de 40 e 50 com o grande movimento migratório que ocorria das áreas rurais para as áreas urbanas, sobretudo nas grandes metrópoles, sendo observado também novo crescimento na década de 80, a chamada “década perdida”, marcada por estagnação econômica, aumento da desigualdade e consequentemente do aumento de moradores de favelas e periferias (BERQUÓ, 2000; FERREIRA, 2009). No entanto, há reflexos dos “puxadinhos” nas outras classes sociais, embora por outras razões, provavelmente relacionado à afetividade com a família. É muito comum vermos filhos, após a saída da casa dos pais, morando em casas vizinhas, num mesmo prédio, condomínio, vila e bairro com poucos quarteirões de distância entre eles. Esta realidade é um reflexo também dos valores culturais de laços familiares mais fortes.

Anderson (2008) destaca algumas mudanças no cenário brasileiro nas últimas décadas e como esta transição tem ocorrido de maneira diferente para determinados grupos. Menciona as diferenças entre a população urbana e rural, ricos e pobres, homens e mulheres. Na área rural, os jovens saem da escola mais cedo e iniciam no mercado de trabalho antes que os residentes de área urbana. A maternidade tende a ser mais cedo também nos moradores de zona rural. Jovens de melhor situação econômica tendem a ficar mais tempo na casa dos pais. Sobre a diferença de gênero, afirma que a transição ainda é delimitada mais pela entrada no mercado de trabalho para os homens e pelo casamento e maternidade, para as mulheres. Sobre o casamento, os jovens ainda têm bastante expectativa, mas uma proporção significativa prefere a coabitação antes de formalizar este novo estado civil. Cada vez mais a decisão de casar é adiada, fazendo com que o nascimento do primeiro filho ocorra mais tarde. Sobre a maternidade, verifica-se uma relação com o nível educacional, com as mulheres que possuem menos estudo, sendo mães mais cedo. A sexualidade, cada vez mais, é dissociada da vida conjugal e do casamento. O envelhecimento da população é um fator que tem propiciado um aumento da permanência dos filhos na casa dos pais, indicando uma mudança de comportamento desses jovens para esta escolha da permanência.

Corseuil, Santos e Foguel (2001) realizaram um estudo em quatro países da América Latina (Brasil, Chile, Peru Honduras) com o objetivo de identificar fatores que determinam a escolha dos jovens entre estudar, trabalhar, exercer ambas as atividades ou nenhuma delas. Foram identificadas diferenças de gêneros e de decisões de acordo com os países, sendo que a categoria que mais cresce entre os homens é a de trabalhar e estudar ao mesmo tempo e entre as mulheres, é a de não trabalhar e nem estudar, relacionando esta decisão aos afazeres domésticos e maternidade. Ressalta-se que o nível de escolaridade dos pais parece ter relação com a decisão dos filhos, uma vez que quanto mais escolaridade os pais tinham, maior a chance dos filhos se dedicarem exclusivamente aos estudos.

Semelhante ao Brasil, outros países da América Latina convivem com grande desigualdade em relação às classes socioeconômicas e isto também deve ser levado em consideração na análise da coabitação entre pais e filhos adultos. Os setores de classe alta parecem se assemelhar a países desenvolvidos no acesso à educação e à tecnologia, mas as classes baixas convivem com poucas oportunidades de ascensão na carreira e os jovens acabam tendo a renda do trabalho convertida para a ajuda de suas famílias. A *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* - CEPAL (2004) pesquisou jovens entre 15 e 29 anos em 17 países latinos em 2002, constatando que mais de metade vivia com suas famílias nucleares e davam muito valor a estas relações familiares. Wainerman (2003) indica que na Argentina está ocorrendo grandes modificações nas famílias, sobretudo nos papéis de gênero, mas com variações de acordo com a classe social. Apesar da maior inserção feminina no mercado profissional, o trabalho doméstico ainda é visto como algo de responsabilidade delas, impactando no modo como homens e mulheres se relacionam nas suas famílias de origem e nas novas relações conjugais.

O prolongamento da coabitação possui características diferentes em países de outros continentes. Estatísticas da União Europeia mostram que em países de cultura latina como Portugal, Espanha, Itália e Grécia, bem como em países do centro europeu como Hungria, Romênia, Bulgária e Polônia, o quantitativo de jovens de 25 a 34 anos é ainda maior que no Brasil (Bezbujnicul, 2015). Consultando a série histórica, identifica-se um aumento de jovens de 18 a 34 anos que moram com os pais, no período de 2007 até 2011, que é relacionada com o aumento do desemprego desses jovens. Já em outros países, tidos como potências econômicas, como Inglaterra, França e Alemanha, os quantitativos de jovens coabitantes com os pais são pequenos, com poucas variações

(SCRUBS, 2014). Para melhor observação, apresentamos nos anexos A, B e C, gráficos com os dados mencionados sobre os cenários do Brasil e Europa.

Pais, Pappámikail e Cairns (2005) apresentaram a diversidade de modos de vida da juventude na transição para a vida adulta, demonstrando que as diferenças de investimento do Estado Social refletem nas necessidades das famílias se posicionarem na linha de frente como apoio emocional e econômico, tendo isto estreita relação com o fenômeno de prolongamento da coabitação. Os autores entendem que os jovens têm ficado mais tempo na casa dos pais como uma reinvenção dos novos trajetos para a vida adulta em resposta às transformações nas dimensões pública (precarização do mercado de trabalho) e privada (flexibilização das formas de organização familiar). As diferenças nos países também indicam relação com a cultural local, uma vez que os valores de independência e individualismo em países como a Holanda e Inglaterra são historicamente mais estimulados de que em países como Portugal e Espanha (que possuem uma tradição de fortes vínculos familiares e sentimentos de temor quanto ao futuro), e na Itália, aonde os autores apontam uma dependência muito forte à família de origem e mesmo a existência de um sentimento de acomodação.

Pais (2001 *apud* BRANDÃO ET AL., 2012, p.306) afirma que "é possível que a geração dos adultos e idosos, que usufrui de estabilidade financeira, procure proporcionar maior liberdade aos jovens, mesmo quando estes já dispõem de rendimento próprio". Este cenário estaria de acordo com a teoria da adultez emergente, em relação à característica desta fase de permitir ao jovem um período maior de exploração e experimentação, favorecendo uma constituição de identidade. Scabini (2000), ao avaliar os dados de prolongamento da coabitação na Itália, mostra preocupação de que a família possa trazer uma espécie de cristalização que impede a individuação, desencorajando os jovens a sair do "ninho", mas apontando para existências de vantagens recíprocas deste convívio, sobretudo no suporte relacional.

Mais recentemente, alguns estudos buscam entender a relação entre as dificuldades econômicas e o aumento nas taxas de coabitação na Europa. Mazzotta e Parisi (2017) afirmam que a Europa tem experimentado muitas dificuldades desde 2008, devido a uma recessão econômica mundial, impactando profundamente no processo de transição da juventude para a vida adulta. Argumentam que as taxas de desemprego e as dificuldades financeiras das famílias aumentaram muito, sobretudo para a população mais jovem. Foi constatado um aumento da taxa de coabitação em 17 países pesquisados, mas com diferenças entre eles, que se referem ao regime de políticas de

Bem-Estar Social, o acesso ao emprego e à cultura. Identificaram que os recursos monetários dos pais têm associação com a decisão dos jovens de saírem de casa, ou seja, com a família cada vez mais assumindo um papel relevante de suporte financeiro. Também apontaram que, nos países em que é culturalmente melhor aceito estender o período na casa dos pais, como Itália e Espanha, os "custos" psicológicos desta decisão parecem ser menores que em países sem esta tradição, como em países nórdicos e continentais (França, Bélgica, Alemanha, por exemplo).

Esses dados são consistentes com outras pesquisas feitas nos últimos anos no continente europeu, como em Lesnard, Costeaux, Chanvril e Le Hay (2016), que pesquisaram 20 países para entender as diferenças históricas na transição para adultez. Após a Segunda Guerra, quando a economia começa um período de expansão em todo o mundo, a transição era mais curta, com os jovens tornando-se independentes da família mais cedo e com grandes diferenças para homens e mulheres. Os dados indicam que a entrada das mulheres no mundo do trabalho vem reduzindo a diferença nos caminhos desta transição, mas ainda relacionado às políticas do Estado e que, aos poucos, o casamento vem deixando de ser uma etapa nesta transição, considerando a sua ocorrência cada vez mais tarde.

Nos Estados Unidos, um país de tradição individualista, onde os jovens são estimulados a saírem de casa tão logo entrem na faculdade, também foram encontrados dados de aumento dessa coabitação entre filhos e pais. Dados de Parker (2012), do *Pew Research Center*, apontam um recorde de 33% entre os jovens de 25 a 29 anos que convivem com outra geração, superando o maior quantitativo de convívio com outra geração, que datava da década de 40, de 32%. Os analistas do Instituto atribuem este aumento à chamada "geração bumerangue", que se caracteriza por filhos que, ao não conseguirem o êxito profissional almejado, retornam a casa dos pais em busca de um apoio financeiro.

Ponciano (2017) afirma que quanto maior a liberdade promovida culturalmente, tanto a adolescência quanto este período de transição para a vida adulta são determinados mais individualmente e menos socialmente. Sendo assim, nas sociedades tradicionais, haveria menor liberdade individual e o modo pelo qual se define e se vivencia a vida adulta seria mais definida pela comunidade, sendo socialmente marcada por eventos como o casamento. Já em sociedades ocidentais industriais e pós-industriais, o casamento tende a ocorrer depois que um sentido subjetivo de vida adulta é alcançado. Devemos então investigar a questão da permanência na casa dos pais, levando em consideração também essas variações culturais, uma vez que a saída da casa

dos pais pode ser um marcador social de entrada na vida adulta, mas não necessariamente ocorre junto ao sentido subjetivo. É necessário ponderar as características da cultura e a da socialização e não generalizar este fenômeno como tendo uma causa única e padronizada.

Machado (2001) aponta que a realidade brasileira, em qualquer análise social, deve levar em consideração as modalidades locais, uma vez que apresenta uma história de colônia, com valores ainda presentes e muito distintos do modelo norte-americano ou europeu. Indica que nem no Brasil, nem em outros países da América Latina, se alcançou o estado de Bem-Estar Social ou se generalizou o direito dos cidadãos e que é preciso olhar para a noção de família, de sociabilidade e da noção de indivíduo, levando em consideração suas raízes históricas. Assim, a autora rechaça qualquer tentativa de homogeneizar as análises das famílias contemporâneas, salientando a necessidade de ponderar as riquezas das diferenças e das reinvenções possíveis das diferenças, como podemos incluir a questão do prolongamento do convívio entre pais e filhos adultos na mesma casa.

Diante das diferentes perspectivas culturais e em articulação com aspectos socio-históricos e desenvolvimentais, os quais são explorados em outros tópicos, percebemos que o fenômeno do prolongamento da coabitação entre pais e filhos pode ser analisado por diversos ângulos e todos eles apresentam pontos de convergência. Identificamos que as transformações e os desafios contemporâneos que se apresentam em nossa sociedade vêm modificando as expectativas, percepções e vivências das famílias, influenciando as demandas desta geração, que se preparam para as responsabilidades da vida adulta, ao mesmo tempo que trazem remodelagens e mesmo rupturas com os modelos tradicionais de desenvolvimento e valores das gerações anteriores.

A análise deste maior tempo de convívio de pais e filhos sob o mesmo teto é multicausal e complexo e, mesmo com todos os diversos pontos de vista levantados, corremos o risco de omitir alguns. Ainda assim, percebemos que há alguns pontos em comum de certas características nos discursos, atreladas às nuances sociais tais como: o aumento do período da escolarização, a alta flexibilidade e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, o adiamento do casamento e da parentalidade, o individualismo. Essas modificações sociais se refletem nas famílias, que cada vez mais têm assumido o papel de suporte diante do afastamento da esfera pública do bem-estar social, com marcantes diferenças de classe, gênero e política social. Estes elementos influenciam no quanto que ficar em casa é uma escolha ou uma necessidade.

2 FAMÍLIA: DO TODO PARA AS PARTES E DAS PARTES PARA O TODO

Barnes (2004) aponta que a família é contextualizada a partir de duas áreas de investigação. A primeira, descrita como “universal”, demarca questões que todas as famílias passam, como por exemplo: nascimento, organização da parentalidade autoritária e do poder, distribuição entre os membros familiares e interdependência versus autonomia. A segunda diz respeito a como esses fatores “universais” são moldados por cada família particularmente: a estrutura, a organização e comportamento diário, pelo qual ocorre a negociação interna. Trazendo estas considerações para a pesquisa com famílias, devemos atuar em ambas as áreas, salientando as influências diversas do mundo externo, bem como a capacidade da família de dar sentido e de se organizar internamente, observando a interdependência entre os membros familiares.

É juntando essas noções, tanto no caráter universal quanto na sua dinâmica interna, que, neste capítulo, buscamos entender conceitos que atravessam o campo da família a partir de uma epistemologia da teoria sistêmica de família, destacando os fenômenos individuais num contexto de relações familiares. Entendemos que as decisões tomadas, tanto pelas famílias quanto pelos membros individualmente, são mutuamente interdependentes em algum nível. Conforme diz Grandesso (2006), o pensamento sistêmico enfatiza os contextos e a postulação de uma causalidade circular para os fenômenos, favorecendo a abertura do campo para a interdisciplinaridade e amplia as fronteiras de compreensão da pessoa para além do cunho psicológico. Portanto, este referencial permite articular visões de mundos diferentes como a Psicologia do Desenvolvimento, a Sociologia, a História, a Antropologia, entre outros, desde que guiado por um fio condutor.

O referencial sistêmico também pode ser considerado uma epistemologia, dissonante da visão comum do mundo positivista que apresenta causalidade linear, empirismo lógico e posiciona o indivíduo em contraposição à sociedade. A epistemologia sistêmica compreende a realidade como dinâmica e contextual, sem desconsiderar a interioridade, mas a compreendendo dentro de um jogo relacional que a constitui (GRANDESSO, 2006). Sendo assim, o fenômeno do prolongamento da coabitação de pais e filhos, que foi no primeiro capítulo contextualizado psicossocialmente, aqui também é analisado, tanto pelo viés intrapessoal como o inter-relacional, ou seja, considerando a complexidade de sua rede de relações e de sua multicausalidade (MORIN, 1992).

Realizar uma pesquisa a partir de uma concepção sistêmica configura-se num desafio à medida que reconhecemos a existência de enfoques diferentes e concorrentes, atuando sobre um mesmo tema e que a realidade não pode ser explicada a partir de um único ângulo. Analisamos os membros da família, tanto individualmente como na relação entre si, reconhecendo pontos de interseção. Observamos os jovens enquanto filhos coabitantes, compreendendo os conceitos importantes como identidade, autonomia, diferenciação de *self*, apego e ansiedade de separação nesta fase do ciclo vital e como eles se coadunam para a permanência em casa e a relação com os pais. Também analisamos os desafios dos pais, em relação à parentalidade e da conjugalidade, bem como as influências culturais e de transmissão intergeracional, buscando realizar uma proposta integradora.

2.1 **Filho (a)s: articulações do self**

2.1.1 Identidade

Ao longo do tempo, vários autores buscaram conceitualizar a identidade, sendo que a mesma vem passando por muitas transformações, na medida em que ela também está ligada às práticas sociais. Hall (2003) afirma que a identidade atualmente é diferente daquela cunhada na Modernidade, que era mais ligada ao pensamento cartesiano e a uma noção de indivíduo que colocava o homem no centro do mundo e na busca pela razão diante da emoção. Para ele, houve algumas alterações na percepção sob a posição de homem no mundo, caracterizada por cinco descentramentos: a influência do pensamento marxista, que traz a necessidade das considerações históricas e da coletividade para a construção de mundo; a influência da psicanálise, que traz a noção de inconsciente e de que o homem não está no controle das suas vontades; a influência da linguagem em Saussure como formador de significado social e de acordo com a cultura; o pensamento de Foucault, que traz a influência do poder, da disciplina e das instituições na constituição de sujeito e, por último, o pensamento feminista, que rompeu com um modelo de papéis de gênero e influenciou na adesão de identidades de grupo. Atualmente, no que ele considera mundo pós-moderno, a noção da identidade moderna estaria em crise, sendo substituída por outra identidade, fragmentada, transitória, efêmera e sujeita a jogos de identificação, sem referenciais sólidos.

Neste sentido, Neuenschwander (2002) indica que a identidade deve ser investigada como um processo contínuo e dinâmico ao longo do tempo, contendo conotações psicológicas, sociais e desenvolvimentais. Essa abordagem multiforme se vincula a noção de um pensamento complexo e sistêmico, que busca articular as dimensões diferentes. Investigamos a formação da identidade deste jovem adulto, passando pelos seus fatores intrapessoais, interpessoais e culturais em interações e de acordo com o contexto e época de vida. É preciso atentar que a definição de identidade ainda possui problemas, considerando esta multiplicidade de sentidos, sendo que às vezes tem sido substituída pelos termos *self*, personalidade e caráter, de acordo com o quadro teórico utilizado (COSTA, 1991). Neste trabalho, utilizamos os termos *self* e identidade como sinônimos, reafirmando a interligação entre os aspectos biopsicossociais e não apenas enquanto um autoconceito ou percepção de si, conforme alguns autores utilizam.

Um autor referência para o estudo da identidade é Erik Erikson, que apesar de sua teoria ser da década de 70, ainda permanecesse sendo muito atual devido ao seu caráter psicossocial e por ser ancorada no contexto e no período de desenvolvimento, relacionados entre si. Erikson (1987) afirma que cada pessoa se desenvolve a partir das necessidades internas do seu ego (pensamento de raiz psicanalítica, mas com deslocamento do foco nas questões sexuais para as relações humanas), mas também das exigências do seu meio. Assim, sua personalidade vai se formando, a partir das experiências vividas e dos conhecimentos adquiridos ao longo do desenvolvimento. No curso deste desenvolvimento, há uma sequência fixa de oito estágios marcados por crises e conflitos com que o indivíduo se depara, ficando o ego melhor estruturado diante da resolução destas crises ou fragilizado, quando o êxito não é alcançado. Estes conflitos podem não ser completamente solucionados e novas experiências podem transformar os efeitos das experiências vivenciadas nos estágios anteriores, de modo que o desenvolvimento não é irreversível. Os estágios, apesar de cada um ser marcado por conflitos próprios, são relacionados entre si e o enfrentamento de uma crise, num determinado período, pode fazer reviver o conflito de outro período. Podem ainda ocorrer crises simultâneas, sobretudo se um conflito não foi bem resolvido, o que pode influenciar na maneira pela qual o indivíduo se conceitua e se relaciona com os outros.

Observando a faixa etária dos jovens nossa pesquisa (25 a 35 anos), estaríamos no sexto estágio de desenvolvimento, marcado pela tensão entre intimidade e isolamento. Nesta fase, o indivíduo se prepara para os relacionamentos estáveis e íntimos com outras pessoas, no âmbito da amizade, amor romântico e união sexual, devendo desenvolver competências para aceitar o

convívio com outro ego, sem o sentimento de vulnerabilidade. Uma boa resolução desta crise significa a possibilidade de uma boa associação de parceria e também de conseguir se sentir bem, mesmo estando sozinho, mantendo a segurança de si. Alguém que permanece por muito tempo sem estabelecer algum tipo de compromisso, seria indicativo de uma dificuldade de resolução desta crise e uma prevalência para o isolamento, contendo sentimentos de insegurança e de perda da própria identidade. Analisando uma característica prevalente nos jovens coabitantes de atualmente, a do adiamento do casamento, é possível debater se há uma má resolução neste conflito. No entanto, nos chama a atenção outro conflito, do estágio psicossocial anterior, que ocorreria antes do desenvolvimento da intimidade, que é o próprio desenvolvimento da identidade.

O quinto estágio de Erikson (1987) seria próprio da adolescência e ocupa um lugar de destaque no desenvolvimento psicológico do indivíduo. Nesta fase, o indivíduo está sujeito a várias mudanças, de ordem biológica (maturacionais), psicológicas (cognitivas e afetivas) e sociais. É uma etapa em que se faz necessária a integração das resoluções dos dilemas dos estágios anteriores (sentimento de confiança de si e no outro, sentido de autonomia e responsabilização para expressão dos seus desejos e necessidades, capacidade de iniciativa para agir produtivamente e ter autocrítica e sentido de competência para o aprendizado e reconhecimento social) para a resolução da chamada "crise de identidade". O indivíduo, na faixa etária de adolescente, começa a construir uma imagem do que é e do quer ser, preocupando-se com sua imagem e com suas responsabilidades da vida adulta. São comuns os dilemas sobre a escolha e investimento na carreira educacional e profissional e uma experimentação de papéis antes da definição. Esta experimentação é chamada de moratória psicossocial e o indivíduo acaba tendo mais possibilidades de escolher o quer e o que não quer para a sua vida.

A primeira característica da adultez emergente proposta por Arnett (2000) se refere à exploração ao nível de identidade, tanto nos domínios individual, familiar e laboral e a isto ele chama de "idade da instabilidade". É interessante constatar que este conceito se assemelha à moratória, mas durando mais tempo, como se atualmente a experimentação começasse na adolescência, visando à construção da identidade e se prolongasse na adultez emergente. No entanto, para Erikson (1987), isto ocorre devido a uma má resolução da crise nesta etapa, ocorrendo uma confusão e difusão da identidade, ocasionando uma espécie de descomprometimento com a vida, sem objetivos definidos e inibição das escolhas de vida. Isto levaria a possíveis sentimentos de incapacidade, baixa autoestima, culpa e vergonha por não conseguir assumir plenamente as

responsabilidades de uma identidade adulta. Já no caso de Arnett (2000), esta exploração ainda faz parte desta etapa, em decorrência das mudanças sociais e o jovem é descrito como "autocentrado", mais hedonista e com um sentimento ainda de não ser nem adolescente nem adulto, mas numa fase transitória. Nesta última visão, não haveria este sentimento negativo da falha de resolução da crise, mas uma maior prevalência de uma ambivalência, de uma expectativa positiva em relação à vida adulta, mas também de incerteza e ansiedade, sendo simultaneamente um período de liberdade e de novos receios. Ou seja, a proposta da adultez emergente traz consigo os desafios psicossociais de uma adolescência prolongada que estende também o período da moratória tanto em relação aos desafios sociais e desenvolvimentais pontuados por Erikson (1987), quanto no sentido subjetivo, conforme indica Arnett (2000), dentro de um contexto próprio das sociedades industrializadas e pós-industrializadas.

Tanner (2006) introduz o conceito de "recentramento" como uma característica da adultez emergente, pela qual atualmente os jovens nesta fase estão transitando de uma dependência parental própria da adolescência para uma independência e autonomia da vida adulta. Para a autora, a adultez emergente é bastante marcada por transformações na relação entre pais e filhos, no âmbito do poder, da agência (autorregulação sobre a intencionalidade dos atos) e da responsabilidade, de modo que o "recentramento" é um processo para o alcance da autossuficiência. O modelo proposto contém três etapas, sendo que na primeira ocorrem as transferências legais de responsabilidades e as expectativas sobre o jovem começam a se alterar, na segunda começam a ocorrer negociações de responsabilidades e o jovem adentra numa espécie de "semidependência" em relação à família, ainda possuindo dependência financeira, mas com maior liberdade de decisões e na terceira, o jovem assume as responsabilidades sobre si e sobre os compromissos da vida adulta, deixando de lado o período exploratório.

2.1.1.1 Identidade Profissional

Uma dimensão da identidade muito importante nos dias atuais se refere à área profissional. Vimos anteriormente que há cada vez mais a necessidade de uma melhor preparação para o ingresso e êxito no mundo profissional, culminando com mais anos de estudos e a decisão de investimento e exploração para a identificação com uma carreira. Este investimento é cada vez mais valorizado pelos jovens e sua importância parece ter estreita relação na decisão de adiar eventos como o

casamento e a constituição da própria família. Arendt (2005) faz referência ao *homo faber* como o sujeito do mundo contemporâneo que coloca o trabalho na centralidade de sua vida e se identifica através dele. Um exemplo disto está em quando alguém vai falar sobre si, menciona a sua profissão como a primeira característica identificatória. O termo *faber* se refere ao fazer, à atividade produtiva das pessoas como uma condição posta à vida humana, ou seja, enfatizando o critério de utilidade à sociedade, na medida em que o indivíduo "existe" quando produz.

Guimarães (2005) indica que o trabalho mudou de sentido apenas recentemente, após a década de 70, quando os jovens deixaram de vivenciar uma segurança da passagem para a vida adulta com trabalho garantido, para uma inserção aleatória marcada pelos percalços da individualização e das incertezas do futuro. O trabalho passa a ser atrelado a um sentido de realização pessoal e a um s*tatus*, aliado à passagem para a etapa de conquista da independência dos pais. A importância do trabalho também impacta na valorização da escolarização, cujo período acaba estendido, pela busca de melhor qualificação para o sucesso na vida profissional.

A entrada no mercado de trabalho também é considerada marco social de entrada na vida adulta, no entanto, é possível perceber também uma experimentação da identidade profissional, na medida que os jovens podem passar por vários empregos e formas de trabalho e carreiras diferentes, em função desse caráter exploratório. A experimentação ocorre tanto devido à busca de sentido quanto de reconhecimento, mas pode ocorrer por necessidade, devido às dificuldades de sucesso no mercado de trabalho. Cabe ressaltar que o sentido do trabalho é diferente mediante a classe econômica, pois nas classes populares é muito comum que o jovem trabalhe desde cedo para ajudar a família. Neste sentido, o trabalho não apenas apresenta uma relação com a autonomia e conquista de um *status*, mas de colaboração, mostrando as diferentes faces do individualismo nas classes sociais. É interessante constatar ainda que a entrada no mercado de trabalho cada vez menos é atrelada a saída da casa dos pais, uma vez que não fornece garantias de estabilidade e, por vezes, não gera renda necessária para a possibilidade de se ter independência. Do mesmo modo, o retorno à casa dos pais, muitas vezes ocorre por uma questão financeira, seja devido ao desemprego, ao salário baixo ou mesmo ao divórcio, no qual não há mais divisão da renda com o (a) parceiro (a), e a renda individual acaba não sendo o suficiente para arcar os custos de morar sozinho.

2.1.2 Diferenciação de *Self* e Autonomia

A exploração e a formação de uma identidade para o jovem também têm relação com a busca da crescente autonomia, caracterizada por um maior conhecimento de si mesmo e uma diferenciação em relação aos pais. A conquista da autonomia ocorre a partir da relação com a família e tem estreita ligação com a formação de uma identidade adulta. Ponciano e Féres-Carneiro (2013) indicam que o prolongamento dos filhos na casa dos pais faz com que o processo de autonomia seja vivido no interior da família e que esta diferenciação não acontece sem os pais, mas com eles. Para as autoras, "a participação dos pais fomenta a autonomia num contexto de disponibilidade e presença [...sendo] importante que esses pais continuem sendo uma fonte de apego seguro, trabalhando o equilíbrio continuado entre a conexão e o aumento da autonomia" (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014, p.390).

Um importante conceito que se refere à conquista da autonomia é o de diferenciação de *self*, cunhado por Murray Bowen (1991) por meio de uma visão sistêmica, na qual existe uma interdependência na relação emocional entre pais e filhos e que influencia diretamente nesta capacidade dos filhos de formação de um *self* autônomo. Dentre as várias correntes dentro da abordagem sistêmica familiar, a teoria sistêmica familiar de Bowen estabelece que a separação entre o funcionamento racional e o emocional é uma capacidade exclusiva do ser humano, aprendida ao longo da vida, na interligação com seu sistema familiar. Esta teoria indica que somos regidos por duas forças que buscam se equilibrar: a individualidade e a proximidade. A individualidade impulsiona o ser-humano a se desenvolver como alguém emocionalmente separado e a alcançar uma autonomia, através do seu funcionamento intelectual, e a proximidade o impulsiona em direção à busca do amor, da aprovação e dos vínculos com os outros (KERR; BOWEN, 1988).

A diferenciação de *self* é um conceito ao mesmo tempo intrapsíquico e interpessoal. No nível intrapsíquico, está a capacidade de autorregulação emocional, que atua nas escolhas de vida e no discernimento de que as mesmas estão mais guiadas por componentes emocionais. Já no nível interpessoal, está a capacidade de preservar a autonomia, ao mesmo tempo que se experiencia conexão e intimidade com os outros, vinculada à força de proximidade e aos componentes racionais que atuam para o desenvolvimento da individualidade (SKOWRON; FRIEDLANDER, 1998). A criança, ao nascer, é indiferenciada em relação à sua família e, com o passar do tempo e tendo

contato com outros sistemas sociais, deve conseguir equilibrar as duas forças, sendo capaz de se relacionar sem perder a sua individualidade. A diferenciação ocorre ao longo de toda a vida, mas é principalmente nesta etapa, que vai da adolescência até a entrada na vida adulta, que este processo se acentua, sendo marcado por diferenças biopsicossociais. Em suma, a diferenciação de *self* é a capacidade de alguém diferenciar pensamento e emoção e também de conseguir afirmar sua singularidade frente aos valores familiares.

Bowen (1991) propõe a existência de uma escala na qual as pessoas transitam ao longo da vida, sendo num extremo a baixa diferenciação e no outro a alta diferenciação. Esta última, embora seja desejável, não é alcançada em sua totalidade, considerando a existência de uma ligação emocional familiar saudável. Uma pessoa com pouca diferenciação é alguém que se mantém fusionado emocionalmente, não conseguindo, por exemplo, tomar decisões com base na razão, preocupando-se com a aprovação dos outros, tendo dificuldades de dizer não e de se responsabilizar, tendendo a repetir os mesmos padrões de relacionamento que sua família e reproduzi-los nos próprios relacionamentos, dentre outras características. Alguém com alta diferenciação, pelo contrário, é alguém capaz de tomar decisões por si próprio, sendo mais seguras e convictas, mas sem ser dogmáticas, possuindo a capacidade de respeitar a opinião alheia e dos seus pais, mas ter a sua própria, assumindo a responsabilidade pelas consequências e se sentindo mais livres e flexíveis para assumir sua identidade. O processo de diferenciação requer que alguém consiga alcançar sua autonomia e sua diferenciação perante a família ao mesmo tempo que mantém uma relação emocional com a mesma (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

A escala proposta por Bowen, nunca chegou a ser colocada em prática pelo autor e existia como um conceito teórico até ser operacionalizada por diversos autores (BRAY; WILLIAMSON; MALONE, 1984; ANDERSON; SABATELLI, 1992; SKOWRON; FRIEDLANDER, 1998; SKOWRON; SCHMITT, 2003 *apud* MAJOR ET AL., 2014). Detalhamos mais a frente, como uma das escalas operacionalizadas, um dos instrumentos utilizados em nossa pesquisa – Escala de Diferenciação de *Self*, versão revista (DSI-R). Por ora, informamos que ela é dividida em quatro subescalas denominadas Reatividade emocional, Posição do eu, *Cut-off* emocional e Fusão com os outros, conceitos oriundos da teoria de diferenciação de *self*, e que se relacionam com os níveis intrapsíquico e interpessoal.

> A subescala Reatividade Emocional mede a tendência das pessoas para responder aos estímulos ambientais com base em respostas emocionais automáticas. A Posição do Eu avalia a medida em que os indivíduos têm claramente definido o sentido do *self*. O *Cut-*

> *off* Emocional mede o distanciamento emocional e comportamental, assim como os medos de intimidade ou sufoco nas relações. Por fim, a Fusão com os Outros se refere à indiferenciação relativamente aos outros. (MAJOR; MIRANDA; RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ; RELVAS; 2014, p.103)

Reforçamos que a diferenciação de *self* se baseia numa interdependência entre os membros da família, sendo que uma emoção individual é influenciada pelo balanceamento entre as forças de individuação e de pertencimento comum a todos os sistemas. Esta tensão pode acarretar em sintomas, tais como a ansiedade crônica (BOWEN, 1991). Para o autor, o propósito da terapia com famílias é ajudar a cada um desses membros a alcançar o nível mais alto de diferenciação, pois a família é um sistema emocional em que todos se influenciam, tanto nos subsistemas conjugal, parental, como na família extensa, pelo processo de transmissão intergeracional. A diferenciação é uma via de mão dupla, pois tanto os filhos precisam se diferenciar de seus pais quanto os pais de seus filhos, uma vez que é possível que os pais "usem" seus filhos para completar seus *selves* parciais pouco indiferenciados em relação aos seus próprios pais, num processo chamado de "ligações emocionais não resolvidas". A escolha do cônjuge e o modo como eles se relacionam também sofrem influência da diferenciação de *self* com a família de cada um dos pares. Uma fusão emocional seria acarretada devido a estas ligações mal resolvidas, na qual ocorre uma ansiedade crônica e se expressa por várias formas, sendo que pode haver uma dependência psicológica e até mesmo simbiose entre os membros, quando isto ocorre com maior intensidade (KERR; BOWEN, 1988). Portanto, a avaliação da diferenciação do *self* pode ser um fator para o prolongamento da coabitação.

Fiorini et al. (2018) realizaram uma revisão integrativa do conceito de diferenciação de *self* em artigos empíricos internacionais e indicaram que, no contexto brasileiro, o termo ainda é pouco utilizado, sendo verificado apenas em quatro artigos, todos de cunho qualitativo, sobre dificuldades de relacionamento com os pais (REIS; RABINOVICH, 2006), diferenciação na relação conjugal (BUENO ET AL., 2013; MARTINS; RABINOVICH; SILVA, 2008) e um relato clínico (PELLEGRINI; SILVA; BARRETO; CREPALDI; 2008). Em relação aos artigos ao redor do mundo, de 2012 a 2016, foram encontrados 38 artigos que variavam os temas entre a validação da escala em diferentes países, a investigação do constructo, ensaios teóricos e correlação com sintomas fisiológicos e transtornos mentais, bem-estar psicológico e relacionamento interpessoal, relação conjugal e funcionamento familiar. Foram verificadas correlações positivas entre a alta diferenciação de diferenciação de *self* e o bom desenvolvimento da saúde mental e física, bem

como para uma boa convivência familiar, mas cabe ressaltar que este conceito ainda vem sendo testado em amostras de culturas distintas, havendo a necessidade de maiores investigações.

Em relação à conquista da autonomia, embora esse termo não seja tão utilizado por Bowen (1991), é uma consequência de uma boa diferenciação de *self*, demarcando a necessidade de equilíbrio para um bom ajustamento emocional da família. Mais recentemente, o constructo da autonomia também tem sido mais estudado e explorado. Em numa perspectiva desenvolvimental, ela é relacionada ao domínio psicossocial, indicando que é um processo ativo, orientado pelos pais e marcado por uma ambivalência do desejo ser independente e preservar a ligação com a família (SPEAR; KULBOK, 2004). Noom, Dekovic e Meeus (1999) dividem a autonomia em três habilidades diferentes: atitudinal ou cognitiva (capacidade de criar metas e pensar sobre seus atos, desejos e escolhas), funcional ou condutual (capacidade de autorregulação para encontrar formas de resolver problemas por si próprio) e emocional (capacidade de se sentir independente dos desejos dos pais e dos outros). Em comparação com o conceito de diferenciação de *self*, não há esta distinção de habilidades, pois ela se insere numa visão individualista, enquanto no conceito "boweniano", a perspectiva individual e relacional são dois polos de um mesmo processo, enfatizando a ligação emocional que existe entre os membros de uma família. Neste trabalho, pela ligação com o conceito de diferenciação de *self* de Bowen, nosso foco é nessa faceta emocional da autonomia.

Cabe ressaltar que, embora a autonomia seja vinculada a uma boa diferenciação de *self*, é preciso levar em considerações outros fatores, como, por exemplo, o contexto, o estilo parental de educação e o apego (LAMBORN; STEINBERG, 1993; FUHRMAN; HOLMBECK, 1995; ALLEN ET AL., 2002 *apud* REICHERT; WAGNER, 2007). Por isso, a autonomia isoladamente não prediz um bom clima emocional na família, podendo haver outros fatores que interferem no bem-estar. Os níveis de autonomia devem ser analisados culturalmente, considerando que, em certas culturas, a ligação emocional de pais e filhos é valorizada e a separação pode causar sofrimento, como foi constatado em pesquisas sobre a diferenciação de s*elf* na Turquia, Coréia do Sul, Japão, Tailândia e Itália (ERDEM; SAFI, 2018). Do mesmo modo, é necessário relativizar o espaço da casa como o definidor de autonomia, uma vez que filhos podem estar morando juntos, mas com espaço o suficiente para conquistar sua diferenciação com os pais ou, por outro lado, estarem morando separados e continuarem dependentes emocionalmente dos pais. O prolongamento da coabitação dos filhos pode estar relacionado à autonomia, mas não deve ser o único fator.

2.1.3 Apego e Ansiedade de Separação

Aylmer (1995) destaca que existe um problema em relação à maioria dos estudos sobre o desenvolvimento dos jovens adultos e o ciclo de vida, à medida que eles se centram na idade cronológica e no desenvolvimento da carreira, enfatizando a importância da individuação e da separação, mas deixando de reconhecer a igual importância do apego. A teoria do apego afirma a existência de uma necessidade humana de vinculação e ligações afetivas de proximidade que deem segurança e possibilitem a exploração confiante do *self*, dos outros e do mundo (AINSWORTH; BOWLBY, 1991). Uma base de apego segura fornece segurança para o desenvolvimento saudável, enquanto uma vinculação do tipo inseguro ou ansiosa pode trazer implicações para o indivíduo que se desenvolverá com maior medo de abandono e consequentemente mais inseguro de si.

Embora essa teoria tenha sido focada na relação dos filhos enquanto crianças, uma boa ligação emocional se desenvolve ao longo do tempo, em uma dinâmica comportamental entre pais e filhos na busca do equilíbrio entre a proximidade e a exploração, ocorrendo também nas etapas de aquisição da autonomia, como a adolescência e entrada na vida adulta. Ainsworth (1985) indica que uma experiência de apego insegura tem consequências para a vida adulta, e pode ocorrer, por exemplo, de os pais incentivarem a independência desde muito cedo e a criança associar isto a sensações de abandono, trazendo consequências para uma baixa autoestima e influenciando nos padrões de vinculação a outras pessoas. Isto quer dizer que as formas de apego entre pais e filhos na primeira infância ainda reverberam na vida adulta e acabam influenciando a forma de ligação emocional também com os outros, baseada em modelos de si (níveis de ansiedade e dependência) e disponibilidade do outro (BARTHOLOMEW; HOROWITZ, 1991). Na etapa da adolescência e pós-adolescência, o apego ocorre numa relação mais recíproca entre filhos e pais, que não necessitam de um contato físico tão intenso, mas ainda se veem ligados emocionalmente (KINS; SOENENS; BEYERS, 2003). Ao relacionar a autonomia e o apego nos jovens, Ryan e Lynch (1989) indicam que um apego seguro com os pais facilita a aquisição da autonomia, sendo processos interdependentes e complementares.

Nichols & Schwartz (1998) indicam que o apego emocional seria um dos aspectos da diferenciação na alternância entre a ansiedade de separação e a de afiliação. A ansiedade de separação se caracteriza por um sentimento negativo, que ocorre tanto nos pais quanto nos filhos, de se sentir sozinho e desamparado diante da expectativa de separação (CASSIDY; SHAVER,

2016). Algumas pesquisas correlacionam esta ansiedade com os estilos de apego e também com o processo de diferenciação de *self* em relações diádicas e de satisfação marital (MOFRAD ET AL., 2010; PELEG ET AL., 2014). Lampis e Cataudella (2019) realizaram estudos da diferenciação de *self* correlacionada aos estilos de apegos em adultos, identificando que a reatividade emocional e um baixo nível de cuidado paternal são bons preditores de ansiedade e que o *cut-off* emocional também prediz a evitação, oferecendo suporte a uma possível integração entre a teoria de apego e a teoria de sistemas familiares, sobretudo a partir de Bowen. Desta forma, a associação destes conceitos também pode ser levada em conta, na análise do prolongamento da coabitação de pais e filhos.

2.2 **Pais: entre as relações parentais e a conjugais**

Enquanto as preocupações dos jovens nesta etapa de vida se referem principalmente aos estudos, profissão e vida amorosa, seus pais passam por outro momento, tendo também suas próprias ambições, desejos, medos e ansiedades. Muitas questões dos pais se relacionam também com as expectativas a respeito do futuro dos filhos. Se levarmos em consideração a idade dos filhos de 25 a 35 anos, estes pais podem se encontrar na faixa etária de 40 a 60 anos, levando em consideração ainda a possibilidade da maternidade mais cedo nas mulheres. Nesta faixa etária, os pais estão inseridos em três subsistemas familiares principais, o parental em relação aos seus filhos, o parental em relação aos seus próprios pais e o conjugal com seu parceiro ou sua parceira. Além disso, a relação com o trabalho parece ter maior estabilidade e podem ser iniciados planos e preparações para aposentadoria, ou mesmo investimento em desejos de trabalhos que não puderam realizar ao longo da vida. Outra possibilidade em relação ao subsistema conjugal é o divórcio e o recasamento, que cada vez mais ocorre em nossa sociedade em várias culturas distintas (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Carter e McGoldrick (1995), baseadas no ciclo de vida individual e na sociedade americana de classe média, propõem a existência de um ciclo de vida familiar dividido em seis estágios, nos quais ocorrem alguns processos emocionais de transição e mudanças nas relações familiares. Nesta proposta, os ciclos individuais ocorrem dentro do sistema familiar e concomitante a ele, havendo uma estreita ligação. Considerando a faixa etária pesquisada neste trabalho, o estágio corresponde ao de “lançando os filhos e seguindo em frente”, no qual os filhos saem da casa dos pais, levando a uma mudança da preocupação com a parentalidade para outras possibilidades. As dificuldades

desta transição para os pais fazem com que muitos deles tenham sentimentos de tristeza e solidão, buscando às vezes, terem uma ligação ainda maior com os filhos, diante desta iminente saída. Isto pode acarretar na chamada de "síndrome do ninho vazio", muito estudada nos anos 90 pela sua grande incidência, sobretudo nas mulheres que tinham na maternidade e cuidado doméstico uma ocupação central (SARTORI; ZILBERMAN, 2009).

O fenômeno de prolongamento da coabitação parece, no entanto, ter características mais próximas a uma etapa anterior no ciclo de vida familiar, num prolongamento do estágio "famílias com adolescentes" (embora esses filhos não sejam mais adolescentes, mas jovens adultos ou adultos emergentes, de acordo com a perspectiva adotada). Um processo emocional chave desta etapa é, justamente, o aumento da flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a autonomia dos filhos e relativização da hierarquia (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014). Os pais assumem um papel importante no desenvolvimento dos filhos ao longo de todo o ciclo de vida, sendo que nesta etapa, a conexão emocional, o encorajamento e o suporte oferecido têm muita relevância para o bem-estar dos filhos e de todo o sistema familiar. As relações com os filhos passam por uma mudança, havendo um deslocamento de um poder disciplinar para uma maior comunicação e negociação de acordo com a faixa etária. Indaga-se, no entanto, até que ponto o suporte familiar dado pelos pais é tanto ao ponto de se transformar numa superproteção, originando os chamados "pais helicópteros", caracterizados também por um alto nível de atenção, envolvimento e controle (RAINEY, 2006).

Uma adaptação ao ciclo de vida familiar ao cenário atual e no contexto brasileiro, foi proposta por Cerveny (2009) com quatro estágios, sendo a "família em fase madura", a etapa posterior à saída da adolescência do filho, marcada também por este prolongamento da coabitação. O fenômeno do "ninho cheio" parece estar substituindo o "ninho vazio" e outra indagação é se não há uma relação entre eles, na medida em que pais que não sabem lidar com a saída dos filhos poderiam estar proporcionando as condições para que eles fiquem por mais tempo em casa, num cenário de dependência emocional para ambas as partes (CERVENY; BERTHOUD, 2007). Os sintomas de ansiedade de separação, que falamos em relação aos filhos, também podem ocorrer com os pais e são um indicativo de uma vinculação insegura e de baixa diferenciação de *self* entre ambos (MARTINS; RABINOVICH; SILVA, 2008).

Uma preocupação central nesta etapa para os pais se refere aos cuidados especiais com seus próprios pais ou com o (a)s sogro (a)s, que estão em idade mais avançada e podem requerer maior atenção, devido às condições de saúde. O cuidado com uma pessoa enferma pode gerar muitos

transtornos e estresse para a família, que precisa se adaptar a esta rotina, afetando toda a rede familiar, sobretudo aquele que fica no papel de cuidador central (BRITO; RABINOVICH, 2008). Ainda assim, com o aumento da longevidade e das condições de vida desta geração, é cada vez mais comum que esses idosos, que também podem ter a função de avós, terem condições boas de saúde e participarem ativamente da família, inclusive no cuidado e na educação com os filhos. Goldfarb e Lopes (2016) dizem que atualmente se observa uma diferença na função dos avós de épocas anteriores, na medida em que se aumenta a convivência entre as três gerações diferentes, com aumento também da coabitação junto aos avós. A terceira geração, cada vez mais, se encarrega pelo cuidado dos netos enquanto os pais trabalham fora, se responsabilizando até mesmo financeiramente. Dependendo do tipo de arranjo familiar, os avós podem mesmo assumir uma função parental na ausência dos pais. Há assim uma ligação emocional que perpassa a família nuclear e afeta tanto os pais quanto estes filhos.

Kagitçibasi (2007) indicou que as relações e os modelos familiares devem ser analisados diante da cultura de um país e que existem diferentes motivos, de acordo com este contexto, para que os estilos de parentalidade se desenvolvam. Em seu modelo de desenvolvimento do *self*, a autora inclui os fatores culturais e estilos parentais de cuidado, pontuando que uma identidade será mais interdependente, se o estilo parental é autoritário, com a criação sendo orientada para a obediência (*self* heterônomo-relacionado); será mais independente, se o estilo parental é relativamente permissivo, com a criação sendo orientada para o desenvolvimento da autoconfiança e autonomia (*self* autônomo-separado) e será interdependente emocional, se o estilo parental é autoritativo, com a criação sendo orientada para o diálogo e construção de argumentos para o desenvolvimento do controle e autonomia (self autônomo-relacionado). Os estilos parentais são estritamente dependentes do contexto sociocultural, sendo que em culturas com melhor condição socioeconômica e mais individualistas, a independência tende a ser mais bem aceita e valorizada enquanto que, em classes mais pobres, a autonomia e o relacionamento com a família são promovidos conjuntamente, devido à visão sobre a utilidade econômica da criança para o contexto familiar.

Além das parentalidades, a relação conjugal também merece atenção para o estudo de nosso fenômeno de coabitação, uma vez que os subsistemas familiares parental e conjugal estão integrados e as relações entre esses membros familiares acabam sendo interdependentes em certo nível. A relação dos pais afeta os filhos, num processo chamado por Bowen (1991) de triangulação, comum a todas as famílias, que ocorre quando um relacionamento entre duas pessoas se torna

instável e a ansiedade decorrente se expande para outra unidade. A triangulação pode ocorrer entre várias pessoas de subsistemas diferentes e mesmo para outras instituições, não sendo necessariamente patológica. No entanto, ela pode ser patológica, dependendo da intensidade desta ansiedade, de acordo com os níveis de diferenciação de *self* dos membros, sobretudo em níveis muito baixos. Os filhos são constantemente a terceira unidade triangulada numa crise conjugal entre os seus pais, podendo, inclusive, buscar aliança com um dos lados ou ter o problema projetado em si, respondendo também de maneira ansiosa. Numa situação de conflito conjugal que, por exemplo, culmine num divórcio, se há baixa diferenciação de *self* pode ocorrer uma troca de papéis, com um dos filhos assumindo o papel parental como resposta à mudança do sistema, mesmo que ele não queira (VIDIGAL; TAFURI, 2007).

Desta maneira, percebemos que o prolongamento do convívio entre pais e filhos também pode ser analisado por um prisma maior que englobe os subsistemas familiares. A decisão ou necessidade de permanecer em casa está imbricada a um sistema de relações interdependentes que afetam a rede extensa e mais de uma geração. Portanto, a perspectiva de Bowen (1991) de se olhar para a família como um sistema emocional interdependente nos parece um caminho promissor para entender os diferentes motivos e as formas de convívio familiar.

2.3 **Transmissão intergeracional: além da família nuclear**

O conceito de transmissão multigeracional foi cunhado por Bowen na década de 70, correspondendo a uma passagem do processo emocional da família através de várias gerações, e de cada um dos cônjuges (KERR; BOWEN, 1988). Este conceito está atrelado à diferenciação de *self*, uma vez que o nível de diferenciação dos pais é transmitido para os filhos, que por sua vez, podem reproduzir o mesmo padrão nas gerações seguintes, caso não consigam se diferenciar. Isto faz com que ocorram padrões emocionais repetitivos ao longo da família nuclear e extensa, sobretudo aqueles que foram cristalizados, podendo gerar problemas e sintomas. Para Bowen (1991), a transmissão multigeracional explica a origem de muitas questões levadas à terapia de família, tornando o seu objetivo principal o de auxiliar o paciente (individual, casal ou família) a aumentar os níveis de diferenciação de *self*.

Ferreira (1986 *apud* FALCKE; WAGNER, 2014) diferencia os termos mais comumente utilizados pela literatura de três maneiras distintas: transgeracionalidade, intergeracionalidade e multigeracionalidade. O prefixo *trans* denota os componentes que perpassam a história familiar e

se mantêm presentes ao longo das gerações, o prefixo *inter* denota a noção de passagem de uma geração a outra, sem considerar a permanência, e o prefixo *multi* denota a quantidade, enfatizando a presença de mais de uma geração. Os três termos designam o mesmo conceito e a utilização de cada um deles depende do que se pretende enfatizar da transmissão entre as gerações: atravessamento, passagem ou quantidade. Aqui, utilizamos o termo intergeracional, considerando que este termo é mais amplamente utilizado nas publicações sobre o tema numa perspectiva sistêmica.

A transmissão intergeracional é um conceito da abordagem sistêmica de família, tendo como um dos expoentes o terapeuta de família Murray Bowen, sendo nesta perspectiva, a maior utilização deste conceito. No entanto, podemos verificar que, no campo da Psicologia Clínica, a transmissão intergeracional tem sido utilizada em outras abordagens, como, por exemplo, na Psicanálise (principalmente pelo aporte teórico de transmissão psíquica entre gerações em Kaës et al (2001), embora conceitualmente diferente da transmissão multigeracional de Bowen, com conceitos próprios da abordagem tais como o inconsciente e a projeção como mecanismo de defesa). Também encontramos seu uso na Terapia Cognitivo-Comportamental (principalmente em Dattilio (2010), que utiliza o conceito de transmissão multigeracional de Bowen, mas acrescentando conceitos próprios da abordagem como cognições resultantes de crenças e de esquemas). É importante mencionar que a transmissão intergeracional utilizada em nossa pesquisa se baseia no referencial teórico da terapia familiar sistêmica de Bowen (1991) e de Carter e McGoldrick (1995).

Carrasco (2014) afirma que a transmissão intergeracional é como um enredo que transmite, incessantemente, o conjunto de características que compõem a história familiar, por meio dos consecutivos atores que a vivem, indo além da perspectiva de Bowen de transmissão emocional e incorporando outros aspectos como o funcionamento, os valores e as expectativas familiares. Penso e Costa (2008) dizem que as gerações recebem um legado de sua família de origem e são responsáveis pela repetição ou transformações dessas delegações. Como as famílias são instituições responsáveis pela socialização dos seus novos membros, elas compartilham e validam suas regras, comportamentos, mitos e crenças ao longo de toda a vida. As novas gerações tendem a repetir alguns padrões comportamentais ou a buscar incessantemente a sua ruptura, devido a este vínculo emocional (PRATTA; SANTOS, 2007). De modo mais incisivo, André-Faustier & Abertel (1998 *apud* FALCKE; WAGNER, 2014, p.26), afirmam que este processo se baseia “no pressuposto que todo o indivíduo se insere em uma história preexistente, da qual ele é herdeiro e

prisioneiro", uma vez que este indivíduo constitui sua identidade baseada nesse legado familiar, que determina o seu lugar e forma expectativas a seu respeito. Deste modo, a influência desta transmissão familiar ocorreria mesmo independentemente da interação do indivíduo com a geração familiar anterior (FALCKE; WAGNER, 2014).

Carter & McGoldrick (1995) acrescentaram à perspectiva multigeracional de Bowen, a atenção no ciclo vital familiar, conceituado como "um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram." (CERVENY ET AL., 1997, p.21). Essas etapas variam de acordo com o ciclo de vida, sendo chamados de transição ecológica por Carter & McGoldrick (1995). As transições podem ser de ordem previsível (transições normativas), incluindo o casamento, o nascimento do primeiro filho, entrada dos filhos na escola, saída dos filhos de casa, aposentadoria, bem como situações de divórcio e recasamento, morte dos pais, entre outras e de ordem imprevisível (transições não-normativas), incluindo mudanças por desastre natural, a perda precoce de um filho, um caso extraconjugal, perda de situação econômica, situações traumáticas, entre outras. O estresse familiar, geralmente, é maior nos pontos de transição de um estágio para outro, no processo de desenvolvimento familiar, pois acarretam mudanças significativas para toda a família. A expectativa de saída dos filhos da casa dos pais, quando não é bem quista, pode trazer sofrimento para ambas as partes.

Os estudos de transmissão intergeracional abrangem um grande leque de temas, entre eles a violência (SANT´ANNA; PENSO, 2017), os estilos parentais (MADDEN, 2015), os estilos de apego (SHAH; FONAGY; STRATHEARN, 2010), a transmissão cultural (TROMSDORFF, 2008; TAM, 2015), entre outros. Em nosso tema de pesquisa, pretendemos verificar como a transmissão de valores referentes a casamento, profissão e regras de comportamento têm influenciado no cenário de prolongamento da coabitação entre pais e filhos. Para tanto, é necessário investigar pelo menos três gerações, para entender como estes valores têm sido atualizados ou ressignificados por esta geração atual, tendo a diferenciação de *self* como um indicativo.

3 A PESQUISA COM AS FAMÍLIAS

Conforme vimos nos capítulos anteriores, o prolongamento da coabitação entre pais e filhos é um fenômeno que apresenta várias causas e consequências imbricadas que concorrem para a sua compreensão. Percorremos algumas modificações sociais que ocorreram nos últimos anos e que afetaram as dinâmicas familiares e os valores individuais, bem como as influências culturais. Diante da complexidade de cenários, utilizamos o paradigma sistêmico para articular os referenciais individuais e relacionais, observando como a transmissão intergeracional influencia as expectativas de vida. Desta forma, utilizamos Bowen (1991) como principal referencial teórico, tanto pela visão sistêmica quanto pela conexão entre os fatores intrapsíquicos e interpessoais do indivíduo até sua família nuclear e extensa, tendo a influência da transmissão intergeracional. Também aliamos a esta perspectiva, conforme proposto por Erdem e Safi (2018), o modelo de ciclo de vida de Carter & McGoldrick (1995), com sua interseção entre os fatores verticais da transmissão social, cultural e familiar e os fatores horizontais de desenvolvimento e imprevisibilidades ocorridas na linha do tempo, assim como a perspectiva sociocultural de Kagitçibasi (2002), enfatizando os estilos parentais e os padrões de apego, de acordo com a condição contextual.

Entendemos que o conceito de diferenciação de *self* é um indicador importante de como os filhos vêm se desenvolvendo no seio familiar, ainda que prolongando o período de coabitação, em comparação a outras gerações. Ele também pode indicar se o nível de autonomia vem sendo afetado por este convívio mais extenso ou se os filhos têm conseguido desenvolver dentro de casa as características esperadas de desenvolvimento de sua faixa-etária, formando uma identidade própria e autônoma. Ao mesmo tempo, entendemos que as famílias exercem um papel fundamental para permitir este desenvolvimento e, sendo assim, pesquisamos também como os pais entendem este fenômeno e qual a influência da transmissão intergeracional nos valores e emoções vivenciadas.

Este capítulo descreve a parte empírica deste trabalho, inicialmente levantando os objetivos e as hipóteses, bem como reconhecendo a interferência da reflexividade e a subjetividade do pesquisador na pesquisa. A metodologia, os métodos e os instrumentos também são apresentados com detalhes, de acordo com os objetivos propostos.

3.1 **Objetivos**

3.1.1 Objetivo Geral

Investigar a diferenciação de *self* e a transmissão intergeracional entre pais e filhos coabitantes de 25 a 35 anos.

3.1.2 Objetivos Específicos

- Comparar a diferenciação de *self* dos filhos que moram com os pais com a diferenciação daqueles que não moram mais com os pais;
- Identificar a influência de fatores intergeracionais na dinâmica familiar e na autonomia emocional;
- Identificar fatores psicossociais que contribuem para o prolongamento da coabitação.

3.2 **Hipótese**

Nossa hipótese é baseada na consideração de que as famílias vêm buscando adaptar as formas de convivência entre seus membros, diante das modificações socioculturais que reverberam em sua dinâmica. Acreditamos que essas famílias têm prolongado seu convívio por motivos diversos, afetando as dimensões psicológica, sociológica e econômica, mas que esta situação não necessariamente ameaça a autonomia e nem configura um bloqueio do desenvolvimento desses jovens. Desta maneira, supomos que a interdependência familiar existe independentemente do espaço físico de moradia e que a extensão deste convívio não acarreta necessariamente em indiferenciação, havendo espaço para uma diferenciação do *self* equilibrada entre pais e filhos coabitantes, não configurando uma dependência emocional e falta de autonomia.

Nossa hipótese é a de que o prolongamento do convívio entre os membros da família, principalmente entre pais e filhos coabitantes, não é impeditivo da diferenciação do *self* e do desenvolvimento da autonomia emocional.

3.3 **Metodologia**

A metodologia de nossa pesquisa é de cunho misto, combinando algumas técnicas dos métodos qualitativos e quantitativos e buscando tanto o exame dos dados obtidos, quanto à complementaridade das informações, conforme Small (2011) salienta, em uma perspectiva sequencial. Entendemos que ambos os métodos possuem vantagens e limitações e, em relação ao tema de nossa pesquisa, buscamos não apenas compreender melhor os padrões existentes, mas também algumas de suas nuances em cada família e indivíduo, numa perspectiva mais próxima a uma abordagem clínica.

Desta forma, dividimos nossa pesquisa em duas etapas, sendo a primeira quantitativa, com a utilização de um instrumento para medir a diferenciação de *self*, que se apresenta como um indicador de como os filhos coabitantes têm se desenvolvido diante da relação familiar e também com questionários sociodemográficos, a fim de caracterizar a amostra. A segunda etapa é de cunho qualitativo, com a realização de entrevistas com toda a família, buscando levantar certos aspectos das relações familiares neste convívio de pais e filhos adultos, sobretudo a percepção dos membros sobre este convívio prolongado. Igualmente importa entender como as gerações têm significado os valores transmitidos por seus pais para a sua realidade e, para tanto, fazemos uso do genograma, representando graficamente esta família e sendo um guia para as perguntas realizadas na entrevista.

3.4 **Reflexividade e subjetividade do pesquisador**

A epistemologia sistêmica considera também que o pesquisador interfere no objeto estudado, sendo importante entender quais as implicações subjetivas por todo o processo do projeto. Gough e Maddil (2012) apontam que a subjetividade no pensamento racional científico tem sido vista como algo a ser minimizado ou eliminado, mas que mesmo em pesquisas quantitativas é algo impossível de não ter influência. A subjetividade aqui é entendida como um constructo complexo, sendo constituída nas interações e na história de vida. Em uma pesquisa, ela se manifesta na relação pesquisador-pesquisado. Deste modo, levamos em consideração que, desde a escolha do tema de pesquisa até a condução da entrevista e análise das informações, a subjetividade do pesquisador está presente e atuante.

Antes da realização desta pesquisa, estive inserido num convívio prolongado familiar por um tempo, tendo saído de casa aos 28 anos e com um sentimento muito ambivalente de querer minha independência e autonomia, mas ao mesmo tempo sentindo culpa e medo por estar deixando o lar. Em minha família, assumi um papel de "substituto" do meu pai, após o divórcio de meus pais, que tinham uns 30 anos juntos, somando namoro e casamento. Eu tinha em torno de 14 anos e minha mãe voltou toda a atenção para a criação dos filhos, de modo que eu sentia que este era o objetivo de vida dela. Em sua fala, ela já disse algumas vezes que ficaríamos (eu e meu irmão) para sempre em casa. Ao conversar com ela sobre a saída de casa, ela demonstrou consternação e afirmou que poderia voltar caso não desse certo, mas me apoiou e viu isso como um processo natural e, após isso, passei inclusive a ter uma relação de maior proximidade emocional com ela (mais conversas íntimas e profundas sobre ela e seus sentimentos, algo que em minha família nunca houve tão forte).

Meu pai, por sua vez, já havia deixado de morar conosco há mais tempo e esteve menos presente neste processo. Quando disse a ele que estava pensando em sair de casa, o mesmo me deu apoio e ofereceu suporte na ajuda de procura de aluguel e outras coisas, se colocando como favorável a ideia. Seu suporte não foi tanto de cunho emocional, mas sim na parte financeira, na responsabilidade com o inquilino, contratos e outros. Posso observar hoje como é nítida a divisão de "papéis" masculinos e femininos na criação dos meus pais e na reprodução deste modelo que eles lidaram comigo e meu irmão. Ao pai, cabendo à formação do indivíduo do mundo para fora, e a mãe à regulação emocional interna.

Acredito que muitas crenças e valores transmitidos coexistiram para o meu sentimento na época de saída de casa. A ideia de um casamento que não deu certo (isto sempre foi passado pela minha mãe), a dificuldade de comunicação entre meus pais e a sensação de que o sentido de vida da minha mãe iria mudar com essa saída. Isso me deu as bases para pensar nesta pesquisa por meio da transmissão intergeracional.

A reflexividade se refere ao pensar sobre o próprio jeito de pensar do pesquisador e de entender em que momentos ele pode influenciar no objeto da pesquisa. Segundo Lizard e McAvoy (2017), é uma forma de pensar criticamente articulando os contextos que moldam o modo de fazer a pesquisa e, consequentemente, no conhecimento a ser produzido. O ponto é mapear quais as implicações, possibilidades e limitações existentes na pesquisa e incorporar a subjetividade do pesquisador a partir de um processo reflexivo ao longo da pesquisa. Diferente de uma abordagem

positivista, entendemos que há uma interferência no modo de conduzir a investigação sendo necessário se atentar para isto. Por exemplo, embora as questões formuladas sejam realizadas com base na literatura, a forma de fazer essas questões depende muito do momento da entrevista e de se perceber o estado emocional da família. Isto se refletiu também na elaboração dos itens do questionário, sobretudo na linguagem utilizada e na busca por um sentido nas questões propostas. Do mesmo modo, a subjetividade está presente no momento das entrevistas e nas interpretações dos dados, podendo ser explicitada.

3.5 **Método**

Realizamos um estudo transversal de caráter observacional, utilizando os métodos quantitativos e qualitativos sequencialmente, pois entendemos que os mesmos fornecem bases complementares de compreensão (SMALL, 2011).

Separamos, para fins didáticos, como foram estabelecidos os instrumentos, os critérios de inclusão e exclusão da amostra e métodos de coleta de dados, de aplicação da pesquisa e de análise dos resultados. Os instrumentos estão mais detalhados no próximo tópico.

3.5.1 Etapa Quantitativa

- **Critérios de inclusão da amostra:** No grupo 1, filho (a)s entre 25 e 35 anos de idade que moram com os pais. No grupo 2, filho (a)s da mesma faixa-etária, mas que já deixaram a casa dos pais.
- **Critérios de exclusão da amostra:** Não analisamos respostas de filho (a)s no grupo 1 que já tinham saído e retornado para a casa dos pais, uma vez que a saída anterior é um indicativo de conquista de independência, mesmo que temporária. Estes também não serão analisados no grupo 2, uma vez que o retorno também pode trazer novas relações que influenciam na autonomia. Em ambos os grupos não pesquisamos famílias com algum transtorno psiquiátrico crônico que afetem na decisão em prolongar a coabitação de pais e filho (a)s.
- **Instrumentos**: Questionário Sociodemográfico para filhos entre 25 e 35 anos que moram com os pais para caracterização da amostra e o Inventário de Diferenciação de Self-R para

dois grupos, sendo o grupo 1 de filho (a)s que moram com pais e grupo 2 de filho (a)s que não moram mais com os pais, para comparação dos resultados entre esses grupos.

- **Coleta de dados:** Quantitativo de pelo menos 30 filho (a)s em ambos os grupos 1 e 2. A seleção da amostra ocorre pelo método de amostragem "bola de neve" a partir de rede de contato do pesquisador e também por divulgação nas redes sociais.
- **Aplicação da pesquisa:** Ambos os instrumentos foram disponibilizados em formulário eletrônico para facilitar o preenchimento, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As principais vantagens foram a redução de custos, tempo e a não necessidade de locomoção e as desvantagens foram a restrição da amostra que deveria ter acesso à internet e ao computador, bem como o controle do pesquisador sobre o momento do preenchimento, restringindo a possibilidade de tirar dúvidas ou de garantir que os respondentes preenchessem ambos os questionários.
- **Análise dos resultados:** As respostas do questionário sociodemográfico foram analisadas por meio de planilhas e a partir daí foi feito um levantamento de estatística descritiva e gráficos para melhor representação. Os resultados do Inventário de Diferenciação de Self-R foram analisados utilizando o Teste T de amostras independentes no *software* estatístico *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*, além do Teste de Levene para identificar a homogeneidade da variância.

3.5.2 Etapa Qualitativa

- **Critérios de inclusão da amostra:** famílias coabitantes, desde que pelo menos um dos pais e o (a) filho (a) coabitante (entre 25 e 35 anos) participe da entrevista ao mesmo tempo.
- **Critérios de exclusão da amostra:** famílias cujos filhos saíram e retornaram, bem como famílias com transtornos psiquiátricos crônicos e/ou outras doenças que afetem na decisão de prolongar a coabitação.
- **Instrumentos**: Roteiro semiestruturado de entrevista e quadro branco para representação gráfica da família em genograma. Utilizamos também o Questionário Sociodemográfico e o Inventário de Diferenciação de Self-R para cada um dos membros da família.
- **Coleta de dados:** Não há um quantitativo mínimo exigido para a entrevista. As famílias foram convidadas durante e após o preenchimento da primeira etapa.

- **Aplicação da pesquisa:** As entrevistas foram realizadas na casa das famílias, tendo a presença de pais e filhos ao mesmo tempo. Não houve estabelecimento de tempo mínimo e o roteiro semiestruturado permitiu que outras indagações pudessem ser feitas. As entrevistas foram gravadas com a permissão das famílias e transcritas para serem analisadas. Houve também a permissão para representação gráfica pelo genograma da família extensa. Solicitamos também que os pais que participaram da entrevista e que não tinham preenchido os instrumentos quantitativos o fizessem. Nesta etapa também solicitamos preenchimento de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tanto para a entrevista como para os instrumentos.
- **Análise dos resultados:** As entrevistas foram analisadas pelo método análise de conteúdo (BARDIN, 2016) e os genogramas foram representados com auxílio do *software* "genopro", com o nome dos membros familiares trocados para manter o sigilo das informações. Também foram utilizados programas para edição de imagem a fim de inserir informações coletadas na entrevista no campo do genograma e com cores para facilitar o entendimento. Junto à análise do conteúdo, também analisamos as respostas dos instrumentos quantitativos, a fim de caracterizar melhor a família respondente e identificar o escore de diferenciação de *self* e suas subescalas. Utilizamos um diário de pesquisa (NADIN; CASSEL, 2006) para elucidar as práticas reflexivas do pesquisador.

3.6 **Instrumentos**

3.6.1 Questionário Sociodemográfico

Este questionário foi criado especificamente para esta pesquisa, a fim de caracterizar a amostra dos respondentes diante da população de famílias com coabitação prolongada. Além de perguntas como idade, renda, estrutura familiar, também fizemos questões sobre a satisfação com o momento atual, a expectativa de futuro e a percepção da influência que a família exerce sobre a decisão de manter a coabitação. O teor destas perguntas se baseia na revisão da literatura exposta nos capítulos 1 e 2 e nos desafios psicossociais segundo a fase do ciclo de vida, destacamos entre os principais: expectativa profissional e formação, relacionamentos amorosos e o vínculo emocional (CARTER; MCGOLDRICK, 2011).

São dois modelos de questionário, um a ser respondido pelo filho e outro pelos pais. Um cuidador que não seja pai ou mãe biológico pode responder o questionário, por entendermos a definição da família a partir da própria visão de cada família.

O modelo de questionário dos filhos se divide em quatro categorias, nas quais estão distribuídos os itens da seguinte maneira:

Tabela 1 – Distribuição dos itens do Questionário Sociodemográfico (versão filhos)

Categoria	**Itens**
Dados sociodemográficos	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 26
Satisfação com a situação atual	17, 21, 22, 27, 31
Expectativa em relação ao futuro	15, 16, 18, 19, 20, 23, 24, 28, 32
Percepção sobre a influência na permanência em casa	20, 25, 29, 30, 33

A divisão das categorias em satisfação com a situação atual, expectativa em relação ao futuro e percepção sobre a influência refletem nuances distintas do mesmo fenômeno, mas tendo uma inter-relação entre eles. A satisfação reflete o momento atual, a expectativa reflete o futuro e a percepção da influência não está atrelada nenhuma perspectiva temporal, embora possa fazer conexão com os outros, dependendo da trajetória de cada respondente.

O modelo de questionário dos pais é mais curto, por termos retirado a categoria de "Satisfação com a situação atual". Foram incluídas perguntas sobre a experiência dos pais na saída de casa, que podem ser indicadores de transmissão intergeracional, considerando uma possível repetição ou padrão de comportamento atreladas à categoria de "Percepção sobre a influência na permanência em casa". Algumas questões na categoria de "Dados sociodemográficos" tiveram alterações nas opções, diferenciando-se do questionário para os filhos. Outras questões foram eliminadas e algumas foram criadas especificamente para os pais, considerando a adaptação a este público específico.

Deste modo ficaram assim distribuídos as categorias e itens:

Tabela 2 – Distribuição dos itens do Questionário Sociodemográfico (versão pais)

Categoria	**Itens**
Dados sociodemográficos	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 24
Expectativa em relação ao futuro	18, 20, 21, 22, 23
Percepção sobre a influência na permanência em casa	16, 17, 19, 25, 26, 27, 28

Os questionários estão disponibilizados nos apêndices A e B. Ambos possuem uma instrução de preenchimento e apresentação do objetivo da pesquisa. Os Termos de Consentimento Livro e Esclarecido – TCLE estão disponibilizados nos apêndices C e D.

3.6.2 Escala de Diferenciação de *Self*-R

A escala proposta por Bowen foi operacionalizada por Skowron e Friedlander (1998) e revisada por Skowron e Schmidt (2003), originando o Inventário de Diferenciação de Self Revisto – DSI-R. Este instrumento se tornou importante para a validação do conceito, atualmente, sendo cada vez mais utilizado como uma medida no estudo com as famílias sob esta perspectiva. Apresenta quatro dimensões, sendo duas intrapsíquicas (reatividade emocional e posição do "eu") e duas interpessoais (*cut-off* emocional e fusão com os outros). A reatividade emocional se refere a como as pessoas se guiam mais p=ela emoção, sobretudo a ansiedade do que pela razão e a posição do "eu", que se refere a um senso de manter a própria opinião e estabelecer fronteiras com os demais. O *cut-off* emocional é o modo como alguém gerencia a intensidade emocional entre os membros e a fusão com os outros se refere ao nível de proximidade.

Este instrumento foi validado em Portugal por Major; Miranda; Rodríguez-González & Relvas (2014), e a partir dele, com a facilidade da tradução para a língua portuguesa, é utilizado nesta pesquisa com o intuito de medir o nível de diferenciação dos membros, com base na teoria de Bowen, que descrevemos no capítulo anterior. Com a aplicação desta escala podemos compreender e comparar os escores de diferenciação de pais e filhos.

A ficha técnica do DSI-R foi apresentada por Major et al. (2014) com as seguintes descrições das subescalas:

- Reatividade Emocional – Mede a tendência das pessoas para responder aos estímulos ambientais com base em respostas emocionais automáticas.
- Posição do Eu – Avaliar a medida em que os indivíduos têm claramente definido o sentido do *self*, tendo as suas próprias convicções, elaboradas com base na ponderação.
- *Cut-off* Emocional – Mede o limite ou distanciamento emocional e comportamental em relação ao(s) outros, assim como os medos de intimidade ou sufoco nas relações.
- Fusão com os Outros – Medida do sobre-envolvimento com o(s) outro(s), nomeadamente a dependência elevada face ao(s) outro(s) para confirmar as suas crenças, convicções e decisões e a tendência para alguma dificuldade em definir crenças e convicções como verdadeiramente suas.

Cabe ressaltar que o Inventário apresentou diferenças na validação de seus fatores quando realizadas em culturas distintas, sobretudo oriental, como na Coréia do Sul, Taiwan e Tailândia,

principalmente em relação às subescalas de “Fusão com os outros”, que tem a ver com o nível de individualismo em relação ao próximo e a valorização do contato familiar (CHUN; MACDERMID, 1997 *apud* ERDEM; SAFI, 2018). Do mesmo modo, na Itália foram verificados que um alto resultado de “fusão com os outros” teve correlação positiva com um bom ajustamento diádico e não houve correlação com sintomas de ansiedade e de depressão (MANZI ET AL., 2006; LAMPIS, 2016 *apud* ERDIM; SAFI, 2018), indicando que este constructo não é necessariamente problemático em certas culturas, como é visualizado na cultura norte-americana. Outros estudos citados por Major et al. (2004) na população de Filipinas, China e Rússia (TUASON; FRIEDLANDER, 2000; LAM; CHAN-SO, 2010; GLEBOVA; BARTLE-HARING; STRENGT, 2011) apresentaram especificidades nos resultados de outras subescalas, diferente da versão original. Por outro lado, investigações em Israel, Espanha e própria versão revisada em Portugal (PELEG, 2002; RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ, 2009; MAJOR ET AL., 2014) apresentaram resultados consistentes com a versão original. Segundo a premissa de Skowron & Schimidt (2003), quanto maior o resultado da diferenciação do *self*, menor serão os resultados das subescalas de Reatividade Emocional, *Cut-off* Emocional e Fusão com os Outros e maior o resultado da Posição do Eu, mas esta análise requer uma reflexão sobre a necessidade de adaptação cultural e de que esses pontos podem não ser tão intimamente vinculados como na cultura norte-americana, onde este constructo foi originalmente formulado por Bowen e operacionalizado pelos autores supracitados.

É importante mencionar ainda que algumas questões da escala se referem a relacionamentos amorosos, sobretudo aqueles vinculados ao *Cut-off* emocional. Considerando que nosso público-alvo não está casado, identificamos uma possibilidade de adaptar a linguagem de esposo (a) /companheiro (a) referindo-se a namorado ou namorado. No mesmo sentido, mencionamos no próprio questionário que, nos casos em que o respondente não está em nenhum relacionamento amoroso, que possa responder baseado num relacionamento passado ou numa imaginação acerca de um relacionamento futuro, caso não tenha tido a experiência.

Outros dados se referem às correlações encontradas nos estudos para adaptação e validação para população portuguesa (MAJOR ET AL., 2014). Foi encontrada correlação entre a escolaridade e relacionamento amoroso com a diferenciação de *self*, mas não foi encontrada correlação com o sexo (em nossa pesquisa denominaremos gênero). Como não foram encontrados estudos de adaptação e validação deste instrumento para a população brasileira, não iremos fazer estudos de

correlação junto ao questionário sociodemográfico. Embora a validação brasileira não tenha sido feita é possível verificar seu uso em outra pesquisa (FIORINI, 2017).

3.6.3 Roteiro de Entrevista

Um roteiro de entrevista semiestruturado foi utilizado como norte, contendo os conceitos chaves que exploramos na relação entre os membros da família, tais como: conjugalidade, parentalidade, comunicação, respeito à individualidade, privacidade, autonomia, influências geracionais, preocupações e expectativas de futuro. O roteiro semiestruturado permite espaço para novas construções e novos conceitos durante a entrevista, que passa a ser mais flexível às circunstâncias momentâneas que possam surgir durante sua execução (MANZINI, 1990).

No apêndice E, segue o modelo de roteiro utilizado nas entrevistas.

3.6.4 Genograma

O genograma é um instrumento muito utilizado na terapia de família, que permite a representação gráfica do grupo familiar, identificando as gerações, sendo um fio condutor da entrevista. Guerin e Gordon (1983) definem o genograma do seguinte modo:

> É um quadro estrutural que permite ao terapeuta diagramar informações gerais (nomes, idades, posições fraternas, datas dos eventos nodais e momentos de transição, localizações físicas, etc.) e informações complexas (qualidade e intensidade das relações, triangulações, padrões repetitivos de relacionamento, hábitos nocivos, etc.) sobre uma família de modo concreto, fácil e compreensível. (GUERIN; GORDON, 1983, p.167)

Bowen utilizava o genograma em sua terapia familiar sistêmica, mas com o nome de diagrama familiar, tendo como pressupostos a transmissão intergeracional e de que o funcionamento dos membros familiares é interdependente em diferentes níveis, tais como o físico, o social e o emocional, sendo que quando há mudança em parte do sistema familiar, afeta a todo o grupo (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998). O nome genograma foi dado por um aluno e discípulo de Bowen, Philip Guerin, a partir de uma publicação na década de 70, embora possa ser encontrado com outros nomes tais como genetograma, familiograma, árvore genealógica, dentre outros (GUERIN; GORDON, 1983). Ao longo do tempo, o genograma expandiu o seu uso da clínica com famílias para as pesquisas, sobretudo com publicações de Gerson & McGoldrick (1993 *apud* MCGOLDRICK; GERSON; PETRY, 2012), buscando a padronização de seus símbolos e, com o

implemento da tecnologia que propiciou o surgimento de *softwares,* foi facilitada a sua representação.

O genograma é um dispositivo que pode ser utilizado em uma entrevista e sua forma de utilização dependerá da abordagem teórica e prática do entrevistador. Neste trabalho, seguimos a epistemologia sistêmica intergeracional e o tema central de prolongamento da coabitação entre pais e filhos para nortear as questões, conforme o roteiro semiestruturado de entrevista. A construção da representação da família ocorre no início da entrevista e fica disponível durante toda a sua realização para incorporações de novas informações, podendo ser alterada em qualquer etapa deste processo. Outras informações pertinentes podem entrar somente na fase de análise, quando o genograma será reproduzido em *software,* pois a representação de muitas informações no momento da entrevista pode gerar uma espécie de "poluição visual", dificultando o entendimento tanto do pesquisador quanto da família.

O genograma é um dispositivo que incorpora a transmissão intergeracional no modelo de ciclo de vida (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), como um fator vertical transmitido pela família nuclear, extensa ou pelo meio cultural da família, facilitando a identificação do estágio de ciclo de vida dos membros familiares e da família como um todo (fator horizontal). Essas informações são pertinentes para alcançar o objetivo de acessar componentes de transmissão intergeracional e também identificar a diferenciação de *self*, uma vez que são conceitos interligados e também contribuem para nortear a entrevista, na busca de compreender como ocorrem as relações e o convívio de famílias em que há este prolongamento da coabitação.

Alexander, Callaghan & Fellin (2018) apontam alguns benefícios para as famílias e para o pesquisador com a utilização do genograma, além de fazerem recomendações sobre o processo de construção e ressaltarem preocupações éticas sobre o seu uso nas pesquisas. Sobre os benefícios foram apontados: permitir um melhor entendimento do pesquisador, a partir da representação gráfica e da organização dos dados ao redor do genograma; possibilitar que a família visualize melhor e possa ressignificar algumas caracterizações sobre si, permitir novos *insights* e alterar percepções; oferecer uma maior facilidade de eliciar emoções e experiências emocionais durante a visualização da família no genograma; influenciar a capacidade de transformação da família a partir do contato com o genograma, podendo incentivar a busca por informações desconhecidas, comunicar outros familiares da história familiar e alertar para os padrões repetitivos que foram identificados.

Sobre o processo de construção e as considerações éticas há a preocupação de: informar os objetivos da pesquisa e o que se pretende com a utilização do genograma desde o início do processo, podendo isto ser reforçado durante e após a sua conclusão; ressaltar a limitação de abarcar a totalidade da experiência emocional, a dependência do seu uso ao contexto e ao momento da entrevista e a possibilidade de rotulações e/ou interpretações gerais feitas a partir da representação e/ou narrativa de um participante em particular, conforme o "efeito *Rashmon*" (cada um pode ter uma visão diferente de uma mesma história); salientar que a família pode pausar ou interromper a entrevista a qualquer momento diante de uma forte emoção; repassar os dados coletados no genograma após sua conclusão para confirmação das informações sobre as famílias; informar que os nomes, datas e quaisquer informações das famílias podem ser alterados para resguardar o sigilo dos participantes e familiares citados.

3.6.5 Diário de Pesquisa

O diário de pesquisa é um instrumento proposto por Nadin e Cassel (2008), considerando a necessidade de incorporar a reflexividade do pesquisador relacionando os resultados da entrevista, bem como à análise das respostas. A reflexividade é tida como a "interpretação da interpretação" empírica realizada em toda pesquisa qualitativa e em nossa pesquisa, conforme salientamos no tópico 3.4, existe uma grande influência do pesquisador não só na formulação do roteiro, mas também na análise das respostas que são atravessadas pela própria interpretação.

O diário de pesquisa aqui se refere aos comentários do pesquisador em relação à aplicação de etapa qualitativa, desde o início da seleção da família até o processo de entrevista e as impressões do pesquisar ao final da entrevista, que foram registradas à parte. Alguns comentários deste diário foram analisados junto ao *corpus* de documentos para a realização da discussão na análise de conteúdo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apresentamos os resultados de ambas as etapas, quantitativa e qualitativa em separado, comentando como ocorreu o processo de coleta dos dados até a análise propriamente dita.

4.1 Etapa Quantitativa

4.1.1 Coleta de dados

Desde que iniciamos a coleta de dados, buscando pessoas do público-alvo para preencher os instrumentos, tivemos algumas dificuldades para alcançar os pais. Dentre algumas razões que cogitamos, uma seria a falta de hábito dos mesmos de estarem conectados, até mesmo devido a sua geração. No entanto, ao conversarmos com muitos filhos e solicitarmos que passassem os instrumentos para os seus pais, verificamos muita resistência e alguns informaram que não gostariam de passar os questionários aos pais devido ao assunto ser difícil ou pouco conversado, enquanto outros apenas disseram que os pais não iriam responder, mas sem nem ao menos perguntar a eles. Em um primeiro momento, o público foi buscado por meio de indicação, mas posteriormente, mesmo com anúncio realizado nas redes sociais, tivemos pouca participação dos pais.

Diante da pouca quantidade de pais (abaixo do planejamento inicial de 30), mudamos a intenção inicial de metodologia desta etapa quantitativa, que era de coletar os dados de pais e filhos, decidindo somente utilizar o Questionário Sociodemográfico e o Inventário de Diferenciação de Self-R para os pais na etapa qualitativa, uma vez que estes resultados não seriam indicativos fortes o suficiente para caracterizar esta amostra. Indagamos também que as resistências dos filhos em passar o questionário para os pais já são indicativos de que falar sobre a coabitação com os pais pode ser difícil. Isto sugere que ainda há conotação negativa em relação a este cenário de prolongamento e até mesmo um tabu para que isto seja conversado na família.

Outros pontos interessantes que surgiram durante a divulgação da pesquisa foram algumas dúvidas de participantes sobre o significado de “morar juntos”. Se a princípio esta situação parecia ser clara, na prática tivemos casos de jovens que moravam um período com a mãe e outro morando na casa do pai, jovens que constituíram uma família, mas resolveram estabelecer moradia numa casa no mesmo terreno que sua mãe (os puxadinhos), jovens que trouxeram seu cônjuge para morar junto de seus familiares, jovens que moravam num lugar durante a semana e passavam o fim de

semana na casa de seus pais, entre outras formas de situações. Nestes casos, deixamos estes jovens à vontade sobre responder ou não o questionário, baseado em suas percepções sobre qual categoria os mesmos se identificavam. Eles poderiam responder, caso considerassem que moravam juntos ou não, mas foi explicado que no questionário havia perguntas que permitiam fazer algumas ponderações, embora não conseguisse abarcar todas estas situações, o que também representou uma limitação do método quantitativo. Esta pluralidade de arranjos tem sido levantada pela literatura de Psicologia e Sociologia de Família e foi comentada no primeiro capítulo. A dúvida dos respondentes chama a atenção para o fato de que os significados de pertencimento variam de acordo com a percepção de cada um.

Houve respondentes do Questionário Sociodemográfico que foram descartados, pois embora a divulgação tenha enfatizado o público-alvo, algumas pessoas fora do critério de inclusão preencheram que identificadas nas respostas às questões sobre idade, se moravam com os pais e se já tinham saído de casa antes de retornar. Ressaltamos que apenas o grupo de filhos que moravam com os pais preencheram este instrumento, considerando a necessidade de caracterizar esta amostra relacionada a estas características específicas.

Não houve descarte nas respostas dos filhos no Inventário de Diferenciação de *Self*-R, pois os grupos foram divididos com uma pergunta anterior às perguntas do instrumento, logo após o TCLE. Os respondentes que não se adequavam ao critério de inclusão destes grupos não poderiam prosseguir com o preenchimento, devido a uma programação realizada no formulário de formato eletrônico. As respostas dos pais não foram consideradas devido ao baixo quantitativo.

Os respondentes do Inventário de Diferenciação de *Self-R* foram divididos da seguinte forma:

- Grupo 1 - filhos de 25 a 35 anos que moram com os pais
- Grupo 2 - filhos de 25 a 35 anos que não moram com os pais

Ocorreram alguns problemas na coleta dos dados, pois apesar de termos indicado para os respondentes preencherem ambos os instrumentos, alguns preencheram apenas um deles. No entanto, a maioria que preencheu o Questionário Sociodemográfico preencheu também o Inventário de Diferenciação de Self e, desta forma, foi possível aproveitar as respostas para caracterização da amostra, embora elas não tenham sido exatamente as mesmas.

Os quantitativos de respostas de ambos os instrumentos estão a seguir:

Tabela 3 – Quantitativo de respostas dos instrumentos quantitativos

Qtde de respostas (N)	Pais	Pais (após corte de respostas invalidadas)	Filhos	Filhos (após corte de respostas invalidadas)
Questionário Sociodemográfico	14	11 (1)	80	50 (3)
Inventário de Diferenciação de *Self*-R	21	21 (2)	93	93 (4)

Notas: (1) Dentre os 14 pais respondentes, foram descartados 5 que estavam foram do critério de inclusão.
(2) Dentre os 21 pais respondentes, 13 moram com os filhos e 8 não moram mais com os filhos.
(3) Dentre os 80 filhos respondentes, foram descartados 30 que estavam fora do critério de inclusão (14 não moravam mais com os pais, 5 já haviam morado fora e retornaram, 10 estavam fora da faixa-etária e 1 resposta foi duplicada).
(4) Dentre os 93 respondentes, foram 46 respondentes no grupo 1 e 47 respondentes no grupo 2.

Em resumo, foram analisados os resultados de 50 questionários sociodemográficos de filhos que moram com os pais e 93 respostas do Inventário de Diferenciação de *Self*-R dos filhos, sendo dois grupos (grupo 1 – 46 filhos morando com os pais e grupo 2 - 47 filhos não morando).

4.1.2 Análise das respostas dos Questionários Sociodemográficos

Apresentamos em tabela o resumo das 50 respostas do Questionário Sociodemográfico dos filhos coabitantes, comentando e analisando a seguir os seus resultados, tendo em vista a caracterização da amostra pesquisada.

Tabela 4 – Dados sociodemográficos

Variáveis Sociodemográficas		N	%
Gênero	Feminino	30	60%
	Masculino	20	40%
Idade	25-29	36	72%
	31-36	14	28%
Orientação Sexual	Heterossexual	39	78%
	Homossexual	4	8%
	Outros	7	14%
Religião	Católica	10	20%
	Evangélica	4	8%
	Espírita	6	12%
	Outra	6	12%
	Sem Religião	24	48%
Estado Civil	Solteiro	47	94%
	Casado	1	2%
	Separado/Divorciado	1	2%
	Outro	1	2%
Coabitantes	Apenas pai e mãe	10	20%
	Pai, mãe e irmã (o)	9	18%
	Pai, mãe e outros	6	12%
	Apenas pai	2	4%
	Apenas mãe	8	16%
	Mãe e outros	12	24%
	Pai e outros	2	4%
	Outros	1	2%

A amostra é toda da zona urbana do Estado do Rio de Janeiro e com acesso à *internet*. Sobre os gêneros, há maior prevalência do feminino (60%) e a maioria possui entre 25 e 29 anos de idade (72%). Foi aceita uma resposta de um filho de 36 anos devido a estar apenas um pouco acima do limite superior do critério estabelecido e não descaracterizar o tipo de público-alvo. A grande maioria se declarou heterossexual (78%) e sem religião (48%), sendo a segunda resposta mais numerosa a de católicos (20%). Quase a totalidade é solteira (94%), mas houve 1 filho que mora junto de companheira, 1 que se designou separado e 1 que respondeu "outros" para estado civil. Foram mencionados 15 arranjos familiares diferentes, sendo que a mãe está em 90% deles, o pai em 56% e irmãos em 46%. Também apareceram arranjos com avós, namorados e "outros". O arranjo familiar mais frequente foi composto apenas por pai e mãe (20%), seguido de pai, mãe e irmã (o) (18%) e apenas mãe (16%). Estes resultados indicam, conforme aponta a literatura, uma maior diversidade de arranjos, ainda que a família nuclear continue sendo mais frequente e também destaca um cenário em que a mãe assume sozinha a coabitação com os filhos, como o principal arranjo dentre as famílias monoparentais (representaram 20% somando apenas pais ou mães como coabitantes).

Tabela 5 – Dados de relacionamento afetivo

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Relacionamento afetivo	Não	24	48%
	Sim, mais de 5 anos	5	10%
	Sim, de 2 a 5 anos	6	12%
	Sim, de 1 a 2 anos	9	18%
	Sim, até 1 ano	6	12%
Satisfação com tempo disponível para namoro	Muito satisfeito	6	12%
	Satisfeito	8	16%
	Razoavelmente Satisfeito	8	16%
	Insatisfeito	4	8%
	Muito insatisfeito	1	2%
	Não se aplica	23	46%
Frequência de encontros	Todos os dias	4	8%
	Mais de 5 dias/semana	1	2%
	De 2 a 5 dias /semana	12	24%
	Folgas e fins de semana	6	12%
	Pouca ou nenhuma/mês	2	4%
Expectativa de Relacionamentos amorosos	Não se aplica	25	50%
	Não namoro, tenho interesse	13	26%
	Não namoro, não tenho interesse	12	24%
	Namoro, penso casar em 2 anos	9	18%
	Namoro, penso casar em 5 anos	3	6%
	Namoro, penso casar (sem tempo)	6	12%
	Namoro, não penso em casar	7	14%
Influência Expectativa de Relacionamentos para Permanência	Muito relevante	6	12%
	Relevante	9	18%
	Razoavelmente relevante	6	12%
	Irrelevante	6	12%
	Muito irrelevante	23	46%

Praticamente metade dos filhos (48%) não está em um relacionamento afetivo e o relacionamento de 1 a 2 anos possui 18% do total. Ainda sobre o relacionamento, entre aqueles que está em um, 12% relata muita satisfação, 16% satisfação e 16% satisfação razoável, com o tempo disponível para o namoro e uma frequência de encontros de 2 a 5 dias por semana (24%). Dentre aqueles que não namoram, metade tem interesse de iniciar um relacionamento e a outra metade não. Dentre os que namoram, 24% pensa em casar em até 5 anos, mas 14% namora e nem pensa em casar. Quase metade da amostra (46%) relata que a expectativa de relacionamentos amorosos é irrelevante para a permanência em casa, o que condiz com o fato de o casamento ser cada vez mais adiado na contemporaneidade e não ser um valor tão imediato para estes jovens neste momento da vida. O engajamento em relacionamentos amorosos corresponde a uma escolha de compartilhar intimamente uma vida com um (a) parceiro (a) e os resultados indicam que esta forma de se relacionar está mais plural que nas gerações anteriores, com menos pressão para culminar em casamento e com maior abertura para experimentar. Interessante notar esta divisão da amostra quanto a estar em um relacionamento e as expectativas, o que indica que os valores geracionais estão mudando de um compromisso desde jovem para outras formas.

Tabela 6 – Dados de escolaridade

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Escolaridade	Pós-Graduação	20	40%
	Ensino superior	27	54%
	Ensino médio ou técnico	3	6%
	Ensino fundamental	0	0%
Satisfação com Escolaridade	Muito satisfeito	8	16%
	Satisfeito	18	36%
	Razoavelmente Satisfeito	20	40%
	Insatisfeito	3	6%
	Muito insatisfeito	1	2%
Expectativa investimento na formação	Fazer pós-graduação	30	60%
	Fazer outra formação	6	12%
	Fazer cursos de capacitação	5	10%
	Concluir graduação	6	12%
	Não pretendo estudar	3	6%
Expectativa tempo de investimento na formação	5 a 10 anos	3	6%
	2 a 5 anos	23	46%
	Até 2 anos	8	16%
	Não estipulo tempo	12	24%
	Não pretendo investir	4	8%
Influência do investimento na formação para permanência	Muito relevante	14	28%
	Relevante	9	18%
	Razoavelmente relevante	7	14%
	Irrelevante	5	10%
	Muito irrelevante	15	30%

Em relação à escolaridade, quase a amostra toda (94%) possui ensino superior incompleto ou acima e destes, 40% está cursando ou já terminou uma pós-graduação. Todos possuem ensino fundamental completo. É uma amostra que valoriza muito o investimento na escolaridade, o que condiz com o apontado na literatura. A satisfação com o nível de escolaridade é de razoavelmente satisfatório para cima para grande maioria (82%), mas apenas 16% indicou nível de satisfação máximo, o que representa que as pessoas ainda estão dispostas a investir mais. Os resultados da expectativa de investimento na formação apontam que apenas 6% não pretende mais estudar, enquanto 60% espera fazer pós-graduação, ainda que já tenha concluído alguma. Sobre a expectativa de tempo de investimento, 46% espera concluir de 2 a 5 anos e 24% prefere não estipular um tempo. Já sobre a influência deste investimento na formação para a permanência em casa, as respostas estão divididas nos extremos com 30% apontando total irrelevância e 28% total relevância, o que demonstra não haver consenso sobre isto, mas há um quantitativo maior somando-se de razoavelmente relevante para cima (60%).

Tabela 7 – Dados de profissão e renda

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Situação profissional	Estagiando	5	10%
	Trabalhando	36	72%
	Desempregado	9	18%
Histórico profissional	Trabalhei mais de 3 empresas	19	38%
	Trabalhei de 1 a 3 empresas	17	34%
	Trabalhei 1 empresa	7	14%
	Estagiei	6	12%
	Nunca trabalhei	1	2%
Conciliação estudo e trabalho	Estudo e trabalho (incluindo estágio)	25	50%
	Só trabalho	15	30%
	Só estudo	9	18%
	Nem trabalho nem estudo	1	2%
Fonte de renda	Apenas trabalho (incluindo estágio)	32	64%
	Trabalho (incluindo estágio) e outros	8	16%
	Apenas outros	4	8%
	Não tenho renda	6	12%
Faixa de renda individual	Mais de 10 salários mínimos	3	6%
	De 4 a 10 salários mínimos	4	8%
	De 2 a 4 salários mínimos	19	38%
	De 1 a 2 salários mínimos	12	24%
	Menos de 1 salário mínimo	12	24%
Participação na renda familiar	81-100%	1	2%
	51-80%	4	8%
	21-50%	7	14%
	1-20%	19	38%
	Não participo	19	38%

Sobre a situação profissional, 72% está trabalhando e apenas 18% relatou estar desempregado. A experiência profissional é de que, apesar da idade, 38% já passou por mais de 3 empresas e quase todos (98%) tem alguma experiência profissional, contando com o estágio profissional. A conciliação entre estudo e trabalho é realidade para 50% da amostra, 30% só trabalha, 18% só estuda e apenas 2% não estuda e nem trabalha, apontando para a distinção entre os fenômenos "geração canguru" e "geração nem-nem", sendo que este último não ficou caracterizado nesta amostra. A fonte de renda individual é exclusivamente do trabalho para 64% da amostra e 18% é do trabalho e outros, havendo respondentes que mencionaram receber mesada, bolsa estudantil e herança como fontes complementares. Apenas 14% possui uma faixa de renda salarial acima de 4 salários mínimos, e a maioria (48%) indicou estar na faixa de 1 a 2 salários mínimos ou abaixo de um salário mínimo, enquanto 8% está entre 2 e 4 salários mínimos e 6% ganha acima de 10 salários mínimos. A participação na renda familiar é muito pequena, sendo que 76% atestou nenhuma forma de participação ou até 20% de participação da sua renda pessoal sobre a parcela da renda familiar, o que indica de que esta renda pessoal está sendo mais utilizada consigo próprio do que na ajuda com as despesas de casa.

Tabela 8 – Dados de satisfação profissional e satisfação com a renda

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Satisfação com situação profissional	Muito satisfeito	4	8%
	Satisfeito	12	24%
	Razoavelmente Satisfeito	13	26%
	Insatisfeito	7	14%
	Muito insatisfeito	14	28%
Satisfação com renda	Muito satisfeito	2	4%
	Satisfeito	8	16%
	Razoavelmente Satisfeito	14	28%
	Insatisfeito	8	16%
	Muito insatisfeito	18	36%
Expectativa de situação profissional e renda	Ser promovido ou mudar de trabalho	17	34%
	Conseguir trabalho, com renda razoável	14	28%
	Manter no trabalho, independe renda	7	14%
	Passar num concurso público	7	14%
	Conseguir um trabalho, independe renda	5	10%
Expectativa tempo investido no status profissional	5 a 10 anos	8	16%
	2 a 5 anos	17	34%
	Até 2 anos	12	24%
	Investir, sem tempo estipulado	13	26%
Influência da renda e status profissional para a permanência	Muito relevante	13	26%
	Relevante	10	20%
	Razoavelmente relevante	10	20%
	Irrelevante	4	8%
	Muito irrelevante	13	26%

A satisfação com a situação profissional teve 28% atestando total insatisfação, mas 50% afirmando que está razoavelmente satisfeito ou satisfeito, o que demonstra níveis de satisfações diferentes. Já em relação à renda, a total insatisfação ou insatisfação teve a maioria, com 52% das respostas, 28% teve satisfação razoável e apenas 20% alegou estar satisfeito ou muito satisfeito. A expectativa profissional tem bastante relação com a renda, pois 62% almeja ser promovido ou buscar outro emprego com renda melhor ou ainda conseguir um trabalho com renda razoável e 14% deseja passar num concurso público. Apenas 5% relatou querer qualquer trabalho, independente da renda. O tempo para alcançar melhor *status* profissional não é muito para 58% que indicaram querer isto em até 2 anos ou no máximo de 2 a 5 anos, enquanto 26% prefere não estipular tempo e 16% estabelece um tempo de 5 a 10 anos investindo nisto. A influência da renda e expectativa profissional tiveram 46% da amostra atestando relevância ou muita relevância, mas 34% alegando irrelevância e muita irrelevância, o que indica uma divisão nestas respostas. No entanto, diante das outras respostas, acima citadas, sobre este mesmo tema, a renda e a profissão parecem ser bons indicativos de influência para o prolongamento da coabitação.

Tabela 9 – Dados de perspectiva de saída de casa

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Perspectiva de tempo de permanência	Pretendo sair em 5 anos ou mais	0	0%
	Pretendo sair de 2 a 5 anos	8	16%
	Pretendo sair até 2 anos	17	34%
	Pretendo sair, sem estipular tempo	19	38%
	Não pretendo sair	6	12%
Perspectiva de moradia após saída de casa	Morar com parceiro (a)	23	46%
	Morar sozinho	21	42%
	Morar com outros familiares / amigos	4	8%
	Não pretendo sair	2	4%
Maior proximidade com membro familiar	Mãe	29	58%
	Pai	3	6%
	Irmã (o)	7	14%
	Outro	2	4%
	Não tem	9	18%
Expectativa sobre os pais diante da saída	Tenho vontade e receio	11	22%
	Tenho vontade, mas eles vão se adaptar	25	50%
	Não penso em sair, mas não tem a ver	3	6%
	Não penso em sair pra não ficar (em) sozinho (a) (s)	11	22%

A perspectiva destes jovens em sair de casa também é de 34% pretendendo sair em pelo menos 2 anos, mas com 38% preferindo não estipular um tempo para saída de casa. Ninguém respondeu que pretende demorar mais de 5 anos pra sair, mas 12% afirma não pretender sair. Outro ponto interessante é que 42% tem a expectativa de ir morar sozinhos, enquanto que 46% esperam

morar com parceiro (a), demonstrando que o relacionamento amoroso ainda parece ser importante para a saída de casa dos pais, mas que morar sozinho também é valorizado. A maior proximidade com um membro familiar teve a mãe apontada como membro mais próxima por 58% da amostra. Para efeito de comparação, o pai foi apontado apenas por 6% da amostra, demonstrando um grande abismo afetivo nas funções paternais. Para 22% destes jovens, a saída de casa não é sequer cogitada para que os pais não fiquem sozinhos e outros 22% tem vontade de sair, mas têm receio de como isso impactaria na vivência de seus pais, sendo isto um indicativo de um apego muito forte e provavelmente de uma ansiedade de separação, sobretudo com a mãe, indicada como membro familiar mais próximo. Por outro lado, 48% relatam ter vontade de sair de casa e esperam uma boa adaptação familiar, o que salienta que esta amostra tem opiniões e vivências divergentes sobre este cenário.

Tabela 10 – Dados de satisfação com aspectos de casa

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Satisfação com conforto	Muito satisfeito	26	52%
	Satisfeito	6	12%
	Razoavelmente Satisfeito	6	12%
	Insatisfeito	11	22%
	Muito insatisfeito	1	2%
Satisfação com comodidade	Muito satisfeito	34	68%
	Satisfeito	9	18%
	Razoavelmente Satisfeito	5	10%
	Insatisfeito	1	2%
	Muito insatisfeito	1	2%
Satisfação com convivência	Muito satisfeito	20	40%
	Satisfeito	15	30%
	Razoavelmente Satisfeito	6	12%
	Insatisfeito	7	14%
	Muito insatisfeito	2	4%
Satisfação com privacidade	Muito satisfeito	14	28%
	Satisfeito	6	12%
	Razoavelmente Satisfeito	15	30%
	Insatisfeito	12	24%
	Muito insatisfeito	3	6%
Satisfação com liberdade sexual	Muito satisfeito	8	16%
	Satisfeito	1	2%
	Razoavelmente Satisfeito	12	24%
	Insatisfeito	6	12%
	Muito insatisfeito	23	46%
Satisfação com poder de decisão	Muito satisfeito	14	28%
	Satisfeito	9	18%
	Razoavelmente Satisfeito	11	22%
	Insatisfeito	8	16%
	Muito insatisfeito	8	16%

Tabela 10 – Dados de satisfação com aspectos de casa

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Satisfação com comunicação	Muito satisfeito	12	24%
	Satisfeito	14	28%
	Razoavelmente Satisfeito	9	18%
	Insatisfeito	10	20%
	Muito insatisfeito	5	10%
Satisfação com Autonomia	Muito satisfeito	21	42%
	Satisfeito	4	8%
	Razoavelmente Satisfeito	9	18%
	Insatisfeito	12	24%
	Muito insatisfeito	4	8%
Satisfação com Renda Familiar	Muito satisfeito	16	32%
	Satisfeito	7	14%
	Razoavelmente Satisfeito	10	20%
	Insatisfeito	9	18%
	Muito insatisfeito	8	16%

Perguntamos aos jovens filhos coabitantes sobre o nível de satisfação com 9 aspectos em suas casas, escolhidos a partir da revisão teórica sobre o tema, feita no primeiro capítulo (conforto, comodidade, convivência, privacidade, liberdade de relacionamentos sexuais, poder de decisão, comunicação, autonomia e renda familiar). Os resultados demonstraram altos níveis de satisfação com conforto e comodidade (52% e 68% respectivamente de muita satisfação) e convivência (70% satisfeitos ou muito satisfeitos) e pouquíssimas respostas de insatisfação nestes três aspectos (com exceção de 22% que indicaram insatisfação com o conforto e de 14% de insatisfação com convivência). A privacidade é um aspecto que apresentou muito equilíbrio nas respostas (40% muito satisfeito ou satisfeito, 30% razoavelmente satisfeito e 30% muito insatisfeito ou insatisfeito). A liberdade de relacionamentos sexuais foi o aspecto com mais respostas negativas (82% responderam estar razoavelmente satisfeito, insatisfeito ou muito insatisfeito, sendo que este último sozinho representou 46% das respostas), demonstrando que este é um assunto que os jovens ainda encontram dificuldades de negociar com os pais. O poder de decisão e a comunicação tiveram resultados bastante equilibrados e divididos, com uma leve superioridade de maior satisfação (46% muito satisfeito ou satisfeito, 22% razoavelmente satisfeito e 32% insatisfeito ou muito insatisfeito para o primeiro e 52% muito satisfeito ou satisfeito, 18% razoavelmente satisfeito e 30% insatisfeito ou muito insatisfeito para o segundo). A autonomia teve muitas respostas positivas, com 50% relatando estar muito satisfeito ou satisfeito e 18% razoavelmente satisfeito, mas também 32% insatisfeitos ou muito insatisfeitos, indicando leve superioridade de bons níveis de satisfação. A satisfação com renda familiar também teve resultado equilibrado com 46% relatando estar muito

satisfeito ou satisfeito, 20% razoavelmente satisfeito e 34% insatisfeito ou muito insatisfeito. Estes resultados demonstram que não há uma uniformidade nas opiniões, mas destacamos os altos níveis de satisfação com conforto, comodidade, uma autonomia considerada positiva e os baixos níveis de satisfação com a liberdade sexual.

Tabela 11 – Dados de influência para permanência em casa

Variáveis Sociodemográficas		**N**	**%**
Influência de Idade	Muito relevante	18	36%
	Relevante	6	12%
	Razoavelmente relevante	15	30%
	Irrelevante	6	12%
	Muito irrelevante	5	10%
Influência de Renda pessoal	Muito relevante	36	72%
	Relevante	6	12%
	Razoavelmente relevante	7	14%
	Irrelevante	0	0%
	Muito irrelevante	0	0%
Influência de Renda familiar	Muito relevante	29	58%
	Relevante	12	24%
	Razoavelmente relevante	5	10%
	Irrelevante	4	8%
	Muito irrelevante	0	0%
Influência de Trabalho	Muito relevante	21	42%
	Relevante	14	28%
	Razoavelmente relevante	12	24%
	Irrelevante	2	4%
	Muito irrelevante	1	2%
Influência de investimento nos estudos	Muito relevante	26	52%
	Relevante	11	22%
	Razoavelmente relevante	10	20%
	Irrelevante	2	4%
	Muito irrelevante	1	2%
Influência de Religiosidade	Muito relevante	10	20%
	Relevante	5	10%
	Razoavelmente relevante	9	18%
	Irrelevante	11	22%
	Muito irrelevante	15	30%
Influência de Relacionamento amoroso	Muito relevante	24	48%
	Relevante	7	14%
	Razoavelmente relevante	12	24%
	Irrelevante	2	4%
	Muito irrelevante	5	10%
Influência de Convívio familiar	Muito relevante	28	56%
	Relevante	11	22%
	Razoavelmente relevante	5	10%
	Irrelevante	3	6%
	Muito irrelevante	3	6%
Influência de Muita proximidade com membro familiar	Muito relevante	24	48%
	Relevante	8	16%
	Razoavelmente relevante	10	20%

Tabela 11 – Dados de influência para permanência em casa

Variáveis Sociodemográficas		N	%
	Irrelevante	5	10%
	Muito irrelevante	3	6%
Influência de Conforto	Muito relevante	27	54%
	Relevante	11	22%
	Razoavelmente relevante	10	20%
	Irrelevante	1	2%
	Muito irrelevante	1	2%
Influência de Privacidade	Muito relevante	24	48%
	Relevante	13	26%
	Razoavelmente relevante	9	18%
	Irrelevante	1	2%
	Muito irrelevante	3	6%
Influência de Liberdade sexual	Muito relevante	26	52%
	Relevante	10	20%
	Razoavelmente relevante	9	18%
	Irrelevante	2	4%
	Muito irrelevante	3	6%
Influência de Poder de decisão	Muito relevante	19	38%
	Relevante	12	24%
	Razoavelmente relevante	12	24%
	Irrelevante	4	8%
	Muito irrelevante	3	6%
Influência de Autonomia	Muito relevante	26	52%
	Relevante	13	26%
	Razoavelmente relevante	6	12%
	Irrelevante	2	4%
	Muito irrelevante	1	2%
Influência de Incerteza quando ao próprio futuro	Muito relevante	29	58%
	Relevante	9	18%
	Razoavelmente relevante	10	20%
	Irrelevante	0	0%
	Muito irrelevante	1	2%
Influência de Incerteza quando futuro da família	Muito relevante	23	46%
	Relevante	8	16%
	Razoavelmente relevante	13	26%
	Irrelevante	4	8%
	Muito irrelevante	2	4%
Influência de Pressão dos pais	Muito relevante	19	38%
	Relevante	5	10%
	Razoavelmente relevante	11	22%
	Irrelevante	6	12%
	Muito irrelevante	5	10%

Também perguntamos sobre 17 aspectos de influência para a permanência em casa (idade, renda pessoal, renda familiar, trabalho, investimento nos estudos, religiosidade, relacionamento amoroso, convívio familiar, muita proximidade com membro familiar, conforto em casa, privacidade, liberdade afetiva e sexual, poder de decisão, autonomia, incerteza quanto ao próprio futuro, incerteza quanto ao futuro da família e pressão dos pais). A pergunta foi feita de um modo

geral, apontando a decisão de filhos coabitantes como um todo, para tirar a dimensão individual de resistência sobre a resposta. Praticamente todos os aspectos foram salientados como sendo muito influentes ou influentes para a permanência, destacando a renda pessoal como o aspecto com mais respostas de muita influência (72%). Uma exceção foi a religiosidade, sendo o aspecto que teve mais respostas de nenhuma ou quase nenhuma influência (48%). Os resultados demonstram que a decisão de ficar em casa parece depender de vários fatores, mas os mais realçados, comparando satisfação e influência foram: renda, conforto, comodidade e nível de autonomia que parece estar sendo bem administrada, ainda que na casa dos pais. A preocupação com o futuro e o futuro da família também parece ser bastante influente, o que indica que talvez haja padrões de apegos muito fortes, mas que talvez isso não seja tão atrelado à questão da autonomia. Isto é debatido mais à frente, pois o conceito de diferenciação de *self* traz uma interligação entre a autonomia e o apego emocional, o que não parece tão evidente com estes resultados.

4.1.3 Análise das respostas do Inventário de Diferenciação de Self-R

Aqui verificamos e comparamos a diferenciação de *self* tanto nestes filhos que moram com os pais, quanto dos filhos que já saíram de casa. Esses resultados foram submetidos ao teste-t de amostras independentes, considerando o quantitativo maior de 30 para ambos os grupos e a distribuição normal dos dados (DANCEY; REIDY, 2018). Os grupos tiveram praticamente o mesmo quantitativo de respondentes, com 46 indivíduos no grupo de filhos que moram com os pais e 47 indivíduos no grupo de filhos que não mora com os pais.

A fim de atingir o objetivo específico de comparar a diferenciação de *self* entre esses grupos, realizamos o teste-t de amostras independentes, que avalia e compara as médias destes grupos. A realização do teste foi feita com o *software* SPSS que avalia também a homogeneidade da variância por meio do teste de Levene. Apresentamos na tabela abaixo os resultados encontrados das estatísticas e na tabela 2 os resultados do teste-t, analisando em seguida, os escores totais da escala de diferenciação de *self* e de suas subescalas.

Tabela 12 – Estatísticas do Inventário de Diferenciação de *Self*-R

Estatísticas de grupo

	Grupo	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Emotional_Reactivity	Mora com pais	46	3,3992	1,12758	,16625
	Não mora com pais	47	3,4217	1,18704	,17315
I_Position	Mora com pais	46	3,9980	,92719	,13671
	Não mora com pais	47	3,9942	,86978	,12687
Emotional_CutOff	Mora com pais	46	4,3859	,80111	,11812
	Não mora com pais	47	4,2660	,84603	,12341
Fusion_with_Others	Mora com pais	46	3,4185	,88165	,12999
	Não mora com pais	47	3,4823	1,11370	,16245
DOS	Mora com pais	46	3,8048	,74439	,10975
	Não mora com pais	47	3,7946	,73605	,10736

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
									95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Emotional_Reactivity	Variâncias iguais assumidas	1,418	,237	-,093	91	,926	-,02245	,24018	-,49953	,45463
	Variâncias iguais não assumidas			-,094	90,920	,926	-,02245	,24004	-,49927	,45436
I_Position	Variâncias iguais assumidas	,157	,692	,021	91	,984	,00383	,18638	-,36639	,37404
	Variâncias iguais não assumidas			,021	90,339	,984	,00383	,18651	-,36668	,37434
Emotional_CutOff	Variâncias iguais assumidas	,062	,804	,702	91	,485	,11991	,17093	-,21961	,45943
	Variâncias iguais não assumidas			,702	90,902	,484	,11991	,17082	-,21941	,45924
Fusion_with_Others	Variâncias iguais assumidas	3,235	,075	-,306	91	,760	-,06379	,20858	-,47810	,35052
	Variâncias iguais não assumidas			-,307	87,216	,760	-,06379	,20806	-,47731	,34973
DOS	Variâncias iguais assumidas	,000	,992	,066	91	,947	,01019	,15352	-,29476	,31513
	Variâncias iguais não assumidas			,066	90,901	,947	,01019	,15354	-,29480	,31517

Os resultados estatísticos do escore total da diferenciação de *self* foram que o grupo dos filhos que moram com os pais (n=46) apresentou uma média μ = 3,81, DP=0,109 e os que não moram com os pais (n=47) uma diferenciação com média μ = 3,79, DP=0,107 o que representa uma diferença de média quase inexistente (0,02) e um desvio padrão também praticamente igual. O teste de Levene indicou que não existem diferenças significativas entre as variâncias (Z=000,0 p=0,992 ou p>0,05), ou seja, estamos assumindo variâncias iguais. O intervalo de confiança de 95% para a diferença estimada das médias dos grupos é de ±0,29 a ±0,31, o que representa uma diferença muito pequena. O resultado do teste t independente teve resultado t = 0,066; p =0,947 ou p>0,001, o que significa que uma probabilidade de 94,7% de que a hipótese nula deve ser considerada e as médias serem assumidas como iguais. Portanto, esses resultados indicam que a Diferenciação de *self* em ambos os grupos são iguais e seus escores (n=46, μ=3,81; n=47, μ=3,79)

estão quase no nível 4 da escala (limite máximo de 6), apontando que os filhos têm conseguido uma diferenciação de *self* razoável, independentemente da saída de casa.

Em relação à subescala de Reatividade Emocional, os resultados apontam que o grupo dos filhos que moram com os pais (n=46) apresentou uma média μ = 3,39, DP=0,166 e os que não moram com os pais (n=47) uma média μ = 3,42, DP=0,173 o que representa uma diferença de média muito pequena (0,39) e um desvio padrão também com pequena diferença (0,56). O teste de Levene indicou que não existem diferenças significativas entre as variâncias (Z=1,418 p=0,237 ou p>0,05), ou seja, estamos assumindo variâncias iguais. O intervalo de confiança de 95% para a diferença estimada das médias dos grupos é de ±0,49 a ±0,45, o que representa uma diferença muito pequena. O resultado do teste t independente teve resultado t = 0,093; p =0,926 ou p>0,001, o que significa que uma probabilidade de 92,6% de que a hipótese nula deve ser considerada e as médias serem assumidas como iguais. Portanto, esses resultados indicam que a Reatividade Emocional em ambos os grupos são iguais e seus escores (n=46, μ=3,39; n=47, μ=3,42) estão quase no nível 4 da escala (limite máximo de 6), apontando que os filhos têm conseguido uma reatividade moderada aos estímulos ambientais, independentemente da saída de casa.

Em relação à subescala de Posição do Eu, os resultados apontam que o grupo dos filhos que moram com os pais (n=46) apresentou uma média μ = 3,99, DP=0,136 e os que não moram com os pais (n=47) uma média μ = 3,99, DP=0,126 o que representa que não há uma diferença de média e um desvio padrão com diferença quase inexistente (0,01). O teste de Levene indicou que não existem diferenças significativas entre as variâncias (Z=0,157 p=0,692 ou p>0,05), ou seja, estamos assumindo variâncias iguais. O intervalo de confiança de 95% para a diferença estimada das médias dos grupos é de ±0,36 a ±0,37, o que representa uma diferença quase inexistente. O resultado do teste-t independente teve resultado t = 0,021; p =0,984 ou p>0,001, o que significa que uma probabilidade de 98,4% de que a hipótese nula deve ser considerada e as médias serem assumidas como iguais. Portanto, esses resultados indicam que a Posição do Eu em ambos os grupos são iguais e seus escores (n=46, μ=3,99; n=47, μ=3,99) estão praticamente no nível 4 da escala (limite máximo de 6), apontando que os filhos têm conseguido definir um sentido de *self*, baseado nas próprias convicções, independentemente da saída de casa.

Em relação à subescala de *Cut-off* Emocional, os resultados apontam que o grupo dos filhos que moram com os pais (n=46) apresentou uma média μ = 4,38, DP=0,118 e os que não moram com os pais (n=47) uma média μ = 4,26, DP=0,123 o que representa que uma diferença de média muito pequena (0,16) e um desvio padrão com diferença quase inexistente (0,005). O teste de Levene indicou que não existem diferenças significativas entre as variâncias (Z=0,062 p=0,804 ou

p>0,05), ou seja, estamos assumindo variâncias iguais. O intervalo de confiança de 95% para a diferença estimada das médias dos grupos é de ±0,21 a ±0,45, o que representa uma diferença muito pequena. O resultado do teste t independente teve resultado t = 0,702; p =0,485 ou p>0,001, o que significa que uma probabilidade de 48,5% de que a hipótese nula deve ser considerada e as médias serem assumidas como iguais. Portanto, esses resultados indicam que o *Cut-off* Emocional em ambos os grupos são iguais e seus escores (n=46, μ=4,38; n=47, μ=4,26) estão acima do nível 4 da escala (limite máximo de 6), apontando que os filhos têm boa capacidade de medir o limite ou distanciamento emocional em relação aos outros e não aparentam ter medo de intimidade ou sufoco nas relações, independentemente da saída de casa.

Em relação à subescala de Fusão com os Outros, os resultados apontam que o grupo dos filhos que moram com os pais (n=46) apresentou uma média μ = 3,41, DP=0,129 e os que não moram com os pais (n=47) uma média μ = 3,48, DP=0,162 o que representa que uma diferença de média muito pequena (0,07) e um desvio padrão com diferença também muito pequena (0,033). O teste de Levene indicou que não existem diferenças significativas entre as variâncias (Z=3,23 p=0,075 ou p>0,05), ou seja, estamos assumindo variâncias iguais. O intervalo de confiança de 95% para a diferença estimada das médias dos grupos é de ±0,35 a ±0,47, o que representa uma diferença muito pequena. O resultado do teste t independente teve resultado t = 0,306; p =0,760 ou p>0,001, o que significa que uma probabilidade de 76% de que a hipótese nula deve ser considerada e as médias serem assumidas como iguais. Portanto, esses resultados indicam que a Fusão com os Outros em ambos os grupos são iguais e seus escores (n=46, μ=3,41; n=47, μ=3,48) estão quase no nível 4 da escala (limite máximo de 6), apontando que os filhos têm conseguido equilibrar a dependência em relação aos outros, independentemente da saída de casa.

Em suma, os resultados apontam que não houve diferenças significativas entre os grupos de filhos que moram com os pais e os filhos que já saíram de casa. Além disso, os escores tanto da escala total de Diferenciação de *Self* quanto das subescalas, flutuaram mais ou menos próximo à média 3, com um *Cut-off* emocional um pouco mais alto de 4,3 e 4,2 para filhos que moram com os pais e filhos que não moram com os mais. É importante ressaltar que a amostra foi muito pequena em relação à população e os resultados não devem ser generalizados (probabilidade de erro amostral indicado pelo alto resultado de "p" no teste t), sendo apenas restrito aos grupos pesquisados. Ainda assim, a quase igualdade das médias indica que as medidas das médias de diferenciação de *self* parecem corroborar com a nossa hipótese de que é possível manter a diferenciação de *self* ainda que prolongando a coabitação, havendo a necessidade de estudos com uma amostra maior.

4.2 **Etapa Qualitativa**

4.2.1 Seleção das famílias e o processo das entrevistas

Durante a aplicação da fase quantitativa, solicitamos a alguns filhos que perguntassem aos seus pais a disponibilidade de realização de entrevistas. Quase todos ofereceram alguma resistência, sobretudo após saberem da nossa intenção de que a entrevista fosse realizada com todos os membros ao mesmo tempo. Ao final do processo de seleção, apenas duas famílias aceitaram a entrevista conjunta. Esta escolha de pesquisa com todos os membros juntos corresponde ao método clínico de terapia familiar sistêmica, por entendermos que a interação da família durante a entrevista revela diversas nuances que seriam muito difíceis de captar em uma entrevista com os membros isoladamente. Considerando os nossos objetivos específicos de investigar como é o convívio entre os membros e também a transmissão geracional, a escolha de entrevistar pais e filhos juntos permite verificar o modo que eles conversam, os gestos, quem fala mais, entre outras nuances. Também permite verificar diferentes emoções aflorando diante das relações e da proximidade, o que tem a ver com nosso objetivo principal de identificar as diferenciações e os aspectos intergeracionais que mobilizam a família e a forma que sua dinâmica ocorre.

A dificuldade de achar famílias que aceitassem participar da entrevista em conjunto fez com que alterássemos alguns objetivos desta pesquisa, pois o projeto inicial era ter quatro famílias (cada uma contendo filho heterossexual, filha heterossexual, filho homossexual ou filha homossexual) para que pudéssemos identificar as diferenças de gênero e orientação sexual. As diferenças de gênero continuam podendo ser identificadas, pois das duas famílias que aceitaram, uma possui filho do gênero masculino e outra possui filha do gênero feminino, ainda que este não tenha se mantido como objetivo central do trabalho.

Apesar de serem apenas duas famílias, as entrevistas foram muito ricas em informações e ambos os pais (pai e mãe) aceitaram participar, o que resultou em seis vozes (três vozes diferentes em cada família) e interações entre os membros que nos permitiram sentir maior proximidade deles e compreender um pouco da dinâmica familiar. Em ambas as entrevistas, antes de realizar a gravação com o consentimento, tivemos a oportunidade de conversar um pouco e quebrar o gelo, além de poder explicar o objetivo da entrevista, como ela seria realizada e também de relatar a minha história como um ex-filho coabitante que decidiu pesquisar este tema diante de minha mobilização com a situação. Este autorrelato veio acompanhado de informações da minha pesquisa

como os dados do IBGE e informações de que a coabitação era um fenômeno atual que ocorria em várias partes do mundo. Acreditamos que isto tenha contribuído para gerar um sentimento de maior relaxamento e naturalidade nas respostas de todos os envolvidos.

Outro ponto importante foi conseguir realizar ambas as entrevistas nas casas das famílias e ter a possibilidade de ver como é a casa, como são distribuídos os cômodos, aonde os membros familiares preferem realizar a interação. Esses detalhes foram todos incorporados na análise das respostas de cada família e permitiram ter uma melhor visão das interações no local em que ela ocorre, no cotidiano deles.

Antes da gravação, também foi explicado sobre o genograma e sua importância para aquela entrevista. Levamos um quadro branco para poder representar graficamente e, logo de início, foi importante justificar o motivo de estar com ele e como ele seria utilizado. A explicação do genograma foi breve, mas incluiu a sua função como instrumento facilitador da representação e dos objetivos de apreender a transmissão intergeracional. Utilizamos uma linguagem menos técnica e falamos de "árvore de família" para explicar como ele seria desenhado, além dos seus símbolos com um exemplo próprio. Também foi explicado sobre o sigilo nas informações coletadas, tanto nas gravações como na representação da família em genograma, no qual os nomes dos familiares seriam todos alterados para não identificarmos ninguém. Também informamos que, caso quisessem, eles poderiam sinalizar a alteração ou omissão de alguma informação passada sobre a família ou algum parente em específico, mas nenhuma das duas famílias indicou esta necessidade.

Ao final das entrevistas também coletamos informações dos questionários sociodemográficos e o Inventário de Diferenciação de *Self-R* dos pais para analisarmos e compararmos as respostas com os filhos. Algumas informações inseridas nos genogramas foram relatadas nos momentos pré-entrevista ou pós-entrevista, como por exemplo idades ou profissões. A seguir dividiremos a análise por família, contemplando a subjetividade e a reflexividade do entrevistador, os resultados dos instrumentos respondidos, o genograma e a entrevista em si. Logo após, representamos em tabelas, conforme o método de análise de conteúdo, as informações pertinentes ao objetivo desta pesquisa, seguida de seus comentários e análise.

4.2.2 Caracterização das famílias pesquisadas

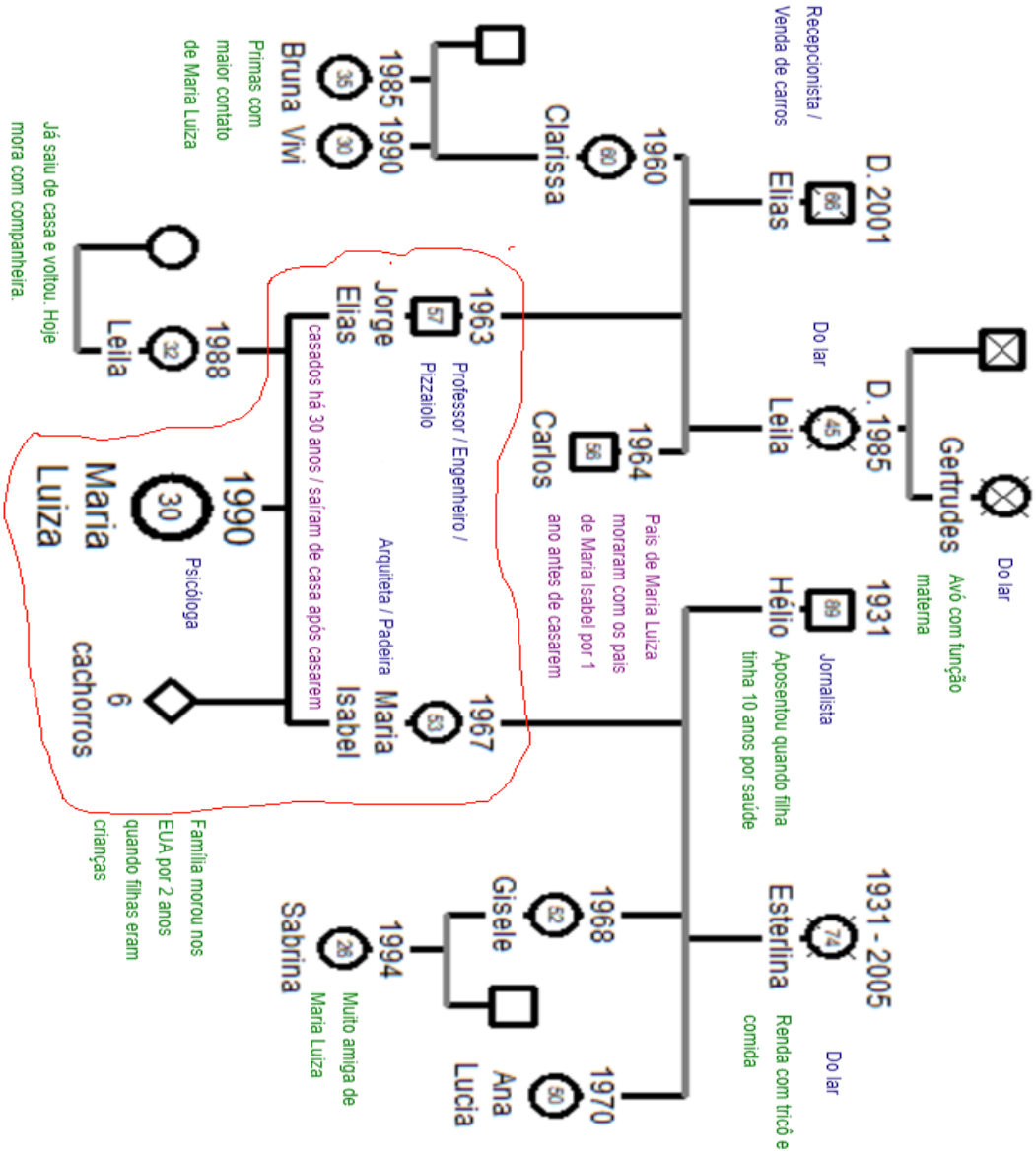
Neste tópico descrevemos as famílias pesquisadas, demonstrando a sua representação gráfica por meio do genograma, além de representar as respostas aos questionários

sociodemográficos e analisar os escores de diferenciação de *self* e subescalas de cada membro da família. Cabe ressaltar que não foram inseridos todos os parentes e alguns nem foram nomeados no genograma, mas apenas aqueles que a família optou por representar, de modo que a estrutura simbolizasse a família a partir dela mesma (SARTI, 2004).

Além disso, introduzimos os comentários do entrevistador, a partir do diário de pesquisa (NADIN; CASSELL, 2006), destacando elementos importantes da reflexividade e da subjetividade do pesquisador.

4.2.2.1 Família 1

Figura 1 – Genograma da Família 1



- Caracterização da família (Resultados do Questionário Sociodemográfico)

A família coabitante é composta por pai, mãe e filha. Há outra filha, mais velha, que já saiu de casa. Os nomes de todos os membros da família foram trocados para preservar o sigilo. A descrição abaixo é uma síntese qualitativa das respostas ao questionário sociodemográfico.

- Filha

Maria Luiza possui 30 anos, é heterossexual, solteira e não estava em nenhum relacionamento afetivo no momento do preenchimento do questionário. Possui pós-graduação completa e trabalha como autônoma, exercendo a profissão de psicóloga, tendo trabalhado anteriormente em mais de 3 empresas.

Atualmente, ela concilia trabalho e estudo, com renda pessoal de até 1 salário mínimo (R$ 998), que é proveniente do trabalho e outros (não especificado), sendo que ela não tem participação na renda familiar. Sobre a expectativa de saída de casa a mesma acredita que sairá em até 2 anos e pretende ir morar sozinha e que, quando isto ocorrer, os pais irão se adaptar.

Em relação à escolaridade, ela demonstra estar muito satisfeita, mas ainda pretende investir em mais pós-graduações, num período entre 2 e 5 anos e destaca que este investimento tem razoável influência sobre a permanência em casa.

Sobre a situação profissional, ela possui satisfação alta, no entanto em relação à renda, a satisfação é baixa. Sua expectativa é de conseguir um emprego com estabilidade (por meio de concurso público) em até 2 anos. Sobre a influência da expectativa profissional e renda na permanência em casa, ela considera isso muito relevante.

Em relação a uma expectativa de relacionamento afetivo, não tem interesse em iniciar um relacionamento no momento e indica que isso não é relevante para sua permanência em casa. Ela também afirma que possui maior proximidade com a irmã, em comparação aos outros membros da família.

Sobre o nível de satisfação em casa, ela afirma estar muito satisfeita com o conforto, comodidade, convivência e comunicação com a família, satisfeita com poder de decisão e renda familiar, razoavelmente satisfeita com autonomia e privacidade e pouco satisfeita com a liberdade de relacionamentos sexuais em casa.

Sobre os aspectos de influência na decisão de um (a) filho (a) permanecer em casa, ela aponta que há muita influência de renda pessoal, satisfação profissional, investimento nos estudos, relacionamento amoroso, convívio, muita proximidade com membro familiar, conforto em casa, privacidade, liberdade afetiva e sexual, poder de decisão em casa, autonomia, incerteza quanto ao próprio futuro, incerteza quanto ao futuro da família e pressão dos pais. Aponta também que há razoável influência da renda familiar e pouca influência da religiosidade.

- Mãe

Maria Isabel possui 53 anos, é heterossexual, casada há 30 anos com o pai de Maria Luiza e é de religião católica. Possui pós-graduação completa e trabalha em instituição privada como arquiteta, desde que começou a trabalhar. Atualmente está investindo no ramo de panificação. Ela possui duas filhas, sendo que uma já saiu de casa e a outra, Maria Luiza, é a filha coabitante.

Sua fonte de renda pessoal é de mais de 10 salários mínimos (R$ 9.990), proveniente do seu trabalho, sendo que ela respondeu ter uma participação na renda familiar de 1% a 20%. Ela já conversou com Maria Luiza sobre a permanência e/ou saída de casa anteriormente e não tem opinião formada sobre quanto tempo ela permanecerá morando com eles. Ela não acha que uma eventual saída da filha irá alterar sua rotina, mas diante deste cenário, prevê uma mudança de casa posteriormente, sem pressa, e acredita que sua relação emocional com a filha não irá se alterar com esta saída, estimando uma frequência da mesma de visitas de alguns dias na semana. Acredita ter uma influência razoável sobre a permanência de Maria Luiza em casa.

Sobre a sua própria saída de casa, ela indica o motivo de ter casado, entre 20 e 25 anos, e que o seu sentimento em relação a isto é de que não teve escolha sobre o momento em que ocorreu. Também acredita que a sua experiência de saída de casa não tem quase nenhuma influência sobre a permanência de sua filha atualmente.

Sobre o nível de responsabilidade do provimento da casa, ela acredita ser muito responsável pela convivência familiar, permitindo a liberdade de relacionamentos sexuais da filha e que a filha tenha poder de decisão, além de se sentir responsável pela comunicação e privacidade, razoavelmente responsável pelo conforto e autonomia e pouco responsável pela comodidade.

Sobre os aspectos de influência na decisão de um (a) filho (a) permanecer em casa, ela indica que há muita influência de renda pessoal, relacionamento amoroso, muita proximidade com

membro familiar, conforto em casa, privacidade, liberdade afetiva e sexual e incerteza quanto ao futuro de um (a) filho (a), influência de idade, satisfação profissional, investimento nos estudos, convívio, poder de decisão em casa, autonomia e incerteza quanto ao futuro da família, razoável influência da renda familiar e pressão dos pais e nenhuma influência da religiosidade.

- Pai

Jorge Elias possui 58 anos, é heterossexual, casado há 30 anos com a mãe de Maria Luiza e é de religião espírita. Possui pós-graduação completa e trabalha em instituição pública, sempre trabalhando desde que começou. Atua como professor, engenheiro e atualmente está investindo como *pizzaiolo*. Ele possui duas filhas, sendo que uma já saiu de casa e a outra, Maria Luiza, é a filha coabitante.

Sua fonte de renda pessoal é de mais de 10 salários mínimos (R$ 9.990), proveniente do seu trabalho, sendo que ele tem participação na renda familiar de 80% a 100%. Ele já conversou com Maria Luiza sobre a permanência e/ou saída de casa anteriormente e acha que ela vai sair em algum momento, mas sem estipular um tempo para isto ocorrer. Ele não acha que uma eventual saída da filha irá alterar sua rotina, mas diante deste cenário, prevê uma mudança de casa posteriormente, sem pressa, e acredita que sua relação emocional com a filha não irá se alterar com esta saída, estimando uma frequência de visitas da filha em alguns dias na semana. Acredita ter pouca ou nenhuma influência sobre a permanência de Maria Luiza em casa.

Sobre a sua própria saída de casa, ele indica o motivo de ter casado, entre 20 e 25 anos, e que o seu sentimento em relação a isto é de que saiu no momento certo. Também acredita que a sua experiência de saída de casa não tem nenhuma influência sobre a permanência de sua filha atualmente.

Sobre o nível de responsabilidade sobre o provimento da casa para sua filha, ele acredita ser muito responsável pelo conforto, comodidade, convivência, responsável pelo poder de decisão, comunicação e renda familiar e pouco responsável pela privacidade, conceder liberdade afetiva e sexual e autonomia.

Sobre os aspectos de influência na decisão de um (a) filho (a) permanecer em casa, ele indica que há muita influência de satisfação profissional, investimento nos estudos, autonomia individual e incerteza quando ao futuro de um (a) filho (a), influência de idade, renda pessoal, renda

familiar, relacionamento amoroso, convívio, muita proximidade com membro familiar, conforto em casa, liberdade afetiva e sexual e poder de decisão, razoável influência de religiosidade e nenhuma influência de privacidade, incerteza quanto ao futuro da família e pressão dos pais.

Resultados de Diferenciação de *Self*-R

Tabela 13 – Resultados de Diferenciação de *Self* da Família 1

	Diferenciação de *Self*	**Reatividade emocional**	**Posição do Eu**	***Cut-off* emocional**	**Fusão com os outros**
Maria Luiza (filha)	3,32	2,54	3,81	4,5	2,41
Maria Isabel (mãe)	2,60	1,81	2,81	3.91	1,83
Jorge Elias (pai)	4,63	4	5,54	5,41	3,58

Os resultados indicam que o pai possui uma diferenciação de *self* razoável, a partir do escore total e de suas subescala. Mãe e filha apresentam escores parecidos de uma baixa diferenciação, principalmente com baixo escore de Reatividade emocional e Fusão com os outros, mas escore alto de *Cut-off* emocional da filha e mediano da mãe. Isto parece indicar uma fusão emocional entre mãe e filha, mas com a capacidade de ambas de estabelecer um corte, sem medo de entrar numa relação íntima. O escore de Posição do eu da mãe é baixo, o que indica que existe uma dificuldade de definição de seu *self* e de estabelecer limites entre si e o outro. Já o escore da filha é um pouco acima da média, o que indica uma resposta emocional mais ativa em detrimento da razão, embora possa ter influência neste comportamento reativo da mãe. O pai parece mais afastado da dinâmica emocional na família, mas embora seu escore mais baixo, de Fusão com Outros, esteja acima da média, a diferença é pouca, indicando que a relação familiar talvez o influencie às vezes a aderir emocionalmente às respostas dos outros membros. Os escores de Posição do Eu do pai e *Cut-off* emocional foram altos e bem acima dos escores de mãe e filha, indicando uma boa capacidade de se posicionar e estabelecer um limite emocional com os demais.

Diário de Pesquisa:

Salientando a reflexividade do pesquisador é importante dizer que esta família foi identificada devido ao meu contato com a filha, que aceitou o convite para fazer a entrevista, assim como seus pais. Apesar de já existir este contato, foi a primeira vez que fui a sua casa e conheci os

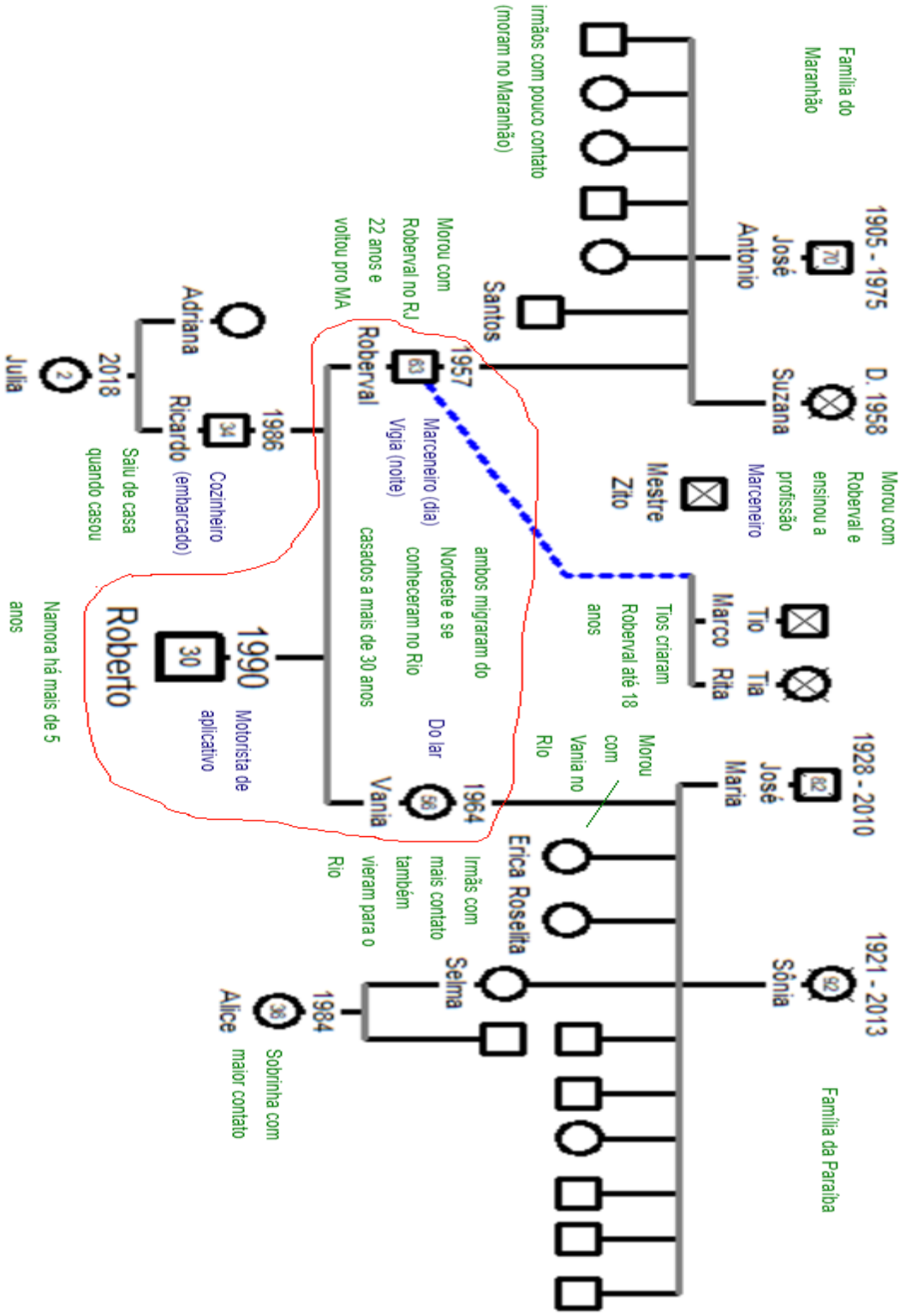
seus pais, então não conhecia os mesmos e nem esta relação familiar. No entanto, algumas informações sobre a filha já eram conhecidas antes da entrevista, inclusive a informação de que ela havia terminado um relacionamento há pouco tempo, e se a entrevista ocorresse um pouco antes, as respostas poderiam ser bem diferentes, sobretudo em relação à expectativa de relacionamento.

Antes de a entrevista começar, pude conhecer a sua casa, pois os pais não haviam chegado. É uma casa grande, num bairro de classe média alta do Rio de Janeiro, com espaços privado bem separados entre os cômodos, tanto para os pais quanto para a filha. Seu quarto fica em um andar acima e tem tudo o que ela precisa (cama, computador, televisão, banheiro, livros, etc.), podendo ficar muito tempo lá, o que foi confirmado na entrevista. A filha atua como psicóloga e possui um cômodo reservado para ela realizar atendimento dentro de casa, o que constitui em mais um benefício para a sua comodidade, e acreditamos que isto também tem influência no seu prolongamento na coabitação.

Em relação à entrevista, ocorreu em um dia muito especial para os pais, que estavam celebrando 30 anos de casados. Se isto facilitou para o resgate de informações do passado do casal e da formação da família, bem como o surgimento de conteúdo emocional, também ocasionou alguns contratempos durante a entrevista, pelo fato deles estarem preparando um jantar especial e que iriam receber convidados em pouco tempo. Por este motivo, a entrevista foi realizada na cozinha, enquanto eles preparavam o jantar e, em certos momentos, o pai principalmente se ausentava, devido à necessidade de arrumação, mas retornava. Ainda assim, mesmo nos momentos em que ambos estavam presentes, foi possível notar uma dinâmica em que a mãe pareceu ter mais voz e tomar à frente das respostas, sendo mais emocionalmente reativa. A entrevista durou pouco mais de 1 hora e encerrou devido à chegada dos primeiros convidados, mas coincidentemente todos os assuntos planejados já tinham sido abordados e foi possível concluir com as últimas perguntas, sem pressa ou omissão de algum dado relevante. O preenchimento do Questionário Sociodemográfico e do Inventário de Diferenciação de self ocorreu em outro momento, por meio do formulário eletrônico.

4.2.2.2 Família 2

Figura 2 – Genograma da Família 2



Caracterização da família (Resultados do Questionário Sociodemográfico)

A família coabitante é composta por pai, mãe e filha. Há outro filho, mais velho, que já saiu de casa. Os nomes de todos os membros da família foram trocados para preservar o sigilo. A descrição abaixo é uma síntese qualitativa das respostas ao questionário sociodemográfico.

- Filho

Roberto possui 30 anos, é heterossexual, de religião católica, solteiro e está em um relacionamento afetivo há mais de 5 anos. Possui escolaridade até o ensino técnico profissionalizante e trabalha como autônomo, como motorista de aplicativo, tendo trabalhado anteriormente em mais de 3 empresas.

Atualmente, ele está apenas trabalhando, tendo renda pessoal de até 1 salário mínimo (R$ 998), que é proveniente do trabalho, sendo que ele alegou não ter participação na renda familiar. Sobre a expectativa de saída de casa, acredita que sairá em até 2 anos e pretende ir com sua parceira, mas que tem receio de como os pais irão se adaptar sem a sua presença em casa.

Em relação à escolaridade, ele demonstra que está pouco satisfeito, pretendendo concluir sua formação atual em até 2 anos e destaca que este fato tem muita influência sobre a permanência em casa.

Sobre a situação profissional e a renda pessoal, ele possui satisfação muito baixa e sua expectativa é de conseguir um emprego com estabilidade (por meio de concurso público) em até 2 anos. Sobre a influência da expectativa profissional e renda na permanência em casa, ele considera isto muito relevante.

Sobre seu namoro ele indica muita satisfação com o tempo disponível, apontando uma frequência de 2 a 5 dias por semana de encontros com a namorada. Em relação a uma expectativa de casamento, diz ter interesse que isso ocorra, mas que prefere não estipular um tempo e indica que isto não é relevante para sua permanência em casa. Ele também afirma que não possui maior proximidade com nenhum membro familiar específico.

Sobre o nível de satisfação em casa, afirma estar muito satisfeito com todos os aspectos levantados: conforto, comodidade, convivência, privacidade, liberdade de relacionamentos sexuais, poder de decisão, comunicação com a família, autonomia e renda familiar.

Sobre os aspectos de influência na decisão de um (a) filho (a) permanecer em casa, ele indica que há muita influência de renda pessoal, satisfação profissional, privacidade, incerteza quanto ao próprio futuro, influência de convívio e muita proximidade de membro familiar, razoável influência de renda familiar, investimento nos estudos, conforto em casa, autonomia e incerteza quanto ao futuro da família, pouca influência de poder de decisão em casa e quase nenhuma influência de idade, religiosidade, relacionamento afetivo e pressão dos pais.

- Mãe

Vânia possui 56 anos, é heterossexual, casada há mais 30 anos com o pai do Roberto e é de religião evangélica. Possui escolaridade até o ensino fundamental e atualmente é "do lar", sem buscar um emprego. Ela possui dois filhos, sendo que um já saiu de casa e o outro, Roberto, é o filho coabitante.

Ela informou não possuir fonte de renda pessoal e que não participa da renda familiar, mas informou uma renda de até 1 salário mínimo (R$ 998). Ela já conversou com Roberto sobre a permanência e/ou saída de casa anteriormente e não tem opinião formada sobre quanto tempo ele irá continuar morando com os pais. Ela acha que, com uma eventual saída do filho de casa, ela terá muitas dificuldades de se adaptar a uma nova rotina e, caso isso ocorra, pretende se mudar de casa, sem pressa. Ela não tem opinião formada sobre como ficaria sua relação emocional com o filho, estimando uma frequência de visitas de alguns dias na semana. Acredita ter quase nenhuma influência sobre a permanência de Roberto em casa.

Sobre a sua própria saída de casa, ela diz que foi devido a ir morar fora da cidade, antes de completar 20 anos de idade e se mostra satisfeita com o momento em que isto ocorreu. Também acredita que a sua experiência de saída de casa não tem quase nenhuma influência sobre a permanência de seu filho atualmente.

Sobre o nível de responsabilidade sobre o provimento da casa, ela acredita ser responsável pelo conforto, comodidade, convivência familiar e renda familiar, razoável responsabilidade pela privacidade e poder de decisão do filho e quase nenhuma responsabilidade pela liberdade afetiva e sexual dentro de casa, comunicação e autonomia.

Sobre os aspectos de influência na decisão de um (a) filho (a) permanecer em casa, ela indica que há influência de idade, renda pessoal, renda familiar, satisfação profissional,

religiosidade, relacionamento amoroso, convívio, muita proximidade com membro familiar, privacidade, incerteza quanto ao futuro de um (a) filho (a) e pressão dos pais, razoável influência de investimento nos estudos, liberdade afetiva e sexual e autonomia e pouca influência de conforto em casa, poder de decisão e incerteza quanto ao futuro da família.

- Pai

Roberval possui 63 anos, é heterossexual, casado há 30 anos com a mãe de Roberto e é de religião católica. Possui escolaridade até o ensino fundamental e trabalha em instituição privada, sempre trabalhando desde que começou. Possui dois empregos, como marceneiro e vigia, em turnos diferentes. Ele possui dois filhos, sendo que um já saiu de casa e o outro, Roberto, é o filho coabitante.

Sua fonte de renda pessoal é de mais de 1 a 2 salários mínimos (R$ 998 até R$ 1.996), proveniente do seu trabalho, sendo que ele tem participação na renda familiar de 80% a 100%. Ele disse nunca ter conversado com o filho sobre a permanência e/ou saída de casa anteriormente e não tem opinião formada sobre por quanto tempo eles vão continuar morando juntos. Também diz não ter opinião formada sobre se isto irá alterar sua rotina, embora diante deste cenário, preveja uma mudança de casa posteriormente, sem pressa. Também disse não ter opinião formada sobre a sua relação emocional com o filho em uma eventual saída dele de casa e nem sobre a frequência de visitas que iria ocorrer. Acredita ter pouca ou nenhuma influência sobre a permanência de Roberto em casa.

Sobre a sua própria saída de casa, ele indica o motivo de ter saído de sua cidade, antes dos 20 anos, e que o seu sentimento em relação a isto é de que não teve escolha. Também acredita que a sua experiência de saída de casa não tem nenhuma influência sobre a permanência de sua filha atualmente.

Sobre o nível de responsabilidade sobre o provimento da casa, acredita ser muito responsável pela comodidade, convivência, comunicação e renda familiar, responsabilidade sobre o conforto e quase nenhuma responsabilidade sobre privacidade, conceder liberdade afetiva e sexual, poder de decisão e autonomia.

Sobre os aspectos de influência na decisão de um (a) filho (a) permanecer em casa, ele indica que há muita influência de satisfação profissional, muita proximidade com membro familiar,

conforto, privacidade, liberdade afetiva e sexual e incerteza quando ao futuro de um (a) filho (a), razoável influência de convívio, pouca influência de poder de decisão e incerteza quanto ao futuro da família e quase nenhuma influência de idade, renda pessoal, renda familiar, investimento nos estudos, religiosidade, relacionamento amoroso, autonomia e pressão dos pais.

Resultados de Diferenciação de Self-R

Tabela 14 – Resultados de Diferenciação de Self da Família 2

	Diferenciação de *Self*	**Reatividade emocional**	**Posição do Eu**	***Cut-off* emocional**	**Fusão com os outros**
Roberto (filho)	4,63	4,90	4,90	5,33	3,41
Vania (mãe)	3,5	4,36	2,90	4,08	2,67
Roberval (pai)	4,28	4,09	5,09	4,08	3,91

Os resultados de diferenciação mostram pai e filho com escores altos, tanto no total, quanto nas subescalas, exceto Fusão com outros, que está mediano, o que demonstra que ambos tem conseguido agir de modo racional e com alguma diferenciação em relação aos outros. O fato do escore de Fusão com os outros estar um pouco acima da média pode ter relação com o baixo escore nesta subescala da mãe, devido à dinâmica relacional.

A mãe apresenta escores menores, sobretudo da Posição do Eu e Fusão com Outros, o que indica que a mesma pode estar emocionalmente muito ligada ao filho e com um pouco de dificuldade de se priorizar na relação, o que talvez explique a forte reação emocional durante a entrevista. Há um possível indício de fusão com ambos os membros da família. O escore alto em Reatividade Emocional dela, no entanto, pode indicar que a mesma consegue privilegiar o lado racional em certas situações, o que provavelmente impactou no seu equilíbrio no escore total de diferenciação de *self*.

Diário de pesquisa:

Esta família foi indicada por uma amiga pessoal, prima de Roberto, sendo o momento da entrevista a primeira vez que tive contato tanto com o filho quanto com a sua família. Esta amiga, além da indicação, também esteve junto na entrevista como ouvinte, tendo pequenas participações com reações emocionais durante os relatos da família e nas conversas anteriores e posteriores à entrevista.

Quando cheguei na casa, o pai estava trabalhando em sua oficina de marcenaria e foi convidado a participar pela mãe, que já estava aguardando a minha chegada. Até o momento só seria ela a participar, mas com o aceite do pai, a entrevista pôde abarcar toda a família coabitante, o que foi muito positivo para compreender a sua dinâmica quando todos estão juntos. Pude ter momentos antes da entrevista para quebrar o gelo e observar que a casa era grande e possuía cômodos bem separados, sendo o quarto do filho mais isolado e possuindo duas entradas, sendo uma direto para a rua, o que o permitia sair de casa sem que os pais soubessem. O bairro é de classe média baixa e esta casa foi adquirida faz pouco tempo, pois antes a família morou em uma comunidade perto dos arredores.

Em relação à entrevista, ela ocorreu num clima muito descontraído, com todos sentados na sala ao redor da mesa, onde eu fazia anotações no genograma. A entrevista durou cerca de 2 horas e o pai pareceu ter a voz mais ativa da família. Ele pareceu muito empolgado em contar sua história e por vezes se demorava em certos assuntos, enquanto a mãe parecia mais contida e objetiva em dar as respostas. Em certo momento, a mãe ficou muito emocionada diante da questão sobre uma eventual saída do filho, num misto de amor pelo filho e preocupação com seu futuro, sobretudo em relação a ter uma renda pessoal melhor. Ao término da entrevista, a mãe ofereceu um jantar e pudemos conversar sobre outros assuntos. O Questionário Sociodemográfico e o Inventário de Diferenciação de Self foram preenchidos logo após o jantar, num formato físico, o que foi importante, uma vez que os pais não tinham muita familiaridade com o uso da internet para preenchimento no formato eletrônico.

4.2.3 Análise de Conteúdo das Entrevistas

Após a realização das duas entrevistas com as famílias completas coabitantes (pai, mãe e filho (a)), foi iniciado o processo de transcrição integral, levando ainda em consideração gestos e tipos de comportamentos suscitados por emoções. Feitas as transcrições, realizamos uma primeira leitura flutuante, considerando o primeiro momento da fase de pré-análise (BARDIN, 2016). Após esta leitura, foi realizada outra leitura mais apurada de cada transcrição, tendo o objetivo de destacar as narrativas, anotando palavras-chaves ou sentenças-chaves que pudessem representar possíveis categorias.

Essas palavras-chaves e sentenças-chaves foram elencadas mediante os temas que surgiram na entrevista, sendo que algumas já eram esperadas devido ao roteiro semiestruturado que foi construído com base na revisão da literatura sobre o tema, mas também com a possibilidade de

acréscimo do surgimento de outros temas, a partir da experiência e a vivência dos participantes encontrados nas narrativas dos membros da família. Conforme Bardin (2016), esses elementos se configuram em unidades de registro que contêm os "núcleos de sentido" e são uma prévia das categorias a serem analisadas. Considerando a compreensão e a subjetividade do entrevistador para estabelecer estes núcleos de sentido, foi realizada uma nova leitura acompanhada de nova análise dessas unidades de registro, mais apurada, a fim de estabelecer critérios comuns às entrevistas. Assim as palavras-chaves e sentenças-chaves foram melhores desenvolvidas, gerando uma unidade de contexto, que auxiliou na formulação das categorias.

As categorias foram definidas em conceituais e descritivas, sendo as conceituais relacionadas ao referencial teórico utilizado sobre o tema e as descritivas, que surgiram da narrativa dos entrevistados, ainda que não tivessem sido expostas teoricamente (BARDIN, 2016). As categorias foram divididas em três eixos temáticos: convivência dos pais com seus cuidadores e familiares; aspectos relacionais na convivência familiar; aspectos individuais dos filhos diante da coabitação prolongada. Os eixos emergiram segundo o roteiro da entrevista, que no início foi mais direcionada aos pais, e depois aos filhos, visando a identificar possíveis pontos em comum e divergências geracionais nas relações e convívio.

Tabela 15 – Eixos e Categorias da Análise de Conteúdo

Eixo Temático I	**Categorias Conceituais**
Convivência dos pais, seus cuidadores e familiares	Influência da renda
	Em busca de um trabalho
	Influência da escolaridade
	Chegada do (a) primeiro (a) filho (a)
	Saindo de casa
	Categorias Descritivas
	Criação e crescimento
	Do namoro à conjugalidade
Eixo Temático II	**Categorias Conceituais**
Aspectos relacionais na convivência familiar	Importância da família
	Convivência com os filhos novos
	Convivência com os filhos adultos
	Diferenças geracionais
	Educação e semelhanças geracionais
	Categorias Descritivas
	Proximidade com irmã (o)
	Impacto da saída de um filho/irmão de casa
	Relação com os outros parentes
	Relação dos pais com os amigos do (a)s filho (a)s
	Hora de chegar em casa
Eixo Temático III	**Categorias Conceituais**
Aspectos individuais dos filhos diante da coabitação prolongada	Privacidade
	Comodidade
	Poder de decisão

Tabela 15 – Eixos e Categorias da Análise de Conteúdo

Autonomia
Liberdade sexual
Pressão dos pais
Expectativa de casamento
Expectativa financeira
Categoria Descritiva
Expectativa de futuro
Falta de dinheiro
Expectativas X Realidade

4.2.3.1 Saturação e recorrência dos dados

Aqui identificamos, utilizando o recurso de saturação teórica e a recorrência dos dados (FONTANELLA ET AL., 2011), a relevância das informações encontradas nas entrevistas para a nossa pesquisa. Considerando que as duas entrevistas foram realizadas com os membros familiares ao mesmo tempo, são 6 entrevistados que serão identificados como P, M ou F de acordo com a função familiar de Pai, Mãe ou Filho (a), seguidos do número 1 ou 2 para cada família. Cabe ressaltar, conforme Ritchie, Lewis e Elam (2003), que frequentemente em estudos qualitativos o ponto de pausa da seleção da amostra acaba ocorrendo mais pelos recursos disponíveis do que por motivos metodológicos. Neste sentido, a apresentação aqui da análise da saturação e recorrência dos dados teve restrições na quantidade de entrevistas devido à recusa dos participantes em realizar a entrevista com toda a família presente, bem como devido ao tempo disponível para a conclusão do projeto. Tais restrições, no entanto, podem ser relevadas ao se verificar o cunho misto da pesquisa, tendo na etapa qualitativa um foco mais "clínico" para destacar singularidades da amostra e a recorrência das categorias, uma forma quali-quanti para descrever o universo dos entrevistados.

A saturação e a recorrência das categorias são mostradas por meio de uma tabela, apresentada a seguir. As linhas horizontais representam os eixos e as categorias e no topo da tabela estão as representações dos (as) entrevistados (as). Foram identificadas, para cada entrevistado, quais categorias estavam presentes em suas falas e enumeradas a quantidade de vezes que o seu tema foi explorado. As recorrências das categorias podem ser melhor visualizadas pelo aparecimento na fala dos entrevistados e pela quantidade de vezes que aparece. Na última linha também há um somatório da quantidade de vezes que um membro familiar falou, demonstrando uma maior prevalência das falas da mãe, na Família 1, e do pai, na Família 2. Na última coluna também somamos os temas que foram mais falados, destacando a "Convivência com os filhos adultos", "Diferenças geracionais", "Expectativa de futuro" e "Educação e semelhanças geracionais", nesta ordem como os mais recorrentes.

Importante destacar também a divisão dos eixos, cujos temas tinham maior relação com os pais no Eixo I, com a família toda no Eixo II e com os filhos no Eixo III. Ressaltamos que os temas podiam se entrelaçar em mais de uma categoria. Os temas dos Eixos II e III tiveram maior recorrência, e o Eixo I, pela sua própria significação, não aparece tanto na narrativa dos filhos. Não iremos demarcar a saturação das entrevistas, nos atendo apenas à recorrência das categorias, por motivos acima descritos.

Tabela 16 – Saturação e recorrência das categorias

Saturação teórica das entrevistas e recorrência das categorias								**Total de recorrências**
Eixos	**Categorias**	**Entrevistados**						
		M1	P1	F1	M2	P2	F2	
EIXO I	Influência da renda	2	1	x	1	1	x	5
	Em busca de um trabalho	1	1	x	3	2	x	7
	Influência da Escolaridade	3	1	x	x	x	x	4
	Chegada do (a) primeiro(a) filho(a)	2	1	x	1	x	x	4
	Saindo de casa	3	2	x	1	3	x	9
	Criação e crescimento	x	x	x	2	3	x	5
	Do namoro à conjugalidade	5	x	x	2	x	x	7
EIXO II	Importância da família	1	x	1	x	2	1	5
	Convivência com os filhos novos	2	x	1	1	x	2	6
	Convivência com os filhos adultos	1	1	6	2	2	1	13
	Diferenças geracionais	5	1	x	1	4	1	12
	Educação e semelhanças geracionais	5	x	2	x	2	1	10
	Proximidade com irmã (o)	x	x	1	x	x	1	2
	Impacto da saída de um filho/irmão de casa	2	x	x	2	1	2	7
	Relação com outros parentes	1	x	2	1	1	1	6
	Relação dos pais com os amigos do (a)s filho (a)s	1	x	1	x	1	1	4
	Hora de chegar em casa	4	x	1	1	1	2	9
EIXO III	Privacidade	1	x	x	x	1	1	3
	Comodidade	1	x	1	x	1	5	8
	Poder de decisão	1	x	1	x	x	x	2
	Autonomia	2	1	2	1	1	2	9
	Liberdade sexual	1	1	1	1	1	1	6
	Pressão dos pais	x	x	1	x	1	1	3
	Expectativa de casamento	x	1	3	x	1	1	6
	Expectativa financeira	x	2	2	x	1	2	7
	Expectativa de futuro	1	x	3	1	2	3	10
	Falta de dinheiro	x	x	2	x	x	2	4
	Expectativas X Realidade	1	1	x	2	x	1	5
		46	14	30	22	32	30	174

A definição das categorias relevantes não exige um percentual ou número definido que represente a saturação (FONTANELLA ET AL., 2011). Portanto, escolhemos o percentual de 60%, como referencial para constatar saturação das categorias mediante o número de recorrência nas

entrevistas. Isto não significa que as categorias não saturadas não são relevantes, elas apenas aparecem em menor quantidade e podem ter um significado relevante para a amostra que pode ser mais explorado em outras pesquisas. O cálculo desta porcentagem, em relação aos entrevistados, indicou que a categoria precisava aparecer nos quatro entrevistados (arredondando-se o resultado de 3,6). É pertinente destacar que as categorias foram formadas, pensando na amplitude das respostas recebidas, considerando que se entrelaçam com outras categorias. Obtivemos assim os seguintes resultados de saturação nas seguintes categorias:

- 6 entrevistados – Convivência com os filhos adultos; Autonomia; Liberdade sexual;
- 5 entrevistados – Diferenças geracionais; Relação com outros parentes, Hora de chegar em casa; Expectativa de futuro
- 4 entrevistados – Influência da renda; Em busca de um trabalho; Saindo de casa; Convivência com os filhos novos; Educação e semelhanças geracionais; Impacto da saída de um filho/irmão de casa; Relação dos pais com amigos dos filho (a)s; Comodidade, Expectativa de casamento; Expectativa X Realidade.

4.2.3.2 Apresentação dos Eixos e Categorias

Apresentamos como foram constituídos os eixos e as categorias, a partir do referencial teórico e exemplificando com falas dos entrevistados de ambas as famílias. Levamos em consideração o objetivo do trabalho em investigar a transmissão intergeracional e neste sentido, as questões norteadoras aparecem em uma lógica temporal do ciclo de vida da família que vai da convivência da geração dos pais com seus cuidadores (Eixo I) até os aspectos relacionais da relação entre pais e filhos (Eixo II) e os aspectos e emoções individuais diante da coabitação (Eixo III). A divisão entre eixo II e III é meramente didática, considerando que mesmo os aspectos individuais recebem influência da relação familiar diante de nossa perspectiva teórica sistêmica. Entretanto verificamos um maior impacto individual para os filhos, sendo as narrativas dos pais, neste último eixo, voltadas a opiniões deles sobre as emoções de seus filhos.

Eixo I – Convivência dos pais, seus cuidadores e familiares

A família pode ser considerada como local onde a aprendizagem do amor, das leis e das normas acontece, sendo primordial para o desenvolvimento do ser humano (SARTI, 2004). Ao levarmos em consideração a convivência dos pais com seus próprios pais, cuidadores e familiares quando estes eram crianças e jovens, entramos em contato com uma experiência de vida que ofereceu base para a formação dos valores familiares, que por sua vez já tinham sido oriundos de gerações anteriores, num jogo de perpetuação e ressignificação (WAGNER, 2014). Neste Eixo, também consideramos a relação dos pais entre si até a chegada dos primeiros filhos, verificando o impacto que isto trouxe nas suas trajetórias de vida.

Categorias conceituais

Influência da Renda: A situação financeira apresenta uma centralidade para as condições de vida e as decisões que são tomadas. O dinheiro é considerado um "Deus da modernidade" e indica os caminhos, baseados na materialidade e na formação da individualidade (SIMMEL, 1998). Esta categoria apresenta como os pais lidavam diante da questão financeira da família de origem.

> Na hora que a gente tava muito no aperto eu, comentava com a mamãe. Falava mãe, tá tão difícil. Porque tinha hora que a gente num tinha dinheiro mesmo nem pra comer. Aí ela pagava, abria a geladeira e tirava um monte de coisa da geladeira. Ia no supermercado, a gente ia fazer compra pra eles e comprava umas coisas pra mim. Mas num tinha uma ajuda financeira que você possa dizer assim.
> (...) No caso, a minha família tinha um pouco mais de recursos. Então a gente sempre acessava. Quando a gente precisava, acessava mais eles. Mas a gente sabia que se pedisse ajuda pra família, pra avó do Jorge Elias, ela também se desdobraria pra ajudar. Mas a gente não pedia, só em momento de sufoco. (M1)
>
> Não era nem a hora da gente sair, a gente num tinha dinheiro pra nada. [...] a gente procurou um lugar mais acessível pra gente, um apartamento mais barato, mas conseguimos nosso espaço. (P1)
>
> Eu era babá e só vinha pra casa de 15 em 15 dias. E aí que vinha na casa da minha irmã, ficava lá e no caso, voltava só pra trazer dinheiro pra ela mandar pros meus pais. (M2)
>
> Logo depois que minha mãe morreu, meu pai num teve assim condições de criar a gente, juntar os filhos. Aí cada um foi tomando seu destino, seu rumo, teve condições de sobreviver em outro lugar. (P2)

Embora as famílias 1 e 2 sejam de classes econômicas distintas, a necessidade de dinheiro é um marco central na vida de ambos, pois enquanto na família 1 existia a possibilidade de auxílio

financeiro dos seus pais (M1), na família 2 a falta desse dinheiro fez com que os membros buscassem a imigração do Nordeste para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições. M2 trabalhava muito para ajudar financeiramente sua família que estava em outro Estado e P2 relatou que a falta de condições financeiras e a grande quantidade de filhos, fez com que sua criação não ocorresse pelo seu pai, mas por outros familiares e de forma distinta para seus irmãos. P1 relata que a falta de dinheiro dificultou na saída da casa da família de origem, mas que mesmo assim, eles optaram por sair para um lugar mais acessível.

Em busca de um trabalho: O trabalho é uma dimensão importante, não só por sua estreita ligação com a renda, tão necessária à subsistência, mas pela formação da identidade profissional. Arendt (2005) realça a centralidade do trabalho para o homem moderno e como ele passa a definir e moldar as subjetividades.

> Minha mãe era dona de casa. Uma dona de casa que sempre trabalhou. Ela fazia tricô, fazia comida congelada. (M1)
>
> Eu consertava televisão. Trabalhava por fora pra comprar, pra ganhar alguma coisa a mais. (P1)
>
> Vim pro Rio sozinha. Eles ficaram lá e aí fiquei 9 meses trabalhando, voltei. Passei mais 1 ano lá e aí voltei de novo.
> (...) Eu morava mais no emprego. Aí eu fiquei na casa da minha irmã Erica, aí na folga que eu vinha pra casa dela. Mas era assim, pra morar mesmo com ela, eu só morei 30 dias porque eu aí eu fui trabalhar e ficava no emprego. Aí só tinha folga de 15 em 15 dias. Eu era babá e só vinha pra casa de 15 em 15 dias.
> (...) Assim que eu casei, eu parei de trabalhar [...] quando ele nasceu aí a gente vendia roupa nas portas, em seguida já tinha um ponto de roupa, uma barraca lá na central do Brasil. Aí compramos um ponto na feira de São Cristóvão. Aí desfizemos do ponto e entramos em sociedade numa mercearia. [...] trabalhei também no Posto de Saúde. (M2)
>
> Eu trabalhei com Mestre Zito, que era meu mestre. Aqui a gente chama de professor, lá a gente chama mestre. Foi quem me ensinou a arte da marcenaria. Morei na casa dele.
> (...) Quando eu vim pro Rio, foi a empresa que me trouxe. Morei 2 anos lá no alojamento da empresa e depois fui morar lá em São Cristóvão e morava sozinho até conhecer ela. (P2)

O trabalho para as gerações anteriores era bastante dividido por gênero e classe social, conforme podemos observar nos relatos das famílias. Enquanto M1 e M2 realçam o papel feminino de ficar em casa, seja parando de trabalhar para cuidar dos filhos ou na ocupação “do lar”, elas também ressaltam que a necessidade de renda tenha mobilizado ambas para trabalhos temporários. No entanto, as dificuldades ficaram mais marcadas na fala de M2, na busca de vários trabalhos, enquanto M1 não teve relatos pessoais, apenas sobre sua família de origem. A importância do

trabalho, para os pais, surge desde cedo e as diferenças socioeconômicas parecem mais evidentes na fala deles. P1 trabalhava para ter uma renda extra ainda na sua adolescência, sendo que o trabalho de consertar TVs o credenciou a se tornar Engenheiro. P2 tinha na sua ocupação de marceneiro a única possibilidade de sobrevivência, chegando a morar na casa de um professor para aprender esta ocupação. Foi devido ao trabalho que P2 veio para o Rio de Janeiro, chegando a morar no alojamento da empresa, mostrando como o trabalho teve um papel central nos rumos de sua vida pessoal.

Influência da escolaridade: O investimento na escolaridade é um indicativo de como a instrução se mostra importante para o planejamento futuro familiar. No entanto, há diferenças significativas no acesso à escolaridade, devido às condições socioeconômicas e isto reflete em como ocorre a inserção no mercado de trabalho (LETELIER, 1999; FERREIRA; POMPONET, 2019).

> O meu pai não era nada. Num tinha instrução. Era recepcionista, consultor.
> (...) Na realidade eu fazia mestrado. Tinha bolsa de mestrado. A gente sustentava a casa com aquela bolsa.
> (...) Em 98 e 99 a gente tava nos Estados Unidos fazendo pós-doutorado. Eu fiquei dois anos afastado da instituição, morando nos Estados Unidos pra fazer pós-doutorado. [...] então todo mundo morou junto nos EUA. (P1)
>
> Num tinha empregada, num tinha nada. Então na verdade eu ia pra faculdade e quando chegava da faculdade, Jorge Elias ia trabalhar. (M1)

Destacamos as falas da família 1, na importância dada à escolaridade quando P1 afirma que o pai não era “nada” porque não tinha instrução e em M1, que colocava a faculdade como central, mesmo com a rotina de criação dos filhos. Já a ausência das falas sobre escolaridade na família 2 também são significativas, pois mostra outra realidade, na qual a sobrevivência e a necessidade de trabalhar sobrepôs o investimento na educação. Isto aparece também na categoria sobre trabalho e em muitas falas da família 2 em que não há tanta preocupação com a concordância verbal.

Chegada do(a) primeiro(a) filho(a): A chegada dos filhos para um casal representa a formação de uma nova família e um novo sistema de relações que inclui este(a) filho(a) como um novo membro. Isto geralmente traz uma nova responsabilidade e mudanças no contexto do casal, que precisa se adaptar ao cotidiano para conseguir lidar com a criação dos filhos, mas também é uma oportunidade de desenvolvimento dos novos pais, nesta relação de cuidado. (DANIELS; WEINGARTEN, 1983; CARTER; MCGOLDRICK, 1995)

> Aí os nossos planos era pra gente casar em janeiro de 87. Aí eu engravidei. Em agosto eu soube que tava grávida e a gente casou em outubro de 86.
> (...) Enquanto todos os nossos amigos estavam viajando, indo pra festa, pra balada. A gente tava cuidando, trocando fralda, cuidado de criança. [...] A gente foi empurrado, por escolhas nossas para a vida adulta mesmo. A gente passou de adolescentes para pai e mãe, com uma família pra criar. (M1)

> A gente sustentava a casa com aquela casa bolsa. [...] num dava pra ela trabalhar porque estudava e a gente agora tinha uma filha. (P1)

> Aí fomos morar em São Cristóvão, num quartinho. Fiquei grávida e com a gravidez, a minha barriga já num cabia mais, num passava na porta. Aí que compramos nossa casa já no Novo México. (M2)

A gravidez e a chegada dos primeiros filhos modificaram a rotina das duas famílias, como podemos notar na mudança no planejamento do casamento, que teve de ser adiantado na primeira família (M1) e de como isto dificultou a conciliação dela em poder estudar, trabalhar e criar um filho (P1). Na segunda família, M2 indica a necessidade de mudança de casa com a gravidez e a iminente chegada de um novo membro, enquanto isso nenhuma fala de P2 foi constatada sobre este tema, o que talvez indique uma divisão de papéis de gênero que mobilize mais a mãe nos aspectos de cuidado.

Saindo de casa: A saída da casa dos pais tem centralidade em nosso trabalho e ressaltar a sua ocorrência nas gerações anteriores, demarca as diferenças de época. A saída da casa dos pais é a primeira etapa do ciclo de vida familiar e envolve desafios comuns ao casal, envolvendo novas responsabilidades, tais como aprender a se relacionar com o outro diante de questões de gênero, função, fronteira familiar, entre outras (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

> A gente saiu de casa quando casou. A gente casou e demorou quase 1 ano na casa da minha mãe e depois a gente saiu. Ele saiu de casa quando a gente casou porque a gente foi morar na casa da minha mãe.
> (...)Ele não falou que ia sair de casa [sobre o marido]. Foi normal.
> (...) A minha mãe não é de personalidade tão forte, mas é uma pessoa muito invasiva, uma pessoa que não respeita muito o limite né. Então a gente não gostava que invadisse esse lugar [criação dos filhos] que era nosso. Eu fui criada ouvindo minha mãe falando isso: "Quem pariu o Matheus, que o embale". E é por aí! (M1)

> Não foi ruim não. Não foi bom, mas não foi ruim. A gente tinha noção de que tinha que ser assim. A gente trabalhou pra sair.
> (...) Não foi briga não, foi o seguinte: Quando você começa a ter um pouquinho de incômodo, tem que sair fora. Eu num tô no meu lugar, comecei a incomodar, fui me embora. [...] começou a incomodar, vou me embora. A gente falou: vambora. Eu não vou ficar mais aqui. (P1)

> Eu morava com os meus pais. Com 18, 19 anos vim aqui pro Rio. [...] Vim pro Rio sozinha. Eles ficaram lá e aí fiquei 9 meses trabalhando. Voltei, passei mais 1 ano lá com eles e voltei de novo. Foi aí que conheci Roberval e casamos 3 meses depois. (M2)

> Vim pra cá em 90, no Rio de Janeiro. Perdi o contato com a minha família.
> (...) Lá [no Maranhão] eu morei sozinho e aqui no Rio também morei sozinho. Morei sozinho até conhecer ela.
> (...) Tenho um irmão que morou comigo aqui quase 22 anos, o Santos. Ele morou com a gente aqui e completando 22 anos, voltou para o Maranhão e vive lá com a irmã. Mas é isso, minha família tá toda lá e aqui eu não tenho ninguém. Minha família aqui é meus filhos e a família da minha mulher. (P2)

As famílias tiveram trajetórias de saída de casa muito diferentes. Enquanto na família 1 a saída da casa dos pais ocorreu devido ao casamento, na família 2 os pais tiveram de morar sozinhos por necessidade, após terem saído da casa de seus criadores. Os relatos de M1 e P1 mostram que a saída de casa do pai ocorreu pelo casamento, mas com P1 indo morar na casa da sogra. O motivo disto foi pelo suporte financeiro, mas isto também ocasionou desavenças na família. Neste sentido, a saída de casa de M1 só ocorreu mesmo quando ela e o marido foram morar sozinhos. Os problemas de fronteira familiar apareceram nos relatos desta família tanto em M1 como em P1, que decidiram sair após incômodos. Já para M2 e P2 houve uma migração do Nordeste para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Enquanto M2 morou com os pais na Paraíba até a entrada na vida adulta (18, 19 anos) e depois passou a morar sozinha aqui, P2 já tinha morado com outras famílias, morou sozinho no Maranhão e depois que conheceu a esposa, casaram-se rapidamente. A união conjugal, neste sentido, configurou a possibilidade de novo suporte financeiro e emocional.

Categorias descritivas

Criação e crescimento: Os relatos sobre a infância e criação dos pais surgiram nas entrevistas, trazendo lembranças de uma época de dificuldades e de enfrentamento, que foi possível notar na entrevista, como uma emoção positiva de força.

> Minha família não mora aqui. Eu vim do Maranhão. Então eu não tenho contato, só por telefone.
> (...) Eu fui criado mais pela minha família. Meus tios, entendeu? No período que vivi lá eu era garoto, 12, 13 anos. Eu vivi na casa dos meus pais. A partir dessa época pra frente eu passei a trabalhar pra sobreviver, entendeu? De 72 até 74 eu trabalhei com Mestre Zito. Aqui a gente chama de professor, lá a gente chama de mestre. [...] a mulher dele eu chamava de tia. E pra eles eu era como um filho que eles não tiveram e eles me tratavam como um filho. E eu gostava muito deles, pra mim era um segundo pai e eu tinha muito respeito por ele.

> (...) Eu tinha uma irmã que eu tinha contato com ela lá, a única. E através dela, um dia os irmãos foram na casa dela e ela deu o endereço aqui aí eu passei a ter o contato com todo mundo, com os irmãos todos. Hoje que eu conheço os irmãos todos, mas tem parte da família, tem sobrinha que eu não conheci. Teve um irmão que já faleceu, eu não conheci. (P2)

> Eu sou da Paraíba morei com meus pais até os 18 anos, quando vim pro Rio.
> (...) Meus pais nem conheciam ele e quando depois de já casada, que meu irmão que mora na Paraíba veio aqui conhecer. Aí quando Ricardo tinha 11 meses aí eu fui com ele. Aí meus pais vieram aqui e foi aí que conheceu Roberval. Então não teve assim, interferência assim nenhuma porque eu já trabalhava e era dona do meu nariz. Num tinha assim, ah alguém que interferisse. (M2)

A infância e criação dos pais não era um aspecto presente no roteiro de entrevista, mas surgiu bastante na fala da segunda família, com sentimentos de superação das condições que tinham, mas com certa alegria nos relatos, ao relembrarem. A fala de M2 mostra uma ligação com os pais relacionadas à criação para o casamento e no fato dos pais terem que dar permissão para o matrimônio, sem nem conhecer o pretendente, o que demonstra uma diferença de experiência em relação à família 1. P2 relata uma infância com muitas figuras de criação, após a morte da mãe, sendo criado pelos tios e depois por um professor e a esposa dele, que assumiram figuras parentais para ele. Na família 1, apesar dos relatos de suporte dos pais após o casamento, não houve menção à infância e à adolescência, mencionando os pais e a sua criação.

Do namoro à conjugalidade: Os relatos de como os pais se conheceram apareceram nas falas de ambas as famílias, em especial na fala das mães. Alguns detalhes e histórias vieram à tona, acompanhadas de emoções de felicidade e de nostalgia.

> A gente se conheceu no prédio. Eu tinha 13 anos quando a gente começou a namorar.
> (...) A gente era muito novo quando casou. Eu tinha 20 e ele 25. Nenhum dos dois era formado.
> (...) A gente namorou 7 anos e meio. Quando a gente tava namorando há 7 anos, a gente ficou noivo pra casar.
> (...) A gente morava no mesmo prédio. Eu morava no 201 e ele no 301. Então quando ele ia na casa da avó dele, consertar televisão, eu ia pra casa da minha mãe muitas vezes, não todas, mas a maioria das vezes eu ia pra casa da mamãe com a Leila porque Maria Luiza ainda não existia, pra ficar esperando por ele.
> (...) A gente num teve isso que vocês têm. A gente num teve uma vida de solteira. A nossa vida adulta já começou quando casado. (M1)

> Eu morava no Novo México e ele morava em São Cristóvão e aí conhecemos num forró da vida. Com 3 meses a gente casou e num casou antes porque eu era ´de menor´. Tinha que meus pais assinar. Só passava a ser ´de maior´ quando tinha 21 anos. E eu num tinha 21 anos ainda. Aí teve que mandar os papéis pros meus pais assinar autorizando. Tudo era mais difícil. Mas a gente casamos, conhecemos outubro e casamos em janeiro. Foi rápido.
> (...) Quando eu o conheci, que a gente se namoramos no forró, aí encontramos no sábado, domingo e aí foi se ver só 15 dias depois. Aí nesses 15 dias eu já fui pedida em casamento.

> E com mais 15 dias, que eu num dei resposta assim tão rápido né? Com 15 dias a gente decidiu se casar. Aí ele me propôs da gente morar junto. (M2)

As mães das duas famílias foram quem falaram sobre como foi conhecer o marido, passando pelo namoro até o casamento. M1 chama a atenção para a idade que eles tinham quando começaram a namorar, sobre terem se conhecido no prédio em que ambos viveram a adolescência e que também se casaram novos, quando ela ficou grávida. Relata também que eles não eram formados quando se casaram, o que ressalta também a importância da escolaridade para ela. M1 também indica certa tristeza ao afirmar que não teve uma vida de adolescente, pois teve de lidar com a chegada dos filhos muito jovem. Já M2 conta a história de como ela e o marido se conheceram e rapidamente decidiram se casar para viver uma vida juntos. A interferência da família foi necessária apenas para assinar os papéis, autorizando o casamento antes dos 21 anos, idade mínima para casar segundo o Código Civil vigente da época (atualmente a maioridade é aos 18 anos).

Eixo II – Aspectos relacionais da convivência familiar

Neste Eixo apresentamos a convivência dos filhos com seus pais, observando como alguns conceitos e valores se repetem em relação à geração anterior e outros se modificam. Os aspectos relacionais com a família e dos membros entre si indicam a interdependência do sistema familiar (BOWEN, 1991) e aqui demonstramos alguns aspectos da convivência familiar nuclear e das relações com outros parentes.

Categorias conceituais

Importância da família: A família é uma instituição fundamental para a formação da identidade dos indivíduos e para o suporte que oferece a todos os membros. A família recebe uma importância central pelo simbolismo que ela representa, sendo que exerce uma função primordial em nossa sociedade, ao oferecer sentido às relações entre os indivíduos e ser um referencial de apoio e de elaboração das experiências de vida, sendo bastante comum que sua definição seja construída a partir da própria experiência relacional familiar (SARTI, 2004).

> Família é a coisa mais importante que a gente tem. (M1)

> Uma das coisas que ela falava muito quando a gente era criança era que a gente tinha que ser amigas porque os amigos de vocês vão virar as costas, mas vocês duas são sangue. Vocês vão tá sempre juntas. (F1)

> Quando você tem uma família, você se sente acolhido. Alguma hora, alguém da sua família vai te acolher, vai ter um ombro amigo de um parente, de um irmão, de um filho, da mãe, da esposa. (...) Como é que a criança começa a dar os primeiros passos? O papai e a mamãe tá do lado segurando o outro. Assim é os pais. Sempre fazendo isso com os filhos. Vai meu filho, tombou, você tá do lado pra socorrer, dar um apoio. (P2)

> Quer ver um lado bom? Quando perde um pedaço do dedo... [sobre a história de como o pai perdeu um dedo na oficina e ele estando em casa, pôde dar o suporte]. (F2)

As duas famílias se definiram de forma muito positiva ressaltando a importância e o caráter central do suporte e do acolhimento. As falas de M1 e F1 ressaltam como a família também é um valor que deve ser respeitado e colocado como prioridade, inclusive a questão da consanguinidade sendo levado em consideração para M1. Na segunda família ressalta-se também como a família tem um papel de educação e de suporte, desde a infância dos filhos até as necessidades de ajuda médica dos pais, depois dos filhos adultos, como vemos nas falas de P2 e F2.

Convivência com os filhos novos: Quando os filhos são crianças e adolescentes, os pais possuem desafios educacionais nos quais eles assumem responsabilidades e detém maior autoridade. Os pais ensinam valores e estabelecem limites, ajustando as esferas domésticas e financeiras e, na medida que os filhos crescem, permitindo mais liberdade. Estas tarefas são consideradas específicos do terceiro e do quarto estágio de ciclo de vida familiar, denominadas “família com filhos pequenos” e “família com filhos adolescentes” (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

> A gente fez um ótimo trabalho. Nunca deixei elas [irmãs] brigarem. (M1)

> A relação mais conflituosa aqui em casa era minha mãe e minha irmã. [...] Porque a minha irmã, mais nova, era agarrada ali na raiva, geniosa.
> (...) Eu era muito mais rebelde adolescente. Porque eu saí e a minha mãe falava assim. Quero você meia noite em casa. Eu chegava às 3 horas da manhã. (F1)

> Eu nunca fui chamada num colégio pra ter alguma reclamação, nem do irmão dele, nem dele. Quando era reunião dos pais, no caso eu sempre que ia, só era elogio, entendeu? Então, elogio, elogio e eu não deixava, não criei os dois brigando. (M2)

> Tanto eu como meu irmão, a gente foi criado muito preso. Tinha que andar de bicicleta na porta de casa. Então, quando eu tive minha liberdade depois dos 18 anos, agora eu vou sair pra tudo que eu quero.
> (...) Eu trabalhava desde os 16, aí já tinha o meu dinheiro, mas não podia sair porque era pequeno. Dormir na casa dos outros nem pensar. (F2)

A convivência com os filhos mais novos, foi mais ressaltada em ambas as famílias, aparecendo mais na relação das mães com os filhos. Os pais não ofereceram narrativas sobre o tema. Isso indica como o cuidado com os filhos para estas famílias parece ter sido uma função mais materna do que paterna. Na família 1, M1 indica como foi importante ter criado as duas filhas para serem amigas e companheiras, mas ainda assim F1 indica que a relação da mãe com sua irmã mais velha não foi tão fácil. Apesar de F1 também ressaltar o bom relacionamento com a mãe, ao longo de toda a entrevista, quando mais nova ela enfrentava mais, questionando as regras, sobretudo a do horário de chegar em casa (formou-se outra categoria devido à quantidade de informações sobre isso). Na família 2, M2 mostra ter muito orgulho dos filhos na conduta deles, indicando só ter recebido elogios da escola e também salientando que não gostaria que os filhos brigassem. No entanto, F2 indica que a criação dele e do irmão foi mais presa e com pouca liberdade, o que fez com que a chegada da maioridade se transformasse num período de maior exploração dele. O horário de chegar em casa nesta família também apareceu com bastante força como algo a ser mais explorado.

Convivência com os filhos adultos: Quando os filhos crescem e chegam na idade adulta, a convivência com os pais se modifica, pois é esperado que o relacionamento seja mais horizontal, com menos aspectos de autoridade e uma aceitação da maturidade cognitiva, emocional e afetiva dos filhos. No caso de filhos adultos morando com seus pais, há uma maior negociação em relação às atividades de casa e ao poder se estabelece como um desafio para os pais (HENRIQUES; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2006; PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014; PONCIANO; SEIDL-DE-MOURA, 2016).

> Todo mundo morou junto sempre. Se pudesse, morava junto até hoje. O problema é que não rola.
> (...) Eu gosto da companhia dela. Eu gosto muito das minhas filhas e sempre me dei muito bem com a Maria Luiza. Muito mesmo. Posso falar isso na boa porque não é preferência. Mas eu sempre me dei muito melhor com a Maria Luiza do que com a Leila. (M1)

> A gente almoça geralmente todo final de semana. [...] O papai deu uma afastada pra começar a fazer as coisas do negócio, mas a gente almoça junto no final de semana. É hora de fazer almoço, a gente fica todo mundo aqui, tomando vinho. Aí ajuda aqui, corta aqui, o outro faz ali. Aí quando tá tocando Rei Leão, meu pai sempre me chama pra descer. Mas a gente tem bastante tempo. Eu nado com o meu pai toda segunda, quarta e sexta de manhã. (...) A gente tem e sempre teve um relacionamento muito bom, inclusive a minha mãe sempre foi minha amiga. Apesar de às vezes eu não contar as coisas que eu fazia pra ela porque eu sabia que tava fazendo besteira. [...] mas a minha mãe sempre foi minha amiga, então eu sempre tive muita abertura.

> (...) Também fala que se eu for fazer doutorado fora, que ela vai arrumar a malinha e vai comigo. [...] Num corta esse cordão umbilical não, assim de distância, mas ela é muito mais apegada a mim do que a minha irmã.
> (...) Quando eu terminei com o Breno, ela me deu um conselho muito lindo. Eu tava muito mal chorando e aí ela pegou aqui na frente do espelho e falou assim pra mim "Filha, eu e seu pai terminamos e estamos juntos hoje em dia." Aí você contou a história do término e eu tive esperanças. [...] Eu converso com ela, eu conto pra ela. Ela sabe quando eu tô saindo com o boy.
> (...) Com o meu pai, eu converso muito menos. Eu tenho vergonha de conversar com meu pai. Às vezes eu acho que a gente num tem muito assunto. Ele conversa muito mais com a minha irmã, por exemplo. Porque a minha irmã é da área dele e tal.
> (...) Eu, quando viajo, fico o tempo inteiro ligando pra eles, eles me ligam, entendeu? Meu pai me liga pra me encher o saco. Tô brincando. Mas ele me liga, ele conversa comido. Então eu acho que isso é positivo. A gente é muito unido. A minha irmã vem almoçar com a gente todo final de semana. Se ela não vem almoçar, porque final de semana a gente almoça tarde, ela vem, fica aqui, conversa e tal. (F1)
>
> Todo mundo aqui em casa tem, vamos dizer assim, poder de raciocinar uma situação pra entender o que tá certo e o que tá errado. Aí a discussão fica sem sentido. Não tem uma discussão. Dificilmente, tem uma discussão de sair na porrada. Porrada, que eu digo, é uma discussão forte, entende? (P1)
>
> Eu tenho uma boa convivência com os meus filhos. A gente num briga, num discute e num tem atrito. [...] A gente se dá muito bem, é aquele negócio: os filhos sempre são os meninos da gente.
> (...) Nós somos muito acolhedores. Gostamos de acolher as pessoas, de ajudar a maneira que a gente pode né, e não interferir na vida de ninguém. Quando procuram a gente, a gente dá um conselho, uma orientação e tal. Nunca tivemos problemas. (P2)
>
> A gente num tem o costume de brigar, discutir, xingar, nunca tivemos esse hábito não. Esporro dava né, normal, coça né, devido à criação. Mas hoje em dia não.
> (...) Pra mim tudo é positivo. Meu filho morando comigo. Nunca tive atrito. (M2)
>
> Pontos negativos num vejo nenhum. Tudo é positivo. (F2)

Ambas as famílias prezam pelo bom relacionamento com os filhos e uma convivência saudável, embora algumas questões mobilizem negociações e discussões. O que chamou a atenção é uma questão de apego, na família 1, com podemos perceber pelas falas de M1 sobre o seu desejo de que todo mundo sempre morasse junto, sobre a maior facilidade de convivência com sua filha mais nova que mora com ela do que com a filha mais velha que saiu de casa. Nas falas de F1 isto fica mais evidente, dizendo que a mãe é como se fosse uma amiga, que elas conversam sobre relacionamentos e afirmam que ela e a mãe são muito apegadas, indicando ainda que a mãe poderia ir para fora do país com a filha, caso ela passasse no doutorado. F1 ainda relata que as refeições são feitas com toda a família e a filha mais velha, sempre que pode, retorna para almoçar com os pais e ela nos fins de semana, o que demonstra um vínculo familiar muito forte. A relação com seu pai, no entanto, não é tão forte como é com a mãe, embora eles possuam muitos momentos juntos, o que foi evidenciado pelas falas de que nadam juntos três vezes por semana. Ainda assim F1 relata

ter dificuldade de conversar com ele. P1 preferiu enfatizar a relação familiar calcada no poder de raciocínio que todos tem, que isto seria fator importante para evitar brigas. Enquanto isso, na família 2, tanto M2 quanto P2 relataram uma ótima convivência com ambos os filhos, sem brigas e atritos e que isto se alterou com o tempo, pois quando eles eram crianças a criação era mais rígida, mas atualmente não, com o pai se dizendo acolhedor e ao mesmo tempo sem se intrometer na vida dos demais. Para F2, a convivência com os pais só tem pontos positivos e isto também aparece em outras categorias ao longo da entrevista.

Diferenças geracionais: A educação dos pais é o primeiro referencial que um indivíduo tem, e na qual os valores são fundamentados. Com o tempo, esses valores são submetidos às mudanças geracionais, num conflito entre tradição e mudança (Sarti, 2004). Nesta categoria são evidenciadas algumas mudanças de valores entre a geração dos pais e a geração atual e como que os pais têm se adaptado a elas.

> Eu acho que mudou muito a dinâmica. A primeira pessoa que era servida era quem botava o pão na mesa. Hoje é a criança.
> (...) Ah, muita coisa. [pergunta sobre valores que trouxeram dos pais] A gente é educado por eles. Mas tem muita coisa que a gente releva hoje em dia porque sabe que não dá pra manter hoje em dia. É difícil enumerar quais são elas, mas as coisas evoluíram.
> (...) Na nossa época não tinha essa coisa de filho, de filha dormir em casa com namorado.
> (...) Argumentava, mas apanhava também.
> (...) É [concordância sobre a diferença de gerações] e isso é uma coisa interessante também. Quando a gente morou na casa da minha mãe, o Jorge Elias fez questão de pagar, conta de telefone num era? Ele pagava e fez questão disso. Ele falou com a minha mãe "Dona, eu vou vir morar aqui, num sei o que, mas eu quero assumir uma conta." E mesmo a gente num tendo condição financeira, a gente pagava a conta e sempre pagou. (M1)

> Não tinha esse negócio de liberdade que tem hoje em dia. De relacionamento entre pai e filho. Até tinha liberdade, mas não era a mesma coisa. Eu vejo mesmo pelo meu pai. Uma pessoa de 50 anos era uma pessoa velha. [...] Hoje em dia não, parece que a idade aumentou. Não sei se é só no nosso meio social, mas você vê pessoas com um outro tipo de mentalidade, uma cabeça mais aberta, aceitando as coisas com facilidade. A gente não era assim. (P1)

> Tudo é devido à criação. Hoje em dia não, o pensamento é outro, outro modo de pensar, de agir. Já é completamente diferente, mas na época da minha criação... (M2)

> A mudança é a evolução da coisa. Muda a cada dia que passa. Hoje a geração deles é uma coisa e quando eles tiverem os filhos deles, a geração já vai ser outra, a tecnologia vai ser outra, o eletrodoméstico... então tudo vai mudar e a gente tem que tentar pelo menos se encaixar no meio. Na minha geração, a minha criação era completamente diferente. Eu já era homem, dono do meu nariz, trabalhava pra sobreviver.
> (...) Na minha época era "tia, posso ir?" Não. Acabou. Ninguém ia. Eu conheci muitos amigos, primos que fugiam. Esperavam todo mundo dormi, pulava a janela e fugiam. Mas tinha que acordar antes do velho acordar, porque às 5 horas da manhã ele já tava de pé.
> (...) A liberdade é completamente diferente. Na minha época e na época dela isso [dormir na casa de namorado] não existia.

> (...) A velha não era nada minha, mas o respeito que a gente tinha antigamente pelos mais velhos era muito, completamente maior que hoje os jovens têm pelos mais velhos. Até hoje, se a gente reclama é "ah não pai, num tem nada a ver uma coisa com outra". É assim que eles falam. (P2)
>
> Os cinquenta de hoje é os trinta de antigamente. (F2)

Os valores familiares de respeito aos mais velhos e na diferença na concepção de liberdade são muito marcados na fala dos pais de ambas as famílias. A forma como foi relatada traz uma impressão de nostalgia e demarca uma ambivalência entre a importância da hierarquia e a intromissão dos pais nos assuntos dos filhos. P1 mostra certa consternação na liberdade dos filhos de hoje em comparação com a que ele tinha, referenciando seu pai como uma pessoa "velha" nos costumes. M1 e P2 ressaltaram como antigamente havia mais respeito aos mais velhos do que atualmente e isso, para eles, ainda é um valor essencial, mas chama a atenção a mudança da referência do pai como membro mais importante para a criança, atualmente. A educação baseada em palmadas foi salientada por M1 ao dizer que argumentava, mas apanhava. A liberdade dos jovens, atualmente, de poder levar namorado(a) para dormir em casa, em comparação com a liberdade que os pais tiveram quando eram mais novos, também foi uma mudança apontada na fala de M1, P1 e P2. Ainda assim, todos os pais relataram que entendem que as gerações possuem costumes diferentes e é necessária uma mudança de mentalidade para lidar com elas. Até mesmo a questão da idade foi enfatizada por F2, ao dizer que a idade que ele tem, trinta anos equivale aos cinquenta anos de antigamente e isso pode indicar que não há pressa para assumir os valores e responsabilidades de uma vida adulta.

Educação e semelhanças geracionais: Apesar das mudanças geracionais levantadas na categoria anterior, alguns valores são transmitidos para a geração atual por meio de educação ou pelo mecanismo da transmissão intergeracional, que conforme Bowen (1991) afetam os indivíduos de pelo menos três gerações.

> A gente respeita muito e a gente passou isso pra eles. A gente obrigou elas a saberem que têm que respeitar pessoa mais velha.
> (...) Isso é uma coisa que a gente trouxe de nossos pais, né? Hoje em dia você vê muita família aonde não existe esse modelo, que a Maria Luiza tava falando que o filho é servido primeiro. Pra mim, você tá criando adultos tiranos, porque essa pessoa vai achar que ela não tem limites e então, isso é uma coisa que a gente foi criado assim e a gente criou nossos filhos assim e eu, sinceramente, espero que na hora que nossos filhos tiverem nossos netos que eles criem assim também.
> (...) Eu acho que, enquanto pai e mãe, nosso papel é... não é proteger, mas é educar. Muitas vezes o proteger fica meio conflituoso com o educar.

> (...) Outra coisa que eu adquiri da minha mãe também, que a mamãe sempre falou isso: "Dois bicudos não se beijam". E eu também. Eu não sou uma pessoa, assim como a Leila, nunca fui de levar desaforo pra casa. (M1)
>
> É verdade. É uma coisa [respeito aos mais velhos] que eu vou passar para o meus também. (...) Ela [irmã] é muito parecida com o meu pai. Gosta de ter as coisas dela. (F1)
>
> Puxei mesmo ao meu pai, já o Rafa é igualzinho à senhora. (F2)
>
> E ele também muitas vezes já socorreu mulheres. [sobre história de uma vizinha que estava para ter filho]. Não é que adore, mas na hora assim é o único que tá em casa. Nós somos assim, queremos ajudar as pessoas. (P2)
> (...) Eu também [igual ao filho] nunca fui de pedir dinheiro pra ninguém. Foi da minha criação.

Os valores de respeito aos mais velhos são muito importantes para as duas famílias, como relatado por M1 e endossada por F1, sendo algo que parece ser perpetuado na família. O papel dos pais, conforme a fala de M1, seria mais educar do que proteger, embora algumas atitudes relatadas ao longo da entrevista mostram certa ambivalência a respeito do que é "proteção". Em uma família é possível perceber que alguns filhos se parecem mais com um pai ou com uma mãe em relação às características e comportamentos, como M1 atesta ao dizer que assim como sua mãe, não levava desaforo para casa e que a filha mais velha faz o mesmo. Interessante notar que este comportamento reativo também colaborou para uma dificuldade na relação entre mãe e filha, seguindo os valores de "dois bicudos não se beijam" passados por sua família. F1 também relata que ela parece com a mãe em certos aspectos, enquanto a irmã parece com o pai, no sentido de "ter as coisas dela", o que pode caracterizar uma maior autonomia. Enquanto isso na família 2, P2 indica que o filho adota características valorizadas na família, como o acolhimento aos outros, conforme relato de ajuda a uma vizinha e salienta que ele, igual ao filho, também não tinha o costume de pedir dinheiro aos pais e que isso veio de criação. F2, a esse respeito, indica que ele "puxou" ao pai, enquanto seu irmão "puxou" à mãe.

Categorias descritivas

Proximidade com irmã(o): O relacionamento entre irmãos foi levantado por ambos os filhos, que eram os mais novos e moravam com os pais, enquanto os mais velhos já haviam saído. Nesta categoria, a amizade e a proximidade entre os irmãos surgiram no relato de ambos, com emoções de nostalgia diante das lembranças.

> Minha irmã é minha ´best friend´. Sempre me acobertou. A gente sempre foi muito amiga e quando eu fazia besteira, ela sabia o que eu tava fazendo e vice-versa. [...] Aí teve uma vez que eu entornei, acho que refrigerante, lá nos Estados Unidos. Ela ficou horas comigo limpando carpete pra minha mãe não descobrir e enquanto eu chorava "ah minha mãe vai me matar, vai me deserdar", e ela ficava lá comigo. Hoje em dia a gente conversa muito também. Tanto que foi a primeira pessoa que ela contou sobre o relacionamento dela. (F1)

> Até hoje, com meus 30 anos: "ah esse é meu irmão caçula, eu tenho que proteger ele". A gente sempre teve esse lado de proteção, a gente morava no mesmo quarto. Quando ele tava pensando em largar o emprego pra estudar, entrar na Marinha, ele conversou comigo primeiro. [...] Às vezes a gente virava a noite conversando. Teve uma época com depressão e ele não queria passar para os pais, mais pela preocupação deles na época. (F2)

F1 mostra que a relação com sua irmã foi de muita parceria desde cedo, exemplificando com situações em que a irmã acobertou um fato para proteger das broncas da mãe. Até hoje, ela indica que elas conversam muito e relata uma situação específica da irmã, a de ter iniciado um relacionamento com outra mulher, que foi contado primeiro para ela, o que demonstra confiança. F2 também apresenta essa proximidade com o irmão, dizendo ainda que eles dormiam no mesmo quarto e que às vezes passavam horas conversando. As situações importantes de vida também eram compartilhadas entre eles, como na decisão de largar o emprego para estudar e em um período de vida de dificuldade do irmão em que ele preferia conversar com F2 do que com seus pais, para não causar preocupação.

Impacto da saída de um filho/irmão de casa: A saída de um membro do convívio habitual da família traz impactos para as relações familiares. Pais sentem a saída dos filhos assim como os irmãos sentem a saída de alguém que havia passado a vida toda com eles. Apesar de ser natural a saída dos filhos para constituir uma nova família, o tipo de apego com os pais e o processo como isso ocorre parece ter relação com as reações emocionais, mobilizando uma nova forma de convívio a partir desta saída de casa.

> Inclusive ela já voltou a morar aqui. A primeira vez que ela saiu... ihh. Leila já saiu diversas vezes. Morou 6 meses mora, fazendo intercâmbio.
> (...) Aí ela voltou pra casa quando o casamento acabou e aí, em 2016 ela saiu e aí não voltou mais. (M1)

> Pra mim foi normal, porque ele já trabalhava embarcado né. Ele ficava 28 dias fora [...] então eu não estranhei muito, não senti muito impacto.
> (...) Ele chama pra ir lá. Mas continua o mesmo ritmo. Claro que num é como antes, ele não vem toda semana entendeu? Mas liga todo o dia. (M2)

> É aquele negócio, você sabe que seu filho tá indo, com a família dele. (P2)

> Foi 2 anos esse processo todo. Ele começou a trabalhar, aí embarcou [...] vinha só nas folgas dele. Aí quando vinha pra cá, como ficava um mês fora da noiva, dos amigos, às vezes só vinha em casa trocar de roupa e saía.
> (...) Uma coisa que minha mãe sentiu o baque foi questão de quantidade de comida. [...] Mãe, só moram 3 pessoas agora. Porque ela faz uma panela desse tamanho assim de arroz e aí tem que guardar em pote pra não estragar. (F2)

M1 salienta que a saída da filha de casa não se deu de uma vez, apesar da dificuldade de convivência entre as duas. A saída se deu por motivos de casamento, mas diante da separação, a filha retornou a morar com ela e foi bem recebida. Antes disso, ela pôde fazer intercâmbio em outro país, ficando 6 meses e estes períodos longe da família podem ter facilitado o processo de separação dos seus pais. O mesmo ocorreu com a família 2, que segundo relato de M2, diz não ter sentido tanto o baque da separação porque o filho mais velho já trabalhava embarcado, ficando muitos períodos sem vir a casa. Para F2, no entanto, a mãe sentiu um baque na questão da comida, pois estava acostumada a preparar refeições para todos e agora não tinha mais um membro em casa. Em ambas as famílias, os filhos mais velhos frequentemente visitam os pais e a separação ocorreu de forma tranquila. Interessante notar que os filhos das duas famílias eram os mais velhos e saíram de forma definitiva por motivos de casamento, mas com uma preparação devido a experiências anteriores.

Relação com outros parentes: A relação com a família extensa também foi relatada, sendo que cada membro familiar possui afinidade mais com um do que com outros e estas relações também se modificam com o tempo.

> Sabrina é uma das minhas melhores amigas, que é a minha prima. Ela sabe de tudo assim, torto e varrido. Fiz besteira, ela sabe. Ela me liga pra contar as coisas.
> (...) Eu, Bruna, Vivi e Sabrina [primas], a gente sempre se vê, sempre sai, sempre faz alguma coisa. A Bruna vinha pra cá direto, agora ela tem namorado, acaba. A Sabrina também tem namorado, então acaba né, mas a gente tem super-proximidade. Falo com elas, praticamente sempre, igual com a minha irmã. (F1)

> A gente chamava de colônia de férias, que eu pegava as crianças. Morava todo mundo lá na casa do meu pai. As minhas duas irmãs se separaram e as duas moravam lá com meu pai e viviam brigando né. Então, quando chegava as férias, a gente pegava todo mundo e só a Sabrina que não vinha. A gente pegava os outros 3 todos e trazia aqui pra casa. Vinham pra cá. Eles são muito mais novos que as meninas, mas a Sabrina que tem um pouco mais de proximidade com a Maria Luiza. (M1)

> O que a gente tem de sobrinho e filho postiço... sempre tá um na casa do outro. As que vem aqui com mais frequência são Erica, Roselita e Selma [irmãs]. As outras não e não é que a gente num se dê bem, nós todos se damos bem. Num tem hábito. (M2)

> Gosto deles, ligo pra eles e tem um [irmão] que só conheço por foto, mas meus irmãos tenho contato quase diariamente. Ligo pra eles, eles me ligam... (P2)

> A gente num se bate muito não. Eu falo assim, é esposa do meu irmão, não vou destratar. Falo com ela, conversa com ela, tudo. Ela é a mãe da minha sobrinha, mas falar assim: eu gosto, não! Um tempo já fiquei sem falar com ela, mas é a namorada, noiva do meu irmão. Ah, os incomodados que se mudem. Se eu me sinto incomodado, vou ficar afastado. (F2)

F1 salienta que elas e suas primas são muito amigas e conversam bastante, apesar da diferença de idade e do fato delas estarem namorando atualmente, o que segundo ela, reduz a frequência de encontros. A relação dela com seus primos foi desde cedo impulsionada pela mãe, conforme M1 indica ao dizer que na infância ela trazia todos os primos para a casa dela, transformando em "colônia de férias". Observamos que a relação com as primas do gênero feminino é bem mais próxima do que com os primos, do gênero masculino. Na família 2, que possui muitos tios e primos, M2 indica que tem um monte de "filhos postiços", o que caracteriza uma boa relação com os sobrinhos. Algumas irmãs vieram também do Nordeste para o Rio de Janeiro e estão sempre frequentando sua casa. Isto não ocorre com a família de P2, que mora ainda no Nordeste e cujos contatos ocorrem mais por telefone. F2 ainda falou sobre sua relação com a nora, esposa de seu irmão, dizendo não ser muito boa, por ela ser muito possessiva.

Relação dos pais com amigos do(a)s filho(a)s: Os filhos costumam trazer colegas e amigos para suas casas e assim se inicia o relacionamento dos pais com eles. Este tipo de relação surgiu no relato das duas famílias, demonstrando um tipo de convivência comum e ressaltando certos aspectos de como os filhos apresentam os amigos aos pais e como estes os recebem.

> Todo mundo [amigos da filha] tem medo de mim. Apesar de eu não ser uma pessoa insana. Você fala, "mamãe, fica nervosa". Aí eles falam: "Ai tia, num fica com raiva de mim não". (M1)

> Eles são galera da infância. São pessoas que eu já conheço há vinte e quatro anos e assim, duas delas são minhas melhores amigas desde a época do jardim. Ela conhece todo mundo. (F1)

> Ele já trouxe um amigo dele pra dormir uma vez aqui, chegou aqui num sei que horas da noite. O cara dormiu ali no sofá. De manhã "Quem é esse maluco aí?" Quer dizer, ninguém sabia, ninguém viu o cara chegar, o cara tava mal pra caramba. E ele também chegou e não acordou a gente pra avisar nada. [...] Mas a gente nunca teve esse problema de num poder dormir na minha casa. Eu adoro, nós adoramos dar um prato de comida pras pessoas. Hoje até que nosso "restaurante" no fim de semana diminuiu, mas antes a nossa casa era cheia, panelão. (P2)

> Às vezes tinha realmente, pessoas que, por exemplo, tava numa festa e morava longe, num tinha condução pra casa. Aí eu "pô cara, dorme lá em casa". Só que eu não avisava antes

> porque não tinha pensado de trazer ninguém pra dormir. E eles também num brigavam, tratavam super bem e depois que ia embora que iam me perguntar "Pô, quando for assim, avisa e tal..." E eu: "Não, só veio dormir". Aí hoje em dia é super de boa. Às vezes até pergunta: "E seus amigos? Nunca mais veio." Já sentem até falta. (F2)

Na família 1, existe uma relação da mãe e das amigas da filha com muito respeito e até um aspecto de "medo", ressaltado nas falas de M1 e F1, devido à imagem que a mãe tem de ser nervosa. Ainda assim, isto não é grande problema, uma vez que é bastante comum que as amigas da filha venham em sua casa e já é um costume desde a infância. Para P2 foi estranho no início se acostumar com a frequência de visitas inesperadas, pois o filho não avisava quando alguém ia aparecer. Com o tempo ele relatou que foi se acostumando com o fato. Também era comum o filho trazer amigos para casa, fato que diminuiu depois que ele começou a namorar. F2 ressalta que os pais sempre trataram muito bem seus amigos e P2 endossou essa boa prática, dizendo que toda a família sempre foi acolhedora.

Hora de chegar em casa: A convivência da família diante do crescimento dos filhos passa por diversas modificações. Com o crescimento dos filhos, muitas regras familiares são quebradas, podendo gerar conflitos. Apesar da idade próxima à vida adulta, a hora de chegar em casa ainda parece ser uma questão importante nas relações familiares, gerando controvérsias quanto à comunicação, segurança e autonomia. Esta categoria foi colocada no Eixo II, pois apesar de ser um comportamento individual dos filhos, mobiliza as relações entre pais e filhos, tornando-se um ponto central de discórdia e de constante negociação.

> Ela fica com raiva porque eu falo: se você mora aqui, pode ter até 30 anos... mas se você mora aqui, você tem que avisar, que vai sair às 10 horas da manhã e só vai chegar no dia seguinte às 10 horas da noite. E aí eu cobro isso.
> (...) Aí acordei às 6 horas da manhã e ela num tava em casa. Aí comecei a ligar pra todo mundo, ligava pra ela.
> (...) Eu queria que você fosse honesta. Que você falasse assim. Mãe, tô indo lá e nem volto hoje.
> (...) Se ela tiver que sair de casa, ela sai. Agora, eu vou ficar preocupada, a gente mora no Rio de Janeiro. (M1)

> Depois de um tempo a gente começou a conversar um pouco mais sobre isso. Ela começou a abrir mão um pouco mais da rédea de horária porque ela queria que eu saísse dos lugares e chegasse 3 horas da manhã. Eu falava pra ela que é muito melhor eu sair do lugar já com luz. (F1)

> A gente se preocupa. Eu prefiro que me avise: tô indo, num volto hoje ou tô indo pra tal parte. [...] Eu só quero que me avise, entendeu? Porque aí eu fico tranquilo. Aí deu 3 horas, deu 2, num chegou, aí vou ver o visto [notificação de mensagem lida no celular]. Aí o visto já tem muito tempo e aí é aquela preocupação de mãe. Mas aí eu ligo, "tá

> trabalhando?". Se ele me responder que tá trabalhando, pronto, ali eu já apaguei e vou dormir. E só dizer que tá tudo bem que eu vou dormir tranquila. (M2)
>
> O que eu desejo assim pros meus filhos, quando eles tão assim rebeldes, no caso de sair, num avisar e tal eu digo "um dia você vai ser pai"[...] Que não tem coisa melhor que você desejar pro seu filho é que um dia ele vai ser pai e vai saber o que foi que o pai dele passou por ele. (P2)
>
> Dormir na casa dos outros nem pensar. Voltasse 3 da manhã, mas tinha que voltar pra dormir em casa. Às vezes eu voltava de manhã, tomava esporro. Mas voltava pela manhã pelo fato de ser perigoso, então preferia o esporro do que correr o risco. Aí eles tinham os motivos deles pra falar pra eu num voltar tão tarde e eu tinha os meus.
> (...) Às vezes eu até brinco com ela por causa disso. Porque eu trabalho no Uber [aplicativo de motoristas] e aí então às vezes eu chego em casa de manhã, ou chego de madrugada, ou chego cedo. Se o movimento tiver muito bom eu vou até não aguentar mais e nisso, ela fica preocupada "Você vai dormir em casa?" E eu, "Mãe, tô trabalhando" Aí ela fica ligando, ligando e eu com passageiro dentro, desligo. Aí ela liga e eu desligo. Aí eu: "Mãe, quem morreu?". E ela "Vai vir pra casa hoje?". "Mãe, tô trabalhando, daqui a pouco eu tô indo." (F2)

As falas de M1 demonstram bastante irritação com o horário de chegada da filha e este aspecto é cobrado devido à mesma entender que as regras de casa devem ser obedecidas e ela, por ser a dona de casa, é quem as determina. O aspecto de honestidade também é mencionado, uma vez que era recorrente que a filha indicasse que ia chegar cedo e chegasse muito mais tarde. Logo depois, as falas evidenciam que existe uma preocupação com segurança e por isso a ocorre a exigência. F1 diz que este é o principal motivo das brigas ainda atualmente e que cedeu certas coisas e às vezes prefere ficar perto de casa e chamar amigos para lá do que sair para longe. A entrevista mostrou que este é um ponto ainda longe de um consenso, pois os ânimos ficaram um pouco alterados em relação a isso, com F1 demonstrando tristeza. Em relação à família 2, as falas de M2 demonstram a mesma preocupação com a segurança e uma insistência em ligar para o filho, que trabalha de motorista, para saber se ele vem para casa à noite. No entanto, F2 demonstra não ficar tão chateado com isto e até dá risada da situação. Voltar para casa de manhã cedo foi algo negociado, ficando entre a aceitação da autonomia do filho e a preocupação e a autoridade dos pais. P2 inclusive diz que esta cobrança é preocupação natural dos pais, e que seu filho quando tiver seu próprio filho deverá passar pela mesma angústia.

Eixo III – Aspectos individuais dos filhos diante da coabitação prolongada

Neste Eixo destacamos alguns aspectos e emoções dos filhos diante da coabitação prolongada, acrescentando os comentários dos pais, sobre o que acham da situação. Muitos dos

aspectos que surgiram nas respostas estavam elencados também no questionário sociodemográfico, indicando como as relações familiares são afetadas por este convívio. A diversidade de aspectos como a renda, comodidade, autonomia, entre outros, demonstra que o fenômeno deve ser analisado de forma multifatorial, levando em conta fatores psicológicos, sociológicos e culturais (CAMARANO, 2006).

Categorias conceituais

Privacidade: Este aspecto diz respeito a quanto os filhos conseguem ter seu próprio espaço e tempo respeitado dentro da casa. Na coabitação prolongada, os filhos entendem que há uma necessidade de ter seu próprio quarto na casa, onde possam fazer as suas coisas, sem que os pais se intrometam. (HENRIQUES, 2003). A frequência e a quantidade de tempo que os filhos passam em seus próprios ambientes, sem contato com o restante da família indica também um autocentramento, característica da adultez emergente (ARNETT, 2000; TANNER, 2006).

> Até queria que passasse mais [tempo], mas a Maria Luiza fica enfurnada no quarto dela, vendo série. **(M1)**
>
> Então é diferente da vida de hoje. O meu mesmo, muitas vezes ele sair... cadê Roberto? Ah tá no quarto dele, a gente chega lá e num sabe nem que horas ele saiu, quanto tempo ele saiu. Cadê Roberto? Ele já saiu, aí a gente vai no quarto dele e ele tá dormindo. Ele entra às vezes e ninguém vê, ele sai e ninguém vê. Às vezes até ele grita: "Mãe, tô saindo. Pai, tô saindo". Mas nem sempre ele faz isso. **(P2)**
>
> Tem dias que eu fico o dia inteiro em casa, dentro do quarto, vendo filme e só desço pra comer. [...] Fico lá de boa, se quiserem entrar, eles batem na porta, independente de estar trancado ou não. **(F2)**

Tanto na família 1 como na família 2, verificamos que os filhos têm sua privacidade respeitada. Além das respostas nas entrevistas, a posição do quarto dos filhos é longe do quarto dos pais e da sala e inclusive para F2, ele possui uma porta que dá direto na rua, podendo sair e entrar a hora que quiser, sem dar satisfação. O quarto de ambos possui televisão, mesa pra estudo, computador, de modo que eles podem e ficam, às vezes, o dia inteiro no quarto sem aparecer nos ambientes comuns da casa. A fala de M1 mostra um pouco de incômodo com a situação de a filha ficar no quarto vendo televisão por muito tempo e P2 também salienta que esse é um hábito muito distinto de sua geração, demonstrando também um pouco de incômodo. No entanto, ambos os pais respeitam isto, o que tem a ver com uma mudança geracional de reconhecer a necessidade de

privacidade dos filhos. F2 falou disso com muita naturalidade, inclusive com acordos de que os pais batam na porta antes de entrar.

Comodidade: Este aspecto diz respeito a como os como os filhos se sentem com as acomodações da casa e o que os pais fazem por eles, tais como prover alimentação, lavar roupa, pagar contas de casa, entre outras. Por serem jovens adultos, receber este tipo de tratamento por muitas vezes acaba gerando críticas na literatura e mídia (MENDONÇA, 2017), como se fossem "mimos" e fortalecessem que os jovens não se desvinculem e amadureçam.

> A gente consegue ter uma vida, nós dois [mulher e marido]. A gente não fica escravo de casa, porque de vez em quando a gente sair e deixa a Maria Luiza cuidando das coisas. A gente tem essa flexibilidade. [...] Essa casa é muito grande, é mais pra ela. (M1)
>
> O [ponto] positivo é que sempre tenho eles pra ajudar. Sempre que eles viajam, eu fico com os cachorros. Sempre que preciso viajar, eles me ajudam também. (F1)
>
> Vocês têm a casa de papai e mamãe pra lavar, passar e cozinhar. O que vocês fazem é de vocês. Vocês têm que fazer o patamar de vocês. Amanhã vocês têm o sal, o açúcar pra comprar, conta de luz pra pagar. (P2)
>
> Às vezes eu até falo pra ela, fiquei mal acostumado porque "ah filho, você quer comer o que hoje?". Totalmente diferente de quando eu era criança. Tem o que pra comer? "Comida".
> (...) Mas a senhora ajuda pra caraca já. Faz comida, lava minha roupa, limpa meu quarto. Quer que ajude mais em que? Vou largar a Vanessa e casar com a senhora.
> (...) Hoje em dia a minha liberdade é, não que eu não sinta a presença deles, é como se eu tivesse dentro da minha própria casa. Ou seja, fazer o que eu quero.
> (...) Hoje eu tenho papai e mamãe, se eu tiver na pindaíba, mesmo que eu não peça ajuda, mas eles sabem quando eu tô na pindaíba ou não.
> (...) Eu acabei ficando mal acostumado. Eu nunca precisei arrumar emprego. Como eu tinha muitos amigos, conhecia muita gente, o emprego batia à minha porta. Aí tipo "Você tá parado né, cara:" E eu tô: "Pô, vai tal dia falar com o fulano". Eu só chegava lá, fazia a entrevista e começava a trabalhar. (F2)

Percebemos na fala de M1 que o comodismo também ocorre para os pais, tendo a filha em casa, pois ela pode tomar conta da casa enquanto eles estão fora ou viajando e cuidar dos cachorros. Ela ainda diz que a casa é muito grande por conta da filha. A fala de F1 também demonstra que ela usufrui do mesmo benefício e tem ajuda financeira sempre que pode. No dia da entrevista verificamos que a casa tem empregada que auxilia nas tarefas domésticas e um cômodo separado, onde F1 pode realizar seus atendimentos e exercer sua profissão, sem ter que pagar ou alugar um espaço. Na família 2, as falas de P2 e F2 indicam que a mãe é a responsável pela parte da alimentação, limpeza e arrumação para o filho, mas indagamos até que ponto ela não acaba fazendo isso para o marido também, considerando ela ser dona de casa atualmente. P2 indica ainda que,

neste momento, o filho tem que se preocupar em poupar dinheiro porque no futuro, quando ele for sair de casa, ele que vai ser responsável pelas finanças. F2 demonstra estar bem confortável, inclusive dizendo que, às vezes, nem sente a presença dos pais em casa. A parte financeira também é provida pela família e uma especificidade de sua fala foi a comodidade de ter emprego "batendo a sua porta", por indicação dos amigos, o que talvez influencie na sua pouca atitude em procurar condições melhores para aumentar sua renda, que é algo que o incomoda.

Poder de decisão: Embora os filhos possam ter comodidade e privacidade, nem sempre eles têm o poder de decidir certos aspectos de casa, como as regras, os horários, o que consumir, entre outros. Este aspecto está relacionado à autonomia, mas é mais específico, dizendo respeito a ter voz ativa nas decisões, se relacionando também à hierarquia, que continua existindo apesar da maior horizontalidade das relações (FIGUEIREDO, 2013; PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014).

> A última palavra somos nós. Se você quiser, a porta da rua é serventia da casa. Tá incomodado? Se muda, porque a casa é minha. Quem manda aqui sou eu. E isso é uma coisa que a gente trouxe de nossos pais né? (M1)

> Aqui embaixo as regras são dela. É a casa dela, deles, dos dois. Então quem manda aqui são os dois. Não é a minha casa, não é o meu espaço. Se eu quiser botar minha árvore de natal e deixar o ano inteiro, não posso entendeu? (F1)

Apenas na família 1 foi identificado este aspecto, muito em função da mãe deixar claro que a casa é dela e as regras são delas. Na fala de M1 ela indica a sua autoridade e ainda diz que é algo que trouxe de sua criação, o que talvez tenha relação com o fato de ter sentido a intromissão da mãe quando morava com seus pais e teve o primeiro filho. Para F1 isso também é natural e, embora na sua fala, ela indique que sabe que não é seu espaço e não pode fazer tudo o que quer, também mostra resignação com o fato, talvez porque seu quarto seja seu microespaço e tenha "quase" tudo o que ela precise, conforme vimos na categoria anterior de privacidade.

Autonomia: A autonomia surge como um aspecto fundamental na diferenciação de *self* e objeto de pesquisa deste trabalho. Diante do prolongamento da coabitação, ela é um processo que tem ligação com a formação de uma identidade adulta, ocorrendo na relação com os pais (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014) e apresenta um sentido de ambivalência pelo desejo de ser independente e a necessidade de ligação com os pais (SINGLY, 2007).

> Você tem que dar satisfação. “Ah, eu não quero dar satisfação.” Não, você mora aqui, você tem que dar satisfação.
> (...) Ela aproveita que a gente vai viajar e aí ela convoca a rave. (M1)
>
> Ah, cada um tem que ter sua vida né? Foram criadas pra isso né? Pra ser responsável, ter seu sustento. Ter sua individualidade. (P1)
>
> Só que às vezes você olha e fala: “pô, queria o meu espaço”, sabe? Queria a minha independência, tá morando no meu apartamento, pagando as minhas contas, fazendo as minhas coisas sem ter que dar despesa pra eles. Porque mal ou bem, eu sou uma despesinha.
> (...) Eu levo de boa hoje em dia [dar satisfação sobre horários com a mãe]. Antigamente é porque eu era... eu queria muito a minha autonomia de alguma forma e eu sempre fui da farra. (F1)
>
> Eu acho que cada um tem que criar a sua liberdade, sua independência. [...] Mesmo que eu vá morar sozinho, porque não casei, eu tenho aquela responsabilidade. Eu sei que tenho um bujão de gás pra comprar, uma conta de água ou um aluguel. (P2)
>
> Pra mim não tem ponto negativo. [filho morando com os pais]. Mas deixa eu ver, talvez dele num ter a casa dele própria né? Todos os pais querem o melhor pros filhos. Eu acho que tudo é positivo [começa a chorar de emoção]. (M2)
>
> Eu quando eu tô trabalhando num tenho tempo certo. Pode ser que eu chegue bem cedo em casa, pode ser que eu chegue bem tarde. Às vezes eu saio de manhã bem cedo pra trabalhar e fico o dia inteiro na rua.
> (...) Eu tenho minha liberdade aqui. Já falei um bocado de vezes e trago quem quiser. Quando eu não tava namorando, trazia meus amigos aqui. Até mesmo ela [namorada] já fez aniversário aqui. (F2)

As falas de M1 indicam que a autonomia da filha ainda é um aspecto ambivalente, pois ao mesmo tempo que a filha possui a autonomia de sair, chamar amigos para casa, ela ainda deve satisfação sobre várias coisas da casa. P1 enfatiza que a criação das duas filhas ocorreu de modo que elas tivessem a sua individualidade e independência, mas o fato de uma de suas filhas estar morando com eles, mesmo com 30 anos de idade, significa que não é só a criação que garante este aspecto. Já as falas de F1 também demonstram que ela não se sente totalmente autônoma estando na casa dos pais, concordando em se ajustar às regras da casa, mas desejando ter sua independência. Na família 2, os pais manifestam o desejo que o filho consiga sua independência e M2 até se emocionou ao falar sobre isso, o que talvez indique uma ansiedade de separação. P2 realça os aspectos financeiros para a conquista da autonomia e F2 indica que mesmo estando morando com seus pais, ele possui liberdade para chegar a hora que quiser e trazer amigos. Ambas as famílias parecem ter as mesmas questões ligadas à autonomia, com ambivalência de sentimentos entre a ligação forte com os pais e o desejo de ver o filho independente. A negociação de liberdade é um processo ainda em andamento para os dois filhos, que parecem ter uma autonomia limitada diante da coabitação prolongada.

Liberdade sexual: A liberdade para os filhos terem relacionamentos sexuais é um dos fatores de grande debate no seio da família. Enquanto os pais tinham valores diferentes, que o sexo era tabu e o ambiente familiar não era considerado propício para esta liberdade, a geração atual vê isso com maior naturalidade. Este embate tem propiciado mudanças de valores e na permissão para que os filhos tenham relacionamentos na casa dos pais, no que Giddens (1993) indica ser uma nova relação da intimidade na contemporaneidade.

> Na nossa época não tinha essa coisa de filha dormindo em casa com namorado. (M1)
>
> Não existo aqui também não [sobre dormir com namorado em casa]. Tô brincando! (F1)
>
> Hoje em dia é diferente, hoje a namorada vai pra casa do namorado, dorme, passa o final de semana. (P2)
>
> Mudamos praticamente na marra. [...] antes era "Você num tá vendo que isso num tá certo? Aqui virou o que? Prostíbulo? (M2)
>
> Eu, de início, levava e aí olhava: "10 horas né?" Aí meu pai queria deixar a menina em casa. Ficava perguntando "Você vai dormir aí minha filha?" [...] Aí na minha fase rebelde: "Quem é essa menina aí? Que tanta amiga é essa?" (F2)

As falas de M1, M2 e P2 realçam a mudança geracional em relação à liberdade que os filhos tinham de trazer seu parceiro ou parceira para dormir em casa. Apesar de reconhecerem que na época deles isto não era permitido, eles entenderam com o tempo e certa persistência dos filhos, permitindo que isso ocorra em casa. F2 inclusive ri da situação que a mãe chamava de prostíbulo, quando ele levava uma menina para casa e do pai querendo levar a menina embora. Já a fala de F1 mostra que apesar de ser permitido, ela sabe estar enfrentando uma resistência da mãe, o que fica demonstrado na sua brincadeira de que não era permitido, mas também na sua resposta ao questionário sociodemográfico de insatisfação com este aspecto.

Pressão dos pais: Uma das questões que surgem com o passar da idade e a permanência dos filhos em casa é se os pais fazem algum tipo de pressão para que eles saiam, para que conquistem a sua independência. As pesquisas sobre o tema (HENRIQUES, 2003; FIGUEIREDO, 2013) não indicam tanta existência dessa pressão, mas sim uma sinalização de boa convivência e o desejo de que os filhos fiquem bem quando saírem.

> Eles são muito tranquilos em relação a isso. Tenho amigas que com 20 anos e pouco a mãe já tava "e aí? Vai sair? Num vai?" E eles não, pelo contrário. Até porque é o que minha mãe fala, por ela todo mundo fica aqui e é maravilhoso. (F1)

> Não. [respondendo se há pressão dos pais]. Em relação a isso, tanto pra mim, quanto pro meu irmão. (F2)

> Eu adoro que meu filho esteja morando na minha casa. Num quer dizer que se meu filho tem 30 anos que ele tem que procurar a independência não, isso tá a critério dele. Independente da idade. Mas se ele disser: "Mãe, tô indo morar sozinho" ou "tô indo casar", ah meu, filho, vá com Deus, que Deus te abençoe. (P2)

Tanto F1 como F2 demonstram bastante tranquilidade com a convivência e não apontam nenhuma pressão dos pais para que eles deixem a casa, independentemente da idade deles. Mas F1 indica que conhece casos de amigas que os pais fazem esta pressão, negando que isso ocorra em casa. Para P2 existe muita felicidade em poder estar morando com o filho e acredita que a decisão de sair deve partir do filho e não dele, desejando que o filho fique bem, indo morar sozinho ou acompanhado num futuro e sem colocar pressão para quando isso for ocorrer, mas estabelecendo um marcador tradicional para a saída, que é o casamento.

Expectativa de casamento: O casamento é o principal fator para os jovens saírem da casa dos pais, ainda que ele, cada vez mais, seja adiado (CAMARANO, 2016). Aqui verificamos a expectativa que os filhos possuem a respeito de casar e se isso tem influência na decisão de ficar ou sair de casa. Os pais também contribuem com sua visão acerca do assunto.

> Aí foi com o Breno meu melhor relacionamento que eu tive. A gente ficou uns 4 anos; [...] Não foi porque ele era garoto. Foi por conta de... a gente brigava por um motivo e um motivo apenas. O fato que ele não aceitava coisas do meu passado que eu não tinha como mudar. [...] A gente terminou e não deu, não foi, mas por mim assim, até com o último namorado, quando eu pensava em sair de casa, não pensava em sair de casa pra morar com ele não. Pensava em sair de casa pra ter o meu espaço. Aí a primeira coisa que vinha na minha cabeça era "vou começar a morar sozinha e aí ele vai entrar pra morar comigo. Mas a ideia era a casa ser minha.
> (...) Ah, eu gostaria de ter a experiência de morar sozinha. Sozinha! Na minha concepção eu sairia pelo dinheiro, pelo financeiro. Do tipo, ah quero sair porque eu quero morar fora. Muito mais do que por um relacionamento.
> (...) Expectativa de tá no doutorado. Morando sozinha ou com alguém. Com alguém né? Com 25 anos tem que ser com alguém. (F1)

> Toda mãe quer ver o filho casado, com a sua esposa. Dona da casa dele, tendo a família dele... (M2)

> Eu acho que cada um tem que criar sua liberdade, a sua independência. Porque é uma história que os mais velhos diziam pra mim, que a gente só passa a ser homem depois que você casa.
> (...) A esposa dele tem que ser a amiga, a irmã, a namorada, a confidente, a esposa, a mãe, tem que ser tudo... porque eu tô dizendo meu modo de pensar. (P2)

> Vou sair quando casar. [...] Assim, por ela já teríamos saída de casa há muitos anos. [...] Eu falei, não cara, não vamos casar porque você num tem um emprego, você ainda não se

> formou na sua faculdade. Eu também não tenho uma formação acadêmica, eu não tenho um emprego também. A gente vai viver de que? De amor? (F2)

Há diferenças em relação ao *status* de relacionamento dos filhos das duas famílias, pois enquanto F1 está solteira, F2 tem um relacionamento de mais 5 de anos, com a concretização de um casamento estando mais próxima a esta realidade. F1 diz que já teve vontade de sair de casa com um ex-namorado, mas depois, com outros namorados ela não pensava em sair para morar com ele. Ele disse que gostaria de ir primeiro morar sozinha e depois sim, com alguém. Para ela, a situação financeira é mais importante do que um relacionamento para a decisão de saída de casa. Mas para os próximos 5 anos, ela sente certa pressão em relação ao casamento. F2 disse que já houve vontade de sua namorada de se casarem logo, mas ele recusou devido à situação financeira de ambos e também para ela terminar a faculdade. Isto indica que o casamento para os jovens é uma vontade sim, mas não imediata e que existem outras prioridades. Para os pais da família 2, no entanto, é muito importante que o casamento ocorra pois para P2 e M2, é o sentido da construção de uma identidade de "homem" e posiciona a esposa como uma parceira de vida para todas as situações. Este é provavelmente um valor muito forte nesta família que foi transmitido para esses pais e talvez, por isso, há tanto zelo e cuidado de F2 antes de definir o casamento.

Expectativa financeira: Do mesmo modo que as finanças foram uma questão enfrentada pelos pais nos seus próprios processos de saída de casa, para os filhos o dinheiro aparece como um fator essencial para a tomada de decisão de sair de casa. Ao mesmo tempo, os pais que já possuem uma melhor condição financeira, entendem que esse período favorece para que os filhos busquem investir sua renda pessoal em projetos próprios (CAVALLI, 1997).

> Mas acho que isso aí, hoje em dia, depende do que a pessoa tá querendo da vida. Porque tem muita gente que tá morando com os pais, que trabalha e tudo, mas que tá juntando dinheiro pra comprar um apartamento, entendeu? É um pedaço da vida que vai contribuir para o futuro. Não é uma coisa assim "vou morar com o meu pai e minha mãe porque eu gosto". Não, tá fazendo um pé de meia pra poder iniciar melhor. (P1)

> Mas eu acho que tem muita gente que fica também por ficar. Por preguiça. Porque uma coisa é você ficar porque tá planejando. "Beleza, eu ganho x, tô planejando sair de casa pra morar de aluguel. Quero comprar, ok". Mas você vai precisar permanecer morando ali por mais um tempo. Mas tem muita gente que fica com preguiça, porque é cômodo.
> (...) Se eu tivesse o mínimo de condição, eu sairia. Mas não pra passar sufoco porque eu acho que não precisa entendeu? (F1)

> Eu conheci um cliente meu que hoje ele mora num apartamento que era do pai dele e ele tem o apartamento dele que ele comprou quando os pais ainda eram vivos. Ele comprou a

> independência, tinha um bom emprego, tinha formação, mas nunca saiu da casa dos pais. (P2)
>
> Eu acho, casado? Acho que não. [se tivesse renda maior sairia de casa?]. Porque eu converso muito com a minha namorada. Primeiro faz sua faculdade, que é o seu futuro. Amanhã ou depois pode ser que você não esteja mais comigo. E se, a gente casar agora, provavelmente não teria dinheiro pra pagar a sua faculdade, concluir a faculdade. (F2)
> (...) Pretendo estar no mínimo estabilizado. (F2)

Os pais de ambas as famílias ressaltam a importância de que os filhos façam um "pé-de-meia", como relata P1 ou aproveitem a situação para investir, como relata P2 sobre um cliente seu, mas como um fala indireta para o filho. Existe uma preocupação velada de como os filhos têm lidado com a questão financeira junto a uma realidade de falta de dinheiro (outra categoria). Para os filhos, o planejamento é importante, como demonstra a fala de F1 sobre investir na compra de um apartamento ao invés de gastar com aluguel. Outra fala sua, afirmando que "sair pra ter sufoco seria ruim", mostra também que ela está habituada com as boas condições que a família proporciona que não poderiam ser mantidas por ela numa eventual saída de casa. Já F2 se preocupa com os estudos da namorada, pensando em um futuro mais rentável e nos gastos com os estudos, que ele não pretende arcar em um eventual casamento. A sua estabilização financeira é um desejo para os próximos 5 anos. Esta expectativa financeira parece ser muito diferente da época dos pais, que mesmo diante de dificuldades e sem garantia nenhuma do que fosse ocorrer financeiramente em suas vidas, eles enfrentaram e saírem de casa.

Categorias descritivas

Expectativa de futuro: Diante do prolongamento da coabitação, há um questionamento sobre o futuro da família com uma eventual saída dos filhos de casa, principalmente quando o casal volta à atenção para a conjugalidade. As narrativas ressaltam a importância e a preocupação com o futuro dos filhos e em segundo plano, os projetos de vida do casal, o que tira um pouco a pressão pela saída dos filhos, independentemente da idade.

> Expectativa de ter um monte de neto. (M1)
>
> [se tivesse melhor financeiramente] eu já não taria mais aqui. Taria perto. Não taria tão longe quando a Leila [irmã.] Assim, eu provavelmente eu viveria muito aqui, mas não moraria aqui, moraria nas proximidades.
> (...) Até pra quando engravidar, "mãe, cuida aqui". (F1)
>
> Ah vamo morar numa cidadezinha do interior. [...] Depois que tiver só eu e ela. Ele já tá acomodado, o outro já tá acomodado.

> (...) Daqui a 5 anos, que Deus me permita, tô vivo. Já me aposentei. Eu quero tá bem igual hoje, com a minha família, meus filhos, meus netos. De repente, tenho mais de um daqui a uns 5 anos. (P2)
>
> Já tá no tempo de ter um netinho né? (M2)
>
> O que eu faria sim, seria uma casa pra mim. E também que eu tava pensando numa época, de financiar uma casa. Por exemplo, minha mãe num tem condição de ficar limpando essa casa. Uma casa menor, dar pra eles e eu ficar aqui.
> (...) Geralmente eu penso: caraca, como eles vão ficar? (F2)

Em relação ao futuro, as mães das duas famílias falaram que queriam netas, como vemos em falas de M1 e M2 e isto para os filhos também parece ser um desejo. F1 inclusive espera que a mãe ajude no cuidado de seu futuro filho, ignorando os comentários que sua mãe fez sobre a intromissão de sua avó neste mesmo aspecto. Algumas preocupações de F1 dizem respeito à proximidade da mãe, pois ela indica que gostaria de morar perto para estar sempre visitando. Para F2 existe uma preocupação de como os pais ficariam com sua saída e isto parece pesar na sua decisão. Há uma noção de que o tamanho da casa seria muito grande apenas para seus pais. O tamanho da casa foi um fator levantado por ambas as famílias, fazendo com que existam planos futuros de mudança, após a saída dos filhos. P2, inclusive, fala sobre um desejo de ir para uma cidade do interior. Essa preocupação de proximidade com os pais, mesmo após a saída, pode ser um indicativo de apego forte com os familiares.

Falta de dinheiro: A falta de dinheiro é uma dificuldade enfrentada por diversos jovens e em nossas entrevistas ela foi muito marcante na fala dos filhos, não só em relação à saída de casa, mas na dificuldade de ajudar com as finanças de casa.

> Aí agora dá pra eu ir no mercado quando minha mãe pede, comprar poucas coisas porque o mercado agora dá mil reais se você compra 3 itens. Mas eu não ajudo em nenhuma conta de casa. Eu não tenho condições de ajudar.
> (...) Não posso, não tenho dinheiro, mãe. Se eu tivesse eu taria morando sozinha. (F1)
>
> Hoje a minha frustração é não ter uma renda fixa. [...] Que é pra eu não ficar dando despesa.
> (...) [Quando eu tinha uma renda fixa] eu ajudava pra pagar televisão, alimento ajudava com "Sodexo" [cartão de alimentação]. Os colchões. Tinha que trocar o colchão de todo mundo. Às vezes ela nem pedia, e eu chegava e "Olha, só. Comprei um colchão aqui". (F2)

A falta do dinheiro é uma realidade de ambos os filhos, apesar das diferenças socioeconômicas entre eles. F1 demonstra tristeza de não poder ajudar em casa, assim como F2, que disse já ter ajudado bastante quando tinha uma condição financeira melhor. Existe um sentimento dos dois de que eles são uma despesa para os pais e isso traz bastante frustração. F1

indica que o fato de não ter dinheiro a impede de morar sozinha, sendo um aspecto relevante para a permanência dela em casa.

Expectativas X Realidade: Considerando a idade dos filhos e todo um discurso e expectativa social de que eles já deveriam estar fora da casa dos pais, identificamos emoções diante das expectativas traçadas e como é a realidade atual com a coabitação.

> Quando eu falo que ela poderia morar a vida toda aqui, não é que eu quero que ela mora a vida toda aqui. Muito pelo contrário. Gostaria muito que ela tivesse condição de ter o apartamento dela. Eu sempre brinco, sempre falo que no dia que eu ganhar na loteria eu vou comprar um apartamento pra ela, reformar o apartamento e deixar o apartamento lindo. (M1)

> O [ponto] negativo primeiro que eu acho é que afeta um pouco a autoestima, a minha, pelo menos. Porque eu fico pensando que eu tenho 30 anos e eu deveria tá morando sozinha. Eu quando era mais nova achava que com 30 anos, pô, fui criada numa família que a minha mãe com 30 anos já tinha filho. Então eu, com 30 anos, pra mim já taria casada, com filho, morando sozinha, super rica. Super rica, nem tanto, com bastante dinheiro e então assim, eu acho que isso afeta minha autoestima. (F1)

> Pensava. Com 30 anos já vou tá casado, com meus filhos, na minha casa e ainda tô aqui. (F2)

> Eu fico preocupada dele assim, num conseguir aquilo que ele quer. E aí às vezes eu penso, por que num tá dando certo né? Eu digo “meu Deus, porque nada tá fluindo?”
> (...) É gostoso, entendeu? Pra falar a verdade, não dele estar dentro de casa, é prevendo quando um dia ele for embora [chorando e justificando o choro]. Aí vem aquele cuidado, de me preocupar. (M2)

A expectativa em relação ao *status* e a idade era bem diferente de como ocorre atualmente para os filhos. F1 e F2 possuem 30 anos e esperavam estar casados, com filhos, mas a realidade deles é a de permanecer morando com os pais reclamando da falta de dinheiro. Isto gera uma frustração para ambos, sendo que F1 disse ainda que tem impactos na sua autoestima. Para as mães, existe um sentimento de preocupação e um desejo de poder ajudar mais do que elas fazem. M1 indica que se pudesse compraria um apartamento para a filha, enquanto M2 afirma preocupação com a situação financeira do filho, mas também de como ele ficaria longe da mãe.

4.2.3.1 Discussão dos Resultados

Considerando o nosso objetivo geral de investigar a diferenciação de *self* e a transmissão intergeracional entre pais e filhos coabitantes de 25 a 35 anos e os objetivos específicos de identificar a influência de fatores intergeracionais na dinâmica familiar e na autonomia emocional e identificar fatores psicossociais que contribuem para o prolongamento da coabitação, discutimos os resultados desta etapa qualitativa. A discussão é realizada com base nos eixos e nas categorias apresentadas junto às falas dos respondentes da entrevista, levando ainda em consideração a representação familiar no genograma, as respostas dos membros das duas famílias ao Questionário Sociodemográfico e ao Inventário de Diferenciação de Self-R, além do diário de pesquisa.

Salientamos que, apesar de termos recortado as falas dos membros individualmente e caracterizado os participantes com base nas respostas aos instrumentos, nossa discussão engloba toda a família e suas relações. Tanto o conceito de diferenciação de *self* como a transmissão intergeracional são conceitos oriundos da teoria sistêmica da família que menciona a interdependência dos membros nos aspectos físico, social e emocional. Sob a luz da teoria de Bowen (1991), apontamos que os relacionamentos são reguladores do funcionamento humano em todos os níveis e que a família multigeracional constitui essa rede relacional mais importante de uma pessoa (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998). Portanto, quando dividimos os eixos em Convivência dos pais, seus cuidadores e familiares (Eixo I); Aspectos relacionais da convivência familiar (Eixo II) e Aspectos individuais dos filhos diante da coabitação prolongada, não estamos indicando que são isolados e que não se relacionam, mas foram assim divididos apenas para fins de organização dos dados para análise.

Verificamos no Eixo I a história de vida dos pais e como eles se relacionavam com os seus pais, cuidadores e outros parentes. As categorias deste eixo dizem respeito aos desafios que eles enfrentaram, estando presente na narrativa das duas famílias. É possível perceber que certas atitudes e emoções vivenciadas têm relação com a época em que isto aconteceu, conjugando aspectos de desenvolvimento e socio-históricos (WALSH, 2016). Tomamos por base os acontecimentos ocorridos nas famílias quando os pais eram adolescentes, por volta das décadas de 1970 e 80, uma época que no Brasil ficou marcado pela ditadura e pelo aumento das desigualdades sociais, forçando muitas famílias a buscarem a subsistência desde cedo ou em lugares que tivessem mais oportunidade de trabalho (NASCIMENTO, 2008). É importante esta sinalização também

porque os valores familiares dependem do contexto e época que estão inseridos (CAMARANO, 2006).

Neste sentido ao observarmos os genogramas das duas famílias, bem como a categoria "Criação e crescimento" no Eixo I, identificamos estruturas familiares distintas, com a família 1 mais vertical, envolvendo até quatro gerações e com menos parentes enquanto a família 2 possui poucas informações até sobre a terceira geração, com tanto pai quanto a mãe tendo bastante irmãos e parentes. A taxa de natalidade no Brasil possui relação com a renda, sendo maior para as famílias com menos condições financeiras (CAMARANO, 2006; IBGE, 2016). Também identificamos que houve um movimento migratório da família 2 do Nordeste para o Rio de Janeiro, um movimento bem comum nesta época. Muitas pessoas saíam do seio de suas famílias e buscavam opções de trabalho no Sudeste, pelo investimento priorizado nesta região e a possibilidade de melhoria da qualidade de vida. Assim as falas de P2 e M2 estão contextualizadas de acordo com as condições familiares que possuíam, o que influenciou na busca e na conquista da independência mais cedo. Já na família 1, observamos que o pai foi cuidado mais por sua avó devido à morte precoce de sua mãe, um evento imprevisível que modificou todo este sistema familiar (CARTER; MCGOLDRICK,1995).

Ao analisar as categorias deste Eixo, podemos identificar quais os tipos de valores os pais adquiriram de sua história e se eles foram refletidos nesta geração dos filhos coabitantes, por meio de transmissão intergeracional. A categoria de "Influência de Renda" mostra que as famílias, embora com condições socioeconômicas distintas, passaram por muitos apertos financeiros. A maneira com que eles lidaram com isto foi diferente, pois a família 1 pôde ter mais suporte financeiro dos pais ou avós, enquanto a família 2 teve um suporte maior dos irmãos, tanto ao morar junto para dividir os gastos, quanto no suporte emocional, já que os pais não tinham tantas condições. P1 e M1 ainda tiveram uma filha antes de casar ou morar juntos, influenciando a decisão de P1 de sair de casa e ir morar com a mãe de M1, onde poderia obter mais suporte emocional e financeiro. A atitude de M2 em doar parte do dinheiro de seu trabalho para os pais mostra a inversão do fluxo de dinheiro dos filhos para os pais, característica de famílias de condição socioeconômica menor. Do mesmo modo, o suporte familiar por parte dos irmãos no lugar nos pais representa um caráter mais holístico destas famílias (VELHO, 1981; DUARTE, 1995; 1999; SARTI, 1996; DUTRA-THOMÉ, 2016).

Ao comparar com a categoria “Expectativa financeira” do Eixo III, que diz respeito a como os filhos lidam com este aspecto, identificamos algumas diferenças de comportamento e semelhanças de valores. A “Expectativa financeira” representa o quanto os filhos esperam que a condição financeira seja importante para as decisões do futuro, entre elas a saída de casa. Ambos os pais falaram sobre a importância de se investir neste período, enquanto os filhos continuam morando com eles, sendo que isto é algo que nenhuma das duas famílias teve a oportunidade. Os filhos das duas famílias concordam com isto, sendo um valor compartilhado entre eles. As mães não entraram muito na discussão sobre aspectos financeiros e ambas assinalaram pouca participação na renda familiar, indicando haver uma divisão de gênero a este respeito (WAINERMAN, 2003; ITABORAÍ, 2014). F1 indica querer ter sua renda independente de ter um marido, o que sinaliza uma quebra de valor desta divisão e uma maior penetração dos valores feministas para sua decisão. (GOODRICH; RAMPAGE; ELLMAN, HALSTEAD, 1990). A expectativa financeira dos filhos se mostrou para eles muito relevante para a permanência em casa, pois ambos destacaram ainda estar muito descontentes com a situação atual e querendo que isto melhore antes de sair de casa. Ao mesmo tempo, F1 diz que não sairia de casa para passar sufoco e isto é bem diferente do que fizeram os seus pais, que se mudaram para um apartamento mais barato para viver juntos. F2 indica a necessidade de estar estabilizado para se mudar, inclusive recusando o casamento com a namorada devido à expectativa de melhoria financeira, o que é bem distinto do que fizeram seus pais, que saíram de sua cidade em busca de melhores condições. A renda continua sendo um demarcador importante para as decisões de vida, conforme afirma Simmel (1998), mas que atualmente os filhos tem uma atitude de esperar mais e buscar melhoria, o que ratifica o que Cavalli (1997) afirma sobre ser uma decisão racional, baseado também nas condições que os pais conseguiram e o que eles proporcionam aos filhos (PAIS, 2001; BRANDÃO, 2012).

A categoria “Em busca de um trabalho” mostra como os pais P1 e P2 tiveram que iniciar cedo no aprendizado de uma tarefa, que veio a tornar-se suas profissões. M1 e M2 também trabalharam para ajudar a criação dos filhos, com a diferença que M1 finalizou a faculdade de arquitetura e M2 buscou trabalhar em diversos ramos: roupa, marcenaria, saúde. Para a família 1, esta categoria possui estreita ligação com a categoria “Influência da escolaridade”, pois P1 e M1 faziam faculdade, buscando um maior nível de escolaridade para ter uma renda maior no futuro, e P1 inclusive tornou-se professor, levando a família toda para os Estados Unidos, quando fez pós-doutorado. As condições familiares melhores propiciaram isto, enquanto na família 2, a

escolaridade não surgiu como elemento, salientando que tanto P2 quanto M2 foram até o nível fundamental. Ao verificar o nível de escolaridade dos filhos, vemos F1 buscando um investimento em pós-graduação enquanto F2 tem até ensino técnico profissionalizante. O investimento na educação é uma barreira diante das condições econômicas e por isso a família com mais condições financeiras tem isto mais próximo a sua realidade. Ainda assim, F2 indica que o nível escolar é importante, ao sinalizar que espera que a namorada se forme para se casar, embora tenha assinalado no questionário que o investimento nos estudos tem influência razoável para a decisão de ficar em casa. Já a satisfação profissional, tem muita influência nesta decisão para ele, assim como tem para F1. Identificamos que existe atualmente maior ênfase no investimento profissional para a saída de casa, diferentemente da relação que seus pais tinham antigamente com o trabalho e isto parece ocorrer porque o mercado de trabalho está mais restrito, gerando maiores precauções antes da decisão de sair de casa. (GUIMARÃES, 2005; KUBLINOWSKI; RODRIGUES, 2016; MÜLLER, 2018).

A "Chegada do(a) primeiro(a) filho(a)" representou muitas mudanças para as duas famílias e, no caso da família 1, precisa ser analisada junto à categoria "Saindo de casa", pois foram situações que ocorreram juntos. Nesta família, M1 e P1 já tinham planos de se casarem, mas a gravidez da primeira filha antecipou os planos e a saída da casa ocorreu devido ao casamento. Mas esta saída de casa ocorreu incialmente apenas para P1, que veio morar na casa da sogra e somente após um ano depois, diante do incômodo com a convivência familiar, é que M1 e P1 foram morar sozinhos. A chegada de um filho representa a mudança de um período do ciclo de vida familiar, que pode ser muito estressante diante das novas responsabilidades do casal ao mudar de *status* e passar a formar uma nova família (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Notamos certa tristeza na mãe em seu relato, por não ter aproveitado mais o período de juventude e nem ter conseguido se engajar num trabalho na época, diante das responsabilidades da maternidade, ao mesmo tempo que ela afirma não ter escolha sobre o momento de sair de casa. Não sabemos dizer se isto tem impacto na permanência da filha, por acreditar que seria benéfico que ela aproveite melhor sua juventude do que pôde aproveitar, mas é uma análise possível. Outras falas dela reforçam este pensamento, por exemplo, quando ela fala sobre querer "curtir a vida" em um determinado momento em que quis se separar do marido. Na família 2, a chegada do primeiro filho ocorreu num momento que os pais já moravam juntos, mas que tiveram de mudar de casa para receber o novo membro familiar. Aqui podemos perceber o mesmo comportamento do filho mais velho, que saiu de casa quando

casou e logo depois teve o primeiro filho. Nas falas de F2, na categoria “Expectativa de futuro”, no Eixo III, ele relata querer seguir também o mesmo caminho, o que parece ser um valor compartilhado de casamento seguido de paternidade (CARTER; MCGOLDRICK ,1995; CARRASCO, 2014; WAGNER, 2014).

Ainda sobre a saída de casa dos pais, identificamos que ela ocorreu de forma muito diferente nas famílias, mas destacamos aqui a fala de M1 sobre como foi lidar com a maternidade e a sua mãe ao mesmo tempo na criação da primeira filha. Ela relatou que a sua mãe e avó da criança acabava se intrometendo nos cuidados da sua filha, mas ao mesmo tempo dizia que a responsabilidade do cuidado devia ser da mãe. Isto parece uma mensagem de duplo-vínculo, que sinaliza duas condições contraditórias (BATESON ET AL., 1956; GIBNEY, 2006) e gera bastante confusão no receptor. A decisão de saída de casa também ocorreu devido ao incômodo de P1 com a convivência familiar, embora ambos tivessem suporte financeiro, com o seu relato demonstrando que foi um período muito difícil, ao ter que lidar com a dificuldade de fronteiras familiares (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014). Na família 2, a migração tanto de M2, quanto de P2, os deixou mais longe da intromissão familiar e a saída de casa foi muito precoce para P2, que morou com seus tios e com a família de seu professor antes de vir para o Rio de Janeiro. Suas decisões de vida tiveram que ser tomadas independente da família, sendo interessante notar seu alto escore de “Posição do eu” e “Reatividade emocional”, subescalas de diferenciação de *self*, sinalizando um alta capacidade de se pensar mais individualmente, sem demonstrar ansiedade de separação (AYLMER, 1995; LAMPIS; CATAUDELLA, 2019).

A categoria “Do namoro à conjugalidade” demonstra que, em ambas as famílias, os pais não tiveram tantos relacionamentos anteriores como na geração atual. Na família 1, M1 e P1 se conheceram ainda adolescentes e mantiveram o relacionamento até o casamento, permanecendo casados até o momento. Na família 2, M2 e P2 namoraram logo após se conhecerem, quando já estavam no Rio de Janeiro e o pedido de casamento, bem como o aceite de M2, aconteceu muito rápido. Aqui percebemos que o casamento era um valor muito importante, assim como a valorização da formação de uma família, conforme também vemos na categoria “Importância da família”, no Eixo II. Para ambos os pais, a família é primordial, no sentido de suporte e acolhimento, tendo primazia sobre a relação com amigos, como vemos na fala de F1 sobre a consanguinidade. Esta valorização da família representa um valor moderno que a torna a instituição mais importante para lidar com os desafios da vida e diante da menor intromissão do Estado na

vida privada (SINGLY, 2007) Os filhos das duas famílias parecem refletir esta valorização da família pelas suas narrativas e por outras que aparecem em outras categorias como “Proximidade com os irmãos” e “Relação com outros parentes” (HINTZ, 2001; SARTI, 2004; CAMARANO, 2006).

Dividimos no Eixo II, as categorias de “Convivência com os filhos novos” e “Convivência com os filhos adultos” para identificar como o desenvolvimento dos filhos impacta na relação e como os pais têm lidado com isto. Notamos que na primeira categoria, quando os filhos eram mais novos, as narrativas das mães foram preponderantes. Até mesmo nos recortes de F1 e F2 aparecem mais relatos sobre a mãe, enquanto a ausência de falas de P1 e P2 sugere que houve divisões de gênero no cuidado com os filhos (GOODRICH; RAMPAGE; ELMAN; HALSTEAD, 1990). Outros pontos se referem à dificuldade de M1 em lidar com a filha mais velha, tendo convivência mais difícil, o que parece ter perdurado até a saída de casa dela. Há indícios da mesma dificuldade com F1, sobretudo em relação à autonomia e cumprimento de regras, como o horário de chegar em casa, mas que parece ter melhorado com o tempo e a conformação da filha. F1 diz ter sido muito mais rebelde na adolescência e que, embora os maiores conflitos sejam devido a isto, atualmente ela tem menos atritos. F1 considera a mãe como uma amiga, e M1 diz lidar muito melhor com ela do que com a irmã. Olhando os escores de diferenciação de *self* de ambas, esta proximidade também parece indicar uma fusão emocional (BOWEN, 1991; SKOWRON; FRIEDLANDER, 1998; MAJOR ET AL., 2014). A fala de F1 sobre a mãe não querer “cortar o cordão umbilical” parece ser bem significativa disto. Já com P1, as narrativas indicam que o convívio é um pouco mais afastado, embora ela valorize esta relação, sobretudo nos almoços de família.

Na família 2, M2 indica uma boa convivência desde que os filhos eram pequenos e tem orgulho em relatar que nunca deram trabalho e recebiam elogios na escola. No entanto, F2 indica que eles tiveram uma infância mais presa, o que culminou na vontade dele querer logo sua liberdade e sair muito, tão logo ter completado os 18 anos. Assim como M1, o escore de diferenciação de *self* de M2 também indica uma dificuldade de separação emocional com filho, o que teve no choro da mãe diante da perspectiva de saída do filho de casa, uma possível representação de uma ansiedade de separação e a possibilidade de um apego inseguro (AINSWORTH, 1985; AYLMER, 1995; NICHOLS; SCHWARTZ, 1997) Em nenhuma das duas famílias foi constatado brigas e discussões (exceto sobre o horário de chegada em casa dos filhos) e todos parecem estar muito satisfeitos com a relação familiar, que com o tempo tornou-se mais horizontal e menos vertical

(PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014), como também foi verificado nas pesquisas de Henriques (2003), Figueiredo (2013) e Vieira & Rava (2014).

As categorias “Diferenças geracionais” e “Educação e semelhanças geracionais” podem ser analisadas em conjunto como a junção das mudanças socio-históricas e a permanência de valores que foram transmitidos, tanto pela criação dos filhos quanto pelos modelos de transmissão intergeracional, em um jogo de ressignificação e tradição comum a todas as gerações (SARTI, 2004). M1 e P1 indicam muitas modificações como, por exemplo, a mudança do personagem principal da família ser a criança enquanto na época deles, os principais eram os mais velhos. Este valor foi passado e reforçado para as filhas no sentido de dever respeitar os mais velhos, mas também traz algumas consequências no sentido de achar que o papel enquanto pai e mãe não é proteger, mas educar como se fossem coisas contraditórias. O respeito aos mais velhos também foi colocada pela família 2 como algo menos frequente para esta geração. Outra mudança geracional diz respeito à liberdade que os jovens têm atualmente, tanto de fazer aquilo o que querem, sem dever explicação, quanto à possibilidade de argumentar e, mesmo na questão afetiva, de poder levar namorado(a) para casa. Em ambas as famílias, os pais parecem reconhecer a necessidade de mudança dos valores, como P1, ao dizer que as pessoas estão com a cabeça mais aberta e aceitando mais as coisas e P2, afirmando que tudo muda e eles têm que se adaptar. A aceitação do novo, ainda que seja contrário às tradições parece ser um comportamento que os pais tiveram de aprender com os filhos, pois em sua geração não havia espaço para tantos argumentos e a hierarquia era mais rígida (PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014, CÔTE, 2014; PONCIANO, 2017). Como disse M1, eles até argumentavam, mas apanhavam também.

Foi possível perceber muitos padrões repetidos e semelhanças geracionais. Na família 2, F2 se mostra sempre disponível para ajudar os outros, seguindo o modelo de acolhimento de seus pais e outra semelhança é a de se sentir mal em pedir dinheiro, tal como seu pai fazia. Na família 1, é possível ver semelhanças na forma de comportamento da irmã de F1 com M1, principalmente em não levar desaforo pra casa, o que tem a ver com um valor também passado pela sua avó de que “dois bicudos não se beijam”. Por outro lado, F1 diz que a irmã tem interesses mais parecidos com o seu pai, enquanto ela e a mãe tem mais assuntos em comum. A intromissão da avó no cuidado dos filhos foi algo questionado pela mãe em sua criação, mas muitas falas suas revelam que ela também tem interesse em participar da criação de sua neta, quando isto ocorrer. Isto fica mais explícito na vontade dela ter netos e na fala de que espera que os netos sigam os mesmos valores,

ao passo que F1 não demonstra incômodo com esta situação, inclusive alegando que gostaria da ajuda da mãe na criação dos filhos. A transmissão intergeracional ocorre ainda que os membros da família não queiram, por uma espécie de lealdade aos pais (CERVENY; BERTHOUD, 2007, CARRASCO, 2014, FALCKE; WAGNER, 2014), o que parece ser exemplificado nessas falas das famílias.

A "Proximidade com irmãos" e o "Impacto da saída de um filho/irmão de casa" demonstra padrões de convivência familiares entre os irmãos e como a família lida com a saída de um membro. Tanto F1 como F2 parecem ter uma relação boa, de muita amizade e proximidade com os irmãos desde cedo, sendo que isto foi incentivado pela família. F1 atestou inclusive que a maior proximidade com membro familiar seria com sua irmã. Mesmo após a saída, os vínculos permaneceram entre eles, muito embora a distância tenha aumentado, pois eles agora possuem cônjuges e, no caso do irmão de F2, uma filha pequena. Para os pais, a saída destes filhos foi natural e não foi tão sentida. Parece haver uma ideia implícita de que é natural o (a) filho (a) mais velho sair primeiro e ambos saíram por motivos de casamento, o que também condiz com os valores destas famílias. Ressaltamos, no entanto, que parece haver um vínculo maior da mãe com os filhos caçulas e uma maior ligação emocional, o que talvez torne a saída destes mais complicadas. Bowen (1991) acreditava que a posição dos irmãos influenciava na personalidade deles devido à projeção emocional. Deste modo, seria esperado que os mais velhos assumissem mais responsabilidades enquanto os mais novos seriam mais protegidos. Na situação de saída de casa dos mais velhos seria mais provável que os cuidados paternos se voltassem mais para os mais novos, que por sua vez, receberiam mais mimos para preencher o vazio da saída. Para os irmãos, a saída dos irmãos foi natural, e o processo como isso se deu fez com que os pais sentissem mais ou menos. No caso do irmão de F2, o mesmo já ficava longe de casa por trabalhar embarcado e o processo de saída foi mais fácil. No caso da irmã de F1, ela já havia passado períodos longe, com o intercâmbio, além da convivência com a mãe não ser tão fácil, mas mesmo assim ela já retornou quando um relacionamento não deu certo e poderia voltar caso assim desejasse. Este cenário representa o "ninho cheio" enquanto característica contemporânea, com os pais aceitando a volta dos filhos para seu ambiente e buscando uma melhor forma de relação (VIEIRA; RAVA, 2010; PARKER, 2012; RAMBO ET AL., 2018).

Na "Relação com outros parentes" verificamos como se formaram as relações com a família extensa. No genograma foram representados apenas os parentes mencionados pela família e

constatamos que, no caso de F1, a sua afinidade se deu mais com suas primas, a quem ela considera ser “melhores amigas”. Houve um esforço de M1 para reunir a família desde a infância, que obteve resultados positivos. Na família 1 não houve muitas falas em relação à amizade da mãe ou do pai com seus parentes, mas foi verificado que a relação de M1 com sua própria irmã não era tão próxima quanto à da filha com a irmã. Na família 2, no entanto, a relação com os parentes parece mais distante em proximidade, porém mais emocionalmente conectada, pois mesmo com P2 aqui, ele faz ligações diárias com seus irmãos no Nordeste. M2 possui muitas irmãs que moram no Rio e a casa vive repleta de familiares. Já a relação de F2 com outros familiares não foi tão explorada, apenas manifestado seu incômodo com a esposa do irmão. Percebemos que em ambas as famílias, as relações familiares ocorrem mais no âmbito da família nuclear e apenas esporadicamente se expande para o restante dos parentes, o que tem a ver com um encolhimento da família no âmbito privado, uma característica da família moderna (GIDDENS, 1993; ELIAS, 1994; SINGLY, 2007)

A categoria “Relação dos pais com amigos do(a)s filho(a)s” surgiu espontaneamente na fala das famílias, pois foi comum a frequência desses amigos na casa da família. São pessoas que frequentam a casa desde cedo, no caso da família 1 e de amigos e colegas do filho, muitas vezes que os pais nem conhecem, no caso da família 2. Embora ambos a princípio pareçam se sentir incomodados pela presença deles, eles acabam relevando a situação, talvez devido a isto ser melhor do que a questão com a “Hora de chegar em casa”, um aspecto muito importante que surgiu na convivência entre pais e filhos e que formou a última categoria do Eixo II. Todos os pais e mães relataram que este é o aspecto que mais gera desavença com os filhos. Uma vez que também apareceu nas pesquisas de Henriques (2003) e Figueiredo (2013), parece existir um padrão na relação de pais e filhos adultos coabitantes em relação à hora de chegar em casa. A justificativa é a de preocupação, considerando a violência da cidade, muito embora os filhos usem esta mesma justificativa para chegar mais cedo, com a luz do dia, ao invés de voltar de madrugada como os pais gostariam. Este aspecto representa uma linha tênue entre a autonomia e o controle, e tem impacto também nas negociações e comunicação entre pais e filhos. Muito embora eles tenham liberdade para ir e vir em casa, os pais sentem que eles devem satisfação, independentemente da idade. Esta preocupação não apareceu com os filhos que já moram fora de casa, o que sugere que pode ser uma questão relativa à coabitação prolongada, e que também pode indicar uma dificuldade de olhar para seus filhos como adultos com responsabilidades, pois conforme P2 afirma, “os filhos são sempre as crianças da gente” (CAVALLI, 1997; SINGLY, 2001; SPEAR; KULBOK, 2004).

No Eixo III, analisamos alguns aspectos individuais para os jovens e seus sentimentos em relação ao prolongamento da coabitação. A “Privacidade” para os filhos de ambas as famílias é algo respeitado pelos pais no âmbito da casa, pois eles possuem quartos equipados com cama, banheiro, televisão, computador e tudo que um jovem precisa, de modo que às vezes passam o dia inteiro no quarto, como relatam M1 sobre a filha e F2 sobre si próprio. Muito embora os jovens tenham a expectativa de sair, ficar em casa nestas condições também não parece tão ruim, considerando ainda a “Comodidade”. Enquanto F1 tem empregada na casa que é responsável pelos afazeres domésticos, refeições, roupa lavada e etc, F2 tem também estes benefícios, que são feitos pela mãe e faz disto piada, dizendo que vai largar a namorada para casar com a mãe. Por outro lado, M1 também usufrui da presença da filha, afirmando que possibilita que ela tome conta da casa e dos cachorros, ou seja, é cômodo para ambas as partes. F2 indica ainda que às vezes nem sente a presença dos pais, numa sensação de liberdade como se a casa fosse só dele. A comodidade pra ele também aparece na busca de empregos, pois ele mesmo diz que ficou mal acostumado pelo emprego “bater à sua porta”. Ambas as categorias demonstram um cenário positivo para a continuidade do jovem em casa e ressaltam características da adultez emergente de recentramento (TAPSCOTT, 1999; ARNETT, 2000; TANNER, 2006; VIEIRA; RAVA, 2010; CASTELLS, 2013).

O “Poder de Decisão” apareceu apenas nas falas da família 1, com M1 relatando que ela é quem define as regras de casa e F1 reconhecendo que ela não tem tanto poder de decisão quanto gostaria. No entanto, algumas coisas aparecem em outras categorias, como poder levar amigos para a casa refletem que há algumas decisões dos filhos que são satisfeitas. Já a “Autonomia” parece ser a categoria onde há mais ambivalência e parece aglutinar algumas outras, pois ao mesmo tempo que os jovens conseguem ter sua liberdade, seu espaço e decisões próprias em casa, eles também devem satisfação aos pais, negociação de horários e outras questões relativas. Os pais de ambas as famílias afirmam que desejam que o(a) filho(a) tenha a sua independência, tendo seu próprio espaço e formando sua própria família. Aqui verificamos a diferença entre a independência e a autonomia, tal como pontuada por Singly (2007). A ambivalência da autonomia é considerada natural por Spear e Kulbok (2004), uma vez que o jovem se depara com o desejo de ser independente ao mesmo tempo que deseja preservar a ligação com a família. Nesses relatos verificamos a existência de um sentimento de liberdade muito aflorado na adolescência e que continua ocorrendo neste período, mas com uma maior capacidade de autorregulação emocional,

quando verificamos que eles entendem o lado dos pais e atualmente reduziram o nível de conflito por isso. Ao mesmo tempo, eles parecem possuir um bom nível de autonomia cognitiva e funcional, conseguindo pensar por si próprios e resolvendo problemas sem envolver tanto os pais, conforme vemos nas falas de F1 de que "leva na boa" ter que dar satisfações ou de F2 de manter-se trabalhando o horário que ele define, mesmo que os pais se preocupem com ele. (NOOM; DEKOVIC; MEEUS, 1999; SPEAR; KULBOK, 2004; SINGLY, 2006; CAMARANO, 2006; PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014)

A "Pressão dos Pais" não se mostrou muito forte, considerando que em nenhuma das famílias existe algum tipo de pressão para que os filhos saiam logo ou se mudem o quanto antes, mas sim um desejo de ver os filhos sempre bem. Por outro lado, existe uma "Expectativa de Casamento" no futuro como um movimento natural, tanto por parte dos pais quanto dos filhos. Se esta realidade parece mais próxima de F2, que já tem mais de 5 anos de relacionamento, F1 também aponta nesta direção quando perguntada sobre como se vê daqui a 5 anos e responde que com 35 anos ela espera estar com alguém. O casamento é um valor muito forte para P2, que indica que a esposa faz papel também de mãe, amiga, confidente e irmã e que só se passa a "ser homem" depois que se casa. Não deixa de ser uma pressão por esta expectativa, mas ao mesmo tempo, não há uma cobrança de quando isto vai acontecer (CAMARANO, 2006; ANDERSON, 2008; LEONARD, 2016). Na categoria "Expectativa de futuro", tanto M1 quanto M2 dizem esperar por netos, o que também corrobora a importância da família enquanto uma instituição fundamental, mas também pode funcionar como uma pressão para que os filhos constituam suas famílias. Sobre o futuro dos pais com a saída dos filhos, pais e mães das duas famílias planejam se mudar de casa para uma de tamanho menor. Ao lidar com a saída dos filhos de casa, é comum que os pais se voltem à conjugalidade (CARTER; MCGOLDRICK, 1995), no entanto ressaltamos que, para F1, seus planos são de morar próximo e estar sempre visitando os pais, o que indica que a saída de casa pra ela não significa uma distância completa. F2, por sua vez, aponta uma preocupação com uma eventual saída sua, principalmente em relação a sua mãe. Tanto as falas dos filhos quanto os resultados de diferenciação de *self* indicam uma possível fusão emocional com a mãe. A ligação emocional independe da proximidade física, mas os resultados indicam que ela pode ter seus efeitos influenciados pela coabitação (BOWEN, 1991; LAMBORN; STEINBERG, 1993; FUHRMAN; HOLMBECK, 1995; ALLEN ET AL., 2002).

Em “Falta de dinheiro”, os filhos mostram muita tristeza com a condição financeira e F1 diz que se sente como uma despesa e que isso tem impactos na sua autoestima. F2 também apresente o mesmo sentimento negativo, qualificando a falta de dinheiro como a maior frustração sua, principalmente por não poder ajudar com a parte financeira em casa. Em “Expectativas X Realidade” também vemos como a autoestima pode ter sido afetada, uma vez que ambos os filhos esperavam chegar na idade de 30 anos com uma condição financeira melhor, casados e com filhos. Os pais relatam também preocupação com isto, pois gostariam de que os filhos tivessem seu próprio apartamento, entendendo que isto é importante para a independência deles. Ao mesmo tempo gostariam de que os filhos ficassem e M2, quando perguntada sobre os pontos positivos e negativos do filho estar morando junto com eles, chorou. Este choro foi explicado como um misto de alegria por ter o filho perto e preocupação com o futuro, mas também pode indicar uma ansiedade de separação, representada na comparação com a saída mais fácil do filho mais velho (AYLMER, 1995; AINSWORTH, 1985; CASSIDY; SHAVER, 2016; MUNHOZ, 2012).

Desta forma, passamos por todos os eixos e categorias buscando responder os objetivos levantados na pesquisa, tendo como referência essas duas famílias entrevistadas. Ao indagarmos sobre a influência da transmissão intergeracional na permanência desses filhos identificamos que ela tem impacto na convivência e pode contribuir tanto para uma relação mais conflituosa que culmina na saída mais cedo, bem como para a permanência, na qual pais e filhos compartilham dos mesmo valores e repetem comportamentos, se relacionando de forma mais harmônica. Como exemplos de valores transmitidos podemos citar a importância da família, do casamento, da escolaridade, do dinheiro, do respeito aos mais velhos, obediências às regras, entre outros. Sobre os aspectos psicossociais, identificamos que a convivência saudável com os pais, a relação amistosa, a liberdade concedida, a privacidade, a comodidade, a relativa falta de pressão dos pais, a ajuda financeira, a liberdade sexual e afetiva e a autonomia parcial contribuem para os filhos tenham na casa dos pais um ambiente saudável para a permanência. Outros aspectos como a falta de dinheiro, a expectativa financeira e de relacionamento também contribuem para que estes jovens fiquem mais tempo. (GIDDENS, 1991; CARTER; MCGOLDRICK, 1995; SIMMEL, 1998; CAMARANO, 2006; HENRIQUES, 2003; CARRASCO, 2004; SINGLY, 2006; COBO; SABOIA, 2010; FIGUEIREDO, 2013; PONCIANO; FÉRES-CARNEIRO, 2014; WAGNER, 2014).

Em relação à diferenciação de *self*, identificamos que os pais parecem ter uma maior diferenciação, enquanto filhos e mães têm um escore menor, sobretudo na subescala de fusão com outros, o que sugere uma fusão emocional. Algumas narrativas igualmente sugerem o mesmo, sendo que uma saída de casa, neste momento, parece ter o potencial de causar algum tipo de sofrimento para ambas as partes. No entanto, verificamos que há uma relativa autonomia emocional nos filhos, que possuem a capacidade de pensar e tomar decisões por si próprios, ainda que coabitando, o que nos sugere que a fusão emocional pode ocorrer independente da autonomia. Destacamos que o contexto, o estilo parental e o apego exercem influência na autonomia, sendo outros elementos considerados na análise de diferenciação de *self* (LAMBORN; STEINBERG, 1993; FUHRMAN; HOLMBECK, 1995; ALLEN ET AL., 2002 *apud* REICHERT; WAGNER, 2007). Os níveis socioeconômicos das duas famílias são distintos, bem como o estilo parental que parece mais próximo ao estilo autoritário na família 1 e autoritativo na família 2, gerando uma identidade heterônoma-relacionada em F1 e autônomo-relacionado em F2. Ressaltamos, no entanto, que seria necessária uma pesquisa mais aprofundada nesta análise dos estilos parentais (KAGITÇIBASI, 2002, 2007). Em relação ao apego, ambas as famílias parecem bastante apegadas aos seus filhos, sinalizando tanto um valor cultural de ligação emocional familiar quanto à existência de ansiedade de separação, que representa também um apego inseguro, o que indica outra possibilidade de investigação (AINSWORTH, 1985; AYLMER, 1995; CASSIDY; SHAVER, 2016).

4.3 **Análise dos resultados das etapas quantitativa e qualitativa**

Voltando ao objetivo principal da pesquisa, o de investigar a relação entre a diferenciação de *self* e a coabitação, lançamos a hipótese de que há espaço para o desenvolvimento da autonomia e de diferenciação entre pais e filhos, rompendo como a perspectiva tradicional de bloqueio de desenvolvimento (NAHAS, 1995). Na etapa quantitativa, os resultados demonstram não haver diferença nos escores de diferenciação de *self* entre os filhos que moram com os pais e os filhos que já saíram da casa dos pais, indicando que esta hipótese foi corroborada, pelo menos na amostra pesquisada. Os escores de diferenciação de *self* bem como os das subescalas, ficaram em torno de 4, o que representa que os filhos possuem ligação emocional forte, mas tem conseguido se diferenciar e adquirir relativa autonomia. Os resultados dos questionários sociodemográficos

indicam que há influência de aspectos como a expectativa de renda, profissão e de casamento para o prolongamento da coabitação familiar, demonstrando a influência social para a compreensão do fenômeno. Estes aspectos seguem as tendências sociodemográficas no Brasil de um aumento da expectativa de vida, adiamento do casamento, importância da profissão e *status* profissional (CAMARANO, 2006; ANDERSON, 2008; IBGE, 2012, 2016). Estes resultados são balizados pela revisão teórica feita nos capítulos 1 e 2, onde sinalizamos a necessidade de avaliar as modificações sociais e suas reverberações na dinâmica familiar e nas trajetórias para o ingresso na vida adulta, cada vez mais diversificada e com os marcos subjetivos sendo mais importantes que os marcos sociais, salientando também aspectos presentes da proposta de adultez emergente (ARNETT, 2000, 2018; TANNER, 2006) e da ambivalência da autonomia e sua diferença com a independência (CAVALLI, 1997; SINGLY, 2006).

A etapa qualitativa permitiu aprofundar a relação entre os pais e filhos coabitantes, comparando os seus escores de diferenciação de *self*, mas também investigando aspectos psicossociais de convivência familiar e de transmissão intergeracional. Foram 2 famílias pesquisadas que aceitaram realizar a entrevista com todos os membros presentes, conforme salienta a terapia sistêmica familiar (GRANDESSO, 2006). Coincidentemente, os resultados de diferenciação de *self* foram divergentes da média da amostra na etapa quantitativa, indicando uma possível dependência emocional entre pais e filhos, com escores baixos principalmente de mães e filhos sugerindo haver fusão emocional, e um maior distanciamento dos pais a partir de escores mais altos, mas influenciado pela interdependência familiar. Avaliando as respostas à entrevista, identificamos que alguns valores foram transmitidos intergeracionalmente, tais como a importância da família, respeito aos mais velhos, casamento, paternidade e maternidade, bem como alguns padrões de comportamento e relacionamento entre os membros familiares. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; CARRASCO, 2004; WAGNER, 2012). Ressaltamos que o objetivo específico de identificar os fatores de transmissão intergeracional na dinâmica familiar não foi plenamente atingido, considerando que faltaram mais informações relativas a esta dinâmica. As respostas às entrevistas apenas tangenciaram a questão da dinâmica familiar e para que o objetivo fosse plenamente alcançado, pareceu ser necessário haver mais sessões com as famílias ou serem formuladas outras perguntas para melhor desenvolvimento do tema.

Assim como no questionário sociodemográfico da primeira etapa, apontou-se grande influência de expectativa de renda, de satisfação profissional e de casamento para a decisão de sair

de casa e também salientados aspectos como a privacidade, comodidade, relações mais horizontais, ambivalência de autonomia e dependência financeira, preocupação com horário de chegada em casa, falta de pressão dos pais para a saída de casa e desejo de que os filhos conquistem a independência, tal como em pesquisas anteriores realizadas (HENRIQUES, 2003; VIEIRA; RAVA, 2010; FIGUEIREDO, 2013; MÜLLER, 2018). Os filhos demonstraram tristeza e impacto na autoestima com a situação financeira e expectativa de que estariam em situação diferente da atual, no entanto, vislumbram um futuro mais positivo, reforçando tanto os resultados encontrados em Munhoz (2012) de baixa autoestima diante do prolongamento da coabitação, quanto características de adultez emergente, principalmente de exploração em diversas áreas como afetiva e profissional e recentramento (TANNER, 2006; ARNETT, 2018).

Comparando os resultados das duas etapas, verificamos pontos em comum e pontos divergentes, sobretudo no indicativo da possibilidade de dependência emocional em famílias coabitantes. No entanto, não é possível indicar que a dependência é ocasionada pelo prolongamento da coabitação familiar, mas sim que pode haver influência disto para a sua manifestação, em casos específicos. As famílias pesquisadas na etapa qualitativa apresentaram resultados que indicam a presença de ansiedade de separação e baixa diferenciação de *self*, mas ao mesmo tempo relataram bom convívio e espaço para desenvolvimento da autonomia, demonstrando a que a diferenciação de *self* e a autonomia sejam conceitos interligados, porém distintos. Estes resultados têm relevância tanto clínica quanto para novas investigações sobre o tema, mas sem a pretensão de generalização, como os resultados da primeira etapa indicam ser uma minoria. A integração das perspectivas de Bowen (1991), Carter e McGoldrick (1995) e Kagitçibasi (2002) parecem estar mais atualizadas diante das modificações sociais e nas famílias (ERDIM; SAFI, 2018). As perspectivas tradicionais de bloqueio de desenvolvimento não foram ratificadas, mas sim de que há uma nova percepção de entrada da vida adulta com possibilidade de conquista da autonomia, ainda que com semi-dependência, sobretudo financeira (CAVALLI, 1997; SINGLY, 2006).

4.4 **Considerações Finais**

Tendo como tema a coabitação prolongada de famílias, cujos filhos possuem mais de 25 anos, identificamos na literatura que este é um fenômeno global, mas que deve ser analisado de acordo com o contexto e a cultura, sendo relacionado a aspectos psicossociais. Diante deste cenário

e a partir da própria experiência do pesquisador, que já fez parte deste grupo, realizamos uma pesquisa com o objetivo geral de investigar se esta coabitação tem influência da diferenciação de *self* entre pais e filhos e de transmissão intergeracional, considerando, principalmente, os conceitos de Bowen (1991) da terapia familiar sistêmica. Um dos pontos levantados pela literatura na academia e na mídia é o viés negativo com que a coabitação de pais e filhos adultos é tratada, de modo que esta situação foi chamada de "geração canguru" aqui no Brasil, atestando um bloqueio de desenvolvimento na referência dos filhos coabitantes com os marsupiais que ficam na bolsa/casa dos pais esperando se desenvolverem. Por outro lado, algumas pesquisas sobre o tema sugeriam que os filhos têm conseguido se desenvolver e conquistar a autonomia ainda que dentro da casa da família, o que nos trouxe a hipótese de que a coabitação não implicaria no bloqueio de desenvolvimento desta autonomia emocional e nem configuraria um desenvolvimento atrasado (NAHAS, 1995; HENRIQUES, 2003; VIEIRA; RAVA, 2010; FIGUEIREDO, 2013; MULLER, 2018).

Por ser um tema tão atual e com muitas questões acerca de suas causas, nos referenciamos na abordagem sistêmica e no pensamento complexo que indica uma multicausalidade (MORIN, 1992), no qual vários fatores concorrem para a manifestação do fenômeno, não sendo possível abarcar todos, mas pelo menos reconhecer esta imbricação. Desta forma, levamos em consideração além da teoria de Bowen, outros aspectos tais como o ciclo de vida familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995) e os padrões de cuidado dos pais e o contexto e a cultura (KAGITÇIBASI, 2007), que se mostraram importantes a serem considerados, numa proposta de abordagem integrativa (ERDEM; SAFI, 2018). Também identificamos a necessidade de abarcar aspectos de psicologia de desenvolvimento (pelo qual discutimos características da faixa-etária e etapas de desenvolvimento, sendo mais recentemente a indicação de uma nova fase chamada adultez emergente) e socio-histórica (a partir de verificação das diferenças de época e de contexto, seus valores e como a sociedade e a família vêm se modificando ao longo do tempo).

Realizamos uma pesquisa exploratória utilizando o método misto sequencial, sendo a primeira etapa quantitativa e a segunda etapa qualitativa. A primeira etapa foi realizada com filhos coabitantes entre 25 e 35 anos, sendo que 93 preencheram o Inventário de Diferenciação de Self-R e 50 preencheram o Questionário Sociodemográfico, considerando as respostas aproveitadas nos critérios de inclusão e exclusão. Nesta etapa buscamos, como um dos objetivos específicos, comparar a diferenciação de *self* de filhos que saíram de casa com filhos que não saíram de casa,

na faixa etária de 25 a 35 anos, pois casos os resultados fossem muito distintos, isto seria um indício de que tem impacto na autonomia. Utilizamos o teste de Levene e o teste-t para verificação da homogeneidade da amostra e a comparação dos grupos independentes. Seus escores de diferenciação foram muito semelhantes nos dois grupos, o que sugere que praticamente não há diferenças entre os jovens que saíram de casa e os jovens que não saíram de casa. O mesmo ocorreu nas quatro subescalas, que assim como escore total de diferenciação de *self* ficou acima da média 3 e próximo de 4, indicando uma razoável diferenciação.

A segunda etapa foi realizada com duas famílias, a partir da realização de entrevista com a utilização do genograma para identificar aspectos intergeracionais. Todos os membros das famílias coabitante participaram: pai, mãe e filho (a). Eles também preencheram os instrumentos da primeira etapa, sendo submetidos ao Inventário de Diferenciação de Self-R. Ao contrário dos resultados na amostra da primeira etapa, essas famílias tiveram escores baixos de diferenciação de *self* e um indicativo de fusão emocional. Na família 1, mãe e filha tiveram baixo escore total e de fusão com os outros, e o pai, embora tenha tido um escore maior que elas, pontuou menos que nas outras escalas, o que sugere uma triangulação emocional. Na família 2 também houve indicativo de fusão emocional entre mãe e filho, com o pai obtendo maiores escores de diferenciação. As relações familiares são interdependentes, de modo que uma relação emocional entre dois membros acaba interferindo nos escores individuais, que por sua vez são mais altos dependendo do nível de diferenciação. Os resultados indicam que os pais são mais afastados da dinâmica emocional da família e que mãe e filhos possuem uma ligação maior, tendo às vezes, dificuldade de se desvincularem emocionalmente. (BOWEN, 1991; SKOWRON; SMITH, 2003; MAJOR ET AL., 2014).

Nas entrevistas, pudemos perceber alguns aspectos que favorecem a permanência como a boa convivência, o respeito, a privacidade dos filhos e a comodidade. Muitos valores transmitidos intergeracionalmente foram encontrados na convivência entre pais e filhos e que foram oriundos ainda da terceira geração. Outros aspectos sociais contribuem para a permanência como a questão financeira, que afeta ainda negativamente a autoestima dos jovens. A expectativa de casamento é provavelmente apontada como o potencial motivo de saída de casa deles, mas sem que exista uma previsão de quando isto deve ocorrer. Vimos também que embora o fenômeno da coabitação prolongada ocorra mais nas classes sociais média e alta, elas também existem nas outras classes. As diferenças socioeconômicas trazem consigo diferentes oportunidades e modos de lidar com as

situações, mas atualmente as dificuldades financeiras e de sucesso no mercado de trabalho parecem afetar a todos.

A autonomia emocional e a diferenciação de *self* são conceitos que tem relação, mas nestas famílias percebemos que eles não significam a mesma coisa e que existem outros elementos na diferenciação de *self* além da autonomia, tal como o contexto, a história familiar, os estilos parentais e de apego. Apesar do indicativo de fusão emocional, os filhos pontuaram bem em outras subescalas como posição do eu e reatividade emocional e nas falas foi possível perceber que conseguem tomar decisões por si próprios e ter uma relativa autonomia. Identificamos que as mães principalmente possuem um vínculo maior com o filho e padrões de apego mais fortes que diante de uma eventual saída ocasionaram sintomas de ansiedade de separação. As relações familiares baseadas numa convivência saudável, com respeito mútuo, maior comunicação e horizontalização demonstram também mudanças no interior das famílias que foram atualizadas com as novas demandas geracionais e mudanças sociais, sem que isso necessariamente configure uma relação de superproteção ou comodismo, como reverbera a mídia. Há tanto sentimentos positivos experimentos pelo suporte familiar, como sentimentos negativos com frustração e impactos na autoestima, de modo que é necessário ponderar qualquer tipo de generalização sobre esta coabitação prolongada, relativizando a experiência do que pode ser vivido como negativo ou positivo.

Os resultados de ambas as etapas embora pareçam conflitantes são mais complementares. Enquanto uma amostra maior indicou não haver tanta diferença entre as diferenciações de *self*, foi possível perceber que o prolongamento da coabitação tem efeitos emocionais em todos os membros da família, sobretudo aqueles com um vínculo mais forte. A diferença nos resultados também propicia que novos estudos sejam realizados utilizando os conceitos de autonomia, diferenciação de *self* e relacionamento familiar, bem como aspectos de transmissão intergeracional. A nossa hipótese de que a coabitação prolongada entre pais e filhos não é impeditivo da autonomia emocional foi parcialmente corroborada, pois ao mesmo tempo que identificamos sua ocorrência na dinâmica familiar, também verificamos padrões de ansiedade de separação e possibilidade de dependência emocional. Sendo assim, é possível atestar a possibilidade de que as famílias, dependendo do tipo de relação, possam ter uma fusão emocional, mas não cabe a generalização desta situação ao prolongamento da coabitação. Entendemos aqui que a autonomia é um conceito diferente de independência e que existe uma ambivalência de sentimentos regido pelo modelo

individualista-relacional em nossa sociedade contemporânea, sendo que os filhos têm conseguido experimentar parcialmente sua autonomia dentro da casa dos pais, mas sem alcançar a independência (CAVALLI, 1997; SINGLY, 2007). Os resultados também indicam que há uma perda da autonomia em função do dinheiro, ressaltando o caráter diverso de aspectos psicológico, financeiro e sociodemográficos (GIDDENS, 1991; CAMARANO, 2006, COBO; SABOIA, 2010). Sugerimos novos estudos que investiguem a presença de fusão emocional também em famílias cujos filhos saíram da casa dos pais, considerando que a proximidade física é diferente da distância emocional (BOWEN, 1991) e também mais estudos sobre como a dinâmica familiar é afetada pelos fatores intergeracionais, considerando que nosso estudo não conseguiu abarcar esta dimensão plenamente.

Além disso, percebemos na própria coleta de dados que é necessário expandir a noção de família para além da casa, pois tivemos arranjos muito diversos de filhos que moravam em duas casas, passavam tempos diferentes com os pais separados e até mesmo filhos que saíram da casa dos pais, mas que continuavam a frequentar a casa dos pais como se nunca tivessem saído ou que decidiam morar perto, recebendo o mesmo suporte. As trajetórias de vida são cada vez mais diversas e mais erráticas, de modo que atualmente torna-se muito difícil estabelecer padrões etários fixos de desenvolvimento e marcos rígidos da transição para a vida adulta. Ainda assim, muitas características dos jovens coabitantes, se relacionam com aquelas da etapa de adultez emergente e sendo assim, este parece ser um caminho promissor para compreender melhor as etapas de ciclo de vida, tanto individual como familiar (CAMARANO, 2006; ARNETT, 2000; TANNER, 2006).

Nossa intenção com a pesquisa foi a de trazer à tona este debate sobre o prolongamento da coabitação familiar, retratando que o tipo de convívio com os pais em nossa cultura possui muita ligação afetiva e que isto não necessariamente é um problema de desenvolvimento. Reconhecemos, no entanto, que a situação de prolongamento pode ocasionar sofrimentos, pois ainda estamos diante de expectativas sociais e pessoais. Entendemos que a família é uma instituição importante e seu suporte muito relevante neste período de incerteza e de individualismo exacerbado. A autonomia, a diferenciação de *self* e a convivência são conceitos que devem ser cada vez mais estudados de acordo com o contexto em busca de se promover relações familiares mais saudáveis. Os resultados desta pesquisa podem auxiliar a prática clínica, sobretudo na relação familiar com filhos coabitantes nesta faixa-etária bem como nas investigações sobre o tema do prolongamento da coabitação familiar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Sociologia da família. In: CANEVACCI (org.) *Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

AINSWORTH, M.D. Attachments across the life-span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, v. 61, n. 9, p. 792-812, nov. 1985.

AINSWORTH, M.D.; BOWLBY, J. An etiological approach to personality development. *American Psychologist*, v. 46, p. 333-341, abr. 1991.

ALEXANDER, J.; CALLAGHAN, J.; FELLIN, L. Genograms in research: participant´s reflections of the genogram process. *Qualitative Research in Psychology*, dez. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1080/14780887.2018.1545066>. Acesso em: 18 abr. 2019.

ALLEN, J.; MOORE, C.; KUPERMINE, G.; BELL, K. Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child development*, v. 69, n. 5, p. 1406-1419, nov. 1998. Disponível em <https://doi.org/10.2307/1132274>. Acesso em 14 out. 2018.

ALVES, A.; MACIEL, L. A individualidade em Simmel e Elias: contribuições teóricas para uma sociologia do indivíduo. *Lua Nova*, n. 101, p. 259-290, maio/ago. 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-259290/101>. Acesso em: 12 nov. 2018.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARNETT, J.J. Emerging adulthood: A theory of development from the late tens through the twenties. *American Psychology*. v. 55, n.5, p. 469-480, maio 2000. Disponível em <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.5.469>. Acesso em: 22 de fevereiro 2019.

ARNETT, J.J. Conceptual foundations of emerging adulthood. In: MURRAY, J.; ARNETT, J.J. *Emerging adulthood and higher education: a new student development paradigm*. New York: Routledge, p. 11-24, 2018.

ARNETT, J.J.; KLOEP, M.; HENDRY, L.B.; TANNER, J.L. *Debating emerging adulthood: stage or process?* 1 ed. New York: Oxford University Press, 2011.

AYLMER, R.C. O lançamento do adulto jovem solteiro. In: CARTER, B.; M. MCGOLDRICK. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2 ed., p.169-183. Porto Alegre: Artmed, 1995.

BALTES, P.B. On the incomplete architecture of human ontogeny: selection, optimization, and compensation as a foundation of development theory. *American Psychologist*. April, v. 52, n. 4, p. 366-380, abr. 1997. Disponível em <https://doi.org/10.1037/0003-066X.52.4.366>. Acesso em: 13 de junho de 2019.

BALTES, P.B.; SMITH, J. Lifespan Psychology: From developmental contextualism to developmental biocultural co-constructivism. *Research in Human Development*, v. 1, n. 3, p. 123-

144, set. 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1207/s15427617rhd0103_1>. Acesso em: 19 de junho de 2019.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Almedina, 2016.

BARNES, G. G. *Family Therapy in Changing Times*. 2 ed. London: Red Globe Press, 2004.

BARTHOLOMEW, K.; HOROWITZ, L.M. Attachment styles among young adults: A test of four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 61, n. 2, p. 226-244, ago. 1991. Disponível em <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

BATESON, G.; JACKSON, D.; HALEY, J. WEAKLAND, J. Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science.* v. 1, n. 4, p. 251-254, jan. 2007 (versão online) / jun. 1956 (versão original). Disponível em <https://doi.org/10.1002/bs.3830010402>. Acesso em: 11 de agosto de 2019.

BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas.* 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil. Uma visão demográfica. In: NOVAIS, F. (Coord.); L.M. SCHWARZ (Org.). *Contrastes da intimidade contemporânea*: *História da vida privada no Brasil.* Vol. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 412-432.

BEYERS, W.; KRENKE-SEIFFGE, I. Does identity precede intimacy? Testing Erikson's theory on romantic development in emerging adults of the 21st century. *Journal of Adolescent Research*. v. 25, n. 3, p. 387–415, mar. 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0743558410361370>. Acesso em: 22 de setembro de 2019.

BEZBOJNICUL (reddit user / designer). *Percentage of Young Adults In Europe, aged 25-34, Who Still Live With Their Parents.* (mapa), jun. 2015. Disponível em <https://brilliantmaps.com/europe-live-parents/>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

BOSS, P.; BRYANT, C.M.; MANCINI, J.A. *Family stress management: a contextual approach*. 3 ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2016.

BOWEN, M. *De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Tradução de Beatriz E. Anastasi de Lonné. 1 ed. Buenos Aires: Paidós, 1991.

BRANDÃO, T.; SARAIVA, L.; MATOS, P. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, v. 30, n. 3, p. 301-313, jul. 2012. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 de setembro de 2018.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 16 de Julho de 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 16 de abril 2018.

BRITO, E.S.; RABINOVICH, E.P. The family also becomes sick! Changes secondary to stroke occurring within families. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.12, n.27, p. 783-794, out./dez. 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000400009>. Acesso em 03 de março de 2019.

BYNNER, J. Rethinking the youth phase of the life-course: The case for emerging adulthood? *Journal of Youth Studies*, v. 8, n. 4, p. 367-384, jan. 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1080/13676260500431628>. Acesso em: 19 de março de 2019.

CAMARANO, A.A. (org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2006. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5504>. Acesso em: 16 de janeiro de 2019.

CANETA DESMANIPULADORA. *Querer não é poder (é o que minha mãe diz)*. Rio de Janeiro, 27 de junho de 2017. Facebook: página do facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/posts/451879271845191/>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

CALDANA, R. A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. *Temas em Psicologia*. v. 6, n. 2, p. 87-103, ago. 1998. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1998000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 de julho de 2018.

CARNEIRO, V; SAMPAIO, S. Adultez emergente: um fenômeno normativo? *Revista Saúde e Ciência Online*, v. 4, n. 1, p. 32-40, jan./abr. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.35572/rsc.v4i1.238>. Acesso em: 11 de julho de 2018.

CARRASCO, L. A utilização do genograma em estudos de família. In: WAGNER (org). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares.* Porto Alegre: EdiPUC, 2014, p. 151-163.

CARTER, B., & MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar – Uma estrutura para a terapia familiar*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CASSIDY, J.; SHAVER, P.R. *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical applications*. 3 ed. New York: The Guilford Press, 2016.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALLI, A. The delayed entry into adulthood: Is it good or bad for society? *Actas do Congresso Internacional growing up between center and periphery*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1997.

CERVENY, C. *A família em movimento*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

CERVENY, C.; BERTHOUD, C.M. *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE – CEPAL. *La juventude in iberoamérica. Tendencias y urgências*. Santiago: Chile, out. 2004. Disponível em <https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/2785/S2004083_es.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

COBO, B.; SABOIA, A.L. *A geração canguru no Brasil.* Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010. Disponível em <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/2392/2345>. Acesso em: 01 de setembro de 2018.

COLVER, A.; LONGWELL, S. New understanding of adolescent brain development; relevance to transitional healthcare for young people with long term conditions. *Archives of Disease in Childhood*, v. 98, n. 11, p. 902-907, nov. 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1136/archdischild-2013-303945>. Acesso em: 02 de julho de 2018.

CORSEUIL, C.; SANTOS, D.; FOGUEL, M. *Decisões críticas em idades críticas: A escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina.* Texto para discussão nº 797. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2001.

COSTA, M. E. *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade.* Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica-INIC, 1991.

CÔTE, J. The dangerous myth of emerging adulthood: An evidence-based critique of a flawed developmental theory. *Applied developmental Science*, v. 18, n. 4, p. 177-188, out. 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10888691.2014.954451>. Acesso em: 04 de junho de 2018.

CÔTE, J.; BYNNER, J. Changes in the transition to adulthood in the UK and Canada: the role of structure and agency in emerging adulthood. *Journal of Youth Studies*, v. 11, n. 3, p. 251-268, jun. 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1080/13676260801946464>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

DANCEY, C.; REIDY, J. *Estatística sem matemática para psicólogos: Usando SPSS para Windows.* 7 ed, Porto Alegre: Penso, 2018.

DANIELS, P.; WEINGARTEN, K. *Sooner or later. The time of parenthood in adult lives,* New York: WW Norton and Company, 1983.

DATTILIO, F. *Manual de terapia cognitivo-comportamental para casais e famílias,* Porto Alegre: Artmed, 2010.

DE PAULO, B. *How we live now: redefining home and family in the 21st century,* New York: Atria Books, 2015.

DETRIE, P. M., & LEASE, S. H. The relation of social support, connectedness, and collective self-esteem to the psychological well-being of lesbian, gay, and bisexual youth. *Journal of Homossexuality, v. 53*, n. 4, p.173-199, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00918360802103449>. Acesso em: 15 de junho de 2018.

DIAS, P. B. A influência do cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia. *Ágora: estudos clássicos em debates*, v. 6, p. 99-133, 2004. Universidade de Aveiro: Departamento de Línguas e Culturas. Disponível em <https://eg.uc.pt/handle/10316/13456>. Acesso em: 18 de março de 2018.

DIMENSTEIN, G. Geração canguru. *Folha de São Paulo.* São Paulo, 12 de dezembro de 2005. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gd121205.htm>. Acesso em: 08 de agosto de 2018.

DUTRA-THOMÉ, L. Quando os(as) filhos(as) vão sair de casa? As trajetórias em direção à vida adulta de jovens brasileiros de nível socioeconômico baixo e alto. In: PONCIANO, E.; MOURA, M. L. (org). *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta.* Curitiba: Editora CRV, p. 111-127, 2016.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DUARTE, L.F. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

DUARTE, L.F. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: RIBEIRO, I. (org.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira.* Rio de Janeiro: Fundação João XXIII, p. 23-41, 1995.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ERIKSON, E. *Identidade, Juventude e Crise*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ERDEM, G.; SAFI, O. The cultural lens approach to Bowen Family System Theory: Contributions of Family Change Theory. *Journal of Family Theory and Review*, v.10, n. 2, abr. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1111/jftr.12258>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In: WAGNER (org). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares.* Porto Alegre: Edipucrs, p. 25-46, 2014.

FÉRES-CARNEIRO, T.; PONCIANO, E. Articulando diferentes enfoques teóricos na terapia familiar. *Revista Interamericana de Psicologia*, v. *39, n.* 3, p. 439-448, jan. 2005. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/26610599_Articulando_diferentes_enfoques_teoricos_na_terapia_familiar>. Acesso em: 10 de julho de 2019.

FERREIRA, A. Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e agora, exclusão através de muros. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*, v. 14, jun. 2009. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/b3w-828.htm>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

FERREIRA, M.; POMPONET, A. Escolaridade e trabalho: juventude e desigualdades. *Revista de Ciências Sociais.* v. 50, n. 3, p.267-302, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.36517/rcs.50.3.d09>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

FIGUEIREDO, M. *Ninho cheio, geração canguru: A permanência do filho adulto segundo a perspectiva dos pais.* 2008. 192 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FIGUEIREDO, M. *Geração Canguru: Ninho Cheio: Filhos adultos morando na casa dos pais.* São Paulo: Nversos Editora, 2013.

FIORINI, M. *Percepção do funcionamento familiar, diferenciação do self e adaptabilidade de carreira de estudantes universitários*. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

FIORINI, M.; MÜLLER, F.; BOLZE, S. Diferenciação do Self: revisão integrativa de artigos internacionais. *Pensando Famílias*, v. 22, n.1, p.146-162, jan-jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1679-494X&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de abril de 2019.

FONTANELLA, B.; LUCHESI, M.; SAIDEL, M.; RICAS, J., TURATO, E.; MELO, D. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Caderno de Saúde Pública*, v. *27*, n. 2, p. 389-394, fev. 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000200020>. Acesso em: 05 de julho de 2019.

FLANDRIN, J. *Família – parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga.* Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

FRIEDMAN, M.; SILVESTRE, A.; GOLD, M.; MARKOVIC, N., SAVIN-WILLIAMS, HIGGINS, J.; SELL, R. Adolescents define sexual orientation and suggest ways to measure it. *Journal of Adolescence*, v. 27, p.303-317, jun. 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2004.03.006>. Acesso em: 13 de junho de 2018.

FROST, D., MEYER, I.; SCHWARTZ, S. Social support networks among diverse sexual minority populations. *American Journal of Orthopsychiatry*, v. 86, n. 1, p. 91-102, jan. 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1037/ort0000117>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

GALANO, M. Família e história: a história da família. In: CERVENY, M.; BERTHOUD, E. (orgs.). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 115-148, 2006.

GAZETA DIGITAL. Geração canguru. *Gazeta Digital*. Cuiabá, 24 de julho de 2005. Disponível em <http://www.gazetadigital.com.br/suplementos/zine/geracao-canguru/80724>. Acesso em: 06 de setembro de 2019.

GIBNEY, P. The double bind theory: still crazy-making after all these years. *Psycotherapy in Australia*. v. 2, n. 3, p. 48-55, mai. 2006. Disponível em <https://systemika.g-i.cz/record/2101/files/TheDoubleBindTheory.pdf>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

GIDDENS, A. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GLOVER, J.; GALLLIHER, R.; LAMERE, T. Identity development and exploration among sexual minority adolescents: examination of a multidimensional model. J*ournal of Homossexuality*, v. 56, n.1, p. 77-101, jan. 2009. Disponível em <https://doi.org/10.1080/00918360802551555>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

GOLDFARB, D.; LOPES, R. Avosidade: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In: FREITAS, E.; PY, L. (ed.). *Tratado de geriatria e gerontologia*, 4. ed., p. 1374-1382, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

GOODRICH, T.J.; RAMPAGE, C.; ELLMAN, B.; HALSTEAD, K. *Terapia feminista da família*. Porto Alegre: Artmed, 1990.

GRANDESSO, M. *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GROPPO, L. A. Dialéticas das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*, v. 13, n. 25, p. 9-22, dez. 2004. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/629/568>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.

GUERIN, P.J; GORDON, E.M. Trees, triangles and temperament in the child-centered family. In: FAY, L.F. (ed.): *The Papers of Philip Guerin,* p. 164-181, 1983. Disponível em <http://cflarchives.org/images/Philip_Guerin_M.D._Collected_Papers.pdf>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2019.

GUERREIRO, M. D., ABRANTES, P. Moving into adulthood in a southern European country: transitions in Portugal. *Portuguese Journal of Social Science*, v. 3, n. 3, p. 191-209, dez. 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1386/pjss.3.3.191/1>. Acesso em: 19 de outubro de 2018.

GUERREIRO, M. D. *Transições incertas. Os jovens perante o trabalho e a família.* 2 ed. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego - Ministério da Educação de Portugal, 2007. Disponível em <http://cite.gov.pt/imgs/downlds/Transicoes_Incertas.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? Retratos da Juventude Brasileira. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Perseu Abramo / Instituto Cidadania, p. 149-174, 2005. Disponível em <http://www.uel.br/prograd/gepe/materiais/retratos_juventude_brasileira.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HENRIQUES, C. *Geração canguru: O prolongamento da convivência familiar.* 2003. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2003.

HENRIQUES, C.; JABLONSKI, B. & FÉRES-CARNEIRO, T. A "geração canguru": Algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Revista Psico*, v. 35, n. 2, p.195-205, 2004.

HINTZ, H. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à Pós-modernidade. *Pensando Famílias*, v. 3, p. 8-19, 2001.

HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. Síntese de Indicadores 2012.* Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD. Síntese de Indicadores 2018.* Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

ITABORAÍ, N. Entre os nem-nem e a geração canguru: paradoxos das desigualdades de classe e gênero nas transições juvenis brasileiras. *Anais de Congresso. Trabalho apresentado no VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población - ALAP*, Lima, Perú, realizado em 12 a 15 de agosto de 2014. Disponível em <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st04-8/10160-entre-a-geracao-canguru-e-os-nem-nem-paradoxos-das-desigualdades-de-classe-e-genero-nas-transicoes-juvenis-brasileiras/file>. Acesso em: 28 de setembro de 2018.

KAËS, R; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J. *Transmissão da vida psíquica entre gerações.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KAGITÇIBASI, C. A Model of Family Change in Cultural Context. *Online Readings in Psychology and Culture*, v. *6, n.* 3, ago. 2002. Disponível em <https://doi.org/10.9707/2307-0919.1059>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2019.

KAGITÇIBASI, C. *Family, self, and human development across cultures. Theory and applications*. 2 ed. Londres: Routledge, 2007.

KERR, M. E.; BOWEN, M. *Family Evaluation.* New York: WW Norton, 1988.

KINS, E. SOENENS, B.; BEYERS, W. Separation anxiety in families with emerging adults. *Journal of Family Therapy Psychology*. v. 27, n. 3 p. 495-505, jun. 2013. Disponível em <https://doi.org/10.1037/a0032869>. Acesso em: 10 de Agosto de 2019.

KUBLINOWSKI, I.; RODRIGUES, C. Kangaroo generations: new contexts, new experiences. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 33, n. 3, p. 535-542, jul-set. 2016. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2016000300535>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas.* Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. ed. 9. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LAMPIS, J.; CATAUDELLA, S. Adult Attachment and Differentiation of Self-Constructs: A Possible Dialogue? *Contemporary Family Therapy*, v. 41, p. 226-235, jan. 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1007/s10591-019-09489-7>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LESNARD, L.; COUSTEAUX, A-S.; CHANVRIL, F.; LE HAY, V. Do Transitions to Adulthood Converge in Europe? An Optimal Matching Analysis of Work–Family Trajectories of Men and Women from 20 European Countries. *European Sociological Review*, v 32, n. 3, jun. 2016, p. 355–369. Disponível em <https://doi.org/10.1093/esr/jcw003>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

LETELIER, M. Escolaridade e inserção no mercado de trabalho. *Cadernos de pesquisa,* v. 107, p. 133-148, 1999. Disponível em < http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15741999000200005>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

LOPES, C. A doce vida dos filhos-cangurus. *Revista Galileu*. Rio de Janeiro, junho de 1999. Disponível em <http://galileu.globo.com/edic/95/comportamento1.htm>. Acesso em: 02 de abril de 2019.

MACHADO, L. Z. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. *Interface - Comunicação, Saúd*e, Educação, v. 5, n. 8, p.11-26, 2001. Disponível em < http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832001000100002>. Acesso em: 27 de setembro de 2018.

MADDEN, V. Intergerational transmission of parenting: findings from a UK longitudinal study. *European Journal of Public Health*, v. 25, n. 6, dez. 2015. Disponível em < https://doi.org/10.1093/eurpub/ckv093>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

MAJOR, S.; MIRANDA, C.; RODRÍGUEZ-GONZÁLEZ, M.; RELVAS, A.P. Adaptação portuguesa do Differentiation of Self Inventory-Revised (DSI-R): Um estudo exploratório. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación e Avaliação Psicológica,* v. 1, n. 37, p.99-123, 2014. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/81453>. Acesso em: 14 de julho de 2019.

MANHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. (org.). *Karl Mannheim: Sociologia*. Tradução de Cláudio Marcondes, p. 67-95, São Paulo: Ática, 1982.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, v. 26-27, p.149-158, 1990.

MARTINS, E.; RABINOVICH, E.; SILVA, C. Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP,* v. 19, n. 2, jun. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000200005>. Acesso em: 10 de Agosto de 2019.

MAZOTTA, F.; PARISI, L. What are the Role of Economic Factors in Determining Leaving and Returning to the Parental Home in Europe During the Crisis? Technical Details. *CELPES*

Discussion Papers, v. 151, 2017. Disponível em <http://www.unisa.it/uploads/2551/dp_151.pdf>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

MCGOLDRICK, M.; GERSON, R.; PETRY, S. *Genogramas. Avaliação e Intervenção Familiar*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MENDONÇA, H. Geração canguru, os jovens que escolheram não sair da casa dos pais. *Revista El País Brasil.* São Paulo, 23 de junho de 2017. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/05/politica/1496687911_980154.html>. Acesso em: 18 de março de 2019.

MENDONÇA, M. P. *Processo de transição e percepção da adultez: análise diferencial dos marcadores identitários em jovens estudantes e trabalhadores.* 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade do Porto, 2007. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/143398319.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2019.

MIRANDA, S. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. *Revista de Psicologia,* v. 2, n. 5, p. 124- 137, jul-dez. 2014. Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/1481>. Acesso em: 30 de junho de 2019.

MODELL, J.; FURSTENBERG JR., F.; HERSHBERG, T. Social change and transitions to adulthood in historical perspective. *Journal of Family History*, v. 38, n. 1, p. 7-32, set. 1976. Disponível em <https://doi.org/10.1177/036319907600100103>. Acesso em: 14 de Agosto de 2018.

MOFRAD, S.; ABDULLAH, R.; UBA, I. Attachment Patterns and Separation Anxiety Symptom. *Asian Social Science*, v. 6, n. 11, 2010. Disponível em <https://doi.org/10.5539/ass.v6n11p148>. Acesso em: 08 de Agosto de 2019.

MORIN, E. The concept of system and the paradigm of complexity. In: MARUYAMA, M. *Context and complexity: cultivating contextual understanding*. New York: Springer-Verlag, p. 125-128, 1992.

MORGAN, E. M. (2012). Contemporary issues in sexual orientation and identity development in emerging adulthood. *Emerging Adulthood*. v. 1, n. 1, p. 52-66, 2012. Disponível em <https://doi.org/10.1177%2F2167696812469187>. Acesso em: 10 de março de 2019.

MÜLLER, A.P. *Valores familiares contemporâneos da 'geração canguru' na perspectiva de pais e filhos.* 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Bahia, 2018.

MUNHOZ, R. *A pertença estendida de adultos na família de origem.* 2012. 340 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NADIN, S.; CASSELL, C. The use of a research diary as a tool for reflexive practice. *Qualitative Research in Accounting & Management*, v. 3, n. 3, p. 208-217, set. 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1108/11766090610705407>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

NAHAS, R. R. Terapia familiar e transições no ciclo de vida. *Anais Congresso Paulista de Terapia de Família*, v. 2. São Paulo: APTF-SP, 1995.

NASCIMENTO, A. Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a Pesquisa sobre Padrões de Vida 1996-1997. *Anais XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Minas Gerais: ABEP, 2008.

NEUENSCHWANDER, M. *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Coimbra: Almedina, 2002.

NICHOLS, M. P., & SCHWARTZ, R. C. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PARKER, K. The Boomerang Generation Feeling OK about Living with Mom and Dad. *Pew Research Center*. Washington, 15 de março de 2012. Disponível em <http://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/3/2012/03/PewSocialTrends-2012-BoomerangGeneration.pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2019.

PAIS, J.M. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2001.

PAIS, J.M.; PAPPÁMIKAIL, L. E CAIRNS, D. Jovens europeus: retrato da diversidade. *Tempo Social*, v. 17, n. 2, p. 109-140, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-20702005000200006>. Acesso em: 03 de abril de 2019.

PELEG, O.; MILLER, P.; YITZHAK, M. Is separation anxiety in adolescents and parents related to parental differentiation of self? *British Journal of Guidance& Counselling*, v. 43, n. 4, p. 413-428, set. 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1080/03069885.2014.974021> Acesso em: 20 de abril de 2019.

PENSO, M. A.; COSTA, L. F. *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

PONCIANO, E. Self e relação familiar: desafios históricos, clínicos, teórico-técnicos e de pesquisa para a construção de uma proposta conciliatória. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). *Casal e família: teoria, pesquisa e clínica*, p. 131-155, Rio de Janeiro: Prospectiva e PUC-Rio, 2017.

PONCIANO, E. Relacionamento pais e filho(as) da adolescência para a vida adulta: foco na saúde emocional. In: PONCIANO, E.; SEIDL DE MOURA, M.L. (orgs.): *Quem quer crescer? Relacionamento Pais e Filhos(as) da adolescência para vida adulta*, p. 13-46, Rio de Janeiro: CRV, 2016.

PONCIANO, E., SEIDL DE MOURA, M.L. (orgs.) *Quem quer crescer? Relacionamento Pais e Filhos(as) da adolescência para vida adulta*. Rio de Janeiro: CRV, 2016

PONCIANO, E.; FÉRES-CARNEIRO, T. Modelos de família e intervenção terapêutica. *Interações*. v. 8 n. 16, São Paulo, dez. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072003000200004>. Acesso em: 17 de julho de 2019.

PONCIANO, E. Terapia de família no Brasil: uma visão panorâmica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 2, p. 252-260, 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200011>. Acesso em: 18 de julho de 2019.

PONCIANO, E. Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 27, n. 2, p. 388-397, 2014. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427220>. Acesso em: 03 de agosto de 2018.

PRATTA, E. & SANTOS. M. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v.12, n.2, p.247-256, mai/ago. 2007. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

QUAINO, L. "Geração Canguru" é fenômeno mundial, diz presidente do IBGE. *Portal G1*. Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/11/geracao-canguru-e-fenomeno-mundial-diz-presidente-do-ibge.html>. Acesso em: 23 de novembro de 2019.

RAPIZO, R. *Terapia sistêmica de família: da instrução à construção*. Rio de Janeiro: Noos, 2002.

Rainey, A. Survey provides further evidence of high parental involvement with college students. *Chronicle*. 31 de março de 2006. Disponível em <https://www.chronicle.com/article/survey-provides-further-evidence-of-high-parental-involvement-with-college-students-3916/>. Acesso em: 22 de junho de 2019.

REICHERT, C.; WAGNER, A. Considerações sobre a autonomia na contemporaneidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 7, n. 3, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300004>. Acesso em: 03 de agosto de 2018.

RAMBO, M.; HENTGES, C.; LÖEBLEN, F; PANDO, L.; KLOCKNER, M.; BERTOLDO, L. Uma nova configuração familiar: o fenômeno "ninho" cheio e suas vicissitudes. *Perspectivas em Psicologia*, v. 22, n. 1, p.168-179, jan/jun. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.14393/PPv22n1a2018-12>. Acesso em: 03 de novembro de 2019.

RITCHIE, J.; LEWIS, J.; ELAM, G. Designing and selecting samples. In: RITCHIE, J.; LEWIS, J. (eds.). *Qualitative research practice. A guide for social science students and researchers,* p. 77-108, Thousand Oaks: Sage, 2003.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RYAN, R. M., & LYNCH, J. H. Emotional autonomy versus detachment: Revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, v. 60, n. 2, p.340-356, abr. 1989.

SALEM, T. *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares.* Petrópolis: Vozes, 1980.

SANT´ANNA, T.; PENSO, M. A transmissão geracional da violência na relação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.33, p. 1-11, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33427>. Acesso em: 02 de agosto de 2018.

SAWYER, S.M.; AZZOPARDI, P.S.; WICKREMARATHNE, D.; PATTON, G. C. The age of adolescence. *The Lancet Child & Adolescence Health*, v. 2, n. 3, p. 223-228, mar. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.1016/S2352-4642(18)30022-1>. Acesso em: 12 de março de 2018.

SARTI, C. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas: Autores Associados, 1996.

SARTI, C. (2004). A família como ordem simbólica. *Revista Psicologia USP*, v. 15 n. 3, São Paulo, 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000200002>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

SARTORI, A.C.R.; ZILBERMAN, M.L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. *Revista Psiquiatria Clínica*, v. 36, n. 3, p.112-121, 2009. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000300005>. Acesso em: 10 de Agosto de 2019.

SCABINI, E. Parent-child relationships in Italian families: connectedness and autonomy in the transition to adulthood. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.16, n. 1, p.23-30, jan/abr. 2000. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-37722000000100004>. Acesso em: 03 de novembro de 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 01 de março de 2018.

SIMMEL, G. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, J.; OËLZE, B. (orgs). *Simmel e a modernidade*, p. 109-117, Brasília: Ed. UNB, 1998.

SCRUTON, P. (designer). *Europe's young adults living with parents - a country by country breakdown.* (mapa), mar. 2014. Disponível em <https://www.theguardian.com/news/datablog/2014/mar/24/young-adults-still-living-with-parents-europe-country-breakdown>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

SHAH, P.; FONAGY, P.; STRATHEARN, L. Is attachment transmitted across generations? The plot thickens. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, v. 15, n.3, jul. 2010. Disponível em <https://doi.org/10.1177/1359104510365449>. Acesso em: 07 d abril de 2019.

SILVEIRA, P.G.; WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, v. 23, n. 4, p. 441-452, out-dez. 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2006000400012>. Acesso em: 08 de junho de 2019.

SINGLY, F. Penser autrement la jeunesse. *Lien Social et Politiques*, v. 43, p. 9-21, 2000. Disponível em <https://doi.org/10.7202/005086aradresse copiéeune erreur s'est produite>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

SINGLY, F. (2007). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SKOWRON, E. A., FRIEDLANDER, M. L. The Differentiation of Self Inventory. Development and initial validation. *Journal of Counselling Psychology*, v. 45, n. 3, p. 235-246, jan. 1998. Disponível em <https://doi.org/10.1037/0022-0167.45.3.235>. Acesso em: 02 de março de 2018.

SKOWRON, E. A., SCHMITT, T. A. Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of Marital and Family Therapy*, v. 29, n. 2, p. 209-222, mai. 2003. Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2003.tb01201.x>. Acesso em: 02 de março de 2018.

SMALL, M. L. How to conduct a mixed methods study: Recent trends in rapidly growing literature. *Annual Review Sociology*, v. 37, p. 57-86, ago. 2011. Disponível em <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102657>. Acesso em: 05 de Agosto de 2018.

SPEAR, H.; KULBOK, P. Autonomy and adolescence: a concept analysis. *Public Health Nursing*, v. 60, n. 2, p. 144-152, mar./abr. 2004. Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.0737-1209.2004.021208.x>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

SPINK, M. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Caderno de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul/set. 1993. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>. Acesso em: 05 de março de 2019.

STEINBERG, L. *Age of opportunity: Lessons from the new science of adolescence.* United States of America: Mariner Books, 2014.

TAM, K. P. Understanding intergerational cultural transmission through the role of perceived norms. *Journal of cross cultural psychology*, v. 46, n. 10, p. 1260-1266, ago. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0022022115600074>. Acesso em: 22 de outubro de 2018.

TANNER, J. Recentering during emerging adulthood: A critical turning point in life span human development. In: ARNETT & TANNER (eds). *Emerging adults in America: Coming of the Age in the 21st century*, p. 21-55, Washington: American Psychological Association, 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1037/11381-002>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

TAPSCOTT, D. *Geração Digital: A Crescente e Irreversível Ascensão da Geração Net*. São Paulo: Makron Books, 1999.

TOLMAN, D. L.; MCCLELLAND, S. I. Normative sexuality development in adolescence: a decade in review, 2000 – 2009. *Journal of Research on Adolescence*, v. 21, n. 1, p. 242-255, fev. 2011. Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00726.x>. Acesso em: 18 de julho de 2019.

TROMSDORFF, G. Intergerational relations and cultural transmission. *Cultural transmission: Psychological developmental, social and methodological aspects*, p. 126-160, 2008. London: Cambridge University Press. Disponível em <https://doi.org/10.1017/CBO9780511804670.008>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2019.

VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro: Zahar, 1981

VIDIGAL, M.; TAFURI, M. Parentalização: uma questão psicológica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, v. 7, n. 2, p. 65-74, nov. 2010. Disponível em <http://psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/latin_american/v7_n2/parentalizacao_uma_questao_psicologica.pdf>. Acesso em: 08 de Agosto de 2019.

VIEIRA, A. RAVA, P. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? *Barbarói*, v. 33, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200008>. Acesso em: 13 de setembro de 2018.

VIEIRA, A. Ninho cheio: perspectiva de pais e filhos. *Revista Psicologia: teoria e prática*, v.14, n. 1, p. 84-86, abr. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000100007>. Acesso em: 13 de setembro de 2018.

WALSH, F. *Processos normativos da família: Diversidade e Complexidade*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Young people´s health - a challenge for society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. *World Technical Report Series*, v. 731, p. 1-117, 1986. Disponível em <https://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>. Acesso em: 10 de março de 2018.

WAINERMAN, C. *Família, trabajo y gênero: un mundo de nuevas relaciones*. Buenos Aires: FCE, 2003.

APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico Versão Filho(a)s

1. Qual é a sua idade? _____

2. Qual é o seu gênero?
( ) Feminino
( ) Masculino

3. Qual é a sua orientação sexual?
( ) Heterossexual
( ) Homossexual
( ) Outro

4. Qual é a sua religião?
( ) Católica
( ) Evangélica
( ) Espírita
( ) Outro
( ) Sem religião

5. Qual é o seu estado civil?
( ) Casado/Morando Junto com companheiro(a)
( ) Solteiro
( ) Separado/Divorciado
( ) Viúvo
( ) Outro

6. Quem reside com você atualmente? (marcar quantas opções forem necessárias)
( ) Pai
( ) Mãe
( ) Irmão ou Irmã
( ) Avó ou Avô
( ) Namorado ou Namorada
( ) Outros

7. Você está em algum relacionamento afetivo ou amoroso atualmente?
( ) Não
( ) Sim, até 1 ano de relacionamento
( ) Sim, de 1 a 2 anos de relacionamento
( ) Sim, de 2 a 5 anos de relacionamento
( ) Sim, mais de 5 anos de relacionamento

8. Qual é a sua escolaridade?
( ) Ensino Fundamental
( ) Ensino Médio
( ) Ensino Técnico Profissionalizante
( ) Ensino Superior Incompleto
( ) Ensino Superior Completo
( ) Pós-Graduação Incompleta
( ) Pós-Graduação Completa

9. Qual é a sua situação atual profissional?
( ) Desempregado(a), procurando emprego
( ) Desempregado(a), mas sem procurar emprego

( ) Estagiando
( ) Trabalhando (em instituição privada)
( ) Trabalhando (em instituição pública)

10. Qual é o seu histórico profissional?
( ) Nunca trabalhei
( ) Fiz estágio profissional
( ) Trabalhei em 1 empresa
( ) Trabalhei em 1 a 3 empresas
( ) Trabalhei em mais de 3 empresas

11. Você concilia estudo e trabalho ao mesmo tempo?
( ) Sim, estudo e trabalho
( ) Sim, estudo e faço estágio profissional
( ) Sim, estudo, faço estágio profissional e trabalho
( ) Não, só estudo
( ) Não, só trabalho
( ) Não estudo e nem trabalho, neste momento

12. Quais são as suas fontes de renda atualmente? (marcar quantas opções forem necessárias)
( ) Não tenho renda própria
( ) Mesada
( ) Bolsa Estudantil
( ) Estágio
( ) Trabalho em empresa particular
( ) Trabalho em emprego público
( ) Pensão
( ) Herança
( ) Outros

13. Qual é a sua faixa de renda individual atualmente? (incluir todas as fontes)
( ) Até 1 salário mínimo (R$ 998)
( ) De 1 a 2 salários mínimos (de R$ 998 até R$ 1.996)
( ) De 2 a 4 salários mínimos (de R$ 1.996 até R$ 3.992)
( ) De 4 a 10 salários mínimos (R$ 9.990)
( ) Mais de 10 salários mínimos (acima de R$ 9.990)

14. Quanto você participa da renda familiar em sua casa?
( ) Não participo
( ) 1-20%
( ) 20-50%
( ) 50-80%
( ) 80-100%

15. Qual é a sua perspectiva sobre permanecer ou sair da casa dos seus pais?
( ) Não pretendo sair
( ) Pretendo sair em pelo menos 2 anos
( ) Pretendo sair de 2 a 5 anos
( ) Pretendo sair daqui a 5 anos ou mais
( ) Pretendo sair, mas sem estipular período

16. Pensando numa perspectiva de sair da casa dos seus pais, com quem você se vê morando?
( ) Sozinho
( ) Com parceiro (a)
( ) Com amigo(a)s

( ) Com outros familiares
( ) Com desconhecidos
( ) Não se aplica / Não pretendo sair

Sobre os estudos, responda as questões a seguir

17. Qual é o seu nível de satisfação com seu nível de escolaridade atual? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco satisfeito" e 5 se refere a "Muito satisfeito")

1	2	3	4	5

18. Qual é a sua expectativa de investimento em sua formação?
( ) Não pretendo mais estudar
( ) Pretendo somente concluir a formação atual (independente do nível)
( ) Pretendo fazer cursos de capacitação após concluir minha formação atual
( ) Pretendo fazer outra formação em área diferente
( ) Pretendo fazer pós-graduação
( ) Pretendo fazer mais pós-graduações

19. Caso você pretenda continuar o investimento em sua formação, em quanto tempo você pretende concluir esta etapa?
( ) Em até 2 anos
( ) De 2 até 5 anos
( ) De 5 até 10 anos
( ) Mais de 10 anos
( ) Pretendo investir até o último nível de escolaridade, sem estipular tempo
( ) Não se aplica/Não pretendo investir mais na formação

20. O quanto você acha que a expectativa de investimento na formação é relevante para sua permanência em casa? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco relevante" e 5 se refere a "Muito relevante")

1	2	3	4	5

Sobre o campo profissional, responda as questões a seguir

21. Qual é o seu nível de satisfação com sua atuação profissional atual? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco satisfeito" e 5 se refere a "Muito satisfeito")

1	2	3	4	5

22. Qual é o seu nível de satisfação com sua renda atual? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco satisfeito" e 5 se refere a "Muito satisfeito")

1	2	3	4	5

23. Qual é a sua expectativa atual de atuação profissional e renda?
( ) Conseguir qualquer trabalho, independente da renda
( ) Conseguir um trabalho com uma renda razoável
( ) Conseguir um emprego com estabilidade (por meio de concurso público)
( ) Manter-me no mesmo emprego atual, independente do aumento de renda
( ) Ser promovido no trabalho atual ou procurar outro trabalho que ofereça renda melhor
( ) Mudar de empresa ou área de atuação, independente da renda

24. Por quanto tempo você está disposto a esperar para alcançar estas expectativas?
( ) Até 2 anos
( ) De 2 a 5 anos

( ) De 5 a 10 anos
( ) Mais de 10 anos
( ) Prefiro não estipular um tempo

25. O quanto você acha que a expectativa profissional e de renda é relevante para sua permanência em casa? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco relevante" e 5 se refere a "Muito relevante")

1	2	3	4	5

Sobre os relacionamentos amorosos, responda as questões a seguir

26. Qual é a frequência, em média, que você se encontra com seu namorado / sua namorada?
( ) Todos os dias
( ) Mais de 5 dias na semana
( ) De 2 a 5 dias na semana
( ) Somente folgas ou fim de semana
( ) Poucas vezes no mês
( ) Quase nunca
( ) Não se aplica/Não tenho um(a) namorado(a)

27. Qual é o seu nível de satisfação com o tempo disponível para namoro? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco satisfeito" e 5 se refere a "Muito satisfeito")

1	2	3	4	5

( ) Não se aplica/Não tenho um(a) namorado(a)

28. Qual é a sua expectativa sobre seu relacionamento?
( ) Não namoro e não tenho interesse em iniciar um relacionamento
( ) Não namoro, mas tenho interesse em iniciar um relacionamento
( ) Namoro, penso em namorar por mais 2 anos, pelo menos e depois me casar
( ) Namoro, penso em namorar por mais 5 anos, pelo menos e depois me casar
( ) Namoro, penso em namorar por mais de 5 anos e depois me casar
( ) Namoro, penso em casar, mas sem estipular um tempo
( ) Namoro, mas não penso em casar

29. O quanto você acha que a expectativa sobre seu relacionamento é relevante para sua permanência em casa? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco relevante" e 5 se refere a "Muito relevante")

1	2	3	4	5

Sobre o relacionamento familiar e sua casa, responda as questões 29, 30 e 31.

30. Você se sente mais próximo de algum membro familiar que mora com você?
( ) Não
( ) Sim, minha mãe
( ) Sim, meu pai
( ) Sim, meu irmão ou irmã
( ) Sim, minha avó ou avô
( ) Sim, outro.

31. O quanto você sente satisfeito com os seguintes aspectos em sua casa? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouco satisfeito" e 5 se refere a "Muito satisfeito")

Conforto (Organização do espaço físico, arrumação, distribuição dos quartos)

1	2	3	4	5

Comodidade (Alimentação, ter roupa lavada e passada, TV e Internet própria)

1	2	3	4	5

Convivência (Ter boas relações com as pessoas em casa)

1	2	3	4	5

Privacidade (Ter seu próprio espaço respeitado, trazer quem quiser para casa, ter seus horários definidos)

1	2	3	4	5

Liberdade de ter relacionamentos sexuais em casa

1	2	3	4	5

Poder de decisão (Poder decidir assuntos relacionados à casa, de regras, consumo, espaço e horários)

1	2	3	4	5

Comunicação (Ter abertura para conversas íntimas ou sobre o cotidiano)

1	2	3	4	5

Independência (Ter que dar satisfação aos pais sobre hora de chegada e saída, onde e com que está)

1	2	3	4	5

Renda Familiar (Poder de compra da família, atendimento aos desejos de consumo)

1	2	3	4	5

32. Qual é a sua expectativa em relação aos seus pais, numa perspectiva de quando você sair de casa?
( ) Não penso em sair de casa agora para não deixar meu pai sozinho/ minha mãe sozinha
( ) Não penso em sair de casa, mas não tem relação ao sentimento do meu pai / minha mãe
( ) Tenho vontade de sair de casa, mas tenho receio de como meu pai/ minha mãe vão ficar sem minha presença
( ) Tenho vontade de sair de casa e sei que quando isto ocorrer, meu pai/ minha mãe vão se adaptar

<u>Sobre sua perspectiva sobre a saída de casa dos filhos em geral, responda a questão a seguir</u>

33. O quanto você acha que esses aspectos influenciam na decisão de um filho adulto permanecer morando na casa dos pais? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a “Nenhuma Influência” e 5 se refere a “Total Influência”)

Idade

1	2	3	4	5

Renda pessoal

1	2	3	4	5

Renda familiar

1	2	3	4	5

Trabalho / Satisfação profissional

1	2	3	4	5

Investimento nos estudos

1	2	3	4	5

Religiosidade

1	2	3	4	5

Relacionamento amoroso / Casamento

1	2	3	4	5

Convívio e relacionamento familiar

1	2	3	4	5

Muita proximidade com um membro familiar

1	2	3	4	5

Conforto em casa

1	2	3	4	5

Privacidade

1	2	3	4	5

Liberdade afetiva e sexual

1	2	3	4	5

Poder de decisão em casa

1	2	3	4	5

Autonomia individual

1	2	3	4	5

Incerteza quanto ao seu futuro

1	2	3	4	5

Incerteza quanto ao futuro de sua família

1	2	3	4	5

Pressão dos pais

1	2	3	4	5

APÊNDICE B – Questionário Sociodemográfico Versão Pais

1. Qual é a sua idade? _____

2. Qual é o seu gênero?
( ) Feminino (Mãe ou outra cuidadora)
( ) Masculino (Pai ou outro cuidador)

3. Qual é a sua orientação sexual?
( ) Heterossexual
( ) Homossexual
( ) Outro

4. Qual é a sua religião?
( ) Católica
( ) Evangélica
( ) Espírita
( ) Outro
( ) Sem religião

5. Qual é o seu estado civil?
( ) Casado/Morando Junto com pai/mãe do(s) meu(s) filhos
( ) Recasado/Morando junto com outra pessoa diferente de pai/mãe dos meu(s) filhos
( ) Solteiro
( ) Separado/Divorciado
( ) Viúvo
( ) Outro

6. Quem reside com você atualmente? (marcar quantas opções forem necessárias)
( ) 1 filho (a)
( ) 2 filho(a)(s)
( ) Mais de 2 filho(a)(s)
( ) Esposo(a), que é pai ou mãe de todos os meus filhos
( ) Esposa(a), que é pai ou mãe de pelo menos um de meus filhos
( ) Companheiro(a), que não é pai nem mãe dos meus filhos
( ) Pai
( ) Mãe
( ) Sogro ou Sogra
( ) Outros

7. Você possui outro(a)s filho(a)s que já saíram de casa?
( ) Não
( ) Sim, 1 filho(a)
( ) Sim, 2 filho(a)s
( ) Sim, mais de 2 filho(a)s

8. Com que idade esse(a)s filho(a)s saíram de casa? (Obs: Caso mais de 1 filho tenha saído de casa em idades diferentes, pode marcar mais de uma opção)
( ) Antes dos 20 anos
( ) Entre 20 aos 25
( ) Entre 25 e 30 anos
( ) Entre 30 e 35 anos
( ) Mais de 35 anos
( ) Não se aplica / Não tenho filhos que saíram de casa

9. Dentre os filhos que residem com você, quantos filhos possuem mais de 25 anos?
( ) Nenhum
( ) 1filho(a)
( ) 2 filho(a)s
( ) Mais de 2 filho(a)s

10. Qual é a sua escolaridade?
( ) Ensino Fundamental
( ) Ensino Médio
( ) Ensino Técnico Profissionalizante
( ) Ensino Superior Incompleto
( ) Ensino Superior Completo
( ) Pós-Graduação Incompleta
( ) Pós-Graduação Completa

11. Qual é a sua situação atual profissional?
( ) Desempregado(a), procurando emprego
( ) Desempregado(a), mas sem procurar emprego
( ) Trabalhando (em instituição privada)
( ) Trabalhando (em instituição pública)
( ) Aposentado(a) (mais tempo trabalhando em instituição privada)
( ) Aposentado(a) (mais tempo trabalhando em instituição pública)

12. Qual é o seu histórico profissional?
( ) Nunca trabalhei
( ) Trabalhei até me aposentar
( ) Trabalhei até o casamento
( ) Trabalhei até ter filho
( ) Sempre trabalhei (sem contar interrupções por licenças ou desemprego momentâneo)

13. Quais são as suas fontes de renda atualmente? (marcar quantas opções forem necessárias)
( ) Não tenho renda própria
( ) Ajuda familiar
( ) Trabalho
( ) Pensão
( ) Herança
( ) Aposentadoria
( ) Outros

14. Qual é a sua faixa de renda? (incluir todas as fontes)
( ) Até 1 salário mínimo (R$ 998)
( ) De 1 a 2 salários mínimos (de R$ 998 até R$ 1.996)
( ) De 2 a 4 salários mínimos (de R$ 1.996 até R$ 3.992)
( ) De 4 a 10 salários mínimos (R$ 3.993 até R$ 9.990)
( ) Mais de 10 salários mínimos (acima de R$ 9.990)

15. O quanto você participa da renda familiar em sua casa?
( ) Não participo
( ) 1-20%
( ) 20-50%
( ) 50-80%
( ) 80-100%

Sobre a permanência em casa de seu filho/sua filha (com mais de 25 anos de idade) responda as questões 16, 17, 18, 19, 18, 20, 21, 22 e 23

16. Você já conversou com seu filho / sua filha sobre a permanência ou saída dele(a) de casa?
( ) Sim
( ) Não

17. Por quanto tempo você acredita que seu filho /sua filha irá continuar morando em casa com você? (Marque a opção que considere mais próxima de seu pensamento, neste momento)
( ) Acho que não vai sair
( ) Acho que continua morando por até 2 anos
( ) Acho que continua morando por 2 a 5 anos
( ) Acho que continua morando por 5 a 10 anos
( ) Acho que continua morando por 10 anos ou mais
( )Acho que vai sair em algum momento, mas prefiro não estipular um tempo para isto ocorrer
( ) Não tenho opinião formada sobre isto

18. Como você acha que ficaria sua rotina, no caso de seu filho / sua filha sair de casa? (Marque a opção que considere mais próxima de seu pensamento, neste momento)
( ) Não acho que vai alterar tanto minha rotina
( ) Acho que pode ser bom, com mais tempo para me dedicar a outras coisas (lazer, trabalho, etc)
( ) Acho que pode demorar, mas vou conseguir me adaptar a uma nova rotina
( ) Acho que vou ter muita dificuldade em me adaptar a uma nova rotina
( ) Não tenho opinião formada sobre isto

19. Quanto você se sente influente pela permanência de seu filho / sua filha em casa? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouca influência" e 5 se refere a "Muita influência")

1	2	3	4	5

20. Você pensa em se mudar de casa, caso seu filho /sua filha saia de casa? (Marque a opção que considere mais próxima de seu pensamento, neste momento)
( ) Não
( ) Sim, mas sem pressa
( ) Sim, imediatamente
( ) Não tenho opinião formada sobre isto

21. Como você imagina que ficaria a relação emocional com seu filho /sua filha caso ele(a) saia de casa? (Marque a opção que considere mais próxima de seu pensamento, neste momento)
( ) Mais distante emocionalmente
( ) Mesmo nível de relação emocional
( ) Mais próximo emocionalmente
( ) Não tenho opinião formada sobre isto

22. Como você acha que seriam a frequência de visitas de seu filho /sua filha, caso ele(a) saia de casa?
(Marque a opção que considere mais próxima de seu pensamento, neste momento)
( ) Quase todo dia
( ) Alguns dias na semana
( ) Alguns dias no mês
( ) Alguns dias no ano
( ) Quase nunca
( ) Não tenho opinião formada sobre isto

Sobre sua própria experiência de saída de casa, responda as questões 23, 24 e 25

23. Com que idade você saiu da casa dos seus pais?
( ) Antes dos 20 anos

( ) Entre 20 e 25 anos
( ) Entre 25 a 30 anos
( ) Entre 30 a 35 anos
( ) Depois dos 35 anos

24. Qual você acredita ter sido o principal motivo para ter saído de casa? (Caso tenha mais de um motivo, escolher apenas aquele que considera o mais relevante para sua saída)
( ) Casar ou ir morar junto do parceiro(a)
( ) Ir estudar ou trabalhar em outra cidade
( ) Ter uma convivência difícil em casa
( ) Ter liberdade sexual
( ) Ter independência financeira
( ) Outros

25. Como você se sente em relação a ter saído de casa naquele momento?
( ) Estou satisfeito(a) com o momento em que saí de casa
( ) Deveria ter saído de casa mais cedo
( ) Deveria ter saído de casa mais tarde
( ) Não tive escolha sobre o momento de sair de casa

26. Quanto você acha que a sua experiência de saída de casa tem relação com a permanência do seu filho / sua filha em casa? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Pouca relação" e 5 se refere a "Muita relação")

1	2	3	4	5

Sobre as suas responsabilidades em relação a sua casa, responda a questão 27

27. Quanto você se sente na responsabilidade de prover os seguintes aspectos para o seu filho / sua filha em sua casa? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Nenhuma Responsabilidade" e 5 se refere a "Total responsabilidade")

Conforto (Organização do espaço físico, arrumação, distribuição dos cômodos)

1	2	3	4	5

Comodidade (Alimentação, ter roupa lavada e passada, TV e Internet própria)

1	2	3	4	5

Convivência (Fornecer ambiente para as relações com as pessoas em casa)

1	2	3	4	5

Privacidade (Dar espaço aos filhos, deixar trazer quem quiser para casa, deixar definirem os horários)

1	2	3	4	5

Liberdade de relacionamentos sexuais

1	2	3	4	5

Poder de decisão (Permitir a decisão de assuntos relacionados à casa, de regras, consumo, espaço e horários)

1	2	3	4	5

Comunicação (Dar abertura para conversas íntimas ou sobre o cotidiano)

1	2	3	4	5

Autonomia (Solicitar satisfação aos filhos sobre hora de chegada e saída, onde e com que está)

1	2	3	4	5

Renda Familiar (Garantir o poder de compra da família, atendimento aos desejos de consumo)

1	2	3	4	5

Sobre sua perspectiva sobre a saída de casa dos filhos em geral, responda a pergunta 28

28. O quanto você acha que esses aspectos influenciam na decisão de um filho adulto permanecer morando na casa dos pais? (Assinale de 1 a 5, onde 1 se refere a "Nenhuma Influência" e 5 se refere a "Total Influência")

Idade

1	2	3	4	5

Renda pessoal

1	2	3	4	5

Renda familiar

1	2	3	4	5

Trabalho / Satisfação profissional

1	2	3	4	5

Investimento nos estudos

1	2	3	4	5

Religiosidade

1	2	3	4	5

Relacionamento amoroso / Casamento

1	2	3	4	5

Relacionamento familiar

1	2	3	4	5

Muita proximidade com um membro familiar

1	2	3	4	5

Conforto em casa

1	2	3	4	5

Privacidade

1	2	3	4	5

Liberdade afetiva e sexual

1	2	3	4	5

Poder de decisão em casa

1	2	3	4	5

Autonomia

1	2	3	4	5

Incerteza quanto ao seu futuro

1	2	3	4	5

Incerteza quanto ao futuro de sua família

1	2	3	4	5

Pressão dos pais

1	2	3	4	5

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido para instrumentos quantitativos

Pesquisa: O prolongamento da coabitação entre pais e filhos: transmissão intergeracional e diferenciação do self

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa cujo objetivo é identificar a diferenciação do *self* existente nos filhos coabitantes com seus pais e como isto tem afetado a dinâmica familiar, considerando a transmissão intergeracional. Será aplicado este Questionário Sociodemográfico aos filhos com idade entre 25 e 25 anos que moram com os pais (ou pelo menos um deles) e também ao pai ou mãe que mora junto com este filho(a). Também será aplicado o Inventário de Diferenciação Self-Revisto a este mesmo público, mas também aos filhos na mesma faixa etária que não moram mais com os pais e aos seus pais (ou pelo menos um deles). Cuidadores na função de pai ou mãe também podem participar da pesquisa. Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para compreensão do estudo do fenômeno de prolongamento da coabitação entre pais e filhos.
A sua participação é voluntária. Sendo assim, não haverá qualquer gasto financeiro nem pagamento pela sua participação no projeto. Responder a esta pesquisa não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Sua participação não oferece riscos a sua dignidade e a de sua família. Você pode, no entanto, sentir um leve sentimento de timidez, no momento de responder os questionários. Você tem o direito de negar a participação em qualquer etapa deste estudo sem qualquer prejuízo para você ou para a sua família. Para minimizar qualquer desconforto e manter sua privacidade, os questionários apresentarão caráter anônimo e deverão ser respondidos individualmente. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados por cinco anos em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos. Todas as informações fornecidas são estritamente confidenciais. Desta maneira, apenas os pesquisadores terão conhecimento dos dados, que não são considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre se certificando do anonimato dos participantes. Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas com o pesquisador responsável Fabio Souza Ramos, email fsouza00@gmail.com e telefone (21)995024592, ou na UERJ – Rua São Francisco, 524 – 10° andar - Sala 10004 - Bloco F- CEP: 20559-900. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3°andar – Maracanã- Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br- Telefone: (021) 2334-2180.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu _____ de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido para entrevista

Pesquisa: O prolongamento da coabitação entre pais e filhos: transmissão intergeracional e diferenciação do self

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa cujo objetivo é o de identificar a diferenciação do *self* existente nos filhos coabitantes com seus pais e como isto tem afetado a dinâmica familiar, considerando a transmissão intergeracional. Irão participar desse estudo, filho(a)s com idades entre 25 e 35 anos que estão morando atualmente com os pais, ou pelo menos um deles e também os pais destes filhos, na condição de que coabite a mesma residência que o(s) filho(a)(s). Acredita-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para compreensão do estudo do fenômeno de prolongamento da coabitação entre pais e filhos.
A sua participação é voluntária. Sendo assim, não haverá qualquer gasto financeiro nem pagamento pela sua participação no projeto. Responder a esta pesquisa não envolverá quaisquer riscos significativos a você, além da expressão da sua opinião. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos entrevistá-lo (a) e usarmos esse material para a pesquisa. As entrevistas serão gravadas em áudio. Sua participação não oferece riscos a sua dignidade e a de sua família. Você pode, no entanto, sentir um leve sentimento de timidez, no momento de responder a entrevista. Você tem o direito de negar a participação em qualquer etapa deste estudo sem qualquer prejuízo para você ou para a sua família. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados por cinco anos em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos. Todas as informações fornecidas são estritamente confidenciais. Desta maneira, apenas os pesquisadores terão conhecimento dos dados, que não são considerados individualmente e, sim, em conjunto. Os dados da pesquisa também poderão ser publicados, utilizados para fins de ensino e durante encontros e debates científicos, mas sempre se certificando do anonimato dos participantes. Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas com o pesquisador responsável Fabio Souza Ramos, email fsouza00@gmail.com e telefone (21)995024592, ou na UERJ – Rua São Francisco, 524 – 10° andar - Sala 10004 - Bloco F- CEP: 20559-900. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3020, bloco E, 3°andar – Maracanã- Rio de Janeiro, RJ, e-mail: etica@uerj.br- Telefone: (021) 2334-2180.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu
_____,
_____ e
_____ de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____.

_____
Assinatura do entrevistado 1

_____
Assinatura do entrevistado 2

_____
Assinatura do entrevistado 3

_____
Assinatura do pesquisador

APÊNDICE E – Roteiro de Entrevista

- APRESENTAÇÃO E "QUEBRA-GELO"

1) Apresentação do tema da pesquisa e seus objetivos e relato pessoal do pesquisador para quebrar o clima
2) Solicitação de assinatura de TCLE e gravação da entrevista
3) Apresentação do genograma com um exemplo de uma família e explicação das suas potencialidades, limites e diversidade de representações e seu uso na entrevista, fazendo as considerações éticas (ex: poder interromper a qualquer momento, sigilo no dado dos familiares, informar que algumas perguntas ou temas podem eliciar emoções fortes e não precisam ser respondidos – só no caso de perceber alguma reação durante alguma pergunta ou assunto e etc);

- ENTREVISTA

4) Início da construção do genograma da família partir da estrutura familiar solicitando os dados demográficos (no mínimo 3 gerações) dos pais e filhos presente concomitantemente. Os dados básicos importantes na construção: nascimento, profissão, status atual profissional, data de casamento e separação (se houver), status de relacionamento e mortes.

5) Condução da entrevista. Voltar ao genograma sempre que necessário acrescentar ou alterar uma informação ao longo da entrevista. As perguntas não precisam necessariamente nesta ordem e nem exatamente estruturadas desta maneira.

Legenda: P – pais e F – filho(a)s

P e F: Como vocês consideram que é o convívio entre vocês na mesma casa?

- Perguntar o convívio com a família extensa (avós e tios) também e, se tiver irmãos, também inseri-los neste contexto. Perguntar se há alguém mais próximo ou mais distante na família.

- Puxar assunto em relação à comunicação, espaço, privacidade, conflitos, tempo disponível em casa, autonomia... (deixar mais aberto e ver quem fala mais, toma a iniciativa e etc. Se alguma parte

estiver mais calada, fazer pergunta direcionada a ela, perguntando o que ela acha do que foi falado, qual a opinião sobre isso, etc)

P: Abordar os pais para perguntar como é o convívio com os seus pais (avós dos filhos) atualmente e como era na época deles na mesma faixa etária dos filhos...

- Como foi o sair de casa dos pais? Com que idade? Qual foi o motivo? Ver se houve migração na família. Foi morar longe ou perto dos pais...(anotar dados no genograma)

F: Perguntar ao filho se conhecia a história e se acha que ele tem alguma influência disto em suas atitudes.

F: Falar sobre escolaridade, trabalho , oportunidades, carreira, renda.

Como foi a escolha na carreira? Como seus pais reagiram? Qual expectativa? O que tem feito para alcançar? Como se vê em relação à renda individual e participação nos gastos de casa?

P: O que os pais acham da opinião dos filhos e deste status e depois de como foi a própria carreira, sua relação com o trabalho, como isso impactou na família e na relação com seus próprios pais?

F: Perguntar ao filho se conhecia a história e se acha que ele tem alguma influência disto em suas atitudes.

P e F: Perguntar se acham o que investimento profissional tem influência na decisão de ficar em casa atualmente.

Indagar se há dependência financeira e qual o sentimento de ambos em relação a isto. Comparar com a época dos pais.

F: Falar sobre namoro, relacionamentos, sexualidade

Se estiver namorando qual a expectativa de casamento? Se estiver solteiro, perguntar se há expectativa atual de algum relacionamento. Como os pais lidam com isso? Há pressão para algo? Há liberdade para relacionamentos no âmbito da casa?

P: Perguntar o que eles acham sobre a opinião dos filhos e como era na época deles e como isso repercutiu na família.

Falar sobre como ocorreu o casamento, divórcio (se houver), chegada dos filhos (anotar datas no genograma) e como isto repercutiu na família, qual o impacto na profissão e etc.

F: Perguntar ao filho se conhecia a história e se acha que ele tem alguma influência disto em suas atitudes.

P e F: Perguntar se eles acham que existe algum valor muito importante que foi passado de pai para filho e que tem impacto no convívio?

Religião, ensinamentos morais, comportamentos específicos, regras de relacionamento, formas de lidar com chefe, com a família e etc.

P e F: Perguntar o que o(a)s filho(a)s acham que os pais pensam sobre a permanência dele em casa com esta idade? E o que os pais acham sobre esta permanência também?

P e F: Qual a expectativa em relação ao futuro?

Permanecer em casa? Planos de casar, viajar, sair, morar perto, longe? O que eles pretendem fazer? Como isto afetaria a relação e o convívio?

P e F: Citar pontos positivos e pontos negativos do prolongamento da coabitação.

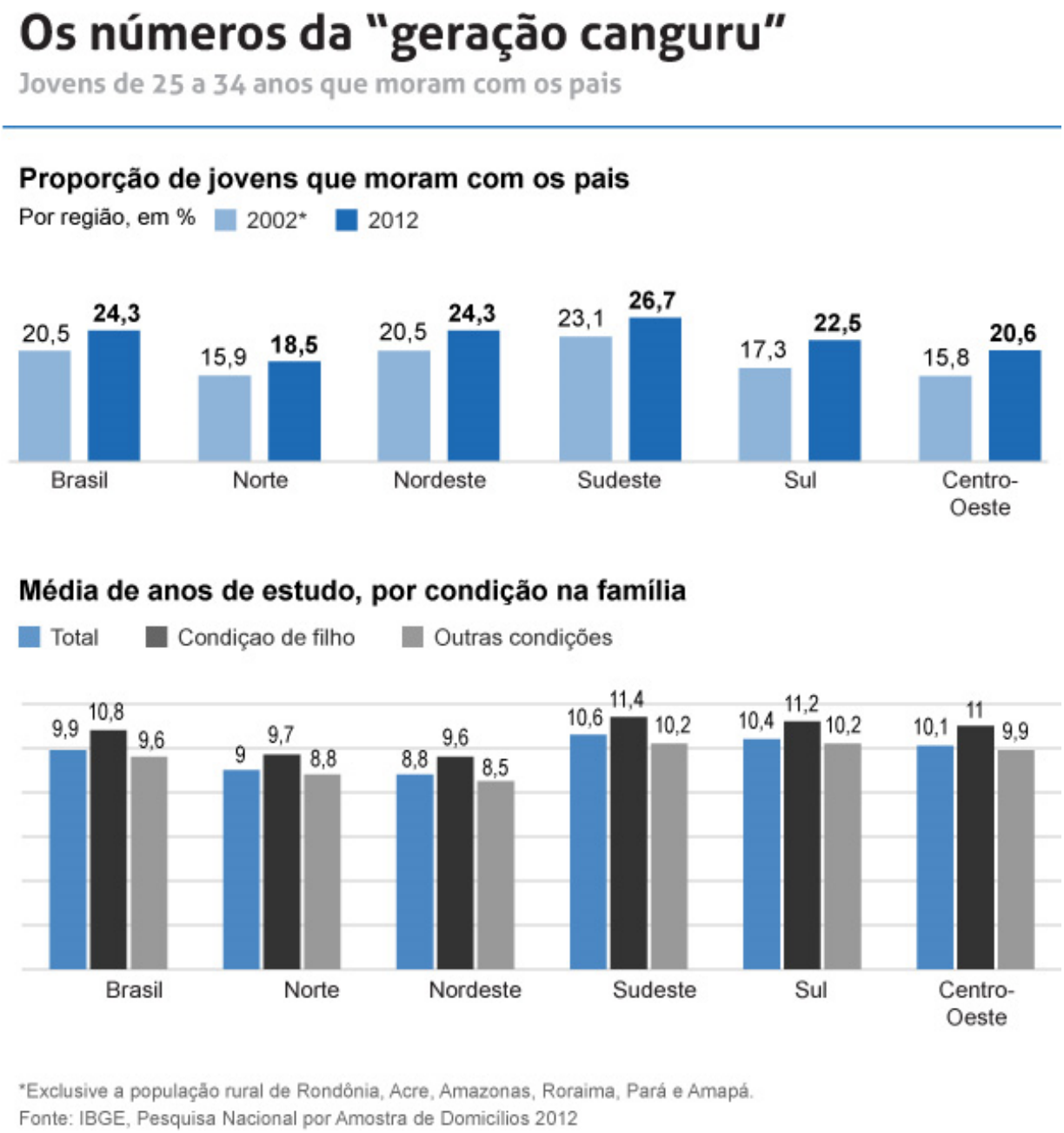
- FECHAMENTO

Apresentar o genograma com as informações adicionadas ao longo da entrevista. Perguntando se há algo a acrescentar ou modificar, se há algo que eles querem falar que não tenha sido considerado e como eles se sentiram em relação à entrevista e a ter a família representada no genograma.

Solicitar que o pai//mãe preencha os instrumentos (Questionário Sociodemográfico e Inventário de Diferenciação de Self), caso não tenha sido preenchido.

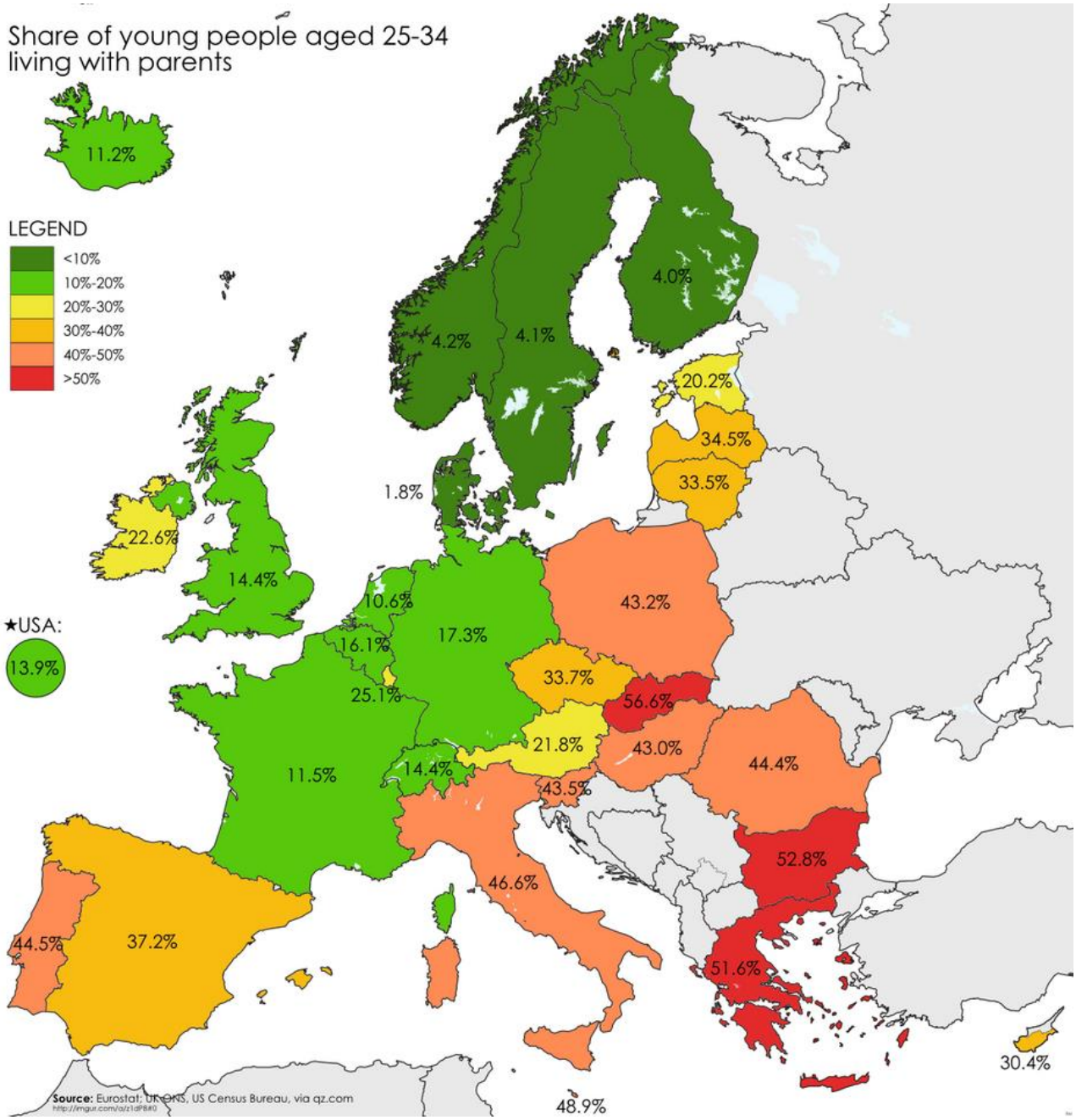
Agradecimentos e informar novamente sobre os sigilos nas informações e se colocando à disposição para dúvidas e esclarecimentos.

ANEXO A – Jovens entre 25-34 anos que moram com os pais no Brasil, por região e por média de anos de estudo



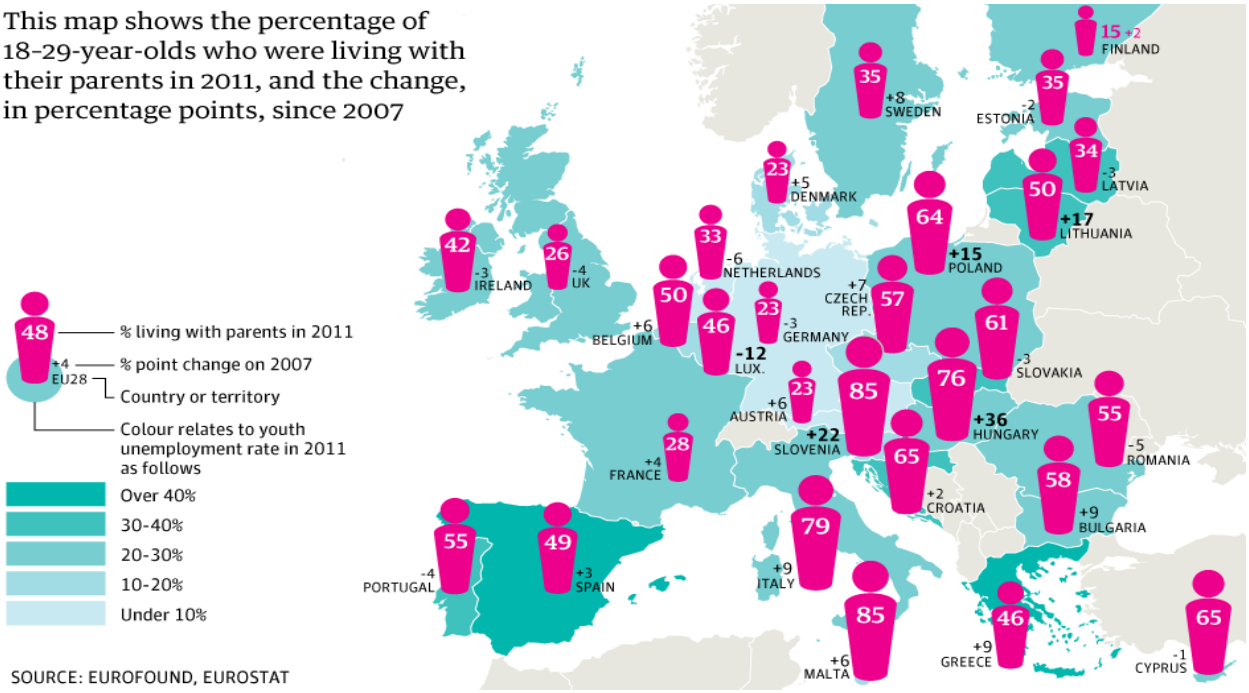
ANEXO B – Porcentagem de jovens entre 25-34 anos que moram com os pais na Europa

Graphic by Bezbojnicul (redit user) (2015), disponível no brilliantmaps.com



ANEXO C – Porcentagem e histórico de crescimento de jovens entre 18-34 que moram com os pais na Europa e relação com desemprego

Graphic by Paul Scruton (2014), disponível no The Guardian



ANEXO D – Inventário de Diferenciação de Self-Revisto

Skowron & Smith (2003), adaptada por Major; Miranda; Rodríguez-González & Relvas (2014)

Estas questões são relativas aos seus pensamentos e sentimentos sobre e si e sobre a sua relação com outras pessoas. Leia cuidadosamente cada afirmação e decida se a afirmação é globalmente verdadeira em relação a si, numa escala de 1 (Nada verdadeira) a 6 (Muito verdadeira). Se algum item não aplicável a sua situação (e.x. se não está casado/ou numa relação com compromisso; se os seus pais já faleceram), respondam à pergunta de acordo com uma memória ou situação que imagina que seriam os seus pensamentos e sentimentos nesta situação.

Utilize a seguinte escala como critério:

1	2	3	4	5	6
Nada verdadeiro para mim					Muito verdadeiro para mim

1. As pessoas têm reparado que sou excessivamente emotivo(a).

1	2	3	4	5	6

2. Tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos às pessoas que são queridas por mim.

1	2	3	4	5	6

3. Sinto-me, frequentemente, inibido(a) junto da minha família.

1	2	3	4	5	6

4. Tendo a me manter bastante calmo(a), mesmo sob estresse (sob pressão).

1	2	3	4	5	6

5. Normalmente, preciso de muito encorajamento por parte de outros quando começo um trabalho ou tarefa importante.

1	2	3	4	5	6

6. Quando alguém que é próximo de mim me desilude, afasto-me dele/dela por um tempo.

1	2	3	4	5	6

7. Independentemente do que aconteça na minha vida, sei que nunca perderei a noção daquilo que sou enquanto pessoa.

1	2	3	4	5	6

8. Tendo a me distanciar quando as pessoas se aproximam demasiadamente de mim.

1	2	3	4	5	6

9. Quero corresponder às expectativas que os meus pais têm de mim.

1	2	3	4	5	6

10. Gostaria de não ser tão emotivo(a).

1	2	3	4	5	6

11. Normalmente, não altero o meu comportamento apenas para agradar a outra pessoa.

1	2	3	4	5	6

12. O(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)/namorado(a) não toleraria se eu lhe expressasse os meus verdadeiros sentimentos sobre algumas coisas.

1	2	3	4	5	6

13. Quando o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)/namorado(a) me critica, isso me incomoda durante dias.

1	2	3	4	5	6

14. Por vezes, os meus sentimentos tomam conta de mim e tenho dificuldades em pensar com clareza.

1	2	3	4	5	6

15. Quando tenho uma discussão com alguém, consigo separar os meus pensamentos acerca do assunto dos meus sentimentos para com essa pessoa.

1	2	3	4	5	6

16. Sinto-me, frequentemente, desconfortável quando as pessoas se aproximam demasiadamente de mim.

1	2	3	4	5	6

17. Sinto necessidade de aprovação de praticamente todas as pessoas na minha vida.

1	2	3	4	5	6

18. Por vezes, sinto muitos altos e baixos emocionais.

1	2	3	4	5	6

19. Acredito que não faz sentido me aborrecer com coisas que não posso mudar.

1	2	3	4	5	6

20. Fico preocupado(a) quando percebo que posso perder a minha independência nas relações íntimas.

1	2	3	4	5	6

21. Sou excessivamente sensível a críticas.

1	2	3	4	5	6

22. Tento corresponder às expectativas dos meus pais.

1	2	3	4	5	6

23. Aceito-me bastante bem.

1	2	3	4	5	6

24. Sinto, frequentemente, que o(a) meu (minha) esposo(a)/companheiro(a)/namorado(a) exige demasiadamente de mim.

1	2	3	4	5	6

25. Concordo, frequentemente com os outros, apenas para não criar conflitos.

1	2	3	4	5	6

26. Se tiver tido uma discussão com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)/namorado(a), tendo a pensar nisso o dia todo.

1	2	3	4	5	6

27. Sou capaz de dizer “não” aos outros mesmo quando me sinto pressionado por eles.

1	2	3	4	5	6

28. Quando uma das minhas relações se torna muito intensa, sinto o impulso de fugir dela.

1	2	3	4	5	6

29. Discussões com os meus pais ou irmão(s) ainda fazem com que eu me sinta mal.

1	2	3	4	5	6

30. Se alguém está aborrecido comigo, não consigo aceitar isso facilmente.

1	2	3	4	5	6

31. Estou mais preocupado(a) em fazer aquilo que acho que está correto, do que em obter a aprovação dos outros.

1	2	3	4	5	6

32. Nunca consideraria voltar-me para algum dos membros da minha família na procura de apoio emocional

1	2	3	4	5	6

33. Sinto-me, frequentemente, inseguro(a) quando os outros não estão por perto para me ajudar a tomar uma decisão.

1	2	3	4	5	6

34. Sou muito sensível quanto a ser magoado por outros.

1	2	3	4	5	6

35. A minha autoestima depende realmente do que os outros pensam de mim.

1	2	3	4	5	6

36. Quando estou com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)/namorado(a), sinto-me frequentemente sufocado(a).

1	2	3	4	5	6

37. Ao tomar decisões, raramente me preocupo com o que os outros irão pensar.

1	2	3	4	5	6

38. Pergunto-me, frequentemente, acerca do tipo de impressão que crio.

1	2	3	4	5	6

39. Quando as coisas correm mal, falar sobre elas normalmente piora-as.

1	2	3	4	5	6

40. Sinto as coisas mais intensamente que os outros.

1	2	3	4	5	6

41. Normalmente, faço o que acredito que é correto independentemente do que os outros dizem.

1	2	3	4	5	6

42. A nossa relação poderia ser melhor se o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)/namorado(a) me desse o espaço de que necessito.

1	2	3	4	5	6

43. Tendo a me sentir bastante estável sob estresse.

1	2	3	4	5	6

44. Por vezes, me sinto mal disposto(a) depois de discutir com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a)/namorado(a).

1	2	3	4	5	6

45. Sinto que é importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões.

1	2	3	4	5	6

46. Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas.

1	2	3	4	5	6